

25 ANOS DOS GTTS DO COLÉGIO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE: TRAJETÓRIAS E PERSPECTIVAS



Christiane Garcia Macedo
Maria da Conceição dos Santos Costa
Marina Ferreira de Souza Antunes
Gislene Alves do Amaral
Organizadoras

25 ANOS DOS GTTS DO COLÉGIO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO
ESPORTE: TRAJETÓRIAS E PERSPECTIVAS

Christiane Garcia Macedo
Maria da Conceição dos Santos Costa
Marina Ferreira de Souza Antunes
Gislene Alves do Amaral
Organizadoras:

25 ANOS DOS GTTS DO COLÉGIO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO
ESPORTE: TRAJETÓRIAS E PERSPECTIVAS

1ª Edição Eletrônica

Uberlândia / Minas Gerais
Navegando Publicações
2023



Navegando Publicações



www.editoranavegando.com
editoranavegando@gmail.com

Uberlândia – MG,
Brasil

Direção Editorial: Navegando
Projeto gráfico e diagramação: Lurdes Lucena
Arte da Capa:

Copyright © by autor, 2023.

A11172 – MACEDO, C. G.; COSTA, M. C. S.; ANTUNES, M. F. S.; AMARAL, A. A. 25 anos dos GTTS do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte: trajetórias e perspectivas, Uberlândia, Navegando Publicações, 2023.

ISBN: 978-65-6070-000-0



10.29388/978-65-6070-000-0-0

Vários Autores

1. Educação Física 2. Ciências do Esporte 3. Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte I. Christiane Garcia Macedo, Maria da Conceição dos Santos Costa, Marina Ferreira de Souza Antunes, Gislene Alves do Amaral. II. Navegando Publicações. Título.

CDD – 372.86

Índice para catálogo sistemático

Educação Física 372.86

Este livro possui chancela e financiamento do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte.

Os textos passaram por avaliação e parecer de pares.

SUMÁRIO

PREFÁCIO	7
<i>Cesar Leiro</i>	
APRESENTAÇÃO	14
<i>As organizadoras</i>	
POR UMA POLÍTICA INSTITUCIONAL DE MEMÓRIA: (AUTO)CRÍTICAS E CONTRIBUIÇÕES DO GTT MEMÓRIAS DA EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE	17
<i>Sergio Roberto Chaves Junior - Gustavo da Silva Freitas - Eliana de Toledo - Bruno Duarte Rei</i>	
GTT POLÍTICAS PÚBLICAS - WAGNER MATIAS: CIÊNCIA, MILITÂNCIA E EMANCIPAÇÃO HUMANA	33
<i>Aline Silva Andrade - Silvana Martins de Araujo - Lino Castellani Filho</i>	
DA REIVINDICAÇÃO À IMPLEMENTAÇÃO: O PROCESSO DE CRIAÇÃO DO GTT13 RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS DO CBCE	39
<i>Arlene Stephanie Menezes Pereira - Vilma Aparecida de Pinho - Gabriela Nobre Bins - Cristiano Neves da Rosa - Joe Gomes - Carlos Alex Martins Soares</i>	
PARA ALÉM DE PENSAR A INCLUSÃO E DIFERENÇA: MODOS DE ESTAR COM O OUTRO	52
<i>Cláudio Marques Mandarino - Roseli Belmonte Machado - Graciele Massoli Rodrigues - Gilmar de Carvalho Cruz - Michele Pereira de Souza da Fonseca</i>	
A SALA DE IMAGENS (SIM) NOS CONBRACES / CONICES DE 2009-2017	67
<i>Tatiana Passos Zylberberg - Cristiano Mezzaroba - Alan Queiroz Da Costa</i>	
A CONTRIBUIÇÃO HISTÓRICA DO GTT 6 PARA A PRODUÇÃO E SOCIALIZAÇÃO DO CONHECIMENTO NA EDUCAÇÃO FÍSICA NO BRASIL	87
<i>Maria da Conceição dos Santos Costa - Cássia Hack - Márcia Morschbacher</i>	
A TRAJETÓRIA DO TEMA “CORPO” NO CONBRACE DE 1997 A 2021	97
<i>Jaqueline Cordeiro de Brito - Augusto César Vilela Gama - Marisa Mello de Lima - Tadeu João Ribeiro Baptista</i>	
O DEBATE ACADÊMICO SOBRE EXERCÍCIO FÍSICO E SAÚDE NO CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE	104
<i>Brenda Lucia da Silva Marchiore - Pablo Rodrigo de Oliveira Silva - Cláudio Melibeu Bente - Rodrigo Lema Del Rio Martins</i>	
TEMÁTICAS EMERGENTES NO GTT GÊNERO: UMA ANÁLISE PRELIMINAR DOS ANAIS DO CONBRACE/CONICE	119
<i>Ábia Lima de França - Vitor Hugo Marani - Thiago Camargo Iwamoto - Fabiano Pries Devid</i>	
A PRODUÇÃO SOBRE CORPO, SAÚDE E ESTÉTICA DO GTT CORPO E CULTURA NOS ANAIS DO CONBRACE	130
<i>Tadeu João Ribeiro Baptista - Jacqueline Cordeiro de Brito - Augusto César Vilela Gama - Marisa Mello de Lima</i>	
ENTRE TRAMAS DE INVESTIGAÇÃO: (RE)CONHECENDO OS GRUPOS DE PESQUISA DO GRUPO DE TRABALHO TEMÁTICO CORPO E CULTURA DO COLÉGIO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE	140
<i>Alan Camargo Silva - Dulce Filgueira de Almeida - Tadeu João Ribeiro Baptista - Cátia Pereira Duarte</i>	

A TEMÁTICA RACIAL NOS GTT'S ENTRE 2005 E 2021: ANTECEDENTES PARA A CRIAÇÃO DO GTT RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS.....	148
<i>Marina Ferreira de Souza Antunes - Karen Cristina Rezende - Luiza Helena da Silva e Silva - Victoria Oliveira Modesto</i>	
PANORAMA DE PUBLICAÇÃO, PERFIL DE AUTORIA E REFERÊNCIAS EM EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NOS ANAIS DO CONBRACE/CONICE (2011 – 2019).....	158
<i>Tiago Onofre da Silva - Dayse Alisson Camara Cauper - Lénin Tomazett Garcia - Jonatas Maia da Costa</i>	
MULHERES NOS GTTS DO CBCE: ONDE ESTAMOS?.....	170
<i>Ileana Wenezç - Mariana Zuaneti Martins - Christiane Garcia Macedo</i>	
REFLEXÕES SOBRE 'OS LUGARES' DOS GRUPOS DE TRABALHO TEMÁTICOS E 'OS AVANÇOS' DO COLÉGIO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE.....	185
<i>Mauro Myskin</i>	
25 ANOS DE GTT'S: DIÁLOGOS NECESSÁRIOS.....	203
<i>Gislene Alves do Amaral - Marina Ferreira de Souza Antunes</i>	
SOBRE AUTORES E AUTORAS.....	214

PREFÁCIO

Trajetória e perspectiva do CBCE pela lente dos GTTS

Na Assembleia Geral do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE) do dia 16 de dezembro de 2021, apresentei uma proposta para a realização do I Simpósio Nacional do CBCE, com o intento de discutir a trajetória dos 25 anos dos Grupos de Trabalhos Temáticos (GTT) e seus desafios históricos e imediatos.

Após um qualitativo debate, a proposta foi aprovada e, passo a passo, sendo democraticamente edificada, sob a liderança da Direção Nacional (DN), das Coordenações dos GTTs e das Secretarias Estaduais do CBCE.

O principal objetivo do Simpósio foi reunir a comunidade científica do CBCE para avaliar a experiência de criação, consolidação e manutenção de seus 13 GTTs, que, desde 1997, vêm se afirmando como espaços-tempos de produção e socialização do conhecimento em Educação Física e Ciências do Esporte, bem como de reflexão sobre o binômio trajetória/perspectiva de todos os grupos e de cada um *de per si*. O Simpósio buscou reafirmar o horizonte de uma sociedade científica comprometida com uma formação historicamente situada e emancipadora.

O evento que inspirou o conjunto dos textos aqui publicados contou com uma rica programação e qualificada jornada formativa. O I Simpósio Nacional aconteceu no período de 17 a 19 de novembro de 2022, na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), sob a coordenação geral da DN/CBCE e a coordenação local do Prof. Dr. Tarcísio Mauro Vago (UFMG).

O encontro reuniu mais de 50 pesquisadores(as) de Educação Física e Ciências do Esporte na capital mineira, com vistas a debater perspectivas para a área, com ênfase nos seguintes temas: da origem dos GTTs à sua consolidação no CBCE; 25 anos de GTTs: memórias e lições para o futuro; e os GTTs, a Pós-graduação e os periódicos: diálogos necessários. O evento contou com mesas redondas, apresentações de trabalhos, lançamentos de livros, atividades culturais e divulgação oficial do XXIII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (Conbrace) e X Congresso Internacional de Ciências do Esporte (Conice), que ocorrerá em Fortaleza, CE.

Para sistematizar o conjunto dos debates e socializar em texto escrito o labor reflexivo realizado durante o I Simpósio Nacional sobre os 25 anos dos GTTs do CBCE, a DN tomou a lúcida iniciativa de organizar a produção em tela, que tenho a alegria de prefaciá-la, tendo as professoras doutoras Christiane Garcia Macedo, Maria da Conceição dos Santos Costa, Marina Ferreira de Souza Antunes e Gislene Alves do Amaral como organizadoras. O E-Book conta com uma apresentação e 16 capítulos, seguidos de informações sobre os autores e as autoras.

O capítulo inicial, intitulado *Por uma política institucional de memória: (auto)críticas e contribuições do GTT Memórias da Educação Física e Esporte*, de autoria de Sergio Roberto Chaves Júnior, Gustavo

da Silva Freitas, Eliana de Toledo e Bruno Duarte Rei, apresenta uma epígrafe sobre o relevo e a importância da memória social.

A escrita do GTT Memórias da Educação Física e Esporte convoca a comunidade científica do CBCE a compreender os processos históricos, a organização e a preservação permanentes dos documentos e as produções do conhecimento histórico. O texto em foco recupera investigações anteriores, apresenta considerações sobre *lugares de memória*, exercita a (auto)crítica e problematiza novas questões, com ênfase na política institucional de memória do CBCE.

O segundo texto, *GTT Políticas Públicas - Wagner Matias: ciência, militância e emancipação humana*, é uma produção de Aline Andrade, Silvana de Araújo e Lino Castellani Filho, com forte DNA maranhense, e já no enunciado faz uma justa homenagem a Wagner Matias, mais uma vítima da Covid-19 e da política de saúde negacionista e inconsequente do governo Bolsonaro. Produto de uma pesquisa bibliográfica pela lente de coletâneas e periódicos, a escrita faz um balanço das produções científicas do GTT Políticas Públicas, reconhece o estudo de Linhales e Pereira Filho (1999) como pioneiro, ao mesmo tempo em que problematiza suas lacunas e potencialidades.

O escritor e as escritoras trazem uma reflexão histórica acerca da produção e socialização do conhecimento em políticas públicas de Esporte & Lazer e convocam todos a continuar nas lutas coletivas do CBCE em defesa da ciência e pela reconstrução do Estado Democrático de Direito no Brasil.

Em seguida, Arliene Stephanie Menezes Pereira, Vilma Aparecida de Pinho, Gabriela Nobre Bins, Cristiano Neves da Rosa, Joe Gomes e Carlos Alex Martins Soares descrevem o processo de criação do GTT 13 no capítulo *Da reivindicação à implementação: o processo de criação do GTT 13 Relações Étnico-Raciais do CBCE*. A produção discute as exclusões e as lutas em defesa das ações afirmativas.

Os(as) autores(as) ressaltam três ações principais do processo de criação e implementação do GTT 13, cujo maior desafio é o estudo das relações étnico-raciais em diferentes cenários da Educação Física. A produção é também um Axé à conquista do grupo e um convite para avançar nas lutas de afirmação das culturas indígenas e afro-diaspóricas com as bênçãos de Exú e o senso de justiça de Xangô!

Ainda pensando sobre as políticas de inclusão, exclusão e diferenças, os pesquisadores e as pesquisadoras Cláudio Marques Mandarin, Roseli Belmonte Machado, Graciele Massoli Rodrigues, Gilmar de Carvalho Cruz, Michele Pereira de Souza da Fonseca qualificam esta obra com o texto *Para além de pensar a inclusão e diferença: modos de estar com o outro*, do GTT Inclusão e Diferença. A escrita aborda a importância da reunião de pesquisadores(as) em eventos, para troca de experiências de trabalho com pessoas com deficiência em diferentes momentos históricos. Marcado sempre pelo diálogo com o(s) outro(s), o texto grifa o giro para que inclusão e diferença figurem como centro dos interesses investigativos do GTT e o grupo se estabeleça como espaço

de afetividade, de troca e de luta, enfatizando a necessidade da elaboração de novas sínteses coletivas, com vistas ao avanço do rigor acadêmico-científico no âmbito do GTT, em sintonia com a justiça social.

O texto de Tatiana Passos Zylberberg, Cristiano Mezzaroba e Alan Queiroz da Costa, *A sala de imagens (SIM) nos Conbraces / Conices de 2009-2017*, apresenta um histórico da SIM e revela parte da mais inovadora experiência estética e imagética da história do CBCE. Espaço inicialmente pensado pelo então coordenador do GTT 2 Comunicação e Mídia, Mauro Betti, chamado em 2005 de Mostra de Vídeo e, posteriormente, também de fotografia, ganhou uma sala própria no Conbrace de Salvador, que foi batizada por mim como Sala de Imagem (SIM). O nome de batismo foi acolhido e virou o nome institucional. O texto registra que a sala/experiência em tela foi concebida e desenvolvida coletivamente e embalada por vários colegas do simpático GTT 2, especialmente pela Prof.^a Zylberberg. Espaço acadêmico e plural, para além das linguagens que extrapolam as comunicações orais e os pôsteres. O texto resgata o histórico e as memórias da SIM e tem, na sua essência, a dialogia interessada na renovação de saberes e fazeres.

A reflexão apresentada por Maria da Conceição dos Santos Costa, Cássia Hack e Márcia Morschbacher intitula-se *A contribuição histórica do GTT 6 para a produção e socialização do conhecimento na Educação Física no Brasil*. O texto traz uma rica discussão sobre a contribuição histórica do GTT Formação Profissional e Mundo do Trabalho para a produção e socialização do conhecimento acerca da formação implicada com a luta da classe trabalhadora no campo da Educação Física e das Ciências do Esporte no âmbito do CBCE. A escrita sublinha o quanto o GTT Formação Profissional e Mundo do Trabalho tem sido fundamental, desde a sua criação até a atualidade, para o debate sobre as políticas e ordenamentos legais de formação e para a constituição e o fortalecimento de um espaço educativo-político de formação para toda comunidade acadêmica interessada na discussão sobre a formação ampliada e no trabalho situado historicamente.

Jaqueline Cordeiro de Brito, Augusto César Vilela Gama, Marisa Mello de Lima e Tadeu João Ribeiro Baptista trazem o corpo para o centro debate no capítulo *A trajetória do tema “corpo” nos Conbraces de 1997 a 2021*. O texto busca refletir sobre o processo de discussão acerca da corporalidade na ambiência do CBCE. Ao longo da pesquisa que fundamenta este capítulo, foram identificados e analisados 244 trabalhos, os quais trazem à luz contribuições para a Educação Física e Ciências do Esporte no Brasil durante o recorte temporal definido no título. Os autores e as autoras discutem a metodologia utilizada e apresentam evidências e sínteses possíveis acerca do corpo, pontuando que se trata de tema que não se esgota.

O *Debate acadêmico sobre exercício físico e saúde no congresso brasileiro de ciências do esporte* é o oitavo texto do E-book. A discussão é apresentada por Brenda Lucia da Silva Marchiore, Pablo Rodrigo de Oliveira Silva, Cláudio Melibeu Bente e Rodrigo Lema Del Rio Martins e intenta analisar as

publicações sobre exercício físico no GTT Treinamento Esportivo do CBCE durante as últimas quatro edições do Conbrace (2015, 2017, 2019 e 2021).

Inicialmente, os autores e as autoras pontuam conceitualmente o binômio exercício físico e saúde, fazem um apanhado histórico do tema e enfatizam o relevo da produção sobre o treinamento esportivo no CBCE. O estudo registra a importância do Conbrace como *locus* privilegiado para a reunião de pesquisadores do campo do Treinamento Esportivo, com vistas à socialização dos estudos acerca dos benefícios do exercício físico e saúde coletiva.

Ábia Lima de França, Vitor Hugo Marani, Thiago Camargo Iwamoto e Fabiano Pries Devede apresentam as *Temáticas emergentes no GTT Gênero: uma análise preliminar dos anais do Conbrace/Conice*.

O estudo destaca a trajetória do GTT Gênero desde sua criação, em 2013, abordando a luta pela legitimidade dos estudos das relações de gênero na Educação Física e nas Ciências do Esporte.

O capítulo analisa as temáticas presentes nas comunicações orais e nos pôsteres do GTT Gênero do CBCE, reunidas numa nuvem de palavras, que foi formada com os títulos dos trabalhos elaborados no período de 2015 a 2021 e identifica as temáticas emergentes nos trabalhos apresentados, revelando a ascensão de palavras-chave como “sexualidade”, “masculinidade”, “trans”, “queer” e “LGBT”. O estudo destaca ainda a importância de ampliar as discussões sobre performatividades de gênero e reconhece a diversidade de identidades no campo da Educação Física e das Ciências do Esporte.

O primeiro texto do GTT Corpo e Cultura, produzido por Tadeu João Ribeiro Baptista, Jaqueline Cordeiro de Brito, Augusto César Vilela Gama e Marisa Mello de Lima, cujo título é *A produção sobre corpo, saúde e estética do GTT Corpo e Cultura nos anais do Conbrace*, elege questões de grande interesse sociocultural, que ganham, cada vez mais, relevância acadêmica. O texto em questão debate a temática acerca das contribuições dos trabalhos publicados nos anais dos Conbraces realizados no período de 1997 a 2021.

Os autores e as autoras abordam os recortes temáticos explorados ao longo do tempo, reunindo-os de acordo com as seguintes fases: generalização (1997), reconhecimento (1999-2003), consolidação (2005-2013) e especialização (2015-2021), com ênfase no GTT Corpo e Cultura, a partir de sua criação, em 2005. Os resultados indicam um crescente interesse em discutir corpo, saúde e estética, com maior foco na corporalidade, embora outras análises estejam em curso, haja vista que tal tema é instigante e contemporâneo.

O período compreendido entre 2021 e 2013 foi o recorte definido pelos(as) pesquisadores(as) Alan Silva, Dulce Almeida, Tadeu Baptista e Cátia Duarte para o capítulo *Entre tramas de investigação: (re)conhecendo os grupos de pesquisa do Grupo de Trabalho Temático Corpo e Cultura [GTTCC] do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte*. Numa costura feita com pontos firmes e bons arremates, os(as) autores(as) apresentam as “possíveis aproximações temáticas entre os grupos de

pesquisa presentes no GTTCC, tendo por base o envio de um questionário” para os membros dos grupos.

O GTTCC reúne pesquisadores(as) que focam no corpo, na corporalidade e na corporeidade, mediados por processos culturais como tema central. O capítulo busca entender a interconexão entre grupos de pesquisa dentro do GTTCC, identificando uma tríade de núcleos temáticos que, historicamente, buscam edificar um mapeamento das produções científicas do grupo e possibilitar a compreensão dos limites e das possibilidades argumentativas e metodológicas que promovem o diálogo entre corpo e cultura, tão necessário em uma conjuntura política de grandes (in)certezas como a presente.

Na mesma medida, o texto *A temática racial nos GTTs entre 2005 e 2021: antecedentes para a criação do GTT Relações Étnico-Raciais*, escrito pelos(as) pesquisadores(as) Marina Ferreira de Souza Antunes, Karen Cristina Rezende, Luiza Helena da Silva de Silva e Victoria Oliveira Modesto, contextualiza a criação dos GTT's no CBCE e explora aspectos históricos e legais da questão racial no Brasil, além de tecer uma escrita a partir da busca por trabalhos sobre a temática racial produzidos entre 2005 e 2021, procurando entender também o uso da terminologia “étnico-racial” nestes trabalhos.

O capítulo finaliza com a problematização acerca da criação do GTT Relações Étnico-Raciais, um passo importante para concentrar estudos nessa área, mas também levanta desafios para a visibilidade e a discussão contínua da temática nos demais GTT's do CBCE.

Tiago Onofre, Dayse Alisson Camara Cauper, Lenin Tomazzetti e Jonatas Maia da Costa apresentam o texto *Panorama de publicação, perfil de autoria e referências em Educação Física Escolar nos anais do Conbrace/Conice (2011–2019)*, cujo objetivo está definido no próprio título, embora se amplie no corpo do texto. Trata-se de um estudo bibliométrico que analisa as publicações em Educação Física Escolar (EFE) disponíveis nos anais do Conbrace/Conice de 2011 a 2019.

A escrita evidencia aspectos como o aumento do número de trabalhos aceitos ao longo da década, as mudanças nas normas de submissão e os formatos de apresentação. Os(as) autores(as) constataram a predominância do GTT Escola, que se concentra em pesquisas sobre EFE. A distribuição geográfica dos(as) autores(as) mostra um aumento significativo de participantes da Região Nordeste e destaca a concentração de autores na Região Sudeste. O texto enfatiza a necessidade de reflexões sobre as tendências teórico-metodológicas no campo da EFE e a busca por uma constante qualificação dos trabalhos apresentados nos congressos.

Produzido coletivamente pelas professoras Ileana Wenzel, Mariana Zuaneti Martins e Christiane Garcia Macedo, o capítulo *Mulheres nos GTTs do CBCE: onde estamos?* reflete acerca da presença das mulheres nas instâncias e nos eventos do CBCE (Diretorias, GTTs e Conbrace). As autoras discutem inicialmente o lugar das mulheres nas ciências e, em seguida, a partir de informações levantadas desde a criação dos GTTs, em 1997, até o Conbrace/Conice de 2021, com

gráficos e figuras, analisam historicamente a representatividade feminina no CBCE. Os dados mostram que, embora haja uma presença significativa de mulheres como primeiras autoras de trabalhos, essa presença diminui em posições de liderança e destaque, como na DN/CBCE. Além disso, são discutidas questões como a divisão de trabalho por gênero nas pesquisas e os desafios enfrentados pelas mulheres na conciliação entre maternidade e carreira acadêmica. O capítulo conclui com reflexões sobre a sub-representação das mulheres nas posições de destaque, no que se refere à participação em atividades dos congressos, bem como sobre a necessidade de ações afirmativas e políticas de igualdade de gênero no CBCE.

Apresentado na Mesa Redonda do referido Simpósio, tive a grata oportunidade de mediar, o texto *Reflexões sobre 'os lugares' dos Grupos de Trabalho Temáticos e 'os avanços' do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte*, de autoria de Mauro Myskiw descreve, inicialmente, sua gradual implicação regional e nacional com o CBCE. Em seguida, elege o lugar como categoria central do texto em questão e, a partir dos marcadores “produção do conhecimento” e “produção da entidade”, busca refletir acerca do papel e do funcionamento dos GTTs como espaços-tempos de organização de eventos e mobilização de temas relevantes para a Educação Física. Por fim, destaca o relevo dos GTTs como *loci* privilegiados de influência na formação transversal e continuada da comunidade científica.

O artigo *"25 anos de GTTs: diálogos necessários"*, de autoria de Gislene Alves do Amaral e Marina Ferreira de Souza Antunes, reflete sobre a trajetória e as contribuições dos GTTs do CBCE ao longo de seus 25 anos. O texto objetiva discutir o acúmulo teórico acerca dos caminhos percorridos, das dinâmicas internas e da produção acadêmica dos GTTs, tomando os anais dos Conbraces e a Coleção 40 anos como fontes principais. A análise é realizada em relação a cada GTT, destacando suas contribuições, desafios e lacunas.

O trabalho aponta o relevo dos GTTs como polos aglutinadores transversais de pesquisadores em Educação Física e Ciências do Esporte, mas também identifica questões a serem enfrentadas, como a busca por maior consistência epistemológica e diálogo entre diferentes perspectivas.

Os textos desta obra, brevemente descritos neste prefácio, ganham sentido para além da nossa entidade e se somam aos movimentos de mudanças e de revisita às políticas de ciência, tecnologia e desenvolvimento social, notadamente na ambiência do Esporte & Lazer. Assim, é mister registrar que os embates de projetos históricos, no plano federal, têm produzido experiências inovadoras e dialógicas, que avançam e, a cada dia, convocam mais pesquisador(as) a se tornarem sujeitos do seu tempo.

Portanto, prefaciá-lo significa participar do fechamento de mais uma jornada acadêmica do nosso CBCE e da abertura de outra. Trata-se do ato inaugural de um novo fórum técnico-político do Colégio, intitulado de Simpósio Nacional. Um evento para debates emergentes

e extraordinários, para discutir e aprofundar temas acadêmicos e organizacionais de grande monta para nossa entidade científica, tal como a importância estratégica das Secretárias Estaduais para o CBCE.

Como última etapa do I Simpósio Nacional, é digna de nota a iniciativa da DN de produzir um mosaico plural de escritas pelas lentes dos GTTs. Ao socializar o conhecimento e as reflexões acerca dos 25 anos dos GTTs produzidos durante o Simpósio, damos continuidade ao debate e trazemos proposições à altura dos 45 anos do CBCE.

É, sem dúvida, uma publicação de relevo político e acadêmico, um E-Book com textos escritos e imagéticos especialmente relevantes neste momento de efervescentes debates sobre o futuro da tríade Educação Física, Educação e Saúde. Fica aqui o convite à leitura para todos e todas interessados(as) em um Brasil vivaz e cidadão!

Cesar Leiro
Doutor em Educação
Professor da UFBA e da Uneb

APRESENTAÇÃO

Essa obra nasceu do desejo de comemorar e analisar as trajetórias, as produções, as atuações e os possíveis futuros dos Grupos de Trabalho Temático (GTTs) do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE). São 25 anos dessas instâncias do CBCE, que atuam de formas diversas, mas têm construídos novas maneiras de se pensar a própria instituição.

Para celebrar a data, foi proposto, em Assembleia Geral do CBCE pelo Professor Dr. Augusto Cesar Leiro e apoiado pelo Professor Dr Tarcisio Mauro Vago, o “Simpósio Nacional do CBCE: 25 anos dos GTTs”, realizado de forma presencial, na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, nos dias 17 a 19 de novembro de 2022.

Sua idealização iniciou-se durante o “XXII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte” e “IX Congresso Internacional de Ciências do Esporte de 2021”. Essa edição do Cobrace/Conice teve como sede Belo Horizonte, porém foi realizada de forma virtual devido à pandemia mundial de covid-19¹, que impediu o encontro da nossa comunidade. O simpósio marcou, portanto, o retorno a esse formato, após a pandemia de covid-19.

A vontade de reunir a comunidade de associados(as) e de celebrar em Belo Horizonte se concretizou com muita dificuldade, pois além da volta gradual aos eventos presenciais, também enfrentamos os tempos duros de negacionismo e desvalorização da ciência² que reduziram drasticamente os possíveis apoios financeiros ao evento. Estivemos juntos festejando também novas perspectivas para o país, após o resultado das eleições de 2022 e fortalecendo a compreensão de que a vigilância e a resistência na Educação Física e em toda a ciência é parte importante da atuação do CBCE.

Na atual gestão, outro ponto que influenciou a realização do evento foi a criação da Comissão de Memórias do CBCE. A comissão iniciou seus trabalhos em maio de 2022, em reuniões virtuais com representantes da Diretoria Nacional, de alguns GTTs e algumas secretarias. Embora o surgimento de outras demandas e a desmobilização dos encontros tenha dificultado a organização da comissão, seu surgimento e as discussões empreendidas apontaram a urgência de políticas de preservação da memória institucional para além dos registros que a entidade já produziu.

Nesse contexto, os objetivos do evento foram: 1 - reunir a comunidade científica do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte para avaliar a experiência de criação e a manutenção de seus Grupos de Trabalho Temáticos, o que se deu em 1997, examinando suas contribuições para a

¹ Expressamos nossa solidariedade à humanidade que atravessou esse processo devastador, que afetou todas as áreas e dinâmicas da sociabilidade humana, e que ainda sofremos as consequências de todas as mazelas resultantes dessa pandemia mundial.

² Ocorridos pela acessão ao poder executivo de políticos de direita e extrema direita.

consolidação da representatividade do CBCE na produção científica, veiculada nas 13 edições do Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e no Congresso Internacional de Ciências do Esporte ao longo dos últimos 25 anos; 2 - constituir espaço de reflexão sobre o lugar do CBCE no tempo presente e a sua responsabilidade acadêmica como representante da Educação Física/Ciências do Esporte no Brasil em consonância com as circunstâncias históricas do país, especialmente quanto à valorização da ciência para o desenvolvimento humano, na perspectiva de uma sociedade emancipada; 3 - refletir sobre o compromisso dos GTTs na produção e veiculação de conhecimentos científicos oriundos de programas de pós-graduação para potencializar a intervenção de professores e professoras de Educação Física nos diversos espaços sociais de sua atuação profissional.

O evento teve início com uma bela apresentação artística musical, a cerimônia de abertura com as autoridades e uma homenagem aos primeiros(as) coordenadores(as) dos GTTs existentes. Em seguida, realizou-se a mesa “Da origem dos GTTs à sua consolidação no CBCE”, com a presença da professora Eustáquia Salvadora de Souza e do professor Giovanni De Lorenzi Pires, os dois foram ativos nas primeiras gestões em que os GTTs foram implantados e dividiram conosco memórias, motivações e dificuldades enfrentadas.

O segundo dia contou com a mesa “25 anos dos GTTs: memórias e lições para o futuro”, com a professora Beleni Salete Grando e o professor Mauro Myskiw, ambos ocuparam o cargo de coordenador(a) nacional de GTTs, na Diretoria Nacional do CBCE. Apresentaram suas avaliações, tanto do período que ocuparam o cargo, quanto de suas experiências nos seus GTTs de atuação. Também ocorreram as apresentações de 18 comunicações orais que foram submetidas ao evento, cujos textos tiveram como foco as trajetórias dos GTTs. Em seguida, realizamos uma reunião institucional (com direito a um lançamento do Conbrace/Conice de 2023 cheio de poesia e música) e um momento de confraternização.

No último dia tivemos a mesa “Os GTTs, a pós-graduação e os periódicos: diálogos necessários”, com os professores Fernando Mascarenhas e José Ângelo Gariglio. O primeiro focou suas análises nos periódicos, com base na experiência na editoria da Revista Brasileira de Ciências do Esporte. O segundo focou nas análises da pós-graduação, com centralidade nas aproximações possíveis com os programas de mestrado profissional. Realizamos, ainda, uma sessão de avaliação e encerramento do evento.

Na avaliação, ressaltamos a potência das reflexões realizadas e encaminhamos como um dos desdobramentos a produção do livro em questão. Um esforço que se justifica pela tentativa de compreender e de valorizar nossas histórias, de construir internamente estratégias de preservação de registros de memória e de mostrar para a comunidade uma instituição viva, ativa e crítica. Assim, os 16 textos que compõem os capítulos deste livro foram revisados pelos(as) autores(as) e reelaborados em versões com aprofundamentos baseados, exclusivamente, nas comunicações

apresentadas no evento. Como o evento teve um escopo bem delimitado, qual seja, análises sobre a trajetória e produção dos GTTs, todos os textos guardam essa característica em comum, seja abordando aspectos da trajetória de um GTT específico ou trazendo debates que perpassam todos eles.

Registramos, também, que o evento contou com o apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES – Edital PAEP). E, por fim, agradecemos a todos e todas que tornaram possível a realização do Simpósio Nacional do CBCE dos 25 Anos dos GTTs e dessa obra. Em especial às coordenações e aos comitês científicos dos GTTs, aos(as) pareceristas que avaliaram e fizeram sugestões para os textos, ao professor Tarcísio Mauro Vago (coordenador do evento), ao professor Augusto César Rios Leiro (Propositor do evento) e ao Diretor da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG, Prof. Dr. Gustavo Pereira Côrtes.

Desejamos vida longa aos GTTs com muitos estudos, reflexões, problematizações, produção e socialização dos conhecimentos, a fim de construirmos uma sociedade justa, fraterna, autodeterminada, que todos(as) sejam respeitados(as) e vivam com dignidade.

As organizadoras.

POR UMA POLÍTICA INSTITUCIONAL DE MEMÓRIA: (AUTO)CRÍTICAS E CONTRIBUIÇÕES DO GTT MEMÓRIAS DA EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE

Sergio Roberto Chaves Junior
Universidade Federal do Paraná

Gustavo da Silva Freitas
Universidade Federal do Rio Grande

Eliana de Toledo
Universidade Estadual de Campinas

Bruno Duarte Rei
Colégio Pedro II

A memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, se integra, como vimos, em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, regiões, clãs, famílias, nações etc. A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementaridade, mas também as oposições irreduzíveis. (POLLAK, 1989, p. 9).

O mote desta obra é a celebração dos 25 anos dos Grupos de Trabalho Temático (GTTs) do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE). Em novembro de 2022, por razão do jubileu desse marco, foi realizado o “Simpósio Nacional do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte: 25 anos dos Grupos de Trabalho Temático” nas dependências da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais (EEFFTO/UFMG), em Belo Horizonte-MG.

O evento contou com reuniões ampliadas dos GTTs, mesas redondas e sessões com apresentações de comunicações orais, as quais tematizaram questões relacionadas às trajetórias dos GTTs, às análises de suas produções e às possibilidades de articulações entre eles. Dentre os quase 20 trabalhos apresentados, percebemos um conjunto significativo de esforços para buscar compreender as ações realizadas ao longo dos últimos anos, por meio de balanços, críticas, reflexões, projeções e proposições do futuro próximo da entidade, assim como de sua comunidade de pesquisadores e pesquisadoras.

Esse movimento de “olhar para si e para o nós” motivou a presente obra, para a qual o GTT Memórias da Educação Física e Esporte³ dispendeu esforço coletivo na produção deste texto. Partimos de uma motivação interna ao GTT: o fato de ser inerente a quem busca compreender os processos históricos, a organização e a preservação dos documentos, para que

³ Doravante, GTT Memórias.

possam ser mobilizados e problematizados por meio das pesquisas e das produções do conhecimento histórico.

Nos encontros para a elaboração deste texto, perguntávamo-nos: que políticas institucionais de memória possuímos no CBCE? Que “lugares de memória” (NORA, 1993) temos constituídos no e pelo CBCE? Que lugares de encontros e desencontros de nossas memórias individuais e coletivas, ou seja, de nossa “comunidade afetiva” (HALBWACHS, 1990), temos consolidados como referências para nossas produções de conhecimento?

Se partirmos do pressuposto de que os exercícios de organização e preservação documental são parte fundamental para a produção de nossa história, é certo que as iniciativas pontuais não costumam ser suficientes. Tal juízo pode ser confirmado com base nas dificuldades de localização e mobilização documental das mais diferentes ordens enfrentadas recentemente por pesquisadores e pesquisadoras de nosso GTT na produção dos mapeamentos e análises, devidamente explorados a seguir.

Embora não seja exclusividade do GTT Memórias a realização de investigações mais adensadas acerca dos documentos que ajudam a compreender os aspectos das histórias dos GTTs do CBCE, tais exercícios têm feito parte de nossas preocupações há algum tempo, nas produções de grupos de pesquisas e mesmo nos comitês científicos.

Abordamos, neste texto, não tão somente memórias e registros históricos individuais, mas, também, remetemo-nos a uma memória coletiva, que, como nos lembra Halbwachs, forja-se numa espécie de “pensamento contínuo, de uma continuidade que nada tem de artificial, já que tem do passado somente aquilo que ainda está vivo ou capaz de viver na consciência do grupo que a mantém.” (1990, p. 81-82).

Dentro dessa perspectiva, no presente texto, buscamos inicialmente recuperar algumas dessas investigações já realizadas, dando destaque às produções de balanços e análises. Estabelecemos, por meio desse movimento, um conjunto de considerações e problematizações oriundas do nosso olhar para essas experiências dos últimos anos. Por fim, buscamos firmar posicionamento por um exercício (auto)crítico “ao” e “do” GTT Memórias pela constituição de uma política institucional de memória do CBCE.

Mosaicos da configuração do GTT Memórias

O acesso às fontes, em grande parte das pesquisas históricas e memorísticas, é um desafio configurado por buscas aos acervos institucionais, mas também às pessoas que lideraram processos e/ou que se importaram com essa preservação e guarda de documentos, geralmente por motivos pessoais.

Conforme já mencionado, movidos pela comemoração dos 25 anos dos GTT's do CBCE em 2022, essa busca se intensifica, e os atuais coordenadores do GTT Memórias alargam os contatos com essa rede de colaboradores(as) em busca de fontes. Ex-coordenadores(as) do GTT, docentes e pesquisadores(as) que foram mais frequentes nas publicações e/ou assíduos na composição dos comitês científicos ao longo dessa trajetória, foram consultados(as) e puderam conceder alguns fragmentos e registros, especialmente relacionados aos períodos nos quais mais atuaram.

O primeiro panorama do GTT revela suas nomenclaturas, gestores(as) e membros do comitê científico, como mostra o Quadro 1:

Quadro 1 - Perfil gestor do GTT Memórias (1998-2023)

Gestão	Nome do GTT	Coordenador(a) Coordenador(a) Adjunto(a)	Comitê Científico (em ordem alfabética)
1998-2000	Memória, Cultura e Corpo	Dr. Victor Andrade de Melo (UFRJ)	Dnda. Andrea Moreno (UFV) Dra. Carmen Lucia Soares (UNICAMP) Dra. Eustáquia Salvadora de Souza (UFMG) Dra. Silvana Vilodre Goellner (UFRGS)
2000-2001	Memória, Cultura e Corpo	Dr. Ricardo de Figueiredo Lucena (UFES)	
2001-2003	Memória, Cultura e Corpo	Dr. Ricardo de Figueiredo Lucena (UFES-UFPE)	Dra. Andrea Moreno (UFV) Dndo. Carlos José Martins (UNESP) Dra. Carmen Lucia Soares (UNICAMP) Dra. Eliane Ribeiro Pardo (UFPE) Dra. Eustáquia Salvadora de Souza (UFMG) Dr. Luis Otávio Teles Assumpção (UCB) Dnda. Marilita A. Arantes Rodrigues (UniBH/Estácio de Sá) Dra. Silvana Vilodre Goellner (UFRGS) Dr. Victor Andrade de Melo (UFRJ)
2004-2005	Memórias da Educação Física e do Esporte (inicia no Conbrace/Conice 2005)	Dr. Kleber do Sacramento Adão (UFSJ)	Dra. Andrea Moreno (UFV) Dra. Carmen Lucia Soares (UNICAMP) Dr. Ricardo de Figueiredo Lucena (UFPE-UFPB) Dra. Silvana Vilodre Goellner (UFRGS)
2005-2007	Memórias da Educação Física e do Esporte	Dra. Andrea Moreno (UFV-UFMG)	Dr. Carlos Fernando Ferreira da Cunha Jr. (UFJF) Dr. Marcus Aurelio Taborda de Oliveira (UFPR) Dra. Maria Cristina Rosa (UFOP) Dr. Ricardo de Figueiredo Lucena (UFPB)
2007-2009	Memórias da Educação Física e do Esporte	Dra. Maria Cristina Rosa (UFOP)	Dra. Andrea Moreno (UFMG) Dr. Edivaldo Góis Junior (UFRJ) Dra. Kátia Danailof (FAM) Dr. Marcus Aurelio Taborda de Oliveira (UFPR)
2009-2011	Memórias da Educação Física e do Esporte	Dra. Meily Assbú Linhales (UFMG) Dra. Maria Cristina Rosa (UFOP)	Dra. Ana Carolina Vimieiro Gomes (UFMG) Dra. Andrea Moreno (UFMG) Dndo. André Luiz dos Santos Silva (FEEVALE) Ms. Priscilla Kelly Figueiredo (UFS)

2011-2013	Memórias da Educação Física e do Esporte	Dr. Edivaldo Góis Junior (UFRJ) Dra. Ana Carolina Vimieiro Gomes (UFMG)	Dndo. André Luiz dos Santos Silva (FEEVALE) Dra. Elisângela Chaves (UNIMONTES) Dndo. Gustavo da Silva Freitas (FURG) Ms. Sergio Roberto Chaves Junior (UFPR) Dr. Vinícius Demarchi Silva Terra (UNIFESP)
2013-2015	Memórias da Educação Física e do Esporte	Dra. Elisângela Chaves (UFMG) Dr. André Luiz dos Santos Silva (FEEVALE/UFGRS)	Dndo. Gustavo da Silva Freitas (FURG) Dr. Joelcio Fernandes Pinto (PUC-MG) Dnda. Priscilla Kelly Figueiredo (UFS) Dndo. Sergio Roberto Chaves Junior (UFPR) Dr. Vinícius Demarchi Silva Terra (UNIFESP)
2015-2017	Memórias da Educação Física e do Esporte	Dra. Evelise Amgarten Quitzau (UdelaR) Dra. Elisângela Chaves (UFMG)	Dr. Anderson da Cunha Baía (UFV) Dndo. Bruno Duarte Rei (UFRJ) Dnda. Christiane Garcia Macedo (UFRGS) Dr. Gustavo da Silva Freitas (FURG) Dr. Joelcio Fernandes Pinto (PUC-MG) Dndo. Mateus Camargo Pereira (IFSULMINAS)
2017-2019	Memórias da Educação Física e do Esporte	Dr. Anderson da Cunha Baía (UFV) Dra. Evelise Amgarten Quitzau (UdelaR)	Dndo. Bruno Duarte Rei (Colégio Pedro II- RJ) Dra. Christiane Garcia Macedo (UFRGS-UNIVASF) Dra. Elisângela Chaves (UFMG) Dndo. Felipe Lameu dos Santos (UFRRJ) Dr. Gustavo Freitas (FURG) Dr. Joelcio Fernandes Pinto (PUC-MG) Dr. Marcelo Moraes e Silva (UFPR) Dndo. Mateus Camargo Pereira (IFSULMINAS) Dnda. Paola Dogliotti Moro (UdelaR) Dr. Sergio Roberto Chaves Junior (UFPR)
2019-2021	Memórias da Educação Física e do Esporte	Dr. Sergio Roberto Chaves Junior (UFPR) Dra. Evelise Amgarten Quitzau (UdelaR)	Dr. Anderson da Cunha Baía (UFV) Dr. André Luiz dos Santos Silva (UFRGS) Dr. Bruno Duarte Rei (Colégio Pedro II- RJ) Dra. Christiane Garcia Macedo (UNIVASF) Dr. Felipe Eduardo Ferreira Marta (UESB) Dndo. Felipe Lameu dos Santos (UCB; UNESA; Colégio Pedro II- RJ) Dr. Gustavo da Silva Freitas (FURG) Dr. Jean Carlo Ribeiro (UFI) Dndo. Mateus Camargo Pereira (IFSULDEMINAS) Dra. Paola Dogliotti Moro (UdelaR) Dnda. Rachel Ramos de Souza (Pref. Mun. de Itupeva-SP; UNICAMP)
2021-2023	Memórias da Educação Física e do Esporte	Dr. Sergio Roberto Chaves Junior (UFPR) Dr. Gustavo da Silva Freitas (FURG)	Dr. Anderson da Cunha Baía (UFV) Dr. André Luiz dos Santos Silva (UFRGS) Dr. Bruno Duarte Rei (Colégio Pedro II- RJ) Dra. Carolina Nascimento Jubé (CEPAE/UFMG) Dra. Christiane Garcia Macedo (UNIVASF) Dra. Eliana de Toledo (UNICAMP) Dra. Evelise Amgarten Quitzau (UFV) Dnda. Tara Marina dos Anjos Bonifácio (UFRJ/UFMG) Dr. Jean Carlo Ribeiro (UFI) Dra. Paola Dogliotti Moro (UdelaR) Dnda. Rachel Ramos de Souza (Pref. Mun. de Itupeva-SP; UNICAMP)

Fonte: Adaptado e ampliado com base em Macedo; Goellner e Silva (2020).

Uma primeira análise do panorama institucional do GTT evidencia o envolvimento de docentes de diferentes regiões do país, o que se constitui um aspecto importante para um colégio de abrangência nacional, mas, com maior ênfase nas regiões Sudeste e Sul. Não obstante, duas regiões que também protagonizaram a organização de encontros regionais e nacionais com essa temática, a exemplo do Congresso de História do Esporte, do Lazer e da Educação Física

(CHELEF). Nessas regiões se encontram Centros de Memória da Educação Física e do Esporte de grande relevância, por seus acervos e trajetória, grande parte deles com sede nas universidades federais (MACEDO; GOELLNER, 2019) e com importante função pedagógica (GOELLNER, 2003). Nessas duas regiões encontramos também Centros de Memória mais abrangentes, e que possuem acervos relacionados ao esporte, como alguns museus e bibliotecas de universidades estaduais; bem como grupos de pesquisa que estudam a memória e a história do esporte, vinculados ou não a esses Centros de Memória (MACEDO, 2017).

Relacionado a essas instituições e grupos, identificamos docentes que permaneceram por maior ou por menor tempo no GTT Memórias, por vezes alternando cargos de coordenação ou composição do comitê científico. Como característico do processo de formação, consolidação e ampliação identitária do GTT merecem destaque tanto a presença, desde as primeiras composições, de autoras(es) consolidadas(os) na área, quanto, mais recentemente, a presença de jovens pesquisadores(as) que tiveram suas trajetórias formativas, em alguma medida, conectadas aos(as) pesquisadores(as) do primeiro grupo.

Parte dessa coletividade mencionada colaborou sobremaneira para compor algumas das iniciativas mais efetivas com vistas à preservação da memória institucional do CBCE, que foram as organizações de coletâneas acadêmicas. Nesse sentido, algumas coletâneas, publicadas sob a chancela da entidade e que possuem colaborações de autores(as) vinculados(as) ao GTT Memórias, merecem destaque especial, conforme listado no Quadro 2:

Quadro 2 - Coletâneas de destaque organizadas sob a chancela do CBCE (1999-2020)

Título da coletânea e ano de publicação	Organização	Proposta
Educação Física/Ciências do Esporte: intervenção e conhecimento (1999) ⁴	Silvana Vilodre Goellner	Compilado de textos dos coordenadores dos GTTs e convidados, tendo em vista a análise e a reflexão sobre a recente organização do CBCE em GTTs. O escopo foi a produção de artigos que buscassem a articulação das especificidades dos GTTs ao tema central do XI Conbrace, sediado em Florianópolis-SC.
Política científica e produção do conhecimento em Educação Física (2007)	Yara Maria de Carvalho e Meily Assbú Linhales	Reúne análises da existência, continuidade, constituição e natureza científica do Colégio, no contexto de seu 29º aniversário.
Dilemas e desafios da pós-graduação em Educação Física (2015)	Simone Rechia e colaboradores	Aborda, como parte das metas do plano de ação da gestão 2013-2015, a produção do conhecimento em Educação Física no Brasil, enfocando os dilemas e desafios enfrentados pelos programas de pós-graduação da área.
Territorialidade e diversidade regional no Brasil e na América Latina: suas conexões com a Educação Física e as Ciências do Esporte (2016) ⁵	Paula Cristina da Costa Silva e colaboradores	Coletânea, em dois volumes, que reúne os textos das mesas centrais do evento e das mesas internas dos GTTs realizadas no XIX Conbrace/VI Conice, realizado em Vitória-ES.

⁴ Nessa obra, destacamos o texto intitulado “Memória, Cultura e Corpo: intervenção e conhecimento”, escrito por Jocimar Daólio, Silvana Goellner e Victor Melo, que faz menção ao recém-criado GTT.

⁵ No Volume 2, destaque para o texto de Andrea Moreno, intitulado “Memória, corpo e cultura: territorialidade e diversidade dos campos de pesquisa e as interfaces com o CBCE nos últimos 10 anos”, resultado de sua palestra proferida em mesa conjunta dos GTTs Memórias e Corpo e Cultura. Disponível em: <https://cbce.org.br/item/territorialidade-e-diversidade-regional-no-brasil-e-na-america-latina--suas-conexoes-com-a-educacao-fisica-e-as-ciencias-do-esporte---volume-2>. Acesso em: 30 jul. 2023.

Democracia e Emancipação: desafios para a Educação Física e Ciências do Esporte na América Latina (2019) ⁶	Felipe Quintão de Almeida, Larissa Lara e Felipe Wachs	Publicação, em dois volumes, das palestras das mesas gerais e internas de cada GTT, além de outros 12 textos selecionados entre os trabalhos apresentados nos GTTs durante XX Conbrace/VII Conice, sediado em Goiânia-GO.
Ciências do Esporte, Educação Física e Produção do Conhecimento em 40 anos do CBCE (2019-2020) ⁷	Larissa Lara, Pedro Athayde e colaboradores	Coleção composta por 13 volumes e 207 autores. Celebra os 40 anos da entidade e, ao mesmo tempo, revisita seu <i>modus operandi</i> em diferentes conjunturas, destacando, dessa maneira, suas contribuições sociais, políticas, formativas e científico-acadêmicas.

Fonte: Os autores (2023).

É possível observar, em cada uma das coletâneas citadas, ao menos um capítulo assinado por membros do GTT Memórias. Tendo em vista os limites deste texto e as escolhas dos autores, tecemos alguns comentários sobre as publicações de 2007, 2015 e 2020. O enfoque de tais capítulos foram, invariavelmente, o desenvolvimento de mapeamento e análise da produção do GTT, contemplando, em certa medida, o seu processo de constituição dentro do CBCE. Esse é o caso, por exemplo, do trabalho seminal publicado por Andrea Moreno, Maria Cristina Rosa e Verona Segantini, na coletânea *Política científica e produção do conhecimento em Educação Física*, intitulado *O GTT Memórias da Educação Física e Esporte do CBCE: uma análise a partir das práticas e da produção*. Nele, as autoras analisaram, com base na produção expressa em anais do Conbrace, como se deu a formação do GTT, que, como já é amplamente conhecido, foi concebido como tal em 2005, após desmembramento, em meio a tenso ambiente de debates e contestações, do GTT Memória, Cultura e Corpo.

Para a formulação de suas análises, Moreno, Rosa e Segantini (2007) mobilizaram, mais especificamente, anais de edições do Conbrace realizadas entre 1989, ano da 6^a edição em Brasília-DF, nos quais foram identificadas as primeiras apresentações de trabalhos com perspectivas historiográficas, e 2005, ano da 14^a edição do Conbrace e 1^a edição do Conice⁸, em Porto Alegre-RS, a última realizada até então. Além disso, as autoras também recorreram a outras fontes, tais como, exemplares da Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE); anotações de eventos

⁶ O texto “Pesquisa histórica em Educação Física – três notas para pensar”, de autoria de Andrea Moreno, Evelise Quitau e Carmen Lucia Soares teve inspiração na palestra proferida na mesa “Educação Física Escolar: olhares a partir do Gênero, da História e da Educação”, ocorrida no XX Conbrace/VII Conice, de Goiânia-GO. Disponível em: <https://cbce.org.br/item/democracia-e-emancipacao--desafios-para-a-educacao-fisica-e-ciencias-do-esporte-na-america-latina--volume-2-->. Acesso em: 30 jul. 2023.

⁷ O Volume 2 reúne as produções relativas ao GTT Memórias, e foi organizado por Anderson da Cunha Baía, Larissa Lara e Pedro Athayde. A coleção completa está disponível em: <https://www.cbce.org.br/repositorio/colecao-40-anos> e o volume específico do GTT Memórias disponível em: <https://cbce.org.br/item/memorias-da-educacao-fisica-e-esporte---ciencias-do-esporte--educacao-fisica-e-producao-do-conhecimento-em-40-anos-de-cbce>. Acesso em: 30 jul. 2023.

⁸ O evento de 2005 marcou a primeira edição em que aconteceram concomitantemente o Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (Conbrace) e o Congresso Internacional de Ciências do Esporte (Conice), tendo como objetivo a ampliação do diálogo com pesquisadores de diferentes nacionalidades, visando à internacionalização da produção e circulação do conhecimento na área.

organizados pelo CBCE (palestras, cursos, simpósios, entre outros); afora informações obtidas pessoalmente com pesquisadores (as) envolvidos (as) com o processo de criação do GTT Memórias.

Em 2015, ano em que o GTT em seu formato atual completou dez anos de existência, um novo esforço de mapeamento e análise de sua produção veio a público. Trata-se do trabalho intitulado *Indícios e análises da produção em circulação no GTT Memórias da Educação Física e Esportes nos Conbraces/Conices de 2009 a 2013*, elaborado por Elisângela Chaves, Gustavo da Silva Freitas, Joelcio Fernandes Pinto, Priscilla Kelly Figueiredo e Sergio Roberto Chaves Junior, na coletânea *Dilemas e desafios da pós-graduação em Educação Física*. Nos anos subsequentes de sua publicação, identificou-se como esta obra se transformou em um ponto de partida para debates sobre a pós-graduação no país e para outras produções acadêmicas, como a de Moraes e Silva (2017).

Por fim, aquele empenho de mapeamento e análise foi revisto e atualizado pelos seus próprios autores, somando-se a participação de Mateus Camargo Pereira, em trabalho que compôs a coletânea *Ciências do Esporte, Educação Física e Produção do Conhecimento em 40 anos do CBCE*, com o título “A produção do conhecimento em circulação no GTT Memórias da Educação Física e Esporte: análises a partir dos CONBRACEs/CONICEs (2009 a 2017)”. Nessa mesma coletânea é possível identificar, ainda, um outro trabalho cujo escopo se aproxima dos esforços empreendidos por Chaves *et al.* (2015; 2020). Referimo-nos, mais precisamente, ao capítulo denominado “História e historiografia da Educação Física: práticas científicas em circulação nos CONBRACEs (2005-2017)”, de autoria de Juliana Cassani, Wagner dos Santos, Lucas Oliveira Rodrigues de Carvalho, Felipe Ferreira Barros Carneiro e Amarílio Ferreira Neto.

Um exercício de reflexões (auto)críticas sobre o GTT

Com efeito, os trabalhos produzidos por Chaves *et al.* (2015; 2020) e por Cassani *et al.* (2020) ampliam, ao abarcarem o período compreendido entre 2005 e 2017, o esforço de mapeamento e análise da produção do GTT Memórias realizado por Moreno, Rosa e Segantini (2007), que, como já vimos, centrou-se em um momento anterior (1989-2005). Já no que diz respeito ao material empírico mobilizado, não é possível afirmar o mesmo. Afinal, diante da carência de fontes disponíveis, os anais de edições do Conbrace/Conice não se consolidaram casualmente, em que pese o seu potencial heurístico, como as únicas fontes privilegiadas pelos trabalhos mais recentes. A propósito, com um problema adicional: as limitações da Plataforma SOAC que, desde 2007, auxilia o gerenciamento de eventos acadêmicos promovidos pelo CBCE, incluindo o Conbrace/Conice, e a publicação eletrônica de seus anais. Um dos objetivos do SOAC é facilitar o acesso ao conhecimento produzido por membros do CBCE, notadamente, ao congregar, em um único repositório digital, os anais de seus eventos. Entretanto, como chamam a atenção Cassani *et*

al. (2020), a plataforma ainda demanda aperfeiçoamento para que o referido objetivo, em especial, seja plenamente alcançado:

[...] mesmo que tenhamos identificado, ao longo dos anos, a possibilidade de acesso aos trabalhos no SOAC, o sistema ainda apresenta fragilidades, especialmente em relação às informações sobre a tipologia dos trabalhos. Padronizar o acesso aos anais, tornando suas informações mais aparentes e dinâmicas aos leitores e pesquisadores, contribuiria para o fortalecimento científico desse tipo de literatura [...] e ampliaria a compreensão de seu papel no campo acadêmico, considerado, por vezes, de menor importância. (CASSANI *et al.*, 2020, p. 71).

Apesar das dificuldades, os esforços de mapeamento e análise da produção do GTT Memórias, um dos mais importantes fóruns acadêmicos relativos à História da Educação Física e do Esporte no Brasil, têm se revelado como algo de grande valia. Não apenas para uma melhor compreensão do recente movimento de “renovação historiográfica da Educação Física brasileira”, que desde o início deste século tem incrementado os estudos históricos desenvolvidos na área, com a proposição de novos temas, objetos, e abordagens teórico-metodológicas (TABORDA DE OLIVEIRA, 2007), como, também, de questões caras à História do CBCE e, dada a proeminência da entidade, muitas das vezes da própria História da Educação Física no país. É o caso, por exemplo, das disputas políticas e acadêmicas que envolvem o tenso processo de (re)produção dos GTTs como instâncias organizativas tanto do Colégio, quanto do campo da Educação Física, em nível nacional.

No que se refere ao GTT Memórias, tais disputas têm como um de seus episódios mais emblemáticos o já citado desmembramento do GTT Memória, Cultura e Corpo⁹ nos GTTs Memórias da Educação Física e Esporte e Corpo e Cultura que, como destacam Chaves *et al.* (2015; 2020), pode ser entendido por meio de um duplo movimento: o incremento quantitativo e qualitativo dos estudos históricos nacionais desenvolvidos por pesquisadores e pesquisadoras com formação na área de Educação Física e, paralelamente, por movimentos internos de quadros do CBCE, que, naquela ocasião, passaram a buscar, em referenciais do campo da História, argumentos para sustentar a sua atuação política nos debates que atravessavam as Ciências do Esporte no Brasil (MORENO; ROSA e SEGANTINI, 2007).

Outra questão, que merece ser adensada como um *locus* de nossa autocrítica, refere-se exatamente às disputas teórico-metodológicas da área. A trajetória do GTT Memórias é marcada por grupos de pesquisa ou por coletivos de pesquisadores(as) de diferentes instituições, que possuíam perfis próximos de pesquisa, marcando fortemente esse GTT, o que pode ser observado,

⁹ Ver também Ferreira Neto (2005).

por exemplo, na presença de orientadores(as) e seus orientandos(as), compondo o seu perfil gestor (vide Quadro 1), assim como de docentes que publicaram livros e/ou artigos conjuntamente.

Essa presença marcante acabou, em determinados momentos, afastando docentes com outros referenciais teóricos de estudo da história e memória da Educação Física e Esporte, pois se inibiam ou não se sentiam motivados a participar de um GTT predominantemente com um tipo de vertente teórica. Alguns, por vezes, indignaram-se por terem seus trabalhos reprovados, dadas tais distinções teórico-metodológicas.

Decorrente desse ponto, é possível sugerir reflexões também com relação às disputas em relação ao uso de tipos de fontes. Se, por um período, esse GTT buscou mobilizar principalmente pesquisas documentais, especialmente na última década temos observado um crescente movimento das pesquisas históricas e memorísticas com fontes orais na Educação Física e Esporte, em grande parte utilizando entrevistas e/ou o método da história oral (TOLEDO *et al.*, 2012; SILVA, PEREIRA, MAZO, 2013; RUBIO, 2014; 2016).

Assim, um movimento interdisciplinar (MARTA e SANTOS, 2020) e diferenciado se anunciou, mas pareceu ainda ser tratado com um certo distanciamento pelo GTT, com uma ainda tímida interlocução com alguns componentes de seu comitê científico. Como era de se esperar, coube aos(às) pesquisadores(as) com esse perfil, os que investem sistematicamente no uso das fontes orais, essa aproximação, não somente submetendo trabalhos, mas estrategicamente se aproximando organicamente do GTT, causando mudanças recentes e muito significativas.

Como destacam Valter Bracht *et al.* (2011), os esforços de mapeamento e análise da produção de um determinado campo acadêmico são, de fato, estratégicos seja para pensar e nortear o seu próprio desenvolvimento ou, então, para contextualizar o acúmulo de suas produções e perspectivas de futuro. Dentro dessa perspectiva, não nos parece ser equivocado conceber, com base nos trabalhos analisados na seção anterior, que o GTT Memórias vem se constituindo como um “lugar de produção”¹⁰ da História da Educação Física e do Esporte no Brasil: movimento que, certamente, tem sido notabilizado, sobretudo, pelas iniciativas de debate e fortalecimento de novas perspectivas de pesquisa histórica promovidas pelo GTT, que, por sua vez, têm marcado, positivamente, a produção da área no plano nacional. De acordo com Moreno, Rosa e Segantini, devemos reconhecer, por outro lado, que esse frutífero movimento ainda não se articula de maneira consistente com outras iniciativas voltadas especificamente para a preservação da memória do Grupo de Trabalho. Fato que, fazendo uso das palavras das autoras há mais de uma década atrás, “ainda não parece ser uma prática comum dos GTTs no âmbito do CBCE” (2007, p. 275).

Essas percepções, advindas de processos vividos e/ou de escutas de um coletivo plural e diverso que estuda aspectos da história e da memória da Educação Física e do Esporte,

¹⁰ Termo emprestado de Catani e Faria Filho (2002).

pulverizados por todo o país, trazem-nos a sensibilidade, neste texto, de lidar com o campo das subjetividades. Algo desafiador, mas que nos aproxima desse coletivo, para essa narrativa dos 25 anos do nosso GTT. Um desafio que vale a pena ser anunciado, pois nos coloca num lugar da instabilidade e do risco, mas que por outro lado, oferta-nos atravessamentos territoriais, como bem apontam Souza e Rovai (2021), ao dialogarem com Deleuze e Guattari (2011):

Os estudos sobre a subjetividade dos processos formativos nos mostram características singulares e múltiplas em suas perspectivas teóricas e práticas; uma construção humana que nos traz o “devir”, um conceito importante para compreendermos territórios e rizomas na trajetória contínua que atravessa cada um de nós.

Por uma política institucional de memória no CBCE

Nesse movimento de revisitação dos mapeamentos e das análises realizadas, um dos aspectos que chamou atenção reside na diversidade de arquivos consultados que tornaram esses trabalhos possíveis, especialmente o último deles, apresentado no XXII Conbrace/Ix Conice, realizado em 2021, ainda de maneira remota devido à pandemia da Covid-19. Naquela oportunidade, constou na programação interna do GTT uma mesa temática encomendada que teve por título “Memórias do GTT Memórias”, a cargo dos professores Gustavo da Silva Freitas e Sergio Roberto Chaves Junior. Eram esses os nomes responsáveis pela Ação 10-Eixo 4 do Plano de Trabalho da Gestão 2019-2021, a qual visava estimular a criação de uma política interna de organização de acervo (documentos e registros) do GTT. Para tal, colocou-se como meta o levantamento da documentação existente e uma sistematização organizativa do material, objetivando a preservação da sua memória e, com isso, especular a possibilidade de armazenar as informações no *site* do CBCE.

Há que se ressaltar que essas tentativas vêm sendo replicadas desde o Plano de Trabalho da Gestão 2013-2015, quando ainda constava sob a redação de “Organizar o acervo documental do GTT”. A partir do Plano 2017-2019, tal ação ganha corpo e passa a ser descrita como “Organização da Memória do GTT” com vias à criação de uma política interna. Naquele momento, no mesmo plano de trabalho, foi inserida outra ação associada a esta que tratava da criação do Portal de Centros de Memória, que consistia em um repositório que buscava reunir essas instituições, facilitando a divulgação de suas ações e o intercâmbio de experiências entre os(as) pesquisadores(as). Ou seja, a insistência na manutenção dessa ideia de organicidade interna das memórias do GTT como plano de ação por cinco gestões seguidas mostra convicção do grupo de trabalho na proposta, porém, também explicita uma certa inoperância ou falta de condições estruturais que impediram avanços mais consistentes.

Os dados preliminares, apresentados na mesa temática do Conbrace/Conice de 2021 só foram alcançados, por exemplo, devido a uma série de consultas em diferentes arquivos, tais como: *site* do CBCE, materiais em posse da Direção Nacional (DN), Anais de Eventos do Conbrace/Conice disponíveis na Plataforma SOAC, Plataforma Lattes e, acima de tudo, acervos pessoais. Apesar dessa pulverização na tipologia dos arquivos, é preciso salientar que a maior parte da documentação acessada estava em posse de pessoas. Atas, relatórios, notas técnicas, quadros de programação dos eventos nacionais e regionais, planos de ações, cartazes de divulgação de eventos, nominatas de comitês científicos, entre outros materiais, foram disponibilizados, em meados de 2021, por seis dos(as) nove ex-coordenadores(as) do GTT e, ainda, pela coordenadora dos GTT's na DN, Christiane Garcia Macedo, durante as gestões 2019- 2021 e 2021-2023.

O fato de os arquivos particulares se sobressaírem nesse processo não se constitui em um problema em si. Aliás, apenas confirma que esses arquivos são elementos fundamentais para a memória de instituições, grupos, práticas e personagens. Como dito por Linhales *et al.* (2017, p. 278), “para além das marcas pessoais, os Arquivos Pessoais constituem também significações reveladoras de laços e vínculos sociais, redes de pertencimento e formação das quais os indivíduos fizeram parte”. Portanto, em certa medida, aquilo que foi guardado de forma interessada pelos(as) ex-coordenadores(as) e pela integrante da DN carrega marcas de suas trajetórias pessoais e, simultaneamente, traços identitários da história do próprio CBCE.

No entanto, a busca e o encontro com os acervos particulares também escancaram uma fragmentação da memória da entidade pela pessoalização da atividade de guarda e preservação das fontes de caráter histórico. Reconhecemos que um acervo institucional é dependente, muitas vezes, do esforço individual do(a) pesquisador(a) em separar, armazenar e cuidar dessas fontes. Porém, a falta de uma institucionalização dessas ações pode levar a uma dissipação desse material, inclusive com potenciais perdas que tenham por efeito a produção de imprecisões nos registros das memórias da própria entidade, a qual se remete essa documentação. Talvez essa venha a ser uma das críticas “ao” e “do” GTT Memórias: não se ter acesso a todos os registros almejados nos balanços ao longo de quase duas décadas de existência. Eles podem estar difusos em arquivos individuais, como, também, podem não (mais) existir ou serem difíceis de serem encontrados ao longo do tempo.

Assim, nos somamos às reflexões de Macedo e Goellner (2019) que, inspiradas em Nora (1993), sugerem que o processo de institucionalização dos atos de guardar, recuperar, preservar, produzir e divulgar fontes históricas tornaria esse arquivo institucionalizado um lugar de memória. Talvez seja esse o sentido de arquivo buscado para o CBCE. Um arquivo que cumpriria, como defende Bellotto (2014), com sua função simbólica, funcional e material, cujo conjunto de documentos:

[...] caracteriza-se pelo decantado vínculo original e indispensável que todos eles têm com a entidade produtora e com os demais componentes do conjunto. Um documento arquivístico isolado do seu conjunto não faz sentido. Ele contém, portanto, não uma informação qualquer, mas a que é vinculada a uma vasta cadeia e é parte indissolúvel do seu meio genético de criação, vigência e uso. É a organicidade a grande característica dessa especificidade dos documentos de arquivo. [...] É a qualidade segundo a qual os arquivos espelham a estrutura, as funções e as atividades da entidade produtora/acumuladora em suas relações internas e externas. (BELLOTTO, 2014, p. 4).

Nesse caso, imaginamos que os arquivos pessoais daqueles que circulam pelo GTT Memórias, ocupando ou não funções administrativo-científicas, constituem-se em lugares de passagem para que também ocupem, no processo de institucionalização, o arquivo do CBCE como lugar de memória. Essa seria uma das prerrogativas do funcionamento de uma política institucional de memória que, a nosso ver, exigiria outros movimentos e princípios organizativos.

É imprescindível, por exemplo, que esse lugar (numa roupagem virtual) de guarda, armazenamento, sistematização e publicização da documentação se remeta não só ao GTT Memórias, mas seja extensivo a todos os GTTs, às Secretarias e à Direção Nacional. Por mais óbvio que isso possa parecer, trata-se de instâncias distintas, mas que precisam ter tratamento equânime na proposta de composição do arquivo. Essa é uma ideia que já está em curso, mas que precisa ser consolidada.

Em maio de 2022 foi realizada a primeira reunião do que está se chamando de Comissão de Memória do CBCE constituída por representações dos GTTs e membros da DN, cujo objetivo é incentivar e instrumentalizar Secretarias e GTTs para produção e preservação de registros de suas memórias. Os esforços iniciais dessa comissão foram direcionados a atuais e ex-coordenadores(as) dos GTTs, bem como atuais e ex-secretários(as) estaduais, no sentido de solicitar todo material documental, fotográfico, audiovisual ou de outra natureza produzido durante sua passagem naquela instância. A ação obteve baixo impacto devido a poucos retornos dos(as) contatados(as) e, alguns meses depois, houve uma certa desmobilização dos(as) integrantes da comissão com participação reduzida das representações dos GTTs.

A consolidação dos trabalhos da Comissão de Memórias do CBCE poderia passar pela transformação de seu status de comissão que, em geral, tem caráter transitório, para de direção ou sob a responsabilidade de alguma direção existente na DN. Sendo uma política institucional, o caráter temporário da participação dos(as) representantes dos GTTs e das secretarias, e da própria existência de comissão, torna o trabalho instável e poderia ser substituída, ou melhor, acompanhada de um suporte gerencial da própria entidade, firmando seu compromisso com essa política. A existência dessa pretensa instância responsável por gerir a política institucional de memória, numa ramificação do trabalho, necessitaria de articulação permanente com os GTTs e Secretarias Estaduais.

No caso dos GTTs, de onde e por onde falamos nesse momento, cogitamos ponderar sobre a atuação dos comitês científicos que são remontados a cada dois anos durante o evento nacional/internacional do CBCE. Guardadas as devidas diferenças entre os 14 GTTs, não é incomum que seus respectivos comitês operem com destaque e quase exclusivamente em momentos de avaliação de trabalhos para o Conbrace/Conice e os eventos regionais; para além de manifestações pontuais, quando demandados. Vislumbra-se como princípio organizativo de uma política institucional pautar que os Planos de Trabalho bianuais, elaborados por todos os GTTs na reestruturação dos comitês científicos, contenham, entre suas atividades, a responsabilização permanente pela guarda documental e os devidos desdobramentos em relação ao acervo institucional. Isso porque, especificamente no GTT Memórias, notamos que alguns dos relatórios entregues à DN como encerramento de gestões bianuais justificam a incompletude do objetivo da organização da memória interna do GTT pela “falta de tempo e organização, bem como a indecisão sobre o local onde abrigar a memória física” (Relatórios Gestão GTT Memórias, 2015-2017; 2017-2019).

Considerações Finais

Se a primeira parte da justificativa anteriormente apresentada – falta de tempo e organização – poderia ser respondida com maiores implicações aos comitês científicos; a segunda parte – indecisão do local onde abrigar a memória física – passa por necessidade de estabilização de um repositório que responda pelo arquivo como lugar de memória do CBCE. Atualmente, tal documentação está dispersa no acervo físico do Centro de Memória da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (CEME-UFRGS)¹¹ – o qual está também disponibilizado no acervo digital LUME-UFRGS¹² –, no acervo de entrevistas do Projeto Garimpendo Memórias¹³, no Repositório acessível no site CBCE¹⁴, além dos incontáveis acervos pessoais. Como referenciado, essa dispersão não ajuda a criar um sentido de arquivo e tudo o que isso pode representar em termos de viabilização de diagnósticos, de mapeamentos e de produção de conhecimento.

Assim, a opção de nos colocarmos a pensar sobre uma possível política institucional de memória para o CBCE provocados pela simbologia comemorativa que mobiliza a presente obra se tornou, na própria construção do texto, um exercício (auto)crítico “ao” e “do” GTT Memórias. Para tanto, o texto se comprometeu a trazer algumas objetividades, optando por registros que consideramos relevantes por contribuírem para uma organização da memória do GTT Memórias

¹¹ Disponível em: <https://www.ufrgs.br/ceme/>

¹² Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/>

¹³ Disponível em: <https://garimpondomemorias.univasf.edu.br/>

¹⁴ Disponível em: <https://www.cbce.org.br/>

e, por decorrência, da entidade como um todo; mas, também, explicitaram lacunas que servem como alertas e cobranças internas e externas ao GTT. Por outro lado, o texto é resultante de nossas subjetividades, da fluidez de nossas memórias individuais e coletivas, numa coexistência daquilo que nos habita, de uma história em nós impressa e ainda ecoando. É, portanto, também resultante daquilo que nos é afeto, uma vez que o narrado é resultante de nossas posições, de nossas escolhas, das nossas sensibilidades, das nossas memórias.

Referências

BELLOTTO, H. L. *O Sentido dos Arquivos*. Conferência no I Ciclo de Palestras de Diretoria de Arquivos Institucionais – DIARQ. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, abril de 2014.

BRACHT, V. *et al.* A educação física escolar como tema da produção do conhecimento nos periódicos da área no Brasil (1980-2010): parte I. *Movimento*, v. 17, n. 2, p. 11–34, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.19280>. Acesso em: 10 jul. 2023.

CASSANI, J. M. *et al.* História e historiografia da Educação Física: práticas científicas em circulação nos CONBRACEs (2005-2017). In: BAÍA, A., ATHAYDE, P., LARA, L (Orgs.). *Ciências do Esporte, Educação Física e Produção do Conhecimento em 40 Anos de CBCE*. v. 2 - Memórias da educação física e esporte. Natal: EDUFRN, 2020.

CATANI, D. B.; FARIA FILHO, L. M. Um lugar de produção e a produção de um lugar: a história e a historiografia divulgadas no GT História da Educação da ANPED (1985-2000). *Revista Brasileira de Educação*, n. 19, jan./abr., p. 113-128, 2002.

CHAVES, E. *et al.* Índícios e análises da produção em circulação no GTT Memórias da Educação Física e Esportes nos CONBRACEs/CONICEs de 2009 a 2013. In: RECHIA, S. *et al.* (Orgs.). *Dilemas e desafios da pós-graduação em educação física*. Ijuí: Unijui, v.1. p. 347-368, 2015.

CHAVES, E. *et al.* A produção do conhecimento em circulação no GTT Memórias da Educação Física e Esporte: análises a partir dos CONBRACEs/CONICEs (2009 a 2017). In: BAÍA, A., ATHAYDE, P., LARA, L (Orgs.). *Ciências do Esporte, Educação Física e Produção do Conhecimento em 40 Anos de CBCE*. v. 2 - Memórias da educação física e esporte. Natal, RN: EDUFRN, 2020.

CHELEF – Congresso Brasileiro de História do Esporte, Lazer e Recreação. *Anais*. Disponível em: <https://www.fef.unicamp.br/fef/chelef2016/anais>. Acesso em: 7 jul. 2023.

DAOLIO, J.; GOELLNER, S. V.; MELO, V. A. Memória, cultura e corpo: intervenção e conhecimento. In: GOELLNER, S. V. (Orgs.) *Educação Física/Ciências do Esporte: intervenção e conhecimento*. Florianópolis: CBCE, 1999.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs*. São Paulo, Editora 34, 2011.

FERREIRA NETO, A. Atualidade da pesquisa histórica na educação física: congressos e campo científico. In: FERREIRA NETO, A. *et al.* (Orgs.). *Leituras da natureza científica do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte*. Campinas: Autores Associados, 2005.

- GOELLNER, S.V. Informação e documentação em Esporte, Educação Física e Lazer: o papel pedagógico do Centro de Memória do Esporte. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v.25, n.1, p. 199-207, 2003.
- HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Ed. Revista dos Tribunais, 1990.
- LINHALES, M. A. *Memória do GTT Memórias da Educação Física e Esporte*. Acervo do CEME. Coleção CBCE. Belo Horizonte, 29 ago. 2011.
- LINHALES, M. A.; OLIVEIRA, T. N.; SANTOS, F. C.; CAMARGO, N. P. T. Arquivos pessoais de professores de educação física: organização arquivística e pesquisa histórica. *Revista Brasileira de Ciências do Esportes*, Brasília, v.39, n.3, p. 276-283, 2017.
- MACEDO, C. G. *O movimento de constituição dos Centros de Memória da Educação Física das Universidades Federais brasileiras (1996-2014)*. 2017. 207 f. Tese (Doutorado em Ciências do Movimento Humano). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.
- MACEDO, C. G.; GOELLNER, S. V. Centro de Memória da Educação Física e Esporte das Universidades Federais Brasileiras: preservar memórias para reconstruir histórias. *Revista Movimento*, Porto Alegre, v. 25, p. 1-13, 2019.
- MARTA, F. E. F.; SANTOS, C. E. F. (Orgs.). *Memória e Organizações sociais – diálogos interdisciplinares nas Ciências Humanas*. Jundiaí: Paco Editorial, 2020.
- MORAES E SILVA, M. *et al.* Pós-Graduação em Educação Física: apontamentos sobre o livro “Dilemas e desafios da Pós-Graduação em Educação Física”. *Journal of Physical Education*, Maringá, v. 28, n. 1. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/jphyseduc.v28i1.2840>. Acesso em: 9 jul. 2023.
- MORENO, A. Memória, cultura e corpo: territorialidade e diversidade dos campos de pesquisa e as interfaces com o CBCE nos últimos 10 anos. In: SILVA, P. C. C *et al.* (Orgs.). *Territorialidade e diversidade regional no Brasil e América Latina: suas conexões com a Educação Física e as Ciências do Esporte*. v. 2. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2016.
- MORENO, A.; ROSA, M. C.; SEGANTINI, V. C. O GTT Memórias da Educação Física e Esporte do CBCE: uma análise a partir das práticas e da produção. In: CARVALHO, Y. M.; LINHALES, M. A. (Orgs.). *Política científica e produção do conhecimento em Educação Física*. Goiânia: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 2007.
- MORENO, A.; QUITZAU, E. A.; SOARES, C. L. Pesquisa histórica na Educação Física – três notas para pensar. In: ALMEIDA, F. Q.; LARA, L; WACHS, F. (Orgs.). *Democracia e Emancipação: desafios para a Educação Física e Ciências do Esporte na América Latina*. v. 2. Jundiaí: Paco Editorial, 2019.
- NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*, São Paulo, v. 10, p. 7-28, 1993.
- POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.
- RUBIO, K. A experiência da pesquisa “Memórias Olímpicas por atletas olímpicos brasileiros”. *Acervo*, Rio de Janeiro, v. 27, n. 2, p. 93-105, 2014.

- RUBIO, K. *Narrativas biográficas: da busca à construção de um método*. São Paulo: Képos, 2016.
- SANTHIAGO, R.; HOLLANDA, B. B. B. Editorial – Esportes e fontes orais. *História Oral*. Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, p. 3–4. DOI: <https://doi.org/10.51880/ho.v24i2.1250>
- SILVA, L. H. R.; PEREIRA, E. L.; MAZO, J. Z. O uso das fontes orais nas pesquisas em história do esporte: memórias da “Corrida do fogo simbólico”. *Cinergis*, Santa Cruz do Sul, v. 14, n. 3, p. 166-171, 2013.
- SOUZA, A. C. G. A.; ROVAI, M. G. O. A presença da mulher nordestina na democracia brasileira: o protagonismo na história oral de vida de Luiza Erundina. *Testimonios*, Córdoba, ano 10, n. 10, 2021.
- TABORDA DE OLIVEIRA, M. A. Renovação historiográfica na educação física brasileira. In.: SOARES, C. (Org.). *Pesquisas sobre o corpo: ciências humanas e educação*. Campinas: Autores Associados; São Paulo: FAPESP, 2007.
- TOLEDO, E. *et. al.* As contribuições das pesquisas em história oral para o desenvolvimento da ginástica. *Revista Conexões*, Campinas, v. 10, n. Especial, p. 115-131, 2012.

GTT POLÍTICAS PÚBLICAS - WAGNER MATIAS: CIÊNCIA, MILITÂNCIA E EMANCIPAÇÃO HUMANA

Aline Silva Andrade

Instituto Federal de Educação, Ciência e tecnologia do Maranhão

Silvana Martins de Araujo

Universidade Federal do Maranhão

Lino Castellani Filho

Universidade Estadual de Campinas

“Grupo de Trabalho Temático (GTT) Políticas Públicas – Wagner Matias”: é assim que a gestão (2021-2023) entendeu por bem o nominar, em singela e honesta homenagem à pessoa do pesquisador que, vítima da covid-19 e da política de saúde insana do Governo Bolsonaro, precocemente nos deixou aos 37 anos de idade, somando-se, dessa forma, aos mais de 704 mil brasileiros que tiveram suas vidas ceifadas pelos motivos apontados. Estudiosos relativos à economia política do esporte, em nosso meio, reconhecem nele, se não o precursor das pesquisas sobre o tema, aquele que o aprofundou significativamente.

Dado o entendimento corrente nas entranhas do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE) sobre as limitações da estrutura disciplinar na área acadêmica da Educação Física/Ciências do Esporte – na visão daqueles que embasavam seus estudos e pesquisas pelo viés das humanidades (Ciências Humanas, Sociais, Arte e Filosofia), por sua vez, portadora da cada vez mais marcante relação dos integrantes do seu quadro de pesquisadores com estudos de natureza transdisciplinar – , travou-se, por ocasião do IX Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte – Conbrace (Vitória-ES, 1995) –, intenso debate cuja reflexão redundou, não sem oposição¹⁵, na aprovação da organização temática – e não mais disciplinar – de sua estrutura interna, apontando o Conbrace seguinte (Goiânia-GO, 1997) como aquele a dar vazão, pela primeira vez, à organização de sua comunidade acadêmica em GTT’s.

Castellani Filho (2007) caracteriza os GTT’s como polos, que aglutinam pesquisadores com interesses comuns em temas específicos; polos de reflexão, de produção e de difusão de conhecimento acerca do referido tema; e polos sistematizadores do processo de produção de conhecimento, com vistas à parametrização das ações políticas das instâncias executivas do CBCE.

Ancorado numa pesquisa bibliográfica, o presente texto objetiva resgatar o registro de outros balanços da produção científica do GTT Políticas Públicas – sistematizadores do

¹⁵ O Prof. Dr. Amarílio Ferreira Neto (UFES) talvez seja aquele que mais representou oposição à estrutura organizacional temática, advogando, para sua área de interesse acadêmico, a manutenção da lógica disciplinar, defendendo o nome de história da educação física ao invés de “corpo e memória”, antevendo, possivelmente, o risco da inserção do pensamento pós-moderno em nosso campo.

conhecimento produzido em seu interior sobre o tema –, como também, apresentar a organização do grupo no âmbito dos trabalhos realizados, suas lacunas e potencialidades.

O levantamento bibliográfico foi realizado por meio de acesso a livros e artigos publicados em periódicos e coletâneas. Teve como marco inicial o ano de 1997, pelo motivo anteriormente mencionado. Seguem, abaixo, algumas das obras que serviram de base para os nossos “achados”:

Figura 1: Capas dos livros publicados sobre a produção científica do GTT em Políticas Públicas¹⁶



Posto isso, cabe, aqui, retomar a ementa do GTT Políticas Públicas, disponível na página eletrônica do CBCE, com o intuito de especificar quais interesses e temas de pesquisa visados:

[...] estudos dos processos de formulação, adoção e avaliação das políticas públicas de Educação Física, Esporte e Lazer. Estudos das concepções, princípios e metodologias de investigação adotados na consecução de políticas públicas, voltados para a apreensão da produção de bens e serviços públicos relativos à Educação Física, Esporte e Lazer (CBCE, 2022).

A seguir, apresenta-se um breve histórico das produções veiculadas a partir da criação do GTT e, posteriormente, um resumo descritivo dos trabalhos realizados mais recentemente pelo grupo.

O levantamento dos estudos sobre a produção na área tem como pioneiros Linhales e Pereira Filho (1999) na apreciação do estabelecimento do GTT Educação Física/Esportes e Políticas Públicas. Segundo os autores, esse diálogo foi inaugurado por Manhães (1986), com a publicação do livro *Política de Esporte no Brasil*, seguido por outros pesquisadores dedicados a estudar temas relativos aos processos de formulação, implementação e avaliação das políticas com base em distintas demarcações teóricas. Isso resulta da própria compreensão de políticas públicas ser permeada de interpretações polêmicas, na medida em que varia a compreensão conceitual de Estado, Sociedade, Esfera Pública, Esfera Governamental, dentre outras (MANHÃES, 1986).

Com o capítulo “Intervenção, conhecimento e mudança: a educação física, o esporte e o lazer nas políticas públicas”, os autores demarcaram duas tarefas importantes do GTT: destacar esse campo temático como área de produção e socialização de conhecimento, que se apresenta como necessária e legítima ao processo maior de organização científica a que o CBCE se propõe, e construir uma competência acadêmica, indissociada de uma competência política, que seja capaz

¹⁶ Elaboração própria por meio de imagens disponibilizadas pelo *Google*, que foram organizadas em ordem cronológica.

de qualificar o saber produzido e as possibilidades de intervenção na realidade social e política daí recorrentes (LINHALES; PEREIRA FILHO, 1999).

Os autores reconheciam, portanto, que o campo das políticas públicas guardava relação com três eixos quando relacionados com a Educação Física/Esportes e Lazer: a necessidade de denúncia, a necessidade de intervenção como estratégia de democratização das relações Estado/Sociedade e a necessidade de construção da ideia de direito de cidadania com fundamento nas demandas sociais apresentadas pelos movimentos social, sindical e político-partidário (LINHALES; PEREIRA FILHO, 1999).

Esses debates contribuíram para o movimento de compreensão da educação física, do esporte e do lazer como práticas sociais, vale dizer, práticas humanas historicamente construídas e capazes de se constituírem como direitos sociais, inseridas na dinâmica social, permeada por contradições e tensões.

Dez anos depois, depara-se com o estudo “Balanço inicial da produção do GTT de Políticas Públicas do CBCE (1997-2005): avanços, ausências e perspectivas”, de autoria de Húngaro *et. al.* (2009). Publicada no livro *Cultura, educação, lazer e esporte: fundamentos, balanços e anotações críticas*, tal investigação analisou os trabalhos resultantes das comunicações orais apresentadas no GTT dos Conbrace’s de 1997 a 2005, ancoradas nas categorias de análise “titulação”, “tipo de produção científica”, “principais temáticas abordadas” e “regionalidade”.

Os dados apontaram para um quadro de necessária alteração¹⁷, por conta da natureza acadêmica – e de “ponta” – que se almejava alcançar na busca de fortalecimento do CBCE junto às suas coirmãs.

No que concerne ao tipo e instrumentos de pesquisa, foram preponderantes a análise documental (algumas vezes com pesquisa de campo) e os relatos de experiência, tendo maior interlocução das Ciências Humanas com as políticas públicas de esporte, lazer e educação física, oriundos em maior parte da região Sul e contribuição significativa das regiões Nordeste (destaque para Pernambuco) e Sudeste.

Apesar de alguns dados refletirem certa fragilidade nessa trajetória inicial do GTT, os autores reiteraram que a consolidação do grupo e a crescente produção científica vêm construindo uma competência acadêmica capaz de qualificar o saber produzido e as possibilidades de intervenção na realidade social (HÚNGARO *et. al.*, 2009).

No mesmo ano, na Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE), Amaral e Pereira (2009) analisaram a produção relativa ao período 1999 a 2009 em periódicos (Movimento, RBCE e Motrivivência) e em trabalhos apresentados no GTT dos Conbrace’s. Semelhantemente ao evidenciado por Húngaro, *et. al.* (2009), as autoras constataram a presença de número expressivo

¹⁷ Presença significativa de graduados e discentes – em sua maioria pertencentes à iniciação científica – em detrimento do número de doutores nas autorias dos trabalhos.

de estudos teóricos e outros de natureza autodenominada histórica, mas com pouca repercussão analítica, confirmando um volume representativo de estudos descritivos.

Ademais, outro aspecto relevante assinalado pelas autoras, ao analisar qual dimensão da política teve maior ênfase em cada pesquisa, foi que a maioria se fundamentava no âmbito conceitual e sua respectiva implementação de políticas públicas. As dimensões normativa e da arena política, que podiam garantir uma política de Estado, ainda não recebiam a devida atenção pelos pesquisadores da área (AMARAL; PEREIRA, 2009).

Starepravo (2013) também investigou a produção científica de políticas públicas de esporte e lazer, porém trouxe um elemento novo ao avançar na análise do espaço social em que ocorre essa produção. O estudo delimitou o período entre os anos 2005 e 2009 e buscou mapear a constituição, no subcampo no diretório dos grupos de pesquisa, dos principais pesquisadores por meio da “Plataforma Lattes” e da análise da produção do GTT nos Conbrace’s de 2005, 2007 e 2009 – artigos publicados nas Revistas “Movimento” e “Motrivivência”, além de teses e dissertações –, conforme descreve:

[...] a partir da análise dos grupos de pesquisa cadastrados no CNPq, dos componentes da Rede CEDES, a inserção de agentes em cargos e instâncias administrativas, pode-se observar que a entrada e notoriedade no subcampo científico/acadêmico das políticas públicas de esporte e lazer, se conquista, muitas vezes, especialmente pelo capital temporal ou político, em menor grau pelo capital puramente acadêmico (STAREPRAVO, 2013, p. 139-140).

O autor é categórico ao afirmar que o GTT é o principal fórum de discussão sobre políticas públicas de esporte e lazer do país. Devido ao considerável aumento no número de teses e dissertações (que, em sua maioria, ainda se concentrava no nível de mestrado), demarca que há “[...] avanços quantitativos na área, materializado no aumento da produção científica circulante no grupo, especialmente nos CONBRACES” (STAREPRAVO, 2013, p. 137).

Mais recentemente, cumprindo o papel de socialização do conhecimento produzido na área, foi publicado, em 2020, o volume oito da edição comemorativa dos 40 anos do CBCE. Reconhecendo a pluralidade de concepções dos artigos, a coletânea destaca o objetivo de “[...] ser referência a pesquisadores no âmbito das Ciências do Esporte e da Educação Física no Brasil em relação a temas representativos do campo acadêmico e que compõem os Grupos de Trabalhos Temáticos da instituição” (ARAUJO, 2020, p. 7).

A apresentação do livro comemorativo se dedica a retomar um breve histórico da produção científica sobre políticas públicas, esporte e lazer no Brasil, e sua construção como campo temático importante dentro da estrutura organizativa do CBCE. Nesses termos, Araujo (2020) sublinha que “[...] os GTTs possibilitaram o suporte teórico, político e científico para a entidade, ampliando as

possibilidades de circulação, difusão e debates em torno da produção acadêmica nas diferentes temáticas (ARAÚJO, 2020, p. 7).

Para além dos balanços sobre os estudos já realizados, ao pesquisar os anais dos Conbrace's, percebeu-se aumento do percentual de trabalhos apresentados na última década (2011-2021). Soma-se a isso um amadurecimento dos estudos, no que se refere ao campo teórico-metodológico, à ampliação da diversidade, da regionalidade, do número de autores doutores envolvidos e das pesquisas que contemplavam novas temáticas e objetos.

Por outro lado, paralelamente a essa análise preliminar dos últimos dez anos, testemunha do amadurecimento do GTT, torna-se necessário sintetizar algumas ações importantes que estão sendo implementadas continuamente, tais como: a participação nas reuniões anuais da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC); crescente internacionalização (ações conjuntas com a *Red Latinoamericana y Caribeña de Deporte para la Inclusión*); envolvimento do GTT nos debates das contrarreformas em curso, para além da questão específica das políticas esportivas e de lazer, adentrando o terreno das políticas educacionais; e, por fim, maior articulação com os grupos de pesquisa ligados à área de Políticas Públicas (que já totalizam 60 em todo o Brasil¹⁸).

Essa última ação, a propósito, resultou na publicação de uma seção temática na Revista *Motrivivência* (2021) com balanço das produções dos grupos de pesquisa. Foram contemplados aqueles com representatividade nas cinco regiões do país, trajetórias coletivas de cada contexto e socialização de experiências exitosas diversas.

Desse modo, diante da agenda de retrocessos, como congelamento de investimentos nas políticas sociais, reformas que retiraram direitos, desmonte do Estado Social, destruição do Sistema Nacional de Ciência & Tecnologia, e outras tantas problemáticas, reafirma-se a resistência contra os efeitos catastróficos, em curto e longo prazo, desse cenário de destruição, inerente ao projeto da extrema direita brasileira.

Nesse processo, alguns desafios se lançam como perspectivas para o GTT, que se constitui espaço privilegiado de formação de quadros qualificados para integrar a luta pela afirmação dos direitos sociais, além de *lócus* de produção, socialização e desenvolvimento de estudos materializados em publicações, eventos, notas e *lives*.

Urgem, portanto, investigações que contemplem análises conjunturais mais globais sem perder de vista as especificidades e tensões da Educação Física e das Ciências do Esporte. Para tanto, reitera-se o fazer científico do GTT Políticas Públicas – Wagner Matias, engendrado nas lutas coletivas do CBCE pela reconstrução do Estado Democrático de Direito no Brasil e pela defesa da ciência como essencial, embora não suficiente, para o processo de emancipação humana.

¹⁸ Conforme pesquisa realizada pelo GTT no Diretório de Grupos de Pesquisa - CNPq.

REFERÊNCIAS

AMARAL, S. C.; PEREIRA, A. P. C. Reflexões sobre a produção em políticas públicas de educação física, esporte e lazer. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. v. 31, n. 1. Campinas: Autores Associados, 2009.

ARAÚJO, S. M. de. Apresentação. In: ARAÚJO *et al.* (Orgs). *Políticas públicas e movimentos sociais*. Natal, RN: EDUFRN, 2020.

CASTELLANI FILHO, L. CBCE: partilhando sua história. In: CARVALHO, Y. M. de; LINHALES, M. A. (Org.). *Política científica e produção do conhecimento em educação física*. Goiânia: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 2007.

CBCE. *Grupos de Trabalhos Temáticos (GTT's)*. Disponível em: <https://www.cbce.org.br/gtts/>. Acesso em: 19 set. 2022.

HÚNGARO *et al.* Balanço inicial da produção do GTT de políticas públicas do CBCE (1997-2005): avanços, ausências e perspectivas. In: HÚNGARO, E. M.; SOUZA, W. L. L. de (Org.). *Cultura, educação, lazer e esporte: fundamentos, balanços e anotações críticas*. Santo André: Alharra-bio, 2009.

LINHALES, M. A.; PEREIRA FILHO, J. R. Intervenção, conhecimento e mudança: a Educação Física, o Esporte e o Lazer. In: GOELLNER, S. V. (Org.). *Educação Física/ Ciência do Esporte: intervenção e conhecimento*. Florianópolis: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 1999.

MANHÃES, E. D. *Políticas de esportes no Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

MOTRIVIVÊNCIA. Florianópolis: Labomídia, v. 33, n. 64, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/issue/view/3188>. Acesso em: 3 set. 2022.

STAREPRAVO, F. A. A produção científica sobre políticas públicas de esporte e lazer no Brasil. In: STAREPRAVO, F. A. *Esporte, política e ciência: a produção científica sobre políticas públicas de esporte e lazer no Brasil*. Curitiba: CRV, 2013.

DA REIVINDICAÇÃO À IMPLEMENTAÇÃO: O PROCESSO DE CRIAÇÃO DO GTT13 RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS DO CBCE

Arlene Stephanie Menezes Pereira
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará

Vilma Aparecida de Pinho
Universidade Federal do Pará

Gabriela Nobre Bins
Rede Municipal de Porto Alegre
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Cristiano Neves da Rosa
Rede Municipal de Ensino de Alvorada-RS
Rede Municipal de Ensino de Gravataí-RS

Joe Gomes
Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro

Carlos Alex Martins Soares
Rede Estadual de Ensino do Rio Grande do Sul

AXÉ

As lutas anticoloniais no campo educacional, que muitas vezes foram silenciadas ou apagadas pelo sistema oficial, estão articuladas às lutas de grupos de trabalhos temáticos, associações de pesquisadoras/es e docentes que, nos congressos, seminários, cursos e palestras, usam como temas de estudo as questões que afetam diretamente os povos colonizados.

A exclusão do pensamento negro afro-diaspórico e das culturas indígenas, o silenciamento, a discriminação e a negação de suas histórias, culturas, identidades e, principalmente, o vilipêndio dos seus conhecimentos, através de um racismo epistêmico e do epistemicídio (GOMES, 2020; NOGUERA, 2014; CARNEIRO, 2005), constituem mazelas, as quais tornam imperativo o fomento de lutas antirracistas e a descolonização das propostas de currículo, dos grupos hegemônicos de pesquisa, de temas de congressos, palestras, cursos e seminários.

Com a área de Educação Física, isso não se apresenta de forma diferente. Desse modo, o presente texto se propõe a narrar três ações do processo de criação e implementação do Grupo de Trabalho Temático Relações Étnico-Raciais (GTT13) do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE). Este foi aprovado e oficialmente criado na assembleia do XXII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (Conbrace) e do IX Congresso Internacional de Ciências do Esporte (Conice) em 2021, realizada em formato remoto, por conta da pandemia de covid-19, e promovido pelo CBCE e pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

O GTT13 do CBCE foi gestado inicialmente em meio às discussões iniciadas durante a assembleia do dia 19 de setembro de 2019 no XXI Conbrace e do VIII Conice, realizado na cidade de Natal-RN. O curso do processo, então, é pensado com base em novas epistemologias e tem como objetivo expandir os debates e as reflexões acerca dos corpos insurgentes, realizando uma abordagem interseccional na Educação Física Escolar e de intervenção para/com as juventudes negras e indígenas e as políticas públicas existentes de Esporte e de Lazer. Também se propondo ao “Estudo das relações étnico-raciais identificadas em cenários da Educação Física, considerando aspectos históricos, políticos e sociais, por meio de distintas vias metodológicas e de análise” (CBCE, s/d).

Atualmente, o GTT13 possui a seguinte composição:

- Coordenação: Vilma Aparecida de Pinho (Universidade Federal do Pará-UFPA) como Coordenadora e Ivanilde Guedes de Mattos (Universidade Estadual de Feira de Santana-UEFS) como Coordenadora adjunta;

- Comitê Científico: Arliene Stephanie Menezes Pereira (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará-IFCE), Gabriela Nobre Bins (Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura de Porto Alegre-SEMED/POA), Josiane Cristina Climaco (Secretaria de Educação do Estado da Bahia), José Geraldo Soares Damico (Universidade Federal do Rio Grande do Sul-UFRGS), Rita de Cassia de Oliveira e Silva (Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ) e José Luiz dos Anjos (Universidade Federal do Espírito Santo-UFES);

- Comitê Científico Ampliado: Cristiano Neves da Rosa (Rede Municipal de Ensino de Alvorada-RS e Universidade Federal do Rio Grande do Sul-UFRGS), Ramon Matheus dos Santos e Silva (Universidade Federal do Espírito Santo-UFES), Pâmela Tavares Monteiro (Universidade Federal do Espírito Santo-UFES), Pedro de Oliveira Milagres Universidade Federal de Viçosa-UFV), Bruno Henrique de Paula (Universidade Federal do Espírito Santo-UFES) e Carlos Alex Martins Soares (Rede Estadual de Educação do Rio Grande do Sul).

Antes desse desfecho, durante os anos de 2019 e 2020, o coletivo, composto por pesquisadoras(es) que estudavam a temática da Educação Física e Relações étnico-raciais (EF-RER), desenvolveu ações que contribuíram para dar visibilidade, iniciar o debate sobre EF-RER e levar a uma posterior aprovação do GTT13. Por meio das mídias sociais (WhatsApp e Google Meet), buscou-se aproximar histórias, reconhecer as áreas de intervenção e fortalecer os movimentos e atividades que visavam promover o debate sobre a EF-RER e a importância de criação do referido GTT.

Exu abre caminhos: das articulações às reivindicações e ações

No Conbrace/Conice realizado no ano de 2019, um grupo de estudantes/pesquisadoras(es) foi impulsionado pela fala do professor José Geraldo Soares Damico. O pesquisador destacou o histórico eurocêntrico, higienista e eugenista da Educação Física brasileira e a lacuna presente na própria entidade científica, no tocante à ausência de um GTT que acolhesse especificamente as epistemologias e pautas negras e indígenas em uma das mesas do congresso. Com base nisso, iniciou-se um processo de proposição da criação do GTT da temática Étnico Racial.

Esse grupo foi procurando pesquisadoras(es) que estudavam a temática, a fim de apresentar na assembleia a proposição de criação do GTT. A assembleia aconteceu de forma acalorada, visto que alguns membros eram a favor da criação e viam a criação do GTT de forma positiva. Já outros membros elencavam diversas falas contrárias, como esvaziamento e perda de espaço para outros GTTs, em especial o GTT Corpo e Cultura.

O final deu-se “com a entrega de um manuscrito assinado por três proponentes (Anexo 1): Pâmela Tavares Monteiro (mestranda/UFES), Bruno Henrique de Paula (mestrando/UFMG) e Ramon Matheus dos Santos e Silva (graduando/UFES)” (CBCE, 2021a, p. 1), o qual continha um conjunto de argumentos que evidenciavam a relevância da criação do GTT nas instâncias do CBCE.

Ainda no mesmo ano, em 22 de novembro:

[...] um coletivo de associados/as endereçou uma carta ao Presidente do CBCE (Prof. Dr. Vicente Molina Neto), manifestando interesse em dar continuidade à proposição de criação do Grupo de Trabalho Temático Educação Física e as Relações Étnico-Raciais com base no entendimento de que existe demanda qualificada, no âmbito da produção científica brasileira, para aglutinar trabalhos em um grupo específico (CBCE, 2021a, p. 1)

Por meio disso, foi criado um grande grupo no Whatsapp (GT Relações Étnico-Raciais) para discutir e dar visibilidade às pautas acerca da temática étnico-racial e de criação do GTT. O CBCE também criou a comissão para avaliação da criação do GTT Educação Física e as Relações Étnico-Raciais do CBCE, com base na Portaria 02, publicada em 22 de abril de 2020. Tal comissão tinha por objetivo emitir um parecer sobre a criação ou não do grupo, sendo que a comissão fora revogada devido à Portaria 04/2020, de 15 de junho de 2020 (CBCE, 2020), a qual nomeava outros membros associados.

A comissão teve diversas reuniões ocorridas por meio do Google Meet, entre junho e setembro de 2020, e, por fim, emitiu seu parecer favorável à criação do GTT 13 (CBCE, 2021). Nesse ínterim e antes de ser emitido o parecer final da comissão, algumas ações foram realizadas para que se vislumbrassem e se notabilizassem as questões étnico-raciais, os(as) estudantes e os(as)

docentes que estavam engajados(as) no processo de criação do GTT de Relações Étnico-Raciais no CBCE.

Das encruzilhadas: ações táticas, publicização e visibilidade

Pensando com Simas e Rufino (2018), nossas ações precisavam possibilitar os encontros das encruzilhadas como campos de possibilidades, portanto, nossas ações, constituintes do processo para a criação e implementação do GTT Relações Étnico-raciais, constituíram-se como “táticas de resiliência que jogam com as ambiguidades do poder, dando golpes nos interstícios da própria estrutura ideológica dominante” (SIMAS; RUFINO, 2018, p. 14). Nossas ações são construções desses cruzos de enfrentamentos e transgressões ao colonialismo, assumindo posições comprometidas com “o combate ao cárcere racial (enclausuramento e desvio do ser) e às suas produções de injustiça cognitiva” (RUFINO, 2019, p. 11).

Assim, a primeira ação foi a *live* “(Des)encontros entre a Educação Física e Relações Étnico-Raciais”, realizada em 30 de junho de 2020, com participação de Beleni Salete Grandó (Universidade Federal do Mato Grosso-UFMT), Ivanilde Guedes de Mattos (UEFS), Josiane Cristina Climaco (Secretaria de Educação do Estado da Bahia), Pedro de Oliveira Milagres (Universidade de Campinas-Unicamp) e mediação de Vicente Molina Neto (UFRGS). A mesa teve como ementa o seguinte destaque:

Vivemos tempos onde as questões alusivas à temática das Relações Étnico-Raciais e o combate ao racismo estão fortemente em pauta. É preciso que a Educação Física enquanto área de conhecimento e as professoras (es)/pesquisadoras (es) se posicionem e continuem atualizando seus debates a partir dos acontecimentos e demandas sociais, tensionando o movimento não só da área, mas da sociedade como um todo. Diante destes aspectos, a *live* propõe reflexões acerca dos (des)encontros entre a Educação Física e as Relações Étnico-Raciais, assim como pensar possibilidades sobre o que fazer, que priorizem práticas mais equânimes, igualitárias e cidadãs¹⁹.

O professor Vicente Molina Neto, que na época era o presidente do CBCE, iniciou a *live* enfatizando que a comunidade da entidade estava interessada nas questões raciais e que a temática étnico-racial atravessava o debate do colegiado. Ainda lembrou as discussões iniciadas na assembleia do XXI Conbrace e IX Conice, que as consideraram de alta intensidade e que

¹⁹ Disponível no link: <https://www.youtube.com/watch?v=WVQ0xvO-I7Y>.

“aprovaram os estudos e tratativas por vistas a possível criação de um GTT com ementário específico sobre este tema”.

A *live* foi transmitida pelo canal do CBCE no Youtube, de maneira que o coletivo entendeu como exitoso o evento no formato virtual, acumulando, até o momento, 1.372 visualizações²⁰, com inúmeros questionamentos aos palestrantes, comentários acalorados e positivos acerca da criação do GTT 13 Relações Étnico-Raciais.

A segunda ação iniciou-se devido a discussões em reuniões virtuais pelo Google Meet e pelo grupo de Whatsapp, tendo início em março de 2021. Esta foi denominada de *1º Seminário de Educação Física e Relações Étnico-Raciais no âmbito do CBCE/Conbrace*. O evento virtual teve a seguinte ementa: “Estudo das relações étnico-raciais identificadas em cenários da Educação Física, considerando aspectos históricos, políticos e sociais, por meio de distintas vias metodológicas e de análise”.

O seminário foi organizado e protagonizado por professoras(es) e pesquisadoras(es) do território nacional brasileiro com vinculações acadêmicas, científicas e de trabalho em Universidades Federais e Estaduais, Institutos Federais de Educação, Redes Estaduais e Municipais de Educação, todos com interesse em uma Educação Física antirracista. O seminário foi estruturado para expor as desigualdades étnico-raciais na sociedade brasileira, especialmente nos âmbitos da educação, saúde e lazer. Naquele contexto, propôs-se a contribuir para a construção de conhecimentos relacionados às ciências do esporte.

Imagem 1 – Cartaz de divulgação do 1º Seminário de Educação Física e Relações Étnico-Raciais no âmbito do CBCE/Conbrace (2021)

²⁰ Visualizações contabilizadas em 22 de maio de 2023.

pôster nos Conbrace's/Conice's, com os materiais necessários de divulgação dos conhecimentos produzidos pela rede que se constitui.

Tal metodologia trouxe robustez aos processos de divulgação/enfrentamento das desigualdades. Busca-se a emancipação acadêmica das(os) jovens discentes da Educação Física brasileira; o fortalecimento do sentimento de pertencimento à sociedade científica da área, a fim de desenvolver estudos relacionados às populações negra e indígena; e a explícita denúncia de que a legislação vigente estava sendo desconsiderada.

Se analisarmos o momento político do país e as incertezas, angústias e medos vivenciados naquele momento pandêmico, transformado em genocídio pelo governo brasileiro, o seminário foi se constituindo como um forte movimento antirracista. Este proporcionou debates que raramente ocorrem nas escolas e no meio acadêmico e que eram, apesar de contemporâneos, extremamente necessários. Talvez por isso tenha obtido mais de 11 mil visualizações em debates que abordaram de maneiras diversas a EF-RER com a contribuição de palestrantes de todo o Brasil, conforme apontado no Quadro 1.

Destaca-se que a construção e as decisões do coletivo foram baseadas na Pedagogia eco-ancestral (Pedagogia da ancestralidade) de Trancoso e Oliveira (2020), na qual o grupo tem a honra de caminhar, priorizando o coletivo e valorizando aqueles que chegaram antes. A máxima efetivada pelos componentes é: ser as professoras e professores que não tivemos.

Quadro 1 – Cronograma do 1º Seminário de Educação Física e Relações Étnico-Raciais (2021)

Data	Mesa	Views
13/5	Educação Física e as relações étnico-raciais: reflexões sobre os campos de conhecimentos no âmbito do CBCE. Palestrantes: Vilma Aparecida de Pinho (UFPA/PPGEDUC), Ivy Guedes Mattos (UEFS) e Pamela Tavares Monteiro (LESEF/UFES). Mediador: Ramon Matheus dos Santos e Silva (LESEF/UFES).	2479
27/5	Cultura corporal de matrizes africanas: possibilidades na formação de professores/as de Educação Física. Palestrantes: Eduardo Vinícius Mota e Silva (UFC), Josiane Cristina Climaco (SME-BA) e Isabela Lima (SEDUC-Goiana). Mediadora: Vilma Aparecida de Pinho (PPGEDUC/UFPA).	1779
10/6	Educação Física e Decolonialidade. Palestrantes: Rita de Oliveira e Silva (UFRJ), Gabriela Nobre Bins (SME/POA) e Luiz Vitor de Castro (UEFS). Mediadora: Ivy Guedes (UEFS).	1549

24/6	Escolaridades e relações étnico-raciais: diálogos interculturais em Educação Física Escolar. Palestrantes: Marcelo Siqueira de Jesus (UFVJM), Hudson Pablo de Oliveira Bezerra (IFRN), Joe Gomes (SME/RJ), Antônio César Lins Rodrigues (IFSP). Mediadora: Arliene Stephanie Menezes Pereira (IFCE).	1264
1/7	Racismo, Capoeira e Educação Física. Palestrantes: Lindinalvo Natividade (PROPED/UERJ), Darlene Costa (GRAAC), Flora Margarida (SEDF/ECAINI) e Flávia Dayana Almeida Noronha (CLA/ELA-Secult/Goiânia). Mediador: Bruno Rodolfo Martins (SME/RJ).	754
8/7	Complexidade e legitimidade das culturas africanas e indígenas na Educação Física brasileira. Palestrantes: Arliene Stephanie Pereira (IFCE), Artemis Soares (UFAM) e Luciana Venâncio Neto (UFC e PPGEF/UFRN). Mediador: Luiz Sanchez Neto (UFC e PPGEF/UFRN).	1125
29/7	Culturas juvenis, políticas públicas e a Educação para as Relações Étnico-Raciais. Palestrantes: Cristiano Neves da Rosa (RME/Alvorada-RS, RME/Gravataí-RS e PPGPP-UFRGS) e Jorge Augusto Correa Ribeiro (PROPED/UERJ). Mediador: Marcelo Siqueira de Jesus (UFVJM).	552
12/8	O lugar da branquidade na vida e na formação de professores-pesquisadores de Educação Física. Palestrantes: Luiz Sanches Neto (UFC e PPGEF/UFRN), Luciano Nascimento Corsino (IFRS) e Willian Lazaretti da Conceição (UFPA). Mediador: Iury Castro (UFC).	832
26/8	Esportes, Saúde, Educação e Políticas Públicas na interface com as diferenças e desigualdade étnico-raciais. Palestrantes: Neilton Ferreira (Grupo de Estudos Olímpicos/USP), Carlos Alex Martins Soares (Rede Estadual de Ensino/RS) e Márcio Chagas da Silva (Asses. Parlamentar). Mediadora: Pamela Tavares Monteiro (LESEF/UFES).	430
2/9	Educação Física antirracista: olhares interseccionais sobre o corpo na escola. Palestrantes: Carolina Cristina dos Santos Nobrega (YLE- EDUCARE/PMSP), Izaú Veras Gomes (GEPPEEF/PBH) e Bruno Santana (UEFS). Mediadores: Leandro Rafael (UFMG)	613
Total de visualizações		11377

Fonte: Elaboração própria, 2023.

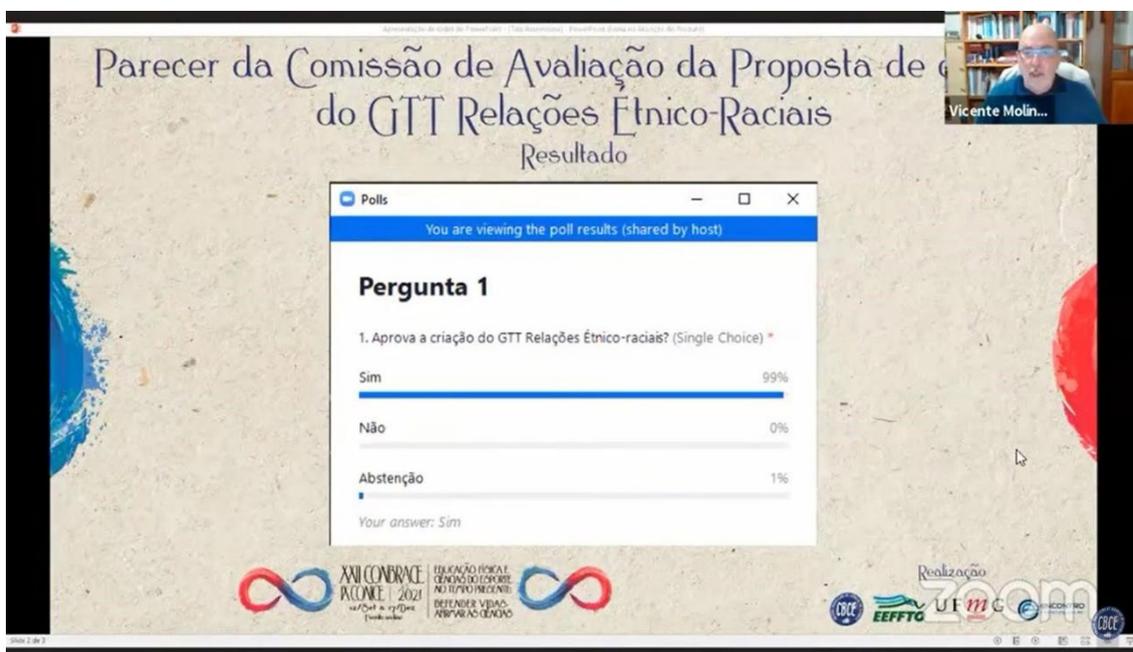
A terceira ação foi a gênese da ação afirmativa, representada pela distribuição de bolsas para pesquisadores(as) iniciantes negros/negras, quilombolas e indígenas com interesse na EF-RER; participantes do seminário e sem condições de se filiarem ao CBCE. Tal ação aconteceu concomitantemente ao seminário e cada candidato encaminhou uma carta de interesse contando sua história de vida e no curso de graduação em Educação Física, sugerindo temas de pesquisa relacionados a EF-RER.

Após isso, os estudantes participaram de uma entrevista virtual e os selecionados tiveram suas filiações no CBCE custeadas por integrante da organização do seminário. Os selecionados elaboraram, junto aos professores orientadores que custearam suas filiações, trabalhos a serem apresentados nas sessões do XXII Conbrace e IX Conice de 2021.

Por fim, o parecer da comissão para avaliação da criação do GTT Educação Física e as Relações Étnico-Raciais do CBCE foi publicizado no site do CBCE e os membros associados foram então convocados para a Assembleia Geral do XXII Conbrace e IX Conice, no 17 de

setembro de 2021, que aconteceu de forma virtual. Nela, uma das pautas seria a avaliação da proposta de criação do GTT Relações Étnico-Raciais (CBCE, 2021b). Na assembleia, a criação do GTT 13 foi aprovada com 99% dos votos e elencada pelo professor Silvan Menezes dos Santos (Universidade Federal de Alagoas-UFAL) como um “momento histórico do CBCE” (CBCE, 2021c).

Imagem 2 – Momento do resultado da votação favorável a criação do GTT 13



Fonte: Assembleia Geral do CBCE – Conbrace e Conice 2021.

O professor Vicente Molina Neto, presidente do CBCE, ainda enfatizou o resultado mencionado: “É um percentual que não deixa dúvidas sobre a vontade política do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte e de seus associados e as suas associadas” (CBCE, 2021c).

Ubuntu

O processo “civilizatório” eurocêntrico se organizou por meio da expansão territorial e da dominação dos povos originários após a invasão. Se olharmos em retrospectiva os últimos 500 anos, o que houve foi um violento massacre dos povos originários, encoberto pela falácia da “descoberta”. Não satisfeitos com a destruição da cultura e a resistência indígena, começaram a sequestrar e escravizar africanas(os) e trazê-los(as) para habitar terras desocupadas, ignorando a existência anterior dos povos que habitavam a América.

Dessa forma, não há como falar em “descobrimento”. O que houve foi um “encobrimento” por meio do violento massacre da população originária e de sua cultura, juntamente à imposição dos valores do norte ocidental. Assim, até a forma como a história é contada denota silenciamento. O termo “descobrimento” tem caráter eurocêntrico, tendo o europeu como centro dos acontecimentos históricos, não considerando o lado da população originária, cuja existência anterior à chegada dos europeus não interessa, e somente importará (mas não tanto) depois de esses povos serem colonizados, civilizados e evangelizados.

Esse *modus operandi* representa a perspectiva e a forma como a Europa conta suas bondades e o silenciamento da forma como modificaram o mundo nos últimos mil anos. Com a importação de “peças” para o trabalho árduo, a submissão passa a estratificar de modo hierarquizado a vida coletiva entre brancos e não brancos. Assim, os colonizadores criaram as condições para a materialização da estrutura escravocrata e a obtenção e a manutenção dos seus privilégios em todas as dimensões da vida, que se estende ao pós-abolição, aos dias atuais. “A raça é a invenção que precede a noção de humanidade no curso da empreitada ocidental, o estatuto da humanidade empregado ao longo do processo civilizatório colonial europeu no mundo é fundamentado na destruição dos seres não brancos” (RUFINO, 2019, p. 9).

Desse modo, no Brasil pós-abolição, surgem novos conceitos que recriam a permanência da população negra como submissa e subalterna, como a lei da vadiagem e, especialmente, a eugenia. Isso se soma ao pensamento hegemônico com seus desdobramentos até os dias de hoje, através do escamoteamento das contribuições e dos modos de ser, estar e se significar no mundo dos povos originários que tiveram seus territórios invadidos e saqueados, com a população praticamente extinta nestes 500 anos e que foi fortemente atacada com a recente intervenção destruidora do Estado brasileiro nos últimos quatro anos. Assim, essas populações foram e ainda são submetidas às sujeições, as epistemologias e práticas pedagógicas foram e ainda são conduzidas por meio da tradição e dos valores do colonizador, forjando concepções de sujeito individual e de corpo coletivo.

Quando endereçamos o olhar especificamente para a Educação Física, é imperativo colocar em relevo a sua colaboração histórica para tal projeto societário amparado nas teses de racialização da população indígena e negra, como ferramenta que negou e desqualificou as contribuições dessas populações para a formação da sociedade brasileira, demonizando seus modos, suas manifestações da cultura corporal de movimento, suas gestualidades, suas epistemologias.

Destarte, pode-se inferir o impacto da idealização de um grupo de pesquisadoras(es) negras e negros, que definiram ações que expusessem a relevância e a necessidade de incorporar a temática da EF-RER, associada às Ciências do Esporte, nos debates do CBCE. Assim, mobilizamos a

Direção Nacional do Colégio para que tornássemos nossa entidade científica pioneira na constituição de um grupo de trabalho temático sobre EF-RER, tornando-a disponível e engajada nas reflexões, debates, formação acadêmica e produção do conhecimento que gere proposições e ações de políticas antirracistas. Uma busca de construção de encruzilhadas na nossa área, ou de “suspender o céu” conforme nos instiga Krenak:

Cantar, dançar e viver a experiência mágica de suspender o céu é comum em muitas tradições. Suspender o céu é ampliar o nosso horizonte; não o horizonte prospectivo, mas existencial. É enriquecer as nossas subjetividades, que é a matéria que este tempo que nós vivemos quer consumir. Se existe também uma por consumir subjetividades – as nossas subjetividades (KRENAK, 2019, p. 32).

Finalmente, podemos dizer que este registro histórico é uma parcela ínfima do que vivenciamos entre 2019 e 2021 e o início de um novo ciclo a partir da constituição do GTT 13 Relações Étnico-Raciais, que terá outras histórias para contar. Destacam-se os mais de 50 trabalhos aprovados para o Conbrace que será realizado na cidade de Fortaleza/2023. Teremos muito trabalho pela frente e poderemos comemorar a primeira reunião presencial das(os) envolvidas(os) com o Seminário e dos membros do GTT 13, pois será o primeiro Conbrace com a participação de todas(os) constituindo, provavelmente, um dos maiores coletivos de professoras(es) negras(os) de Educação Física.

Referências

CARNEIRO, A. S. *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser*. 2005. 339 f. Tese (Doutorado em Educação) Programa de Pós-graduação em Educação, FEUSP, São Paulo. 2005.

COLÉGIO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE. *Portaria 04/2020 de 15 de junho de 2020*. 2020. Disponível em: https://www.cbce.org.br/upload/biblioteca/PORTARIA%2004_2020_comiss%C3%A3o%20GTT%20rela%C3%A7%C3%B5es%20%C3%A9tnico-raciais.pdf. Acesso em: 20 jun. 2023.

COLÉGIO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE. *Parecer*. 2021a. Disponível em: <https://public.cbce.org.br/uploads/611ea8c1e2d27Parecer-Comiss%C3%A3o-GTTEtnicos-Raciais.pdf>. Acesso em: 20 maio 2023.

COLÉGIO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE. *Edital 02/2021*. Convocação de Assembleia Geral Ordinária. 2021b. Disponível em: <https://public.cbce.org.br/uploads/611ea8c1e2d27Parecer-Comiss%C3%A3o-GTTEtnicos-Raciais.pdf>. Acesso em: 20 maio 2023.

COLÉGIO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE. *Assembleia Geral do CBCE-Conbrace e Conice 2021*. 2021c. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vT0kKmN-gcQ>. Acesso em: 19 jun. 2023.

COLÉGIO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE. *GTT 13 - Relações Étnico-raciais*. Disponível em: <https://www.cbce.org.br/gtt/gtt13-relacoes-etnico-raciais>. Acesso em: 22 mar. 2023.

COLÉGIO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE. *(Des)encontros entre a Educação Física e Relações Étnico-Raciais*. 1 vídeo (2 h, 27 min), 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WVQ0xvO-I7Y>. Acesso em: 19 jun. 2023.

GOMES, N. L. O movimento negro é a intelectualidade negra descolonizando o currículo. In: BERNARDINO-COSTA, J.; MALDONADO-TORRES, N.; GROSGOUEL, R. (Orgs.). *Decolonialidade e pensamento afrodiáspórico*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. (Coleção Cultura negra e identidades).

KRENAK, A. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

NOGUERA, R. *Ensino de filosofia e a Lei 10.639*. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Pallas, 2014.

RUFINO, L. *Pedagogia das Encruzilhadas*. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

SEMINÁRIO EDUCAÇÃO FÍSICA E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NO ÂMBITO DO CBCE/CONBRACE, 1º. *Mesa 1 – Educação Física e as Relações étnico-raciais: reflexões sobre os campos de conhecimentos no âmbito do CBCE*. 1 vídeo (2 h, 19 min), 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/live/ykcz_Ak5sUM. Acesso em: 17 jun. 2023.

SEMINÁRIO EDUCAÇÃO FÍSICA E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NO ÂMBITO DO CBCE/CONBRACE, 1º. *Mesa 2 – Cultura Corporal de Matrizes Africanas: possibilidades na formação de Professores/as de Educação Física*. 1 vídeo (2 h), 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rEDTIQamfe4>. Acesso em: 17 jun. 2023.

SEMINÁRIO EDUCAÇÃO FÍSICA E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NO ÂMBITO DO CBCE/CONBRACE, 1º. *Mesa 3 – Educação Física e decolonialidade*. 1 vídeo (2 h, 22 min), 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/live/wTKIU5wt2Ts>. Acesso em: 17 jun. 2023.

SEMINÁRIO EDUCAÇÃO FÍSICA E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NO ÂMBITO DO CBCE/CONBRACE, 1º. *Mesa 4 – Escolaridades e Relações Étnico-Raciais: Diálogos Interculturais em Educação Física Escolar*. 1 vídeo (1 h, 42 min), 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/live/l_393VkPE5w. Acesso em: 17 jun. 2023.

SEMINÁRIO EDUCAÇÃO FÍSICA E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NO ÂMBITO DO CBCE/CONBRACE, 1º. *Mesa 5 – Racismo, Capoeira e Educação Física*. 1 vídeo (2 h, 11 min), 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/live/yHWzl0Yi944>. Acesso em: 17 jun. 2023.

SEMINÁRIO EDUCAÇÃO FÍSICA E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NO ÂMBITO DO CBCE/CONBRACE, 1º. *Mesa 6 – Complexidade e legitimidade das culturas africanas e indígenas na Educação Física brasileira*. 1 vídeo (2 h, 08 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/live/z4EQ9aFyRhI>. Acesso em: 17 jun. 2023.

SEMINÁRIO EDUCAÇÃO FÍSICA E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NO ÂMBITO DO CBCE/CONBRACE, 1º. *Mesa 7 – Culturas juvenis, políticas públicas e a Educação Para as Relações*

Étnico-Raciais. 1 vídeo (2 h, 02 min), 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/live/-D2h67bKnv4>. Acesso em: 17 jun. 2023.

SEMINÁRIO EDUCAÇÃO FÍSICA E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NO ÂMBITO DO CBCE/CONBRACE, 1º. *Mesa 8 – O lugar da branquitude na vida e na formação de professores e pesquisadores de Educação Física*. 1 vídeo (2 h, 13 min), 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/live/CVmxOZ7rDnc>. Acesso em: 17 jun. 2023.

SEMINÁRIO EDUCAÇÃO FÍSICA E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NO ÂMBITO DO CBCE/CONBRACE, 1º. *Mesa 9 – Esportes, Saúde, Educação e Políticas Públicas - diferenças e desigualdade étnico-raciais*. 1 vídeo (2 h, 31 min), 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/live/9L-YpDjI_to. Acesso em: 17 jun. 2023.

SEMINÁRIO EDUCAÇÃO FÍSICA E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NO ÂMBITO DO CBCE/CONBRACE, 1º. *Mesa 10 – Educação Física Antirracista: olhares interseccionais sobre o corpo na escola*. 1 vídeo (2 h, 18 min), 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/live/CVmxOZ7rDnc>. Acesso em: 17 jun. 2023.

SIMAS, L. A.; RUFINO, L. *Fogo no Mato: a ciência encantada das macumbas*. 1. ed. – Rio de Janeiro: Mórula, 2018.

TRANCOSO, J. S. R.; OLIVEIRA, K. R. Pedagogia eco-ancestral: caminhos para (R)existência de infâncias negras. *@rquivo Brasileiro de Educação*, v. 8, n. 17, p. 10-26, 29 nov. 2020. Disponível em: https://bit.ly/trancoso_oliveira. Acesso em: 14 out. 2022.

PARA ALÉM DE PENSAR A INCLUSÃO E DIFERENÇA: MODOS DE ESTAR COM O OUTRO

*Cláudio Marques Mandarino*²¹

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

*Roseli Belmonte Machado*²²

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

*Graciele Massoli Rodrigues*²³

Universidade São Judas Tadeu

*Gilmar de Carvalho Cruz*²⁴

Universidade Estadual do Centro – Oeste

*Michele Pereira de Souza da Fonseca*²⁵

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Introdução

[...] meu objetivo tem sido elaborar uma história dos diferentes modos pelos quais os seres humanos são constituídos em sujeitos (FOUCAULT, 1995, p. 231).

Uma inquietude que, no decorrer dos 25 anos, neste Grupo de Trabalho Temático (GTT) acompanhou seus(suas) pesquisadores(as), foi o fato de estarmos, constantemente pensando nos modos de estar com o outro²⁶, e tomar essa responsabilidade profissional e afetiva, como um condutor das nossas condutas²⁷ acadêmicas. Pode-se entender que, desse modo fomos atravessados por uma experiência de si e que nela passamos a nos constituir como sujeitos de uma determinada prática, uma prática docente e investigativa que nos tornou quem somos hoje. Fazendo aqui um corte temporal, sem tomá-lo como um elemento fundante dos integrantes do GTT e sem afastar-se de um, *a priori*, histórico, o tornar-se foi um processo que esteve presente no ano de 1997, quanto

²¹ Coordenar adjunto do GTT na gestão 2009-2011 e 2015-2017.

²² Coordenadora adjunta do GTT na gestão 2019-2021 e Coordenadora do GTT na gestão 2021-2023.

²³ Coordenadora do GTT nas gestões de 2003-2005 e 2005-2007.

²⁴ Coordenador do GTT na gestão de 2013-2015 e 2015-2017.

²⁵ Coordenadora Adjunta do GTT na gestão 2021-2023.

²⁶ Lopes ao comentar sobre o outro nos explica que: pensar o que é dito, os movimentos, as materialidades sobre as quais os ditos se inscrevem e os saberes que dão as condições para dizermos coisas sobre nós, sobre o outro e sobre o que nos cerca, é condição para podermos inventar outras formas de fazer currículo e de ser na escola. No mesmo texto, a autora complementa: A linguagem que usamos para descrever as condições de vida que tem o outro é a mesma linguagem que usamos para descrever as condições que temos. Nosso olhar, nossas formas de narrar o outro e a nós mesmos, o espaço onde vivemos e onde vivem nossos alunos, as condições que temos e que nossos alunos possuem para viver, a importância que nós e que nossos alunos dão para a escola, são condições que determinam boa parte do que vivenciamos nas escolas.

²⁷ Utilizamos a expressão condução das condutas inspirados no filósofo Michel Foucault ao tratar do governo das condutas destacando que ela é uma “maneira como uma pessoa se conduz, à maneira como se deixa conduzir, à maneira como é conduzida e como, afinal de contas, ela se comporta sob o efeito de uma conduta” (p. 255). Foucault M. Segurança, território, população: curso dado no Collège de France (1977-1978). São Paulo: Martins Fontes; 2008.

o Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE) no Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte instituiu este GTT.

Dando um salto para 2022, no evento dos 25 anos dos GTTs, ocorrido em Belo Horizonte, entre os dias 17 e 19 de novembro, um dos relatos apresentados foi o da carta enviada pela Professora Kátia Euclides de Lima e Borges. A seguir, separamos um excerto do documento de duas laudas, para iniciarmos o propósito de trazer recortes dos 25 anos do GTT Inclusão e Diferença:

Ao olhar para trás, no meu percurso profissional, lembro-me da grande emoção que senti quando foi definida a inclusão do GTT Pessoas com Necessidades Especiais. Compartilho com vocês o motivo da minha emoção, naquela época, pois essa temática chegar a um GTT do CBCE era a garantia que as discussões sobre as pessoas com necessidades especiais no contexto da Educação Física e do Esporte, até então muito restrito a grupos acadêmicos específicos, iria ter uma penetração mais ampla entre os professores e demais profissionais da Educação Física e do Esporte, bem como conseguiríamos trazer para o debate acadêmico e científico as discussões que a floravam na sociedade brasileira sobre o assunto. Com a transformação do GTT Pessoas com Necessidades Especiais para GTT Inclusão e Diferença, sinto orgulho em constatar que aquela minha aposta de 1997 se concretizou, e já possui as bases sociais e políticas para continuar a luta que temos pela frente, no enfrentamento dos novos tempos que o país irá viver. Neste processo histórico da luta pelos direitos humanos no Brasil, registro que o acolhimento, do CBCE, a essa temática, no formato de GTT, foi fundamental para conseguirmos os avanços que hoje somos capazes de constatar no meio acadêmico da Educação Física e do Esporte. (BORGES, 2022).

Com base nesse excerto, presente na carta lida no evento, podemos fazer um recuo no tempo, embora o texto tenha sido escrito em 2022, para conhecermos aquilo que estava mobilizando a comunidade acadêmica do CBCE e se constituísse num GTT que problematizasse a experiências das culturas corporais de movimento relacionadas às pessoas com deficiência. No escrito da professora Kátia Borges, podemos entender que essa temática, quando chegou no CBCE, assumindo uma dimensão para além das discussões presentes em grupos específicos oportunizou, numa entidade que procurava e, ainda procura, colocar em questão os temas do presente, os temas que presente nos convoca a agir, um modo de ser agir em que emergiu *ethos* acadêmico, político e social. Podemos entender que, numa entidade crítica da Educação Física, a necessidade em amadurecer o debate sobre os temas contemporâneos e as políticas de inclusão, que emergiam num tempo de uma racionalidade neoliberal²⁸, criou as condições de possibilidade para que este GTT

²⁸ Pierre Dardot e Christian Laval (2016, p. 17) comentam que, a “[...] racionalidade neoliberal tem como característica principal a generalização da concorrência como forma de conduta e da empresa como modelo de subjetivação. O termo *racionalidade* não é empregado aqui como um eufemismo que nos permite evitar a palavra ‘capitalismo’. O neoliberalismo é a *razão do capitalismo contemporâneo*, de um capitalismo desimpedido de suas referências arcaizantes e plenamente assumido como construção histórica e norma geral de vida. O neoliberalismo pode ser definido como o conjunto de discursos, práticas e dispositivos que determinam um novo modo de governo dos homens segundo o princípio universal da concorrência?”. – Introdução à edição inglesa.

pudesse passar pelo processo de amadurecimento pelo qual todos(as) os seus integrantes contribuíram, por meio de diferentes epistemologias e concepções teórico-metodológicas.

Após esta introdução, destacamos que o texto será organizado trazendo os momentos em que todos(as) os seus pesquisadores(as) se reuniam para apresentar suas pesquisas nos eventos do Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e Congresso Internacional de Ciências do Esporte (Conbrace/Conice).

O primeiro modo de estar com o outro – Educação Física/esporte e portadores de necessidades especiais

A retomada no tempo pelos olhares atuais nos leva e eleva para um local privilegiado de comemoração de um percurso vivo que ainda delineia pegadas, mas, hoje, com rastros que transbordam as margens dos caminhos percorridos. Esse local de fala permite voltar no tempo da jovialidade das lutas por espaços, da ocupação de espaços, reconhecimento dos espaços e, quiçá, protagonismos em diferentes espaços. E assim vem sendo!

São nos meados dos anos de 1990 que as janelas agora se abrem. Com pouca luminosidade ainda, mas é no alcance de algumas memórias que revoamos um campo tecido. Era tempo de se pensar e repensar os tratos e distratos com as pessoas com deficiência que nosso Brasil desenhava. Momento também que a Educação Física se incomodava com seus rumos até então traçados e tensionava discussões sobre a produção de conhecimento da área, sua autonomia epistemológica, a consolidação da pesquisa e a legitimação no sistema de ensino formal como bem apresentam Bracht (1997); Hallal e Melo (2016).

Os movimentos fora do país para o processo de integração da pessoa com deficiência estavam impulsionados pelos arranjos socioeconômico e pedagógico, advindos de fortes tensões promovidas por familiares dessas pessoas, profissionais e pessoas com deficiência que pressionavam diferentes estruturas organizacionais e governamentais para reconhecerem os espaços dessa população. Diversas participações brasileiras, como o governo e os pesquisadores, foram sustentando um movimento que voltariam nossos olhos para o reconhecimento das singularidades.

Havia diferentes ações naqueles tempos, que implicavam em alterações terminológicas em relação à pessoa com deficiência (deficientes, portadores de deficiência, pessoa com necessidades especiais...) e com os ambientes (ambientes para excepcionais, ambiente de integração, menos

restritivo...) que, em comum, tinham a intencionalidade de rever as relações “sub existentes” para com as pessoas com deficiência. Sasaki (2002a) nos traz uma preocupação eminente com o uso de diferentes termos dirigidos às pessoas com deficiência. Notadamente, a preocupação terminológica condensa o contexto e as relações que se processam em tempo e espaço específico que são expressos na linguagem e refletem a organização e a construção social em um dado tempo.

Ora, tomados(as) pela “causa” muitos(as) de nós, que já atuavam profissionalmente com pessoas com deficiência, fortaleciam-se com as possibilidades de expor as experiências virtuosas com as práticas pedagógicas nas instituições. Assim, pessoas como nós, jovens professores de educação física, juntavam-se aos professores e pesquisadores que empunhavam os primeiros eventos na Educação Física e na Educação para aprender, compartilhar e iluminar nosso cotidiano docente. Falamos aqui do Simpósio Paulista de Educação Física Adaptada (Universidade de São Paulo – USP – 1986) e Associação Nacional dos Pesquisadores em Educação (Anped – desde 1978) que movimentavam as discussões relacionadas ao processo de ensino aprendizagem com as pessoas com deficiência. É claro que outros eventos aconteciam sob a ótica institucional, tal como eventos da Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais (Apaes).

Contudo, é nesse cenário que destacamos que fomos inseridos nos diálogos com o outro, com os Outros. Nossa relação com as pessoas com deficiência e com as discussões sobre elas (naquele momento) vieram em tons de desbravamento de espaços e lutas, como já mencionado nesse texto. Foram tempos de mostrar o que fazíamos, relatar as possibilidades e provar que seria necessário demarcar e garantir que a pessoa com deficiência tivesse acesso à cultura corporal pela Educação Física. É interessante registrar que muitas práticas ainda se realizavam com profundo reconhecimento dos aspectos biopsíquicos da pessoa com deficiência, enfatizando os aspectos corpóreos e individuais, e desconsiderando o ambiente e sua interface no processo de constituição da deficiência, ou seja, a complexa dinâmica das condições socioambientais era desdenhada. Era dito muito sobre as deficiências e pouco sobre as pessoas. Mesmo que fortes vieses biológicos circulante nas práticas pedagógicas com essa população reinasse, a nossa perseverança para com o *Outro*, levou-nos a buscar no Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE) mais um local para que pudéssemos solidificar as ações da Educação Física com pessoas com deficiência.

Dentre muitos dos movimentos que participamos, circulamos pela criação da Sociedade Brasileira de Atividade Motora Adaptada – Sobama (1995), que emergiu alavancando a Educação Física e Esportes adaptados no país. Sobre todo esse layout, as relações com o *Outro* foram se constituindo.

Marcamos aqui a criação do GTT Educação Física para Portadores de Deficiência do CBCE que propôs nuclear as discussões voltadas às pessoas com deficiência. Foi uma demarcação

de suma importância para muitos dos avanços em pesquisas que abarcavam a temática, pois havia distanciamentos entre o lidar com pessoas com deficiência e ações para com e juntos com pessoas com deficiência, que notadamente nasceram nesse espaço.

O papel sociopolítico das discussões fomentado no CBCE se adensou aos propósitos acadêmicos científicos e reservou ao GTT a responsabilidade de avançar em ações que pudessem congregiar esforços para sairmos do espaço de luta para uma ocupação de espaços. Ocupar espaço significou fazer valer a necessidade de encontros e delineamento de ações entre pesquisadores com interesses comuns que buscassem agir sobre os seus alcances para intervir para além da territorialização da discussão.

Embebidos e nutridos pelos movimentos brasileiros de mudança da legislação de Diretrizes e Bases da Educação, que clareou possibilidades inclusivas para pessoas com deficiência pela abordagem traçada na menção a esse público, o GTT formou elos entre os que por ali passavam (e ainda passam) e norteia, formula decisões e planeja articulações entre pares, cursando uma trajetória perceptível sobre os paradigmas que permeiam a área da Educação Física com pessoas com deficiência. Nota-se que as pesquisas rumaram suas preocupações com as deficiências para ênfases nos aspectos teóricos políticos metodológicos, impulsionadas pela democratização do ensino com estímulo aos processos de integração – inclusão, valorização do esporte adaptado – paralímpico com subsídios específicos e pesquisas que focam na justiça social por diferentes grupos de estudos de extensão universitária e de pesquisa, autores brasileiros e estrangeiros, refletindo nas discussões e nos estudos apresentados no GTT Inclusão e Diferença, conforme apontado por Rodrigues (2020).

O deslocamento para inclusão e diferença

A palavra deslocamento, presente no subtítulo da seção, tenta traduzir as relações de força que, no decorrer do tempo, fazem com que determinados discursos e seus enunciados passem a não ter a mesma produção de verdades que antes estavam presentes. No que tange aos modos como as pessoas com deficiência eram traduzidas, apareciam saberes que falavam das suas faltas, incompletudes etc., o giro para Inclusão e Diferença passa a trazer para o centro dos interesses investigativos, no GTT, problematizações acadêmicas que estavam em emergência, face aos movimentos que convocavam novos olhares para as pesquisas. De uma forma geral, os nomes inclusão e diferença descentraram a relação dos estudos que tratavam das pessoas com deficiência no âmbito das ciências do esporte. Nessa mesma perspectiva, fizeram uma abertura para que transitassem temas sobre gênero e relações étnico/raciais nos trabalhos de comunicação oral e

pôster dos eventos do Conbrace/Conice. No excerto a seguir, apresentamos alguns registros que foram destacados no relatório de 2009, ano em que houve a mudança de nome do GTT em Salvador/Bahia.

O desenvolvimento do GTT Inclusão e Diferença no XVI CONBRACE vem se ampliando cada vez mais, principalmente, pelo fato de, neste ano, ocorreu a mudança da ementa deste GTT e, por consequência, do nome, Pessoas Portadoras de Necessidades Especiais, para “Inclusão e Diferença”. No entendimento do grupo participante, neste congresso, esta modificação possibilitou-nos pensar o trato com o conhecimento a partir de estudos que não abordassem, somente, as pessoas com “deficiência” e sim todas aquelas que se encontram a margem do que socialmente determinou-se no binarismo, normal/anormal. No decorrer da semana do XVI CONBRACE e III CONICE foram apresentados trabalhos que tratavam, na sua maioria, da inclusão dos alunos com necessidades educacionais especiais e, os demais trataram, de temas como o corpo e saúde mental, identidade e diferença, acessibilidade, estratégias de ensino para Alunos com Necessidades Educacionais Especiais, questões patológicas, instituições especializadas, gênero, atletas de alto rendimento. Neste sentido, pode-se identificar que, junto a estes temas estavam presentes campos de conhecimento relacionados aos estudos culturais, teoria crítica, pós-modernidade, que buscaram nos estudos da educação, filosofia, antropologia e sociologia outras possibilidades para interpretar os desafios que estão postos no GTT Inclusão e Diferença. [...]. A reunião de Avaliação do GTT Inclusão e Diferença ocorreu no dia 24 de setembro sendo coordenada interinamente por Cláudio Marques Mandarino, tendo em vista a ausência do coordenador Atos Prinz Falkenbach. Para além da pessoa do coordenador interino, contamos com a presença dos seguintes colaboradores: Admilson Santos, Maria das Graças C. Silva de Sá, Graciele Massoli Rodrigues, Sonia Maria Toyoshima Lima, Marlini Dornelles Lima, Carla dos Reis Rezer, José Francisco Chicon, Valéria Manna Oliveira, Gilmar de Carvalho Cruz, Diana Martins Tigre, Cláudia Barsand de Leucas e Vanessa Marocco. (MANDARINO, 2009).

Podemos olhar/ler o registro que foi apresentado e perceber que o processo de deslocamento do GTT Inclusão e Diferença anunciava modos outros de se relacionar com os saberes e narrativas desse outro ou outros que tanto estavam presentes na produção discursiva das pesquisas. Cabe, aqui, trazer o documento que, no ano de 2018, foi encaminhado para a Direção Nacional do CBCE solicitando a alteração do seu nome.

Ao defendermos o nome Inclusão e Diferença, entendemos que o trato com o conhecimento terá como dimensão estudos que não abordem somente, as pessoas com “deficiência”, mas para todas as pessoas. Entendemos, também, que ao escolher a palavra diferença junto a inclusão, fazemos um deslocamento daquele lugar que está na anormalidade, falta, oposição binária (normal/diferente). A diferença, da forma como estamos propondo, tem um potencial de resistência, tensão, para desacomodar e ampliar (não reduz nem nega conhecimentos que são encaminhados, atualmente, para o GTT - 12), o nosso olhar para outros contextos de investigação. Neste sentido, pretende-se sair da questão patológica, da “deficiência”, que fixa uma identidade na pessoa e deixa perceber as suas múltiplas identidades. O GTT Inclusão e Diferença permitirá o debate sobre os sentidos, resistências que se produzem na contemporaneidade considerando a inclusão/exclusão presentes na Sociedade, Escola e Ed. Física.

Neste sentido, a partir do referencial das ciências sociais, humanas e biológicas o GTT, acolherá trabalhos em que pessoas posicionadas nas suas múltiplas identidades de classe social, econômica, raça/etnia, gênero, religiosidade, com necessidades especiais, etc., são significadas e produzidas (FALKENBACH *et al.*, 2009).

Novamente, a inquietação, dos integrantes do GTT, que tínhamos comentado no início do texto, a carta da Profa. Kátia Borges e as condições de possibilidade que a seção anterior nos apresentou estiveram presentes na defesa da alteração do nome do GTT. Os impactos dessa mudança/deslocamento permitiram interlocuções com outros GTTs, que passaram a ocorrer a partir do ano de 2011 quando montamos uma mesa conjunta o GTT Movimentos Sociais e em 2013, como trazíamos a temática a inclusão escolar ocorreu uma mesa-temática composta pelo GTT – Escola e pelo GTT – Movimentos Sociais, tendo como tema a “Educação escolar: diferenças, formação e prática docente”. Como muitos trabalhos sobre gênero estavam circulando desde o ano de 2009, em 2013 foi criado o GTT Gênero.

A consolidação e a chegada de novos integrantes

Não obstante, as condições objetivas que nos envolveram no período de 2013 a 2017, realizamos razoável trabalho. Chamou-nos a atenção a boa qualidade dos trabalhos apresentados nos Conbraces realizados nesse interstício. O alargamento do tempo para apresentação dos trabalhos pode ter colaborado para tanto. No entanto, isso implicou na redução do número de comunicações orais. Necessário seguir na reflexão a esse respeito. Um avanço importante foi a compreensão de que o GTT traduz um trabalho coletivo e, portanto, a mobilização de cada um é fundamental. A projeção, ininterrupta, de cada biênio por vir, passo a passo, um dia após o outro, é imprescindível para que cada reunião seja ainda mais proveitosa, para cada um de nós, para nosso coletivo e para o campo da Educação Física.

O GTT Inclusão e Diferença é parte de um todo em movimento, em busca de evolução acadêmico-científica implicada no desenvolvimento consistente do campo de intervenção profissional e de conhecimento científico nomeado Educação Física. A considerar que a organização de ações realizadas, tanto no que se refere ao seu desenvolvimento interno quanto a sua articulação com o CBCE e demandas sociais como suas atividades de competência, cabe destacar, entre os anos de 2013 e 2017, o aprimoramento do processo de gestão colegiada e o fortalecimento do planejamento estratégico e da avaliação circunscritos ao GTT. Indicou-se à época, na condição de demandas internas, a potencialização de comprometimento de pesquisadores

com o GTT, assim como a ampliação e aprofundamento do(na) relacionamento intra e interinstitucional.

Percebemos que, entre os anos de 2013 e 2015, o avançar no que diz respeito ao relacionamento intra GTT não foi uma tarefa fácil. As condições objetivas de trabalho findam por nos assoberbar de tal maneira que o diálogo interno, imprescindível ao desenvolvimento do GTT, torna-se por vezes impensável. Desse modo, principalmente os objetivos relacionados às dimensões organizacional-institucional e acadêmico-científica não foram realizados a contento. Merecem destaque os aspectos de ordem acadêmico-científica que se manifestaram contundentemente por ocasião do momento de avaliação dos trabalhos submetidos ao GTT. Foram 45 trabalhos divididos em 23 comunicações orais e 22 pôsteres. Foram aprovados 11 e 15 trabalhos, respectivamente. Todavia, o destaque nesse processo fica para as divergentes, e em alguns casos paradoxais, perspectivas epistemológicas, teóricas e metodológicas sustentadoras da avaliação individual e coletivamente realizada. Esse aspecto – do rigor acadêmico-científico – sugere ser central para fortalecimentos interno e externo tanto do GTT quanto do próprio CBCE. É possível que essa dimensão acadêmico-científica impulse demandas internas com repercussão organizacional-institucional. Essa discussão sobre avaliação esteve nos relatórios de gestões anteriores (2009-2011 e 2011-2013). Na tentativa de contribuir para o aprimoramento do rigor acadêmico-científico e, seguindo recomendação anterior (Relatório 2009-2011), ampliou-se o tempo de apresentação de comunicações orais para 20 minutos, acrescidos de mais 10 minutos para o debate. Portanto, cada comunicação oral terá como tempo total (apresentação mais discussão) 30 minutos. Essa decisão implicou na redução da quantidade de trabalhos aprovados e impõe o amadurecimento e refinamento dos e nos critérios de avaliação, assim como a devida reflexão teleológica no interior do GTT. A esse respeito, configuraram-se como sugestões-recomendações de interesse: a) assumir e definir rigor acadêmico-científico na avaliação de sua produção como princípio constituinte/constitutivo do próprio GTT; b) promover articulações com instituições externas ao CBCE (associações científicas, centros de pesquisa, órgãos governamentais etc.), a fim de incrementar a relevância social de sua produção. De qualquer modo, a despeito da restrição financeira a nos acompanhar ao longo desse período, foi possível participar do V Fórum de Pós-Graduação em Educação Física em agosto de 2014 na cidade de Vitória, no Espírito Santo. Na ocasião, definiu-se como demanda do CBCE a elaboração de uma espécie de estado da arte dos GTTs que o compõem. No caso do GTT Inclusão e Diferença, elaborou-se, por meio da temática proposta (Pós-Graduação em Educação Física: o estado da arte no GTT Inclusão e Diferença), o texto *Entre Trabalho e Ciência, Inclusão e Diferença: é a Arte do todo parte?* Publicado, em 2015, como capítulo de livro organizado pela Diretoria Nacional do CBCE. Também em 2014 foi possível

tomar parte do Congresso Sul-Brasileiro de Ciências do Esporte, realizado em Matinhos no Paraná, por intermédio da coordenação dos trabalhos relacionados ao nosso GTT. A referida coordenação foi efetuada pelo professor Claudio Marques Mandarino. Cabe destacar, ainda, a realização, ao longo do XIX Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e VI Congresso Internacional de Ciências do Esporte, de mesa conjunta com o GTT Lazer e Sociedade sobre o tema *Territorialidades e sociabilidades urbanas: o lazer como exercício de cidadania e inclusão social*. Houve também mesa interna que discutiu *O Esporte no contexto da inclusão e diferença: de conteúdo caracterizador do campo a fenômeno socioeconômico*. Essa mesa interna atende a demanda já há algum tempo apontada como necessária às reflexões do GTT Inclusão e Diferença. No que tange ao Prêmio de Literatura Científica do CBCE, a indicação realizada pela coordenação do GTT levou em consideração, além dos critérios gerais de avaliação sugeridos pela Comissão Organizadora do Conbrace 2015, os aspectos originalidade e consistência teórico-metodológica. A seguir, a ação realizada nos anos de 2010 e 2012, publicou-se terceiro livro com produção de membros do GTT (CHICON, J.F.; RODRIGUES, G.M. *Ação profissional e inclusão: implicações nas práticas pedagógicas em Educação Física*. Vitória - ES: Editora da UFES). Essa foi uma contribuição de indubitável interesse ao campo da Educação Física, tanto em nível acadêmico quanto profissional. Em mais um esforço para potencializar ações coletivas de nosso GTT realizou-se a pesquisa *Formação Continuada, Educação Física e Inclusão: gestão em foco* (coordenada pelo professor Chicon), que mobilizou integrantes do GTT, vinculados a instituições de ensino superior localizadas nos Estados do Espírito Santo, do Paraná e de São Paulo.

A considerar distintas perspectivas de ordem epistemológica, teórica e metodológicas reitera-se a necessidade de elaboração de síntese coletiva, com vistas ao aprimoramento do rigor acadêmico-científico referente à avaliação no âmbito de nosso GTT. Sugestões emanadas desse período: aproximação de Secretarias Estaduais com vistas à obtenção de apoio para organização de ações e ampliação de associados; discussão junto à Diretoria Nacional sobre os atuais benefícios para associados do CBCE no que diz respeito à relação custo/benefício decorrente do pagamento de anuidade; disponibilização de nosso GTT junto ao Conbrace a fim de contribuir de persistentes contradições internas que repercutem nas condições de acesso de pessoas que apresentam demandas específicas de deslocamento e comunicação, por exemplo. A inscrição no Conbrace, via SOAC, e as barreiras arquitetônicas nos locais de realização de Conbrace's; interlocução com outros GTTs; discussão sobre trabalhos nos Conbrace's/Conice's (relatos de experiência resumos simples e expandidos ou trabalhos completos).

Quando nos reportamos aos anos de 2015/2017, percebemos que as condições objetivas de trabalho em nossas instituições, em nosso país, interferiam num adequado diálogo interno, imprescindível ao desenvolvimento do GTT. Desse modo, principalmente os objetivos

relacionados às dimensões organizacional-institucional e acadêmico-científica seguem a ser realizados da melhor maneira possível, diante das condições acima mencionadas. Segue a merecer destaque os aspectos de ordem acadêmico-científica que se manifestaram contundentemente por ocasião do exercício avaliativo decorrente dos trabalhos submetidos ao GTT. Foram 61 trabalhos no total, com 15 resumos expandidos e 23 resumos simples aprovados.

O destaque nesse processo de avaliação foi, uma vez mais, a divergência expressa nas perspectivas epistemológicas, teóricas e metodológicas por ocasião dos pareceres realizados. O rigor acadêmico-científico é central para fortalecimento interno e externo, tanto do GTT quanto do próprio CBCE. Nenhum problema quanto às salutares divergências mencionadas. Contudo, a carência de síntese consequente a essas divergências fragiliza sobremaneira as ações pretensamente coletivas de nosso GTT.

Cumpre reiterar que essa discussão sobre *avaliação* nos acompanha desde relatórios de gestões anteriores (2009-2011; 2011-2013; 2013-2015). Para contribuir no aprimoramento do rigor acadêmico-científico, e seguindo recomendações e práticas anteriores (Relatórios 2009-2011 e 2013-2015, respectivamente), preservou-se ampliação dos tempos/espacos de apresentação/debate nas comunicações orais. Essa decisão segue a nos provocar o amadurecimento e refinamento de perspectivas e critérios avaliativos, sobretudo se assumirmos a avaliação como um momento de criação (NIETZSCHE, 2008).

Renova-se, pois, a título de recomendação de interesse para o desenvolvimento do GTT, a assunção e a definição do rigor acadêmico-científico na avaliação de sua própria produção como princípio constituinte/constitutivo, além da insistência na promoção de articulações com instituições externas ao CBCE (associações científicas, centros de pesquisa, órgãos governamentais etc.) a fim de incrementar a repercussão social de sua produção.

No ano de 2016, o GTT Inclusão e Diferença participou do VIII Congresso Sul-Brasileiro de Ciências do Esporte, realizado na Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), em Criciúma/Santa Catarina, por intermédio da coordenação dos trabalhos relacionados ao nosso GTT. A referida coordenação ficou sob a responsabilidade do professor Leandro Silva Vargas.

A pesquisa *Formação Continuada, Educação Física e Inclusão: gestão em foco* (coordenada pelo professor José Francisco Chicon), que mobiliza integrantes de nosso GTT, vinculados a instituições de ensino superior localizadas nos estados do Espírito Santo, do Paraná e de São Paulo foi concluída no ano de 2016, com a expectativa de publicação de seus resultados ao longo do ano corrente.

A seguir, na esteira dos livros publicados em 2010 e 2012 o professor José Francisco Chicon e a professora Graciele Massoli Rodrigues organizaram mais um livro, publicado no ano em curso,

com textos de autoria de membros de nosso GTT (CHICON; RODRIGUES, 2017). Cabe aqui, uma vez mais, registrar agradecimento e reconhecimento pelo esforço por eles envidado na disseminação da produção acadêmico-científica de nosso GTT, com vistas ao enriquecimento, tanto acadêmico quanto profissional, circunscritos ao campo da Educação Física. Também no ano de 2017 foi publicado o dossiê *Educação Física escolar no contexto da inclusão e diferença* (DOSSIÊ, 2017), no periódico *Práxis Educativa* (na época com classificação A2 no Qualis periódicos da Capes na área da Educação), inspirado em nosso GTT e que contou com a participação de seus integrantes na condição de autores de artigos, pareceristas e editor convidado.

Um olhar para os desafios do presente

Os tempos presentes são desafiadores em distintos sentidos. Por um lado, há a dificuldade de se analisar aquilo que vivemos e, por outro, há a vivência da situação brasileira política que está numa difícil senda. Estar na condução do GTT Inclusão e Diferença nos últimos dois mandatos foi instigante para a gestão.

No segmento 2019-2021, o coordenador Leandro Vargas e a vice-coordenadora Roseli Belmonte Machado, viveram a pandemia/sindemia covídica²⁹ e o início de um governo brasileiro que virava as costas para processos inclusivos ora conquistados. Acreditar que, apesar do contexto, precisávamos continuar na luta pelo coletivo, pelo comum e pela potência do outro foi possível pela constituição subjetiva de cada integrante do Comitê Científico do GTT Inclusão e Diferença, os quais endossaram distintas manifestações em favor do outro.

Alguns pensadores contemporâneos buscaram consolidar uma análise desse presente. Para eles, temos vivido uma intensificação de um estado de guerra de uma forma de vida neoliberal. Há alguns anos recentes, estávamos vivendo, no Brasil, o que compreendemos como uma governamentalidade neoliberal que, dentre diferentes pilares, acionava que todos deveriam estar inseridos no jogo econômico, embora em condições distintas, tendo como regra a “não-exclusão” desse jogo econômico (FOUCAULT, 2008).

Tal racionalidade, que procurava uma inclusão econômica, acabava trazendo visibilidades a distintos sujeitos, inserindo as pautas e reivindicações de minorias na ordem social e educacional. Todavia, é preciso dizer que as mudanças políticas que foram vividas no Brasil em anos recentes, tornaram essa agenda de políticas de inclusão algo que parecia estar sendo eliminado. Começamos

²⁹ Alfredo Veiga-neto utiliza este neologismo à palavra pandemia e comenta que: “Ela encerra o conceito criado pelo antropólogo-médico estadunidense Merrill Singer, na década de 1990, para designar as combinações sinérgicas entre a saúde de uma população e os respectivos contextos sociais, econômicos e culturais, aí incluídos os recursos disponíveis (hospitais, ambulatórios, medicamentos, especialistas etc.) (p. 4).

a assistir a ações, comentários, discursos e manifestações do Governo Federal em favor da exclusão dos diferentes sujeitos. Para Maurizio Lazzarato, “a eleição de Bolsonaro para presidente do Brasil marca uma radicalização da onda neofascista, racista e sexista que assola o planeta [...], gerando uma lógica de confronto, reintensificando guerra de classe, de raça e de sexo, que é, desde sempre, o fundamento do capitalismo” (LAZZARATO, 2019, p. 37). Wendy Brown (2019) ao analisar a ascensão da extrema direita, nos mostra como o neoliberalismo e o neoconservadorismo se articularam e produziram práticas e uma moralidade que precisa ser protegida. Essa proteção, de alguns – marcados por uma hegemonia branca, masculina e cristã – mobilizada por um discurso de liberdade, produziu formas de ataque à democracia. Diante disso, estávamos vendo uma série de produção de inimigos diante de culturas, situações e valores que fogem a uma pretensa hegemonia branca, hétero e cristã. Assistimos a uma produção de exclusão e de eliminação de sujeitos por questões étnico-raciais, de gênero e de outros marcadores de uma diferença considerada negativa, inclusive para pessoas com deficiência. Um exemplo disso foi a promulgação, em 2020, pelo então presidente, do decreto nº 10.502, de 30 de setembro de 2020, que buscava instituir a Política Nacional de Educação Especial: Equitativa, Inclusiva e com Aprendizado ao Longo da Vida. Uma política que, ao retomar a ênfase em instituições que não são objetos de uma escola inclusiva, retrocedia nos processos de políticas públicas na busca de uma escola plural, digna e acessível a todos.

Diante disso, o nosso grupo de trabalho, atento ao desenvolvimento, garantia e manutenção dos direitos das pessoas com deficiência, especialmente no tocante aos direitos à educação, ao esporte e ao lazer, posicionou-se contrário a tal política, elaborando um manifesto que compôs com outras manifestações da nossa sociedade. Entende-se que inclusão escolar pressupõe visibilizar a voz de todas as pessoas e o pretendido decreto não condizia com as políticas de educação inclusiva em prol de uma escola pública. Ademais, no intuito de unir forças para resistir aos momentos que visavam à exclusão do outro no Brasil, este grupo de trabalho promoveu seminário online para debater a inclusão no cenário contemporâneo, além de participar de publicações que visavam ampliar essa discussão nos distintos campos.

Mesmo ainda vivendo a pandemia da covid-19, conduzida por um governo negacionista, imerso numa crise política, social e sanitária, o avanço da gestão 2021-2023, com a coordenação das professoras Roseli Belmonte Machado e Michele Pereira de Souza da Fonseca, foi permeado pela esperança de que mudanças necessárias fossem construídas no âmbito político brasileiro.

Ainda estávamos entendendo e assistindo que as políticas fomentadas recentemente se aliavam a uma visão retrógrada do outro, pautada por um processo de normalização dos corpos

que, ao não se enquadrarem, poderiam ser expulsos, excluídos. Uma forma de despotencializar a diferença, fator preponderante para este grupo de trabalho.

Nessa perspectiva, como forma de consolidar e manter nossas discussões e esperanças, o GTT partiu para uma organização de uma pesquisa coletiva, o Observatório da Inclusão e Diferença, ainda em implementação, como forma de dar visibilidades às pesquisas no campo da educação, esporte, saúde, lazer e outros, que se preocupam com potencializar o coletivo a viver a diferença. Ademais, iniciamos um processo de revisão e consolidação da proposta de nossa ementa, a fim de equalizar nossos debates em prol da inclusão.

Com os rumos mais esperançosos, no sentido de viver a vida coletiva e a diferença trazida pelas eleições ao Governo Federal do Brasil em 2022, temos nos concentrado em acompanhar tais reconfigurações do país, almejando ações mais inclusivas e democráticas, com intensa participação da sociedade civil.

Considerações Finais

As reflexões presentes neste capítulo retratam parte da história de construção do Grupo de Trabalho Temático Inclusão e Diferença em 25 anos, inquietados(as) pelos modos de estar com o outro. As transformações construídas coletivamente ao longo desse tempo consolidam o GTT como um espaço que acolhe relevantes preocupações sociais e ecoa a busca pela denúncia e combate às exclusões históricas.

A inclusão de pessoas com deficiência no âmbito escolar e fora desse ambiente foi o mote que deu início aos encontros exploratórios dos caminhos que percorreríamos, sobretudo com vistas à equidade das gentes que coabitam esse território Brasil. Essa construção partilhada é a configuração de enlaces comprometidos com a ética coletiva da vivência plural e é no pulso de um coletivo que reconhece suas limitações, mas não se enfraquece nas tentativas de não se calar, e fazer um exercício de, para além de pensar a inclusão e diferença, nos modos de estar com o outro, com os Outros num estado contaminado pela busca de justiça social por onde nossas mãos possam alcançar.

Um espaço de afetividade, de troca, de luta, de composição com a diferença. As atividades, encontros e desafios que perpassaram este GTT ao longo dos seus 25 anos imprimiram uma constituição subjetiva distinta em seus integrantes. Somos sujeitas e sujeitos comprometidos com a vivência a partir e com o outro. Ocupados com aqueles que foram excluídos, expulsos, anormalizados.

Nossos desejos atuais se fundam no propósito de compartilhar saberes na busca por uma justiça social, por uma ética comum, pelo olhar para o coletivo, para a multiplicidade, para a inclusão e para a diferença.

Referências

BORGES, Kátia Euclides de Lima. CBCE – Texto agradecimento. In: *Simpósio Nacional do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte: 25 anos dos Grupos de Trabalho Temático*. Belo Horizonte, MG: UFMG. 2022. (Não publicado).

BRACHT, Valter. *Educação Física e aprendizagem social*. 2. ed. Porto Alegre: Magister, 1997.

BROWN, Wendy. *Nas ruínas do Neoliberalismo: a ascensão da política antidemocrática no ocidente*. SP: Editora Politeia, 2019.

CHICON, João Francisco; RODRIGUES, Graciele Massoli. *Ação profissional e inclusão: implicações nas práticas pedagógicas em Educação Física*. Vitória-ES: Editora da UFES, 2017)

DAROT, Pierre; LAVAL, Christian. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. Col. Estado de Sítio. São Paulo: Boitempo, 2016.

DOSSIÊ. Educação Física escolar no contexto da inclusão e diferença. *Práxis Educativa*, Programa de Pós-Graduação em Educação – UEPG, v. 12, n. 2, 2017. Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa/issue/view/514>. Acesso em: 12 set. 2017.

FALKENBACH, Athos *et al.* *Proposta de troca de nome do grupo de trabalho temático 12 – pessoas portadoras de necessidades especiais*. 2009. (Não publicado).

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H.; RABINOW, P. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, p. 231-249, 1995.

FOUCAULT, Michel. *Nascimento da Biopolítica*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

HALLAL, Pedro C.; MELO, Victor Andrade de. Crescendo e enfraquecendo: um olhar sobre os rumos da Educação Física no Brasil. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 39, n. 3; p. 322-327, 2016.

LARROSA, Jorge. Tecnologias do Eu e Educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *O Sujeito da educação: estudos Foucaultianos*. Petrópolis: Vozes, 1994, 264p.

LAZZARATO, Maurizio. *Fascismo ou Revolução? O neoliberalismo em chave estratégica*. São Paulo: n.1 Edições, 2019.

LOPES, Maura Corcini. (Im)possibilidades de pensar a inclusão. In: *30ª Reunião anual da ANPED*, 2007, Caxambú/MG. ANPED: 30 anos de pesquisa e compromisso social. Rio de Janeiro: Anped, 2007. v. 1. p. 1-16.

MANDARINO, Cláudio Marques. *Relatório XVI Conbrace/III Conice – GTT 12 Inclusão e Diferença*. 2009. (Não publicado).

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falava Zaratustra*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2008, 400p.

RODRIGUES, Graciele Massoli. Grupo de Trabalho Temático Inclusão e Diferença em portfólio: trilhando os traçados de um coletivo. In: Vargas, Leandro Silva; Lara, Larissa; Athayde, Pedro (Org.) *Ciências do Esporte, Educação Física e Produção do Conhecimento em 40 Anos de CBCE. Inclusão e diferença*. v. 13. Natal, RN: EDUFRN, 2020.

SASSAKI, Romeu Kazumi. Terminologia sobre deficiência na era da inclusão. *Revista Nacional de Reabilitação*, ano 5, n. 24, p. 6-9, jan./fev. 2002a.

VEIGA-NETO, Alfredo. Mais uma Lição: Sindemia covídica e educação. *Educação & Realidade* [online]. 2020, v. 45, n. 4. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/FtpkV5RY3Q64nvBdvxbSXwg/?lang=pt#> . Acesso em: 8 jul. 2023.

A SALA DE IMAGENS (SIM) NOS CONBRACES / CONICES DE 2009-2017

Tatiana Passos Zylberberg
Universidade Federal do Ceará

Cristiano Mezgaroba
Universidade Federal de Sergipe

Alan Queiroz Da Costa
Universidade de Pernambuco

Introdução

O CBCE - Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte é uma das principais entidades científicas da Educação Física (EF) brasileira, criada em 1978, agregando professores(as), pesquisadores(as) e estudantes do campo da EF, das ciências do esporte e dos estudos do lazer. Como forma de agregar seus integrantes, desde 1979, tem realizado, a cada dois anos, seu principal congresso, o Conbrace - Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, já na sua 23ª, e que desde 2013, passou a congrega também o Conice - Congresso Internacional de Ciências do Esporte (completando dez anos na edição de 2023, sediado em Fortaleza, no Ceará).

Além de garantir um caráter itinerante em cada realização, o evento congrega uma pluralidade de agentes que se dedicam aos mais diversos campos de interesse e de intervenção no grande campo da EF brasileira, atualmente contando com 14 grupos de trabalhos temáticos (GTT): Atividade Física e Saúde, Comunicação e Mídia, Corpo e Cultura, Epistemologia, Escola, Formação profissional e mundo do trabalho, Gênero, Inclusão e Diferença, Lazer e Sociedade, Memórias da Educação Física e Esporte, Movimentos sociais, Políticas públicas, Relações étnico-raciais e Treinamento esportivo.

No transcurso histórico da EF brasileira, temos um conjunto de obras que sinalizam para as relações que envolvem a dimensão das imagens e da estética com os contextos da EF, por exemplo Betti (1998), Ferrari (2015), assim como as implicações de obras das ciências humanas na EF, como Fantin (2006), Ferrés (1996) e Peixoto (1992). Se tradicionalmente os congressos científicos são espaços de socialização e diálogo quanto à produção do conhecimento de determinados campos de conhecimento, o CBCE, em seu principal congresso, há pouco mais de uma década (mais precisamente, desde 2009, quando foi realizado em Salvador/BA), tem oportunizado uma forma diferenciada para tematizar e problematizar produções e discussões à EF: estamos falando da dimensão imagética e audiovisual.

O presente artigo busca apresentar e analisar memórias da Sala de Imagens (SIM) no período de 2009 a 2017, espaço acadêmico de veiculação e reflexão científica e pedagógica com olhar estético, que estabelece outras possibilidades de linguagens para apresentação de trabalhos no Conbrace/Conice. Para além das comunicações orais e pôsteres, vieram os vídeos e as fotografias.

No capítulo introdutório do livro *Comunicação e mídia: história, tensões e perspectivas - Ciências do esporte, Educação Física e produção do conhecimento em 40 anos de CBCE*, o Comitê do GTT 2 (COMITÊ CIENTÍFICO DO GTT 2 COMUNICAÇÃO E MÍDIA, 2020) publicou uma produção coletiva de seus membros na época, documentando a criação, implementação e consolidação da SIM, resgatando a sua gênese.

A ação germinadora ocorreu em 2005, quando o Prof. Mauro Betti era coordenador do GTT 2 e apresentou ao Comitê Científico a proposta de realizar uma mostra de vídeos na programação do GTT 2 no XIV Conbrace & II Conice em Porto Alegre/RS. Essa iniciativa foi impulsionada pela ideia de partilhar no Conbrace o vídeo produzido em 2006, na dissertação de mestrado de seu orientando, Alan Queiroz da Costa, intitulada *Mídias e jogos: do virtual para uma experiência corporal educativa*³⁰ (COSTA, 2006), defendida na Universidade Estadual Paulista no Programa de Ciências da Motricidade, na área de Pedagogia da Motricidade Humana e, posteriormente, publicada em formato de artigo e capítulo de livro (COSTA, BETTI, 2006; COSTA, 2015). A referida produção em vídeo relata a experiência na EF Escolar na qual a utilização do filme do Harry Potter e do jogo de *videogame*, levaram a turma à adaptação para conceber o jogo “Quadribol” de forma presencial, apontando a importância da participação de todos os envolvidos no processo.

Naquele momento, após a exibição dos vídeos, debatemos e ampliamos possibilidades de análise quanto às possibilidades pedagógicas do processo de virtualização do jogo presente nas mídias e nas TDIC - Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação, visualizamos a experiência pedagógica que transformou e transferiu do virtual para o corporal.

Na edição do Conbrace de 2007, realizada em Recife/PE, foi realizada uma segunda mostra de vídeos com inscrições antecipadas, cujo convite para envio ainda ficou restrito ao GTT 2. Os vídeos foram exibidos e, na sequência, houve diálogo na presença dos autores e congressistas. Na reunião de avaliação do GTT 2, Paulo Lima, na ocasião mestrando sob a orientação do Prof. Augusto Cesar Rios Leiro sugeriu a inserção de fotografias nesse espaço do GTT 2. A proposta foi aprovada e a Profa. Tatiana Zylberberg foi eleita para a coordenação (no biênio 2007-2009) do que passaria a se chamar “Sala de Imagens” (SIM). Ficou definido, também, que a avaliação dos vídeos

³⁰ O vídeo está disponível no YouTube: <https://youtu.be/YX1om1kDpdo>

e fotografias para a edição do Conbrace/2009 (realizado em Salvador/BA) seria realizada pelo comitê científico do GTT 2.

No dia 1 de junho de 2009 foi lançado o primeiro edital da SIM³¹, com o objetivo de possibilitar aos congressistas a experiência de reflexões por meio das linguagens visuais, como estratégia para outras maneiras de debater cientificamente sobre a temática³² do evento. Como ressalta o Comitê do GTT 2 (COMITÊ CIENTÍFICO GTT 2 COMUNICAÇÃO E MÍDIA, 2020, p. 15): “Estava aberto um novo horizonte para buscar outras maneiras de produzir e compartilhar o conhecimento sobre temáticas relacionadas à Educação Física e ao Esporte”. O processo, na ocasião, ocorria de forma “artesanal”, isto é, por meio de envio diretamente ao *e-mail* do GTT 2, fora do sistema onde eram enviadas as submissões de pôsteres e comunicações orais.

A submissão de fotografias e vídeos para avaliação e apresentação (ou não) nos Conbraces/Conices, consistia no envio do material por parte dos(as) autores(as), no caso das fotografias³³, eram enviadas por *e-mail* na versão digital em alta resolução e, após aprovação para apresentação, os próprios congressistas eram responsáveis por enviar³⁴ pelo correio as fotos impressas na dimensão 30x40cm (coloridas ou preto e branco). Esse envio era realizado para a cidade/instituição que estava responsável pela realização do Conbrace naquele ano.

No caso dos vídeos³⁵, as propostas deveriam conter título, resumo, duração de até 15 minutos em uma das três categorias: Documentário/Reportagem Jornalística, Vídeo Projeto de Pesquisa ou Vídeo Clipe. As fotos e vídeos inscritos eram avaliados em duplo cego por membros do Comitê Científico do GTT 2, com base em quatro critérios: (1) adequação ao tema, (2) originalidade; (3) criatividade e (4) ser sócio do CBCE (anuidade quitada).

Quanto aos conceitos para montagem estética da SIM, ressaltava-se sempre a importância de uma sala específica, integrando as fotos físicas e os vídeos exibidos num telão em *looping*.

Nos primeiros dias do Conbrace, a SIM ficava aberta à visitação, tendo computadores disponíveis para as pessoas assistirem aos vídeos que desejassem. Nos últimos dias do evento, eram realizadas rodas de conversa/debates dos autores(as) dos vídeos e das fotos com o público.

³¹ De 2009 a 2017 os processos de seleção de fotografias e vídeos para a SIM eram realizados por meio de *e-mail* do GTT 2 e sem inserção no SOAC (plataforma *online* dos eventos do CBCE).

³² A temática da sala seguia a temática do CONBRACE, como ocorre nos pôsteres e na comunicação oral.

³³ Paulo Lima, que era fotógrafo, orientou o Comitê Científico a estimular a ideia de narrativa visual na composição de 1 a 6 fotografias.

³⁴ Quando na cidade em que ocorreria o CONBRACE havia um membro do GTT 2, essa pessoa ficava responsável pelo recebimento dos envios. Senão, era solicitado à Direção Nacional um representante responsável.

³⁵ Em 2009 os vídeos eram enviados em dispositivo físico (DVDs) e posteriormente iniciou-se o recurso de *links* de postagem via YouTube ou Vimeo.

Apesar de as fotografias serem enviadas impressas pelos autores, a montagem sempre ficou a cargo da coordenação da SIM, com apoio de alguns membros do comitê e de estudantes voluntários na organização do evento.

Compactuamos com as ideias da produção do conhecimento que considera as possibilidades de utilização das imagens e do exercício de ver (FISCHER, 2002), com base no que é gerado pelas mídias em geral; da necessidade de considerarmos as questões éticas e estéticas na formação, por meio da cultura imagética, envolvendo-se e afetando-se/sensibilizando-se com as imagens (FISCHER, 2009); bem como, dos desafios que a cultura da imagem gera ao contemporâneo (DUSSEL, 2009).

Na sequência do texto, apresentamos memórias e curiosidades referentes à SIM, com registros de fotos de algumas edições, bem como, dados quantitativos da participação e representatividade referentes ao ciclo que compreende 2009 a 2017.

Memórias e curiosidades da SIM

A primeira edição da SIM aconteceu no XVI Conbrace e III Conice, realizado em Salvador/BA. Somente no sábado, na véspera do evento, que tomamos conhecimento de que as paredes eram de carpete e nada poderia ser fixado. Precisávamos achar uma solução para a montagem da mostra de fotografias. Tatiana Zylberberg, coordenadora do GTT 2 na época, pediu ao Paulo Lima, que residia na cidade, que a levasse em lojas no centro da capital. Rodando nas lojas veio a solução: comprar vinil, mandar perfurar com ilhoses nas quatro pontas, comprar fio de nylon e anzóis grandes que poderiam ser fixados na base e no topo do painel coberto de carpete.

Depois de muitas horas de trabalho e organização, a exposição das fotografias ficou pronta e a parte com a exibição dos vídeos tomou o centro da sala. Como estávamos numa cidade praiana, foram dispostas cangas coloridas nas cadeiras. E, na lateral, havia computadores com um cardápio de vídeos, cujos nomes vinham acompanhados de um CD colado no vinil, na mesma proporção em que foram organizadas as fotos.

Figuras 1 e 2- Registros da montagem da SIM 2009 – Salvador (BA)



Fonte: fotos do acervo de Tatiana Zylberberg

As seis fotos de Rogério Freitas, por exemplo, traziam ao olhar cenas de violência, medo, desespero, perda de identidade e adoecimento docente, uma impactante narrativa visual de graves problemas na atuação docente precária, com sobrecargas, faltas e excessos; dialogando com a proposta da SIM de fotografias com criticidade e estética. O cardápio de vídeos propicia ao congressista escolher qual vídeo ver ou mesmo quantas vezes o rever.

Figuras 3 e 4 - SIM em 2009 – Salvador (BA)



Fotos: Rogério Gonçalves de Freitas
(O trabalho e a saúde dos professores de EF do município de Belém-PA)



Cardápio dos vídeos da SIM

Fonte: fotos do acervo de Tatiana Zylberberg

Diferentemente das apresentações em pôster ou comunicação oral, que tem no Conbrace/Conice um horário reservado, a SIM, em suas primeiras edições, teve apenas um horário para diálogo com todos os autores(as) dos vídeos e fotografias, por isso, tradicionalmente, acontecia

no penúltimo dia do evento, para que, anteriormente, as pessoas pudessem ter assistido aos vídeos na íntegra.

Figura 5 e 6 - SIM 2009 – Salvador (BA)



Congressistas assistindo aos vídeos no telão



Roda de conversa entre autores(as) e congressistas

Fonte: fotos do acervo de Alan Queiroz da Costa

Nessa edição de inauguração, houve uma instalação produzida pela Profa. Tatiana Zylberberg. O mesmo vinil foi recortado no formato de um corpo humano, foram fixados miniespelhos e fita métrica circulando a cintura. Na base no corpo, sobre o chão, havia um relógio no lugar, em posição em que geralmente há uma balança para subirmos e nos pesarmos. Cada visitante subia na “balança” e por aquele intervalo de tempo ouvia um áudio da autora intitulado “Políticas do corpo”, o qual terminava com a pergunta: “você é feliz com seu corpo?”³⁶. Os monitores voluntários que acompanhavam a interação gravavam as respostas em vídeo de quem permitia e todos eram convidados a escrever nos cartões que iam sendo expostos no painel.

Figura 7 e 8 - SIM 2009 – Salvador (BA)

³⁶ O áudio e respectivo texto está disponível em <http://www.conectecrie.ufc.br/2017/10/offers.html>



Obra - Corpo

Cartões com depoimentos das pessoas que interagiram

Fonte: fotos do acervo de Tatiana Zylberberg

A segunda edição da SIM aconteceu em Porto Alegre/RS em 2011, no XXVI Conbrace e IV Conice. Na ocasião, Tatiana Zylberberg tinha acabado de tomar posse na Universidade Federal do Ceará (UFC) e não podia comparecer ao evento. Ela então organizou todo o processo de submissão, avaliação e emissão dos pareceres, sendo que a montagem ficou sob responsabilidade da professora Márcia Morel (UESC/Ilhéus-BA), com outros integrantes do Comitê Científico do GTT 2 que se voluntariaram, juntamente com monitores. A sala disponibilizada para a SIM foi também apresentada na véspera. A solução foi localizar materiais diversos que poderiam servir de suporte para as fotografias, como redes e escadas.

Figuras 9, 10 e 11 - SIM em 2011 – Porto Alegre (RS)



Fonte: fotos de Márcia Morel

Na memória da SIM de 2011, destacamos a fotografia “Lazer de Muletas”, de Micheli Venturini (IFBA) como um dos bons exemplos de escolha estética crítica. Não é simplesmente uma foto registro da atividade de lazer na piscina, mas uma captura elaborada, cujo olhar se desdobra e precisa ser multiplicado socialmente.

Figura 12 - SIM 2011 – Porto Alegre (RS)



Fonte: fotos do acervo de Tatiana Zylberberg

A terceira edição da SIM aconteceu em Brasília-DF, no XXVII Conbrace e V Conice no ano de 2013. Nesse ano replicamos a solução de montagem que fizemos em 2009, porque o evento aconteceu num espaço alugado, com paredes de carpete que nada poderia ser fixado. Como tínhamos recebido a foto da sala com antecedência e havia verba, todo material de montagem foi antecipadamente adquirido pela organização do evento, facilitando bastante a preparação da exposição.

Figuras 13, 14, 15 e 16 - SIM 2013 – Brasília (DF)



SIM montagem integrando fotos e vídeos



Exibição das fotografias dos autores(as)



Computadores para exibição dos vídeos



Diálogo com autores(as) dos vídeos

Fonte: fotos acervo Tatiana Zylberberg

A quarta edição aconteceu em 2015, na cidade de Vitória-ES durante o XIX CONBRACE e VI CONICE. Nesta edição, como não tínhamos ninguém do Comitê do GTT 2 residindo na cidade sede do evento, pedimos que a DN do CBCE indicasse alguém da coordenação do evento para receber as fotos e nos mandar imagens da sala para que pudéssemos pensar as formas de organizar a mostra. A montagem foi coordenada pela Profa. Tatiana Zylberberg e realizada com colaboração do Prof. Gilson Cruz Junior e os monitores.

Figuras 17, 18, 19 e 20 - SIM em 2015 – Vitória (ES)



SIM montagem das fotos



Equipe voluntários do Conbrace com a Profa. Tatiana Zylberberg e o Prof. Gilson Cruz Jr.



Diálogo com autores(as) dos vídeos



Diálogo com autores(as) das fotografias

Fonte: fotos acervo Tatiana Zylberberg

Essa edição nos trouxe uma nova situação. Houve, pela primeira vez, inscrições de fotos de profissionais sobre os registros das atividades de um coletivo. O que estava sendo compreendido sobre a SIM pelos interessados na submissão? Quem é o autor(a) do trabalho? Algo que também começou a nos despertar reflexões foi o fato de surgirem muitas inscrições com relatos de experiência na escola e as fotos serem em estilo mais próximo de um registro de memória, do que de uma captura estética e crítica, intenção inicial da proposta da SIM dentro do GTT 2. Quanto aos vídeos, víamos certos avanços, mas ainda chegavam inscrições de *clipes* de fotos, sem legenda, sem roteiro, sem criticidade. Cada situação surgida era debatida ao final da edição do evento, registrada nos relatórios e, então, tentávamos deixar isso mais explícito para edições seguintes.

Outro ponto que ia ficando evidente era a percepção de que os membros de GTT 2 não se sentiam preparados para avaliar as fotos e/ou vídeos, essa tarefa ficava restrita a alguns membros que se ofereciam para a tarefa nos períodos que antecederam o evento.

Em 2009, a Profa. Tatiana já tinha destacado que a sua experiência em ambas as coordenações, GTT e SIM, gerava-lhe muita sobrecarga. Em 2015, Tatiana tinha sugerido que outra pessoa assumisse a SIM, para não ficar centralizada tantos anos em uma única pessoa. Foi votado que o coordenador adjunto do GTT 2 assumiria a função.

A última edição que citaremos neste artigo ocorreu em 2017, no XX Conbrace e VII Conice na cidade de Goiânia (GO). Naquele biênio, quem estava na coordenação da SIM era o Prof. Dr. Rogério Santos Pereira, então coordenador adjunto do GTT 2, coordenado por Sérgio Dorenski Ribeiro. Essa edição contou com o apoio local do Prof. Sérgio Moura da UFG, para recebimento das fotos e providência dos materiais.

A sala reservada pela DN para a SIM acabou por privilegiar os vídeos e restringir o espaço para fotos com painéis. Não era possível ter uma visão geral das obras, que precisaram ser fixadas nos dois lados, no estreito corredor ao lado dos computadores.

Na troca de e-mails, Rogério registra suas preocupações:

Escrevo esta mensagem para tratarmos da SIM. Tati, precisamos da tua experiência e sensibilidade! Copio abaixo a última troca de mensagens que tivemos com a organização local do CONBRACE. Há as respostas deles a demandas que apresentamos e também meus comentários sobre o posicionamento/encaminhamento deles. Para resolver de imediato, temos a definição do espaço da SIM e, indissociável, o número de fotografias que iremos exibir. Eles conseguiram uma sala informatizada (fotos anexas). É interessante para os vídeos (inclusive porque temos muitos vídeos inscritos, e vários bons!). Mas faz com que tenhamos pouco espaço para expor as fotos [...]

Tatiana acompanhou Rogério na sistemática de recebimento e avaliação e acabou colaborando com a montagem e a coordenação da SIM, porque a sala só foi liberada no primeiro dia do evento. Foi separada a sala de informática, com apenas um corredor lateral livre, onde foram colocados os painéis e feita a montagem de fotos.

Figuras 21, 22 e 23 - SIM em 2017 – Goiânia (GO)



Exposição das fotos

Na avaliação da SIM, ao final da semana do Conbrace/Conice de 2017, somaram-se alguns pontos que foram destacados por nós no decorrer das edições anteriores. Conversamos muito, a SIM deveria estar num espaço de circulação e de visibilidade durante o referido evento. Sempre reforçamos que não poderia ser, também, uma exposição de corredor, para que houvesse reserva de tempo e silêncio para diálogos baseados nas imagens, tanto em fotografias quanto em vídeos. Há, ainda, sugestão que alguns dos vídeos sejam exibidos antes ou no intervalo de grandes programações, como as mesas redondas. Além disso, houve o encaminhamento para que a montagem da SIM fosse mais estética, orgânica e que ofereça experiência de imersão.

Quanto à documentação e acervo da SIM, como todo processo ocorria de forma “artesanal e manual”, infelizmente as fotos e vídeos de 2009-2017 não foram disponibilizados no SOAC ou nos Anais dessa plataforma, da mesma forma que ocorria com os resumos dos pôsteres e textos das comunicações orais. Neste artigo, é possível ter uma visão geral dessa história. Numa visão panorâmica, a SIM manteve sua regularidade e crescimento, diante de muitas adversidades e limitações, é possível afirmar que buscou se consolidar dentro da programação do Conbrace/Conice no decorrer dos anos, mas, como fica evidente, ainda é necessária maior visibilidade à estratégia, na qualidade de espaço de possibilidades do evento.

Figura 24 - Infográfico da SIM



Fonte: elaborado pelos autores

O ciclo de 2009-2017 trouxe reconhecimento à proposta da SIM, o que levou a consolidação desse espaço estético de reflexão acadêmica. Para o biênio seguinte, ficou acordado

que a submissão dos trabalhos para a SIM seguiria o calendário de submissão dos pôsteres e das comunicações orais. Além disso, a submissão passaria a ocorrer pelo SOAC e não mais de forma artesanal por *e-mail* ou formulários. Em 2019, a SIM foi realizada em Natal, na UFRN, onde o próprio coordenador, Prof. Dr. Márcio Romeu residia e atuava. Isso possibilitou a realização dessa meta, a qual foi contemplada com sucesso, bem como a publicação dos trabalhos nos Anais do evento pela primeira vez.³⁷

Participação e representatividade no ciclo de 2009-2017

Para apontar as instituições de origem dos(as) autores(as) que enviaram trabalhos para SIM e que foram aprovados para apresentação no Conbrace/Conice de 2009-2017, elaboramos os quadros abaixo, com os nomes das instituições em ordem alfabética.

Quadro 1: Instituições de Ensino que submeteram FOTOGRAFIAS (F.) e VÍDEOS (V.) para (Sala de Imagens) SIM e foram aprovadas/apresentadas nos Conbrace's de 2009 a 2017.

Instituição/ano SIM	Salvador (BA)		Porto Alegre (RS)		Brasília (DF)		Vitória (ES)		Goiânia (GO)	
	SIM 2009 F.	SIM 2009 V.	SIM 2011 F.	SIM 2011 V.	SIM 2013 F.	SIM 2013 V.	SIM 2015 F.	SIM 2015 V.	SIM 2017 F.	SIM 2017 V.
UNIFEMM ³⁸	F									
UNISBA ³⁹	F	V	F	V		V				
PUC-MG	F		F						F	
UNICAMP	F						F		F	V
UFBA	F		F	V	F			V	F	
UFSC	F	V		V	F	V			F	
UFPA	F									
IFBA	F		F	V	F		F			
IFPE			F		F			V		V
SME-BH			F							
CSP-BA ⁴⁰					F	V				
FIJ ⁴¹					F					
SEE-DF		V	F		F	V				
UNISUAM					F					
UEPG					F					
UNEB				V	F				F	
UNIFAP					F		F			
UFC					F	V		V		
UFRGS				V	F			V	F	V
UFVJM					F					

³⁷ Os trabalhos publicados na Sala SIM do CONBRACE de 2019 realizado em Natal (RN) estão disponíveis em: <http://congressos.cbce.org.br/anais/tracks/2019/470>

³⁸ CENTRO UNIVERSITÁRIO DE SETE LAGOAS

³⁹ Antiga FACULDADE SOCIAL DA BAHIA

⁴⁰ COLÉGIO SÃO PAULO - BAHIA

⁴¹ FACULDADES INTEGRADAS DE JACAREPAGUÁ

UNIVATES ⁴²							F			
SESI-RS							F			
UNIMAT							F			
UEPA							F			
UFPE				V			F			
UFAC							F			
UFPR							F			
CUVR ⁴³									F	
IFSP									F	
SME-RJ									F	V
UEMG									F	
UESC ⁴⁴									F	
UFA									F	
UFG									F	V
UFMG						V			F	
UFU									F	
UNI-BH									F	
UNIFESP						V			F	
UVV ⁴⁵									F	
UNESP-RC		V								
UNISINOS		V								
UEFS		V				V				
UFRN		V				V				V
EFFPG				V						
FASN				V						
IFRO				V						
UNB				V		V				
USP								V		V
CMSN-SP ⁴⁶								V		
IFMG-BETIM								V		
UFES										V
UFSJ										V

Obs: As instituições não foram organizadas no quadro em ordem alfabética, mas pela ordem de participação ao decorrer dos anos e edições da SIM.

O quadro acima nos permite constatar a presença de diversas instituições de ensino superior – federais e estaduais – ao longo desses anos participando da SIM. Trabalhos enviados e apresentados por diversos estudantes e professores(as) do ensino superior e da rede básica de ensino (alguns estados). Evidenciam-se instituições recorrentes nas edições (provavelmente pela proximidade geográfica da sede do Conbrace e viabilidade de comparecimento).

Quadro 2: Total de Instituições em cada Conbrace de 2009 a 2017 diferenciando apresentações de Fotografias (F.) e Vídeos (V.)

TOTAL DE INSTITUIÇÕES QUE TIVERAM TRABALHOS NA SIM	Salvador (BA)		Porto Alegre (RS)		Brasília (DF)		Vitória (ES)		Goiânia (GO)	
	SIM 2009	SIM 2009	SIM 2011	SIM 2011	SIM 2013	SIM 2013	SIM 2015	SIM 2015	SIM 2017	SIM 2017
	F.	V.	F.	V.	F.	V.	F.	V.	F.	V.

⁴² UNIVERSIDADE DO VALE DO TAQUARI – LAJEADO

⁴³ Centro Universitário de Volta Redonda

⁴⁴ Universidade Estadual de Santa Cruz

⁴⁵ Universidade de Vila Velha

⁴⁶ Colégio Nossa Senhora Medianeira – SP.

DIVIDIDO EM FOTOGRAFIAS E VÍDEOS	7	7	7	11	13	10	10	6	19	9
TOTAL REAL DE INSTITUIÇÕES QUE TIVERAM TRABALHOS NA SIM SOMANDO FOTOS E VÍDEOS, EXCLUINDO REPETIÇÕES DE INSTITUIÇÃO	12		16		20		16		25	
	UFSC UNISBA F. + V.		UFBA UNISBA F. + V.		CSP-BA SEE-DF UFC F. + V.		Dentre os trabalhos aprovados não houve repetição de instituição entre fotos e vídeos		UFG UFRGS UNICAMP F. + V.	

Cabe ressaltar que, quando havia mais de um trabalho da mesma instituição, foi excluída a duplicação. Em 2017, por exemplo, a SIM recebeu trabalhos de oito instituições diferentes, entretanto, algumas tinham mais de um trabalho submetido, como foi o caso das instituições IFPE, SME-RJ, UFES, em que cada uma delas teve quatro vídeos submetidos e aprovados para o Conbrace. Outras repetições foram especificadas na última linha do quadro acima. Portanto, o número de instituições não é equivalente ao número de trabalhos apresentados.

No Quadro 3 apresentamos o panorama quantitativo dos trabalhos aprovados/apresentados de 2009-2017.

Quadro 3: Quantitativo de vídeos e fotos aprovadas para SIM 2009-2017

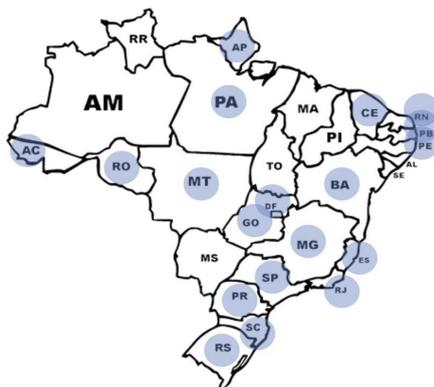
Edições do evento	Quantidade de vídeos aprovados	Quantidade de fotografias aprovadas
SIM 2009 Salvador (BA)	11	35
SIM 2011 Porto Alegre (RS)	13	31
SIM 2013 Brasília (DF)	14	69
SIM 2015 Vitória (ES)	7	52
SIM 2017 Goiânia (GO)	12	121
TOTAL	57	308

Fonte: Elaborado pelos autores

Quando observamos o quadro acima, percebemos que o envio de vídeos ao longo das edições do evento mantém uma regularidade (com exceção da queda do número na edição de 2015), mantendo uma média de 11 produções nessas 5 edições iniciais. Já quando observamos os dados relativos às fotografias, temos média de 61 trabalhos enviados, com aumento significativo na edição de 2017.

Em relação à representatividade, a figura abaixo aponta os estados brasileiros que enviaram produções em vídeos e fotografias no referido período de análise.

Figura 25 – Mapa dos estados que participaram da SIM 2009-2017



Fonte: montagem no Canva, por Tatiana Zylberberg

Observando a figura acima, da representação estadual quanto aos(as) autores(as) que enviaram trabalhos para a SIM, temos a totalidade dos estados da Região Sul (RS, SC e PR), da Região Sudeste (SP, RJ, MG e ES), quase todos da Região Centro-Oeste (apenas não temos representantes do MS), de pouco mais da metade dos estados da Região Nordeste (BA, PE, PB, RN e CE) e pouco mais da metade da Região Norte (AC, RO, PA e AP).

Considerações Finais

Como espaço, estético a SIM não é o lugar de fotos de registro apenas, pois é diferente registrar experiências sem preocupações estéticas e críticas. Não é qualquer foto ou qualquer vídeo que pode/deve ser submetida e/ou aprovada nesse espaço. Apesar da poética da imagem, a apropriação acadêmica precisa pautar-se em outros critérios mais densos e robustos (APARICI, 1989).

Como exemplo, utilizamos uma imagem utilizada numa das apresentações do VII Congresso Sudeste de Ciências do Esporte (ZYLBERBERG *et al.*, 2022), por meio de uma colagem de fotografias. As imagens abaixo foram retiradas de seus contornos, dos contextos em que foram registradas. Pelo uniforme de atletas, pelas expressões nos rostos, pelo choro ou pelo grito, podemos ser afetados. Entretanto, se tivermos conhecimento histórico dos eventos esportivos podemos fazer leituras específicas de algumas das cenas que se misturam numa “única” fotomontagem. Por outro lado, se focalizarmos o olhar nas relações de gênero, nos sofrimentos físicos e emocionais decorrentes de treinos excessivos ou em perdas de títulos mundiais, seja ainda nos desdobramentos negativos de bancos de reserva em aulas de EF escolar, ou na cooperação acolhedora em eventos de alto rendimento, temos diversos aspectos que podem e devem ser problematizados nas aulas e EF.

Figura 26 – Fotografias: de que imagens estamos falando na SIM?



Fonte: Zylberberg *et al.* (2022)

Apesar de o número de inscrições crescer no decorrer dos anos, ainda temos muitos trabalhos submetidos a SIM que são reprovados pelos pareceristas. Entre os vídeos, os problemas mais recorrentes se referem a não haver um roteiro ou enredo, por vezes, são coletâneas de fotos com uma música que nem é autoral. Ou então são recortes de filmagens sem o cuidado, na captura do som ou das imagens. Quanto às fotografias, parece que a SIM vem sendo interpretada como opção “prática” para envio de relatos de experiências. Será o número reduzido de caracteres do texto para submissão na SIM que é visto como uma possibilidade mais fácil de publicação e participação quando comparado à submissão na modalidade de pôsteres? Todo pôster permite a exibição de fotos de forma ilustrativa ou documental. Entretanto, no caso da SIM, a solidez deve estar na própria narrativa do vídeo e/ou nas escolhas criteriosas para o registro das fotos, há uma narrativa em palavras que precisa ser densa e consistente.

Com a criação e implementação da SIM nos CONBRACES/CONICES e o olhar reflexivo e avaliativo para esse espaço acadêmico, consideramos que, paulatinamente, as fotografias e vídeos ganharam espaço e importância para além do interior do GTT 2 para estimular a produção acadêmica para além dos formatos acadêmicos tradicionais. A busca por novas maneiras de enxergar a realidade da Educação Física / Ciências do Esporte aliada à multiculturalidade que é uma marca registrada da riqueza que o país carrega, também foi reforçada pela representatividade de todas as regiões do Brasil nos eventos e, especificamente, na Sala SIM.

Os trabalhos desenvolvidos pelos diversos pesquisadores que compõem o GTT 2 trazem variadas contribuições relativas às mídias e TDICs (ZYLBERBERG *et al.*, 2022) e, nesse caso, especificamente tratando-se da formação de professores de EF para o desenvolvimento de competências digitais e para trato com esses conteúdos/dispositivos/ferramentas, há uma série de recomendações que podem ser acessadas (ARAÚJO *et al.*, 2021; SOUZA JÚNIOR, 2018;

ZYLBERBERG, BEZERRA, 2017; DORENSKI, 2013; BIANCHI, 2009, 2014 e MENDES, 2008).

Buscamos ressaltar, ainda, neste artigo, a imprescindibilidade dos espaços científicos terem abertura para contextos que construam diálogos entre ciência, arte e estética, valendo-se dos fenômenos da cultura imagética/visual para problematizar questões relacionadas à EF, às Ciências do Esporte e aos estudos do lazer – comunidade participante do CBCE – como, ainda, para apontar soluções e partilhar experiências bem-sucedidas.

Uma demanda que pode ser endereçada ao GTT 2 de Comunicação e Mídia, mas que também é do CBCE e dos demais GTTs, é apropriação mais crítica das TDICs (ECO, 1998; JENKINS, 2008) na e para a EF, bem como, ressalta-se a urgência de formação para lidar com plataformas digitais, sejam elas as mais recentes como o caso das ferramentas de inteligência artificial, bem como as chamadas “tradicionais”, fotos e vídeos, como foram aqui descritas.

Desejamos que o cenário ora apresentado, sobre os primeiros oito anos da SIM, possa fundamentar e inspirar novos “retratos”, em diferentes campos de atuação. Desejamos ainda que mais espaços e encontros acadêmicos possam promover a ampliação do olhar, criando ações e intervenções, para além dos discursos das palavras, valorizando a potência da experiência estética para a formação/atuação crítica e reflexiva na e com a Educação Física.

Referencias

APARICI, Roberto, GARCÍA-MATILLA, Agustín. *Lectura de imágenes*. 2. ed. Madrid: Ediciones de La Torre, 1989.

ARAÚJO, A. C.; CARVALHO, M. E. P. ; OVENS, A. P. ; KNIJNIK, J. Competências digitais, currículo e formação docente em Educação Física. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 43, p. 1-10, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/rbce.43.e002521>. Acesso em: 20 ago. 2022.

BETTI, Mauro. *A janela de vidro: esporte, televisão e educação física*. Campinas: Papyrus, 1998.

BIANCHI, P. *Formação de professores e cultura digital: observando caminhos curriculares através da mídia-educação*. 2014. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-graduação em Educação Física. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/132393>. Acesso em: 28 ago. 2022.

BIANCHI, P. *Formação em mídia-educação (física): ações colaborativas na rede municipal de Florianópolis/Santa Catarina*. 2009. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Educação Física. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009. Disponível em: <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/93230>. Acesso em: 28 ago. 2022.

COMITÊ CIENTÍFICO GTT 2 COMUNICAÇÃO E MÍDIA. Aspectos históricos, consolidação e perspectivas do GTT Comunicação e Mídia”. In: DORENSKI, S., LARA, L., ATHAYDE,

- P. *Comunicação e mídia: história, tensões e perspectivas*. Ciências do esporte, Educação Física e produção do conhecimento em 40 anos de CBCE. v. 9. Natal, RN: EDUFRN, 2020. p. 11-27.
- COSTA, A. Q. *Mídias e jogos: do virtual para uma experiência corporal educativa*. 2006. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Biociências de Rio Claro. Universidade Estadual Paulista, Rio Claro/SP, 2006. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/96035>. Acesso em: 15 ago. 2022.
- COSTA, Alan Queiroz da; BETTI, Mauro. Mídias e jogos: do virtual para uma experiência corporal educativa. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 27, n. 2, p. 165-178, 2006.
- COSTA, A. Q.. Jogos Digitais e Educação Física: por uma experiência corporal educativa. In: ARAÚJO, A. C.; SANTOS, A. P. ; DIAS, M. A.; MENDES, M. I. B. S.; MELO, J. P. . (Org.). *Diálogo entre educação física e comunicação: compartilhando saberes e práticas*. 1ed. Natal: EDUFRN, 2015, v., p. 53-82.
- DORENSKI, S. *Educação e mídia: formação do sujeito em espaço-tempo de educação física*. 2013. Tese (Doutorado). Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/16584>. Acesso em: 25 ago. 2022.
- DUSSEL, Inés. Escuela y Cultura de la Imagen: los nuevos desafíos. *Revista Nómadas*, Universidad Central Colombia, n. 30, p. 180-193, 2009.
- ECO, Umberto. *Apocalípticos e integrados*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- FANTIN, Mônica. *Mídia-educação: conceitos, experiências e diálogos Brasil-Itália*. Florianópolis: Cidade Futura, 2006.
- FERRARI, Rodrigo Duarte. *Ensinar-aprender cinema: através da percepção e cognição incorporadas*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE – Universidade Federal de Santa Catarina, 2015.
- FERRÉS, Joan. *Vídeo e educação*. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. Docência, cinema e televisão: questões sobre formação ética e estética. *Revista Brasileira de Educação*, v.14, n. 40, jan./abr. 2009, p. 93-102.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. Problematizações sobre o exercício de ver: mídia e pesquisa em educação. *Revista Brasileira de Educação*, maio/jun./jul./ago. 2002, n. 20, p. 83-94.
- JENKINS, Henry. *Cultura da convergência*. São Paulo: Aleph, 2008.
- MENDES, D. S. *Luz, câmera, pesquisa-ação: a inserção da mídia-educação na formação contínua de professores de educação física*. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/92155> . Acesso em: 28 ago. 2022.
- PEIXOTO, Nelson Brissac. Ver o invisível: a ética das imagens. In: NOVAES, Adauto. (Org.). *Ética*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 301-320.

SOUZA JÚNIOR, A. F. *Os docentes de Educação Física na apropriação da cultura digital: encontros com a formação continuada*. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Centro de Ciências da Saúde. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/25367>. Acesso em: 31 ago. 2022.

ZYLBERBERG, Tatiana Passos *et al.* Grupo de Trabalho Temático de Comunicação e Mídia (GTT 2): Cenários e perspectivas a partir de contribuições do comitê científico. *In: VII CONGRESSO SUDESTE DE CIÊNCIAS DO ESPORTE; III SEMINÁRIO DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR; IV ENCONTRO DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E INCLUSIVAS E ESPORTIVAS*, São Paulo/SP, 22 a 24 set. 2022. *Anais[...]* São Paulo, SP: CBCE, 2022, p. 12-44.

ZYLBERBERG, Tatiana Passos. BEZERRA, Fabrício Leomar Lima. Aquilo que a gente nem sabia que podia criar ou algumas experiências de docência universitárias para e com as novas tecnologias. *In: NÓBREGA, T. P. ; MOREIRA, W. W. (Orgs.). Ser professor(a) universitário(a): o sensível, o inteligível e a motricidade*. Natal: IFRN, 2017. p. 191-227.

A CONTRIBUIÇÃO HISTÓRICA DO GTT 6 PARA A PRODUÇÃO E SOCIALIZAÇÃO DO CONHECIMENTO NA EDUCAÇÃO FÍSICA NO BRASIL

Maria da Conceição dos Santos Costa
Universidade Federal do Pará

Cássia Hack
Universidade Federal do Amapá

Márcia Morschbacher
Universidade Federal de Santa Maria

Introdução

Este texto apresenta reflexões sobre a contribuição histórica do Grupo de Trabalho Temático (GTT) Formação Profissional e Mundo do Trabalho para a produção e socialização do conhecimento para a classe trabalhadora no campo da Educação Física e Ciências do Esporte no âmbito do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE).

O referido GTT vem ao longo de sua organização, com a criação em 1997 (SOARES, 2020), mobilizando pesquisadores e pesquisadoras, professores e professoras, estudantes em torno da produção do conhecimento e sua socialização, bem como organização de eventos científicos acerca do campo da formação profissional e mundo do trabalho, emergindo questões atualizadas, que regulam e impactam o campo do trabalho docente em Educação Física, quer seja escolar ou não escolar, tais como Base Nacional Comum Curricular (BNCC), Programa Residência Pedagógica (PRP), Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), Regulamentação da Profissão em Educação Física, Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Física (DCNs-EF), dentre outros temas necessários e urgentes que impactam a vida de trabalhadores e trabalhadoras da Educação Física no Brasil.

Em sua trajetória histórica, Nozaki (2020, p. 81) salienta que, desde a criação do GTT, os temas emergentes confluentes de diversas subáreas foram: “[...] currículo, a didática, o trabalho docente, o trabalho pedagógico, processos de ensino e aprendizagem, a regulamentação da profissão, entre outros”. Temas estes que contribuem para a consolidação do GTT como polo aglutinador de discussão, reflexão, produção e socialização do conhecimento para a comunidade acadêmica da Educação Física e Ciências do Esporte no país.

Conforme Nozaki (2020, p. 87), o GTT em sua criação

[...] teve que conviver com a disputa de espaço pelos setores conservadores/corporativistas que defendiam o bacharelado e a regulamentação da profissão. Tão logo o sistema CONFEF/CREFs se consolidou como uma das principais forças da educação física brasileira, estes setores abandonaram a disputa no CBCE [...].

De acordo com Soares (2020, p. 7-8), ao longo de 20 anos de GTT, há uma atenção para “[...] o ordenamento legal e para a habilitação profissional permanente e aguçada de argumentações científico-legais, as quais munem toda a comunidade nesse campo da formação profissional e mundo do trabalho [...]”. Destaca, também, que o “acúmulo de produção também revela a preocupação com as competências para o trabalho nos diferentes campos de atuação profissional e a formação inicial [...]”.

A seguir, apresentamos alguns aspectos históricos e a organização do GTT; e a reafirmação da luta em defesa da formação integrada-unificada em Educação Física no Brasil, com base nos fundamentos do materialismo histórico-dialético.

Um pouco do histórico e da organização do GTT

O reconhecimento de uma área de conhecimento científico demanda extrair as problemáticas relacionadas às necessidades e às motivações humanas, identificadas por meio da problematização do problema (SAVIANI, 2009), os problemas investigativos, as questões de pesquisa, as teorias explicativas, bem como os pesquisadores e pesquisadoras, os grupos de pesquisa, as instituições, o financiamento, os eventos acadêmico-científicos, os periódicos, as entidades e comunidades científicas, os campos de intervenção social e profissional, etc. (TAFFAREL, 2019). Tendo em conta esses aspectos, é que a Educação Física e as Ciências do Esporte se constituem em áreas de conhecimento, bem como campos de formação e atuação profissional, e justificam a criação e existência do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte.

A Educação Física e as Ciências do Esporte estão determinadas historicamente pelo modo de produção capitalista, que possui em seu interior a permanente luta de classes e o embate entre ideias e projetos da classe capitalista e da classe trabalhadora, tendo em conta que seus interesses são antagônicos (TAFFAREL, 2019). Mais especificamente na etapa imperialista de desenvolvimento do capitalismo (ARRIZABALO MONTORO, 2014), o papel de uma entidade científica, de acordo com Taffarel (2019), é o de defender e fundamentar as suas ações na defesa do direito de todos e todas em acessar o patrimônio cultural da humanidade nas suas formas mais elaboradas (no caso da Educação Física, a Cultura Corporal), produzir e apropriar-se do

conhecimento científico, acessar uma formação inicial e continuada consistente bem como políticas públicas e direitos sociais, e ter trabalho e condições de vida dignos.

Consideramos que é nesse contexto e diante desses desafios que o CBCE foi criado em 1978, no período da ditadura civil-militar (TAFFAREL, 2019), e, atualmente, organiza-se e atua por meio de Secretarias Estaduais e Grupos de Trabalho Temáticos, articulados pela Direção Nacional da entidade. Tal organização visa articular, localmente e por grandes temáticas de investigação e de intervenção, os pesquisadores e as pesquisadoras, os professores, as professoras e os estudantes da área da Educação Física.

Em sua criação em 1997, o GTT era denominado Educação Física/Esporte e Formação Profissional/Campo de Trabalho (NOZAKI, 2020) e, em 2001, no XII Conbrace (Caxambu/MG), foram definidos os seus eixos temáticos: “a) políticas públicas de formação em Educação Física; b) Trabalho/ Educação/Educação Física; c) Produção de conhecimento; d) Currículo e prática pedagógica; e) Formação do professor e profissionalização docente” (NOZAKI, 2020, p. 84). A ementa do GTT, definida antes do XII Conbrace, permanece a mesma atualmente: “Estudos acerca dos distintos aspectos do processo profissional concernente à área de conhecimento Educação Física. Estudos sobre a relação da formação e a inserção do profissional desta área de conhecimento no mundo do trabalho”⁴⁷.

Quanto à mudança de nome do GTT, Nozaki (2020) destaca que o debate ocorreu no XII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (Conbrace) (2001) e no XIII Conbrace (2003), ambos realizados em Caxambu/Minas Gerais. O autor evidencia que três posições epistemológicas e políticas em relação à formação profissional e ao trabalho docente foram identificadas nesse debate:

A primeira delas defendia o nome ‘formação de profissionais e intervenção profissional’, caracterizada por uma visão sistêmica de sociedade e fracionada de intervenção entre a escola e fora dela e, conseqüentemente, a fragmentação da formação entre licenciatura e bacharelado. A segunda posição defendia o nome ‘formação profissional e campos de trabalho’ calcada em uma percepção fenomênica de sociedade, baseada em elementos supraestruturais, tais como o cotidiano, a cultura, o gênero, a memória e o corpo. E, a última posição, com base no marxismo, que reivindicava o nome ‘formação profissional e mundo do trabalho’, considerava como eixo o trabalho pedagógico – práxis social – na formação, produção do conhecimento e nas políticas públicas (TAFFAREL, 2003a). (NOZAKI, 2020, p. 86-87).

A mudança na denominação mostrava-se estratégica para tomar posição no interior da disputa de projetos de formação humana, de ciência e de sociedade. Portanto, o GTT passou a ser

⁴⁷Disponível em <https://cbce.org.br/gtt/gtt06-formacaoprofessionalemundodotrabalho>

denominado “Formação Profissional e Mundo do Trabalho” – o que se formalizou no XV Conbrace, realizado em 2007, em Recife/PE (NOZAKI, 2020).

Registramos, ainda, o importante papel do GTT Formação Profissional e Mundo do Trabalho no debate e resistência às novas DCNs-EF no início dos anos 2000 (processo que resulta na Resolução do Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Superior (CNE/CES) nº 07/2004, recentemente revogada pela Resolução CNE/CES nº 06/2018) e na defesa e articulação de iniciativas visando fortalecer a proposta da Licenciatura Ampliada⁴⁸ para a formação de professores e professoras de Educação Física (MORSCHBACHER, 2022).

Constam no histórico do GTT na página virtual do CBCE⁴⁹ os seguintes relatórios: Relatório parcial do GTT Formação Profissional e Mundo do Trabalho 2011-2013; Relatório do GTT Formação Profissional e Mundo do Trabalho 2013-2015; Relatório do GTT Formação Profissional e Mundo do Trabalho 2015-2017; Plano de ação do GTT 6 para a gestão 2017-2019; Relatório de atividades do GTT Formação profissional e Mundo do Trabalho - Biênio 2017-2019.

Esses relatórios expõem o trabalho desenvolvido ao longo dos anos, tais como participação nas atividades formativas na Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) sobre o tema da formação profissional em Educação Física no Brasil; atuação dos membros do comitê científico do GTT nos eventos regionais do CBCE; produção de livros organizados pelo GTT; participação no Fórum das Licenciaturas com Formação Ampliada (FORLIA); acompanhamento do debate das Diretrizes Curriculares para a formação em Educação Física no Conselho Nacional de Educação; consolidação de ações entre o GTT e as Secretarias Estaduais na realização de evento e mobilização de novos associados e novas associadas, dentre outras atividades internas e externas do GTT.

Registramos nominal e institucionalmente a relação das Coordenações e Coordenações Adjuntas do GTT⁵⁰ que tivemos nas gestões dos anos de 2001 a 2003 – Celi Nelza Zulke Taffarel (Universidade Federal da Bahia - UFBA); 2003 a 2005 – Zenólia Cristina Campos Figueiredo (Universidade Federal do Espírito Santo - UFES); 2005 a 2007 – Claudio Lira Santos Júnior

⁴⁸ Conforme Taffarel e Santos Júnior (2010), a Licenciatura Ampliada consiste na proposta de formação de professores e professoras de Educação Física para atuar nos diversos campos de trabalho (educacional, saúde, lazer e esporte) em um curso único, compreendendo-se que “onde quer que atuemos (escolas, acadêmicas clubes, praças, etc.) o que nos unifica e nos dá identidade é o trabalho docente” (TAFFAREL; SANTOS JÚNIOR, 2010, p. 34-35). Trata-se, portanto, de assegurar uma consistente base teórica na formação dos professores e professoras de Educação Física que lhes permita contextualizar sua intervenção e desenvolver o trato com o conhecimento conforme a especificidade e as necessidades do campo de trabalho e dos sujeitos que acessam os conteúdos da cultura corporal (TAFFAREL; SANTOS JÚNIOR, 2010). Taffarel (2012, p. 110) destaca que a Licenciatura Ampliada coloca, ainda, a necessidade de um currículo “currículo com uma orientação epistemológica com base na teoria crítica, de referência marxista; currículo com delimitação de um objeto preciso de estudo –a cultura corporal”.

⁴⁹ Disponível em cbce.org.br/gtt/gtt06-formacaoprofessionalemundodotrabalho.

⁵⁰ Esta informação foi colhida na aba do GTT na página do CBCE. Disponível em cbce.org.br/gtt/gtt06-formacaoprofessionalemundodotrabalho.

(UFBA); 2007 a 2009 – Marta Genú Soares (Universidade do Estado do Pará - UEPA); 2009 a 2011 – Roseli Terezinha Selicani Teixeira (Universidade Estadual de Maringá - UEM); 2011 a 2013 – Paulo Roberto Veloso Ventura (Universidade do Estado de Goiás - UEG/Pontifícia Universidade Católica de Goiás - PUC-GO); 2013 a 2015 – Paulo Roberto Veloso Ventura (UEG/PUC-GO); 2015 a 2017 – Marta Genú Soares (UEPA); 2017 a 2019 – Marta Genú Soares (UEPA); 2019 a 2021 – Márcia Morschbacher (Universidade Federal de Santa Maria - UFSM), Coordenador Adjunto: José Henrique dos Santos (UFRRJ); 2021 a 2023 - Márcia Morschbacher (UFSM) e Coordenador Adjunto Tiago Nicola Lavoura (Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC).

Para além da produção do GTT nas diferentes edições dos Conbrace's e Congressos Internacionais de Ciências do Esporte (Conice's), na Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE) e Cadernos de Formação RBCE em 2005, o GTT publicou o livro *Formação Profissional em Educação Física e Mundo do Trabalho*, uma coletânea de 11 textos organizada pela professora Zenólia Christina Campos Figueiredo, desenvolvendo o debate acerca do mundo do trabalho, a formação inicial e permanente, conselhos profissionais, limites da formação, exercício profissional, diretrizes curriculares, estágio supervisionado, produção científica no âmbito da formação de professores e professoras de Educação Física.

Em 2013, um trabalho advindo do GTT recebeu o Prêmio Literatura do CBCE intitulado “O Trabalho Docente na formação inicial em Educação Física: reflexões epistemológicas ...” de autoria do Professor Ricardo Rezer. Em 2020, a coleção Ciências do Esporte, Educação Física e Produção do Conhecimento em 40 ano do CBCE – volume 4 – Formação Profissional e Mundo do Trabalho, organizado por Marta Genú Soares, Pedro Athayde, Larissa Lara (2020) integrou um conjunto de textos de diversos(as) pesquisadores(as) do Brasil em torno da temática que se consolida o GTT.

O GTT se organiza com a gestão de uma Coordenação e Coordenação Adjunta, um Comitê Científico com dois representantes por região geográfica do Brasil. Em algumas gestões, esteve/está também organizado um Comitê Ampliado que contribuiu significativamente para o desenvolvimento dos trabalhos no âmbito do GTT.

Consideramos que o GTT Formação Profissional e Mundo do Trabalho tem sido fundamental desde sua criação até a atualidade na constituição/fortalecimento de um espaço educativo-político para a formação de estudantes, professores, professoras, pesquisadores, pesquisadoras interessados e interessadas sobre a agenda da formação e do trabalho situado historicamente numa sociedade de classes, a qual resistimos. Todos e todas que o integram são valorosos companheiros e valorosas companheiras que pesquisam, produzem, militam e socializam

os conhecimentos em torno daqueles campos, que são essenciais para a problematização e a construção de novos tempos, espaços e condições superadoras e transformadoras para a classe trabalhadora na atual sociedade.

O GTT Formação Profissional e Mundo do Trabalho: necessário para as lutas em defesa da formação integrada-unificada em Educação Física

Aqui, lançamos algumas reflexões e problematizações sobre a relevância do GTT Formação Profissional e Mundo do Trabalho para a defesa da formação integrada-unificada em Educação Física, frente às atuais Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) de nossa área.

Considerando o período compreendido entre apresentação da minuta de DCN em 2015 pelo Conselho Nacional de Educação até a publicação da Resolução CNE/CES nº 06/2018, o GTT Formação Profissional e Mundo do Trabalho reafirmou sua posição construída coletivamente em torno da defesa da formação unificada/licenciatura ampliada. Nesse processo, destacam-se: a) a participação de representantes do GTT na audiência pública do CNE em Brasília/Distrito Federal em dezembro de 2015; b) a resposta do GTT à demanda da Direção Nacional do CBCE aos GTT no primeiro semestre de 2016 para debater internamente e elaborar posicionamento sobre as alterações das DCNs (minuta de DCN apresentada pelo CNE em 2015); c) o envio de ofício ao professor Luiz Roberto Liza Curi, membro da CES do CNE, com contribuições do GTT para a reformulação das DCNs-EF (em fevereiro de 2017).

Compreendemos que a Resolução do Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Superior (CNE/CES) nº 06/2018 e Parecer do CNE exarado pelo Conselho Pleno (CP), Parecer nº 584/2018, e toda regulação que advir dessa resolução, representam a “mão” contínua do Sistema estabelecido pelo Conselho Federal de Educação Física/Conselho Regional de Educação Física (CONFEF/CREFs) interferindo nas políticas educacionais formativas para o campo da Educação Física sob a lógica do mercado, que abarca sujeitos históricos que integram a classe-que-vive-do-trabalho (ANTUNES, 2005).

Para Silva; Furtado (2022, p. 07)

[...] as DCNs/EF também se constituem como expressão das lutas sociais em torno da formação na área. Tal luta envolve um conjunto de sujeitos individuais

e, sobretudo, coletivos disputando concretamente o conteúdo, formas e finalidades de formação da força de trabalho na área da educação física e esportes.

E são, também, as DCNs constituídas por determinações, que envolvem o campo da Educação Física e Ciências do Esporte, bem como outras que extrapolam esses campos, situadas historicamente no atual modo de produção capitalista, que prima pelo lucro, pela exploração da classe trabalhadora, pela negação dos direitos historicamente conquistados por esta (SILVA; FURTADO, 2022).

Costa; Hack; Luz (2021) destacam que, desde a regulamentação da profissão, promulgada na Lei nº 9.696/1998, que instituiu o Sistema CONFEF/CREF, este tem atuado como um dos grandes representantes do capital em nossa área de atuação, “e contribuído, em larga escala, para o acirramento entre licenciados e bacharéis, no que diz respeito a precarização da formação” e disputa entre estes sujeitos (COSTA; HACK; LUZ, 2021, p. 8). Essas autoras apontam, também, que há um falseamento da realidade sobre o campo de trabalho de professores e professoras em Educação Física, na intenção de ajustá-los ao atendimento das necessidades do mercado; os caminhos formativos e a própria compreensão política-crítica-emancipadora daqueles(as) sujeitos sobre os desafios do mundo do trabalho, quanto aos embates históricos entre licenciatura e bacharelado.

As autoras acima destacam que há no projeto formativo neoliberal expresso nas atuais DCNs-EF uma arquitetura de conformação docente pelos seguintes elementos:

1) no Art. 3º a concepção de objeto de estudo da Educação Física apresentado como “[...] motricidade ou movimento humano, a cultura do movimento corporal [...]” (BRASIL, 2018, p. 1);

2) no Art. 5º o consentimento de conciliação entre licenciatura e bacharelado com “[...] o ingresso único, destinado tanto ao bacharelado quanto à licenciatura, e desdobrar-se-á em duas etapas [...]”, sendo a etapa comum – núcleo de estudos da formação geral com 1.600 horas para ambas formações e etapa específica – formação específica com 1.600 horas, com conhecimentos específicos das escolhas em bacharelado ou licenciatura, sendo esta realizada no 4º semestre do curso (BRASIL, 2018);

3) no Art. 11 § 1º o estágio supervisionado assentado em bases pragmáticas, utilitaristas, mecanicistas, correspondendo a “[...] 20% das horas referenciais adotadas pelo conjunto do curso de Educação Física ao aprendizado em ambiente de prática real [...]” (BRASIL, p. 3) (COSTA; HACK; LUZ, 2021).

Uma síntese que representa a concepção formativa – o currículo em Educação Física – assentada nas atuais DCNs-EF é a análise de Silva; Furtado (2022, p. 12), que destacam sobre o “consenso possível” entre diferentes setores da área da Educação Física e a inserção de “[...] temas,

conceitos e ideias do campo mais progressista, sem, no entanto, recuar naquilo que é central para as exigências do capital: o currículo por competências e a formação flexível”.

Um currículo baseado nos princípios da flexibilidade e das competências, constituindo o recuo da teoria, esclarece de modo significativo sobre qual o tipo de formação e de sujeitos almejados. O fundamento da formação por competências está assentado na subordinação da educação à estrutura e lógica econômica, próprios ao projeto de modernização conservadora da aliança consensual da nova direita. A formação é baseada em uma perspectiva pragmática e orientada para resolução de problemas, com um claro rebaixamento intelectual, moral e corporal (cultural) dos estudantes, deflagrando um desmonte na própria ideia de universidade. Almeja-se uma formação que se adapte constantemente às mudanças do mercado de trabalho, em vez de uma formação consolidada na apropriação dos conhecimentos sistematizados mais avançados no plano da ciência, da cultura e da sociabilidade (SILVA; FURTADO, 2022, p. 12).

Contraditoriamente a esse cenário, há um conjunto de diferentes setores progressistas do campo da Educação Física, em destaque: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte; Grupos de Estudos e Pesquisas do Brasil, Associação Nacional pela Formação dos Profissionais da Educação (Anfope), Executiva Nacional dos Estudantes de Educação Física (ExNEEF), Movimento Nacional Contra a Regulamentação da Profissão da Educação Física (MNCR), Comitê Nacional Contra as Atuais Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Física vêm se movimentando, construindo resistências, pontes de diálogos, reflexões e problematizações em torno do caráter instrumental, fragmentado e conservador das DCNs-EF (SILVA; FURTADO, 2022).

Com todos os ataques sofridos nos últimos anos, sejam eles relacionados às condições de trabalho, destituição de direitos duramente conquistados, retrocessos no campo legislativo, usurpação dos espaços públicos democráticos no âmbito da formulação das políticas públicas, a exemplo do Conselho Nacional de Educação, enfim com o franco processo de regressão político-social, encaminhando-se para a desumanização da classe trabalhadora, é mister que o GTT reafirme sua posição na luta de classes.

Nesse sentido, permanecem atuais e relevantes duas demandas cujo enfrentamento é tarefa coletiva de todos e todas que constroem o GTT: ampliar e aprofundar o atual debate sobre as atuais DCNs-EF, considerando os marcos teóricos e as bases pedagógicas desses documentos legais; os interesses que visam atender na disputa de projetos de formação humana e de sociedade, bem como ampliar e aprofundar investigações e debates sobre a proposta de formação integrada-unificada e/ou Licenciatura Ampliada, reafirmando-a como proposição superadora no interior da formação de professores e professoras de Educação Física e instrumento de resistência (MORSCHBACHER, 2022).

Considerações Finais

Assim, referenciamos que o GTT em tela continue aprofundando o compromisso com o estudo da realidade concreta em toda amplitude de suas determinações, para estabelecer os nexos e relações possíveis para contribuir com a defesa da formação integrada-unificada no campo da Educação Física e a sólida formação que permita uma atuação competente nos seus diferentes campos de trabalho; e fortaleça o combate ao discurso neoliberal do conselho profissional, que insiste em dar o tom rebaixado da formação inicial, ferindo o seu próprio papel como conselho, e atingindo a universidade em sua autonomia.

Que o GTT intensifique a apropriação de variadas estratégias para qualificar sua atuação em uma temática de tal relevância no campo da Educação Física e Ciências do Esporte como a ampliação do Comitê Científico, a produção de outros livros no formato de coletânea, pautar a ampliação de pesquisas sobre o mundo do trabalho em geral e, em específico, o trabalho dos professores e das professoras de Educação Física nos diversos campos de intervenção, considerando a tendência à desregulamentação e à precarização do trabalho, sobre os impactos das atuais DCNs-EF sobre os cursos de graduação em Educação Física, sobre as bases pedagógicas hegemônicas da formação de professores e professoras de Educação Física (as pedagogias do aprender a aprender) e sobre a formação integrada-unificada e/ou Licenciatura Ampliada.

Referências

- ANTUNES, R. *Adens ao trabalho?* Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 15. ed. São Paulo: Cortez; Campinas: Editora da Unicamp, 2005.
- ARRIZABALO MONTORO, X. *Capitalismo y economía mundial: bases teóricas y análisis empírico para la comprensión de los problemas económicos del siglo XXI*. Madrid: Instituto Marxista de Economía, 2014.
- COSTA, M. da C. dos S.; HACK, C.; LUZ, S. F. As novas Diretrizes Curriculares Nacionais em Educação Física: ataques ao trabalho e a formação dos trabalhadores e das trabalhadoras da Educação Física. *Revista Fluminense de Educação Física*. Novas DCNs da Educação Física: perspectivas de unidade da formação ou avanço da fragmentação? Niterói, v.2, n.2, p. 1-16, dez. 2021. Disponível em <https://periodicos.uff.br/edfisica-fluminense/article/view/51709>. Acesso em: 5 out. 2022.
- MORSCHBACHER, M. O Grupo de Trabalho Formação Profissional e Mundo do Trabalho do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte: síntese das tarefas e desafios. *In.: I CONGRESSO CBCE REGIÃO SUDESTE, 7., 2022, São Paulo. Anais [...] São Paulo: CBCE, 2022. p. 77-91.*

NOZAKI, H. T. O GTT Formação Profissional e Mundo do Trabalho do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte: de sua criação à Carta de Vitória. *In.*: SOARES, M. G., ATHAYDE, P. , LARA, L. (Orgs.). *Formação profissional e mundo do trabalho*. Natal, RN: EDUFRN, 2020. p. 79-95.

SAVIANI, D. *Educação: do senso comum à consciência filosófica*. 18ª ed. Campinas: Autores Associados, 2009.

SILVA, H. L. F. da; FURTADO, R. P. Reação conservadora neoliberal e políticas curriculares: as novas diretrizes curriculares nacionais da educação física. *Currículo sem Fronteiras*, v. 22, p. 1-18, 2022. Disponível em: www.curriculosemfronteiras.org/vol22articles/2150-silva-furtado.pdf. Acesso em: 10 mai. 2023

SOARES, M. G. Apresentação. *In.*: SOARES, M. G., ATHAYDE, P. , LARA, L. (Orgs.). *Formação profissional e mundo do trabalho*. Natal, RN: EDUFRN, 2020. p. 7-11.

SOARES, M. G., ATHAYDE, P. , LARA, L. (Orgs.). *Formação profissional e mundo do trabalho*. Natal, RN: EDUFRN, 2020.

TAFFAREL, C. N. Z. Formação de Professores de Educação Física: diretrizes para a formação unificada. *Kinesis*, Santa Maria, v. 30, n. 1, p. 95-133, 2012.

TAFFAREL, C. N. Z. Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte: 40 anos de desafios e o fardo do tempo histórico. *In.*: LARA, L. *et al.* (Orgs.). *Ciências do esporte, educação física e produção do conhecimento em 40 anos de CBCE*. Ijuí: Ed. Unijuí, v. 1, p. 27-49, 2019.

TAFFAREL, C. N. Z.; SANTOS JÚNIOR, C. de L. Formação humana e formação de professores de educação física: para além da falsa dicotomia licenciatura X bacharelado. *In.*: TERRA, D. V.; SOUZA JÚNIOR, M. (Orgs.) *Formação em educação física & ciências do esporte: políticas e cotidiano*. São Paulo: Aderaldo & Rothschild: Goiânia: CBCE, 2010. p. 13-48.

A TRAJETÓRIA DO TEMA “CORPO” NO CONBRACE DE 1997 A 2021

Jaqueline Cordeiro de Brito
Universidade Federal de Goiás

Augusto César Vilela Gama
Universidade de Brasília

Marisa Mello de Lima
Secretaria Municipal de Educação de Goiânia-GO

Tadeu João Ribeiro Baptista
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Introdução

Analisar o tema “corpo” e as concepções que o cercam amplia a nossa forma de o pensar. Para compreender a visão de corpo que temos na atualidade, é necessário fazer uma caminhada pela história e observar as diferentes formas de pensar este objeto ao longo dos últimos anos. No decorrer da história, o tema vem sendo discutido e ganhando cada vez mais foco. De acordo com Daolio (2005), no corpo estão inscritas todas as regras, todas as normas e todos os valores de uma sociedade específica, por ser ele o meio de contato primário do indivíduo com o ambiente que o cerca. Então, fazer um panorama do conceito de corpo nos anais do Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (Conbrace), sobretudo nos últimos 25 anos⁵¹, é refletir sobre como o debate sobre o corpo vem se sucedendo no interior do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE), procurando iluminar as contribuições para a Educação Física e Ciências do Esporte no Brasil nesse período.

O corpo é fortemente marcado por processos culturais e históricos (HEROLD JUNIOR, 2015; MENDES *et al.*, 2023). Ele adquire significado ao interagir com o ambiente que o cerca e com os valores da sociedade e do modo de produção que o definem socialmente (MEDINA, 2009; BAPTISTA, 2013). Pensar sobre o corpo é pensar na história humana. É pensar em várias outras categorias que perpassam essa temática como a saúde, os padrões de beleza, o trabalho, entre outras. Muitos desses assuntos são encontrados nos textos do Conbrace, sob diversas perspectivas, indo desde as compreensões de um corpo como uma máquina, até a ideia do corpo como constructo sócio-histórico.

⁵¹ Estamos considerando como referência o período compreendido entre a inauguração dos Grupos de Trabalhos Temáticos (GTT) no Conbrace de 1997, acontecido em Goiânia até o ano de 2022, quando essa estrutura do CBCE comemorou seus 25 anos de contribuição do evento “Simpósio Nacional do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte: 25 anos dos Grupos de Trabalho Temático”, ocorrido em Belo Horizonte, na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais (EEFTO/UFMG) de 17 a 19 de novembro de 2022.

Ao analisar os aspectos empíricos do corpo na sociedade atual, este tem reproduzido o modelo capitalista e avança para uma coisificação e fetichização cada vez mais intensa. De acordo com Marx (2004), o corpo, no materialismo histórico-dialético, é uma mercadoria, visto que nas relações mercado-capital, o corpo como lócus da força de trabalho e esta, por sua vez, adquire atributos negociáveis no mercado de trabalho, ou seja, adquire valor de troca (MARX, 2004). Esse corpo que, ao mesmo tempo, consome e é consumido.

A produção acadêmica das Ciências do Esporte e da Educação Física estabelece um diálogo entre o corpo e a forma como ele tem sido, está sendo e pode ser olhado e representado historicamente. Ao longo dos textos analisados do Conbrace, de 1997 a 2021, podemos perceber que o conceito de corpo remete a diversos posicionamentos teóricos, filosóficos e antropológicos.

Para que se entenda o que tem sido esta produção do conhecimento, vale relembrar que em 1995, durante o IX Conbrace, realizado em Vitória, a Direção Nacional (DN) do CBCE criou os Grupos de Trabalho Temático (GTT), o que permitiu uma melhor organização do evento, quanto à apresentação dos trabalhos, os quais eram apresentados como temas livres, embora possa se identificar, por meio dos anais, uma organização que aproximava cada vez mais os temas dos trabalhos apresentados⁵². Desse modo, ao organizar os GTT também foi possível congregiar os pesquisadores em torno de cada tema, permitindo, desse modo, um debate mais consistente e o desenvolvimento da Educação Física/Ciências do Esporte brasileira.

No X Conbrace (Goiânia, 1997), inaugurou-se então a apresentação dos trabalhos pelos GTT. Nesse evento, estavam presentes vários GTT como Escola, Formação Profissional, Epistemologia, Treinamento Esportivo, Atividades Física e Saúde, Pós-Graduação, entre tantos outros, não havendo, contudo, um grupo específico sobre o corpo.

O primeiro GTT que incluía o corpo foi o GTT Memória, Cultura e Corpo (GTTMCC) em 1999 no XI Conbrace em Florianópolis e, finalmente, durante a reunião da SBPC de 2004, a DN dividiu este GTT em dois, o GTT Memórias da Educação Física e do Esporte (GTTMEFE) e GTT Corpo e Cultura (GTTCC).

Deste modo, o objetivo deste trabalho é propor uma distribuição temporal da discussão sobre o corpo, considerando as alterações ocorridas na estrutura dos GTT de 1997 a 2021, tendo como referência as temáticas apresentadas ao longo desses 25 anos.

Metodologia

⁵² Para se evidenciar isso, sugere-se uma visita aos anais do Conbrace que estão disponíveis no site do CBCE. Para maiores informações veja: <https://cbce.org.br/anais/>. Acesso em: 28 jun. 2023.

Este trabalho se caracteriza como uma análise documental (LIMA JUNIOR *et al.*, 2021), utilizando uma análise quanti-qualitativa, de acordo com Santos Filho e Gamboa (2013). O corpus de análise se compõe dos textos que foram publicados entre 1997 e 2021. A seleção dos textos se baseou na presença da palavra corpo no título, resumo ou palavras-chaves (quando estavam presentes) em trabalhos de comunicação oral publicados nos anais do Conbrace. Os trabalhos que não apresentavam a palavra corpo no título, resumo ou palavras-chave, ainda que fossem palavras relativas como práticas corporais, corporalidade, corporeidade, foram excluídos, assim como os pôsteres. Devido às diferenças nos congressos quanto aos GTT, adotamos as seguintes análises:

1997 – Trabalhos que atendessem os critérios de inclusão de qualquer GTT;

1999-2003 – Trabalhos dentro dos parâmetros estabelecidos do GTTMCC;

2005-2021 – Comunicações orais do GTTCC que atendessem aos critérios de inclusão.

Resultados e discussão

Ao analisar os dados, foi possível identificar algumas características distintas em cada período analisado, ainda que haja diferenças em relação ao momento histórico, à quantidade dos GTT, entre outras análises possíveis.

Primeiro, deve-se considerar que em 1997 não havia um GTT específico para o debate sobre o corpo, assim, identificamos ao todo 41 trabalhos entre os distintos grupos de trabalho, como o de epistemologia, escola, entre outros. Desse modo, pensamos que esse período pode ser denominado, conforme a proposta de Brito, Lima e Baptista (2021) como período de “Generalização”, uma vez que o tema do “Corpo” era genérico em vários GTT. Entretanto, procuramos fazer algumas análises mais detalhadas, foram selecionados 24 trabalhos para uma leitura integral. Destes, é importante apresentar algumas características.

Dos trabalhos analisados, foi possível identificar por informação do autor ou por análise que, destes, três têm perfil teórico-metodológico fenomenológico, um dialoga com o materialismo dialético e um com características do movimento pós-moderno e dois com características positivistas. Nos demais, não foi possível identificar ou não foi mencionado pelo autor, o seu paradigma de referência.

Quanto à região de origem temos, em 1997, 14 do Sudeste, 4 da Região Nordeste, 3 da Região Centro-Oeste e nenhum da Região Norte.

No período posterior, os trabalhos sobre corpo se concentraram predominantemente no GTTMCC. Nesse espaço, foram identificados, ao todo, 37 trabalhos. Por isso, defendemos a

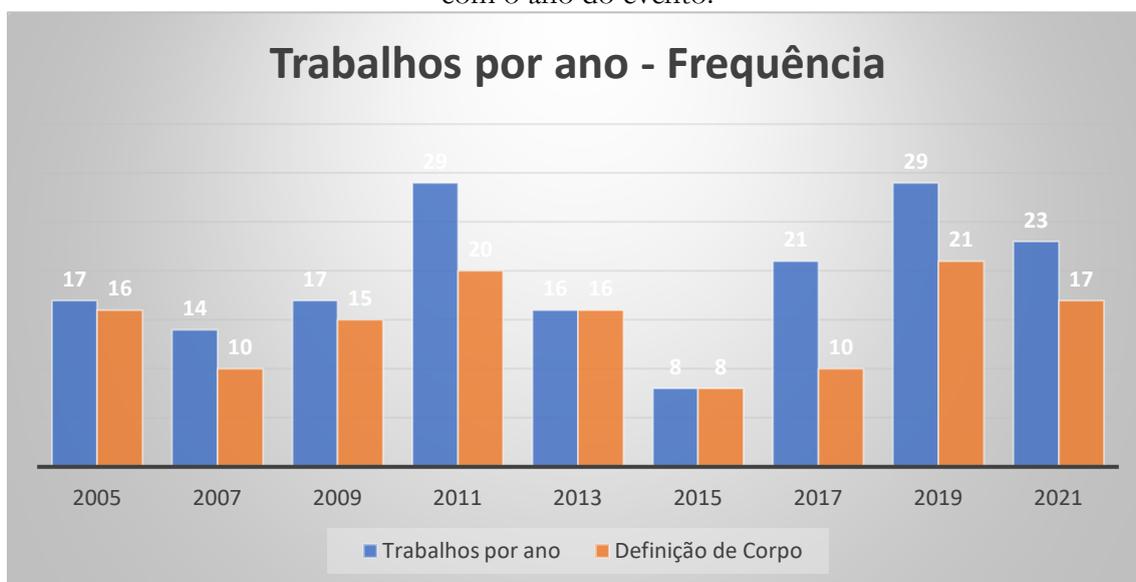
perspectiva de Brito, Lima e Baptista (2021) de que esse período pode ser chamado de período de “Reconhecimento”, pelo fato de a DN ter criado um GTT específico que congregasse o tema do corpo. Apesar de esse período temporal ser maior (1999-2003), houve uma grande concentração de trabalhos que não definiam o corpo, sendo sete em 1999 e seis em 2003. Todos os trabalhos analisados em 2001 traziam alguma definição de corpo.

Do ponto de vista paradigmático, no total 18 trabalhos não apresentavam um paradigma claro, sendo 5 em 1999, 1 texto em 2001 e 12 em 2003. Além disso, ao longo de todo o período, ainda tiveram quatro trabalhos de matriz fenomenológica, seis que se aproximavam do Materialismo Dialético, um na perspectiva positivista e outros nove na lógica do Movimento Pós-Moderno.

A distribuição regional nesse período foi de 1 da Argentina e 1 de Portugal, 4 da Região Nordeste, 26 da Região Sudeste e 7 do Sul. Aqui, começa a se identificar um ponto interessante. Alguns textos analisados têm não só pesquisadores de instituições diferentes, mas de regiões geográficas e até de países distintos, apresentando as suas pesquisas no evento.

O terceiro momento foi denominado de “Consolidação”, pelo fato de ter havido a criação efetiva do GTTCC, o qual estreou no evento de 2005 em Porto Alegre/RS. Desse período, analisamos 174 trabalhos que se adequaram aos critérios de inclusão da pesquisa, o qual se estende até o Conbrace/Conice de 2021. Desse modo, pretendemos apresentar o total de trabalhos que foram analisados na pesquisa e quantos apresentaram definições de corpo, demonstrado no Gráfico 1.

Gráfico 1: Frequência de trabalhos analisados e que apresentam definições de corpo de acordo com o ano do evento.



Fonte: Elaboração Própria

Por meio do Gráfico 1, pode-se identificar que houve uma oscilação na quantidade de trabalhos analisados, de acordo com os anos. Primeiro, é possível constatar dois momentos em que existem mais trabalhos analisados e que, portanto, discutem “corpo” de forma mais específica no GTTCC. O primeiro, de 2007 a 2011 e o segundo, de 2015 a 2019. Este último momento, inclusive, está vinculado em 2015 à criação e estreia do GTT de Gênero. Esse tema foi muito recorrente no GTTCC em períodos anteriores à criação do Grupo de Trabalho Temático sobre Gênero (GRANDO *et al.*, 2007).

Outro aspecto que se destaca é que nem sempre os trabalhos apresentam definições de corpo nesse período. Dos trabalhos analisados, nos anos de 2013 e 2015 é que existe a maior proporção de trabalhos que apresentam essas discussões, chegando a 100%.

Do ponto de vista regional, apresentaremos os resultados na Tabela 1, para facilitar a visualização.

Tabela 1: Distribuição de Trabalhos por Região/País*

Região	Frequência**	Percentual
Centro Oeste	34	18,38
Nordeste	48	25,95
Norte	6	3,24
Sudeste	68	36,76
Sul	26	14,05
Uruguay	3	1,62
Total	185	100

Fonte: Elaboração Própria

*Nesse período, ao contrário de outros, os trabalhos apresentados de outros países foram apenas do Urugay (Mantivemos a escrita de apresentação do trabalho), motivo pelo qual ele consta isoladamente.

** A frequência extrapola o total de trabalhos analisados (174), porque alguns trabalhos foram apresentados por pesquisadores de regiões diferentes.

Na Tabela 1, é possível identificar a predominância de trabalhos da Região Sudeste, seguida pela Região Nordeste, Região Centro-Oeste, que tem produzido e apresentado várias pesquisas no evento, seguido pela Região Sul e pela Região Norte, a qual sempre sofreu historicamente com a falta de cursos de graduação e de pós-graduação. Finalmente, identifica-se a presença internacional por meio de trabalhos do Uruguay, todos vindos da Universidad de La Republica (UDELAR).

Por fim, procurou-se fazer, nos textos pesquisados, uma análise sobre os paradigmas epistemológicos com base na menção dos autores ou da análise pelas características e fundamentos dos artigos. Destarte, os dados estão apresentados na Tabela 2, considerando que, ao todo, entre 2005 e 2021 foram avaliados 174 textos.

Tabela 2: Frequência e Percentual dos Paradigmas identificados nos textos

Paradigma	Frequência	Percentual
Fenomenologia	61	35,06

Materialismo Dialético	14	8,05
Positivismo	4	2,30
Pós-Moderno	43	24,71
Não identificado	52	29,89
Total	174	100

Fonte: Elaboração Própria.

Dos textos analisados, identifica-se a predominância da fenomenologia, seguida do movimento Pós-moderno, dado consistente com o que foi encontrado por Baptista (2019). Contudo há uma inversão em relação ao posicionamento do positivismo em revistas A-1 da Educação, nas quais o positivismo predomina sobre o materialismo dialético. Por fim, deve-se chamar a atenção para o fato de que 29,08% dos textos não foram identificados quanto ao seu paradigma, o que justifica o aprofundamento dos estudos.

Conclusão

Ao longo da pesquisa realizada, foram identificados e analisados 244 trabalhos. No momento que apresentamos esta proposta temos clareza de seus limites e arbitrariedades, mas, ao mesmo tempo, a intenção central é identificar o movimento que o tema sobre o corpo tem demonstrado até aqui dentro do CBCE e do próprio GTT Corpo e Cultura. Dessa forma, simplesmente apresentamos a proposta para abriremos o debate.

Como vimos, é evidente a preocupação com o corpo ao longo dos tempos, o que também foi possível observar nas produções Conbrace, de 1997 a 2021. Ao dialogar com as publicações e com as concepções trazidas pelos seus autores, pretendemos contribuir para futuras publicações e abrir lugar para outras discussões. O debate sobre o corpo está longe de ser esgotado.

Contudo, ao se atualizar o debate sobre essa periodização, considerando a criação dos GTT de Gênero a partir de 2015 e o de Relações Étnico Raciais em 2021, entendemos que já é necessária uma nova versão dessa periodização. Assim, a consolidação iria até 2013 e, a partir de 2015, sugerimos o momento denominado de especialização. Nesses dois momentos identificamos um total de 93 trabalhos 2005/2013 e 2015/2021, 81 comunicações orais até agora, o que totaliza os 174 artigos analisados.

Ficamos à disposição para outras reflexões e debates que estão em andamento.

Referências

BAPTISTA, T. J. R. *A educação do corpo na sociedade do capital*. Curitiba: Appris, 2013.

BAPTISTA, T. J. R. A produção sobre corpo em revistas da educação: uma análise epistemológica. *Filosofia e Educação*, v. 11, p. 86-118, 2019.

BRITO, J. C. de; LIMA, M. M.; BAPTISTA, T. J. R. O debate sobre o corpo no CONBRACE: de 1997 a 2017. In: XXII CONBRACE/IX CONICE, 2021, Belo Horizonte. Educação Física e Ciências do Esporte no tempo presente: defender vidas, afirmar as ciências. *Anais [...] Belo Horizonte: CBCE*, 2021. p. 1-8.

DAOLIO, Jocimar. *Da cultura do corpo*. São Paulo: Papyrus, 2005. p. 39.

GRANDO, Beleni et al. Trajetórias e Perspectivas do GTT Corpo e Cultura. In: CARVALHO, Yara M; LINHALES, Meyli A. *Política científica e produção do conhecimento em educação física*. Goiânia: CBCE, 2007, p. 175-195.

HEROLD JUNIOR, C. O corpo no trabalho. *Movimento* (UFRGS. Impresso), v. 21, n. 1, p. 275-280, 2015.

LIMA JUNIOR, Eduardo Brandão et al. Análise documental como percurso metodológico na pesquisa qualitativa. *Cadernos da FUCAMP*, v. 20, n. 44, p. 36-51, 2021.

MARX, K. *Capítulo VI – Inédito de O Capital*. Tradução de Klaus Von Puchen. São Paulo, Centauro, 2004.

MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política*. V I. Tomo 1. Trad. Reginaldo Sant'anna. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

MEDINA, João Paulo S. *O brasileiro e seu corpo: educação e política do corpo*. 12. ed. Campinas: Papyrus, 2009.

MENDES, Maria Isabel Brandão de Souza et al. O banho de mar como potencializador de experiências corpóreas. *Revista Latinoamericana de Estudios sobre Cuerpos, Emociones y Sociedad (RELACES)*, v. 15, n. 41, p. 67-78, 2023.

SANT'ANNA, D. B. Uma história do corpo. In: Soares, C. (Org.). *Pesquisas sobre o corpo: ciências humanas e educação*. Campinas: Autores Associados, 2007.

SANTOS FILHO, J. C. dos; GAMBOA, S. S. (Orgs.). *Pesquisa educacional: quantidade-qualidade*. São Paulo: Cortez, 1997.

O DEBATE ACADÊMICO SOBRE EXERCÍCIO FÍSICO E SAÚDE NO CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE

Brenda Lucia da Silva Marchiore
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Pablo Rodrigo de Oliveira Silva
Universidade Castelo Branco-RJ

Cláudio Melibeu Bente
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Rodrigo Lema Del Rio Martins
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Introdução

A atividade física pode ser considerada uma forma de lazer que, com o decorrer dos séculos foi ganhando notoriedade por seus benefícios relacionados à saúde. Segundo Rubio (2006), ela chegou ao século XIX acompanhando transformações da sociedade que foram percebidas séculos anteriores, e que serviu como uma projeção social diante da sua expansão.

Caspersen, Powell e Christenson (1985), desde meados dos anos 80, e a Organização Mundial da Saúde (OMS), em 2021, afirmam que a prática de atividade física é qualquer movimento produzido pelo músculo que, por consequência, tenha impacto no organismo em um aumento no consumo energético diário, tais as atividades como subir uma ladeira, as tarefas domésticas, locomover-se até o trabalho, entre outras atividades.

A OMS (2020) descreve parâmetros mínimos para a prática da atividade, com a finalidade de combater o sedentarismo. Ela sugere que crianças e jovens (de 5 a 17 anos de idade) pratiquem em média 60 minutos de atividade física com intensidade moderada a vigorosa todos os dias; e que adultos (de 18 a 64 anos de idade) realizem em média 150 minutos com intensidade moderada distribuídas ao longo de uma semana. Já os idosos (acima de 65 anos de idade), devem fazer 150 minutos de atividade moderada ou 75 minutos de intensidade vigorosa no período de uma semana.⁵³

De acordo com Barros Neto; Ghorayeb (1999), o exercício físico é caracterizado pela sistematização de movimentos que são realizados contendo repetições e resultam em um maior dispêndio energético e de oxigênio, relacionado a uma maior solicitação muscular, gerando assim,

⁵³ Entende-se por atividade física leve aquelas que ficam abaixo de 70% da frequência cardíaca máxima, moderada as que ficam entre 70 e 80% da FC_{máx} e vigorosa as que são superiores a 80% da FC_{máx} (WILMORE; COSTILL, 2003).

trabalho. Logo, o exercício é considerado um subgrupo da atividade física que, com planejamento, possui o propósito de manter o condicionamento físico (WILMORE; COSTILL, 2003).

A prática de exercícios físicos provoca uma série de adaptações no funcionamento do corpo humano, principalmente no sistema cardiovascular. Ele provoca um aumento no débito cardíaco⁵⁴, e há uma redistribuição sanguínea para os músculos que estão sendo utilizados (ARAÚJO, 2001).

Pedersen e Saltin (2015) demonstram que o exercício físico é relevante como uma ferramenta não farmacológica e que se tornou uma excelente forma terapêutica para prevenção e até para tratamento de alguns tipos de doenças crônicas de impacto cardiometabólicos, psicossomáticos, neurais, genéticos e ou reumáticos. Logo, é possível identificar que a prática regular de exercícios é primordial para a manutenção da saúde, tornando-se um grande investimento no ser humano, auxiliando, para um envelhecimento mais saudável e melhorando a expectativa e a qualidade de vida.

No livro *Treinamento Esportivo*, de Barbanti (1997), identificamos que o termo “treinamento” é utilizado para delimitar e indicar uma organização com objetivo de melhorar o rendimento físico. Na área esportiva, o termo é considerado como a preparação de indivíduos esportistas a elevados níveis de desempenho físico-motor. Entretanto, o termo não deve significar somente isso, visto que a sua prática vai além do rendimento do esporte, ele também é utilizado para manutenção da saúde. Diante dessas afirmações o treinamento desportivo pode ser considerado uma vertente de exercícios físicos, quando ele apresenta uma mesma finalidade e é organizado de maneira sistemática.

Na literatura acadêmica podemos encontrar inúmeros fatores relacionados à motivação individual voltada para a prática de desportos. Serpa (1992) investigou quais eram os estímulos de 175 jovens, e os que apareceram com mais frequência foram: melhora da condição física, aprendizado do trabalho em equipe, prática de exercícios, fazer novas amizades e manter a forma. Cid (2002) concluiu que, dentre os fatores motivacionais, os mais citados eram a boa forma física e bem-estar, divertimento e prazer. Machado, Piccoli e Scalon (2005), em sua investigação feita com jovens brasileiros, identificaram como fatores motivacionais mais relevantes para a prática de esportes a saúde e o divertimento e que a prática está mais voltada para o prazer. Em um estudo de Granero-Jiménez *et al.* (2022), os resultados demonstraram que um maior nível de atividade física está relacionado com um maior bem-estar psicológico em adultos jovens.

A relação da prática do exercício físico com a obtenção de melhorias para a saúde geral dos indivíduos é um tema bastante explorado pela comunidade acadêmica na área da Educação Física.

⁵⁴ Débito Cardíaco é o resultado da relação entre a frequência cardíaca medida e o débito sistólico de sangue bombeado pelo coração (representado pela equação $DC = FC \times DS$) e serve como um indicador de hipertensão arterial ou insuficiência cardíaca.

Por ser muito abrangente, as pesquisas sobre essa temática são veiculadas em diferentes canais de comunicação científica, podendo estar publicadas em formato de livros, capítulos de livros, artigos em revistas científicas, teses, dissertações e trabalhos em Anais de eventos científicos. No que se refere a essa última possibilidade mencionada, temos produções científicas veiculadas no Congresso Brasileiro de Ciência do Esporte (Conbrace), que possui um Grupo de Trabalho Temático (GTT) exclusivo para a publicação de pesquisas sobre o exercício físico sistematizado.

Consideramos importante direcionarmos nosso olhar para as produções acadêmicas no âmbito do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE), pelo fato de ser a entidade científica mais representativa da Educação Física (BAÍÁ; ATHAYDE; LARA, 2020), e que contempla textos que mesclam pesquisas realizadas tanto por profissionais quanto por pesquisadores. Portanto, o objetivo deste capítulo é analisar as publicações sobre exercício físico no GTT Treinamento Esportivo do CBCE nas últimas quatro edições do Conbrace (2015, 2017, 2019 e 2021).

Trajatória, estrutura e organização do CBCE, do CONBRACE e dos grupos de trabalhos temáticos

Segundo Damasceno (2013), o Colégio Brasileiro de Ciência do Esporte (CBCE) originou-se em 17 de setembro de 1978, na cidade de São Caetano do Sul/SP. Ele é uma entidade científica que reúne pesquisadores da área da Educação Física/Ciência do Esporte, considerada uma das maiores da América Latina.

Damasceno (2013) afirma que a criação do CBCE se deu por uma limitação imposta pela Federação Brasileira de Medicina do Esporte, em que ela impedia que professores de Educação Física pudessem fazer parte na associação, visto que as cadeiras de sócios e de presidente só poderiam ser ocupadas por indivíduos obrigatoriamente médicos. Ainda assim, Carneiro (2011) informa que os cargos de diretoria do CBCE nos anos de 1983 a 1985 eram ocupados por médicos e psicólogos do esporte, e apenas alguns professores de Educação Física. Com isso, houve o direcionamento do CBCE a assuntos relacionados ao esporte de alto rendimento, fisiologia da atividade física e avaliação da aptidão física.

Então, como forma de proporcionar mais visibilidade e reconhecimento para os profissionais da Educação Física, o CBCE foi criado para congregiar esse contingente em torno das discussões científicas da área do esporte.

Diante do espaço acadêmico ocupado por uma grande porcentagem de pesquisadores da área de Educação Física e agrupar um elevado número de produções acadêmico-científico, o CBCE visa potencializar a circulação de conhecimento na área da Educação Física. O efeito, conta com

três espaços científicos voltados para o debate acadêmico: a Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE)⁵⁵, a Revista Cadernos de Formação⁵⁶ e o Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (Conbrace) (CARNEIRO, 2011).

O Conbrace ocorre de dois em dois anos, é considerado uns dos mais importantes eventos científicos da área da Educação Física do Brasil. O CBCE é responsável pela organização desses congressos de âmbito regional⁵⁷ e nacional.

A partir do ano de 2003, o CBCE expande as fronteiras do evento que realiza, conferindo a reunião bianual de seus pesquisadores o caráter internacional. Com efeito, inaugura-se o I Congresso Internacional de Ciências do Esporte (Conice), que segue até os dias atuais sendo realizado concomitante ao Conbrace. Essa decisão acompanha as transformações que vêm ocorrendo no campo científico, em que passam a ser exigidos dos pesquisadores e dos programas de pós-graduação do país um esforço em se articularem em redes colaborativas de pesquisas interinstitucionais e internacionais (OLIVEIRA, 2018).

A organização e estratégia de veiculação do conhecimento em Grupos de Trabalhos Temáticos

Em meados dos anos 90, foi percebida pelos associados e diretores do CBCE a necessidade de uma melhor estruturação e organização dos trabalhos que eram submetidos e apresentados aos Conbrace's. Logo, as produções foram sistematizadas em Grupos de Trabalhos Temáticos (GTTs). Ou seja, os trabalhos a partir de 1997 eram divididos em categorias, subáreas da Educação Física e avaliados por um conjunto de professores responsáveis. Cada GTT possui uma diretoria própria. Atualmente, o CBCE possui 14 Grupos Temáticos, que no Conbrace se organizam de maneira própria para a veiculação das pesquisas de cada subcampo da Educação Física. A cada biênio, cada GTT é coordenado por um(a) professor(a) pesquisador(a). Eles contam com suporte técnico de um comitê científico especialmente eleito para desenvolver as atividades específicas de cada GTT ao longo desses dois anos. Esse suporte é composto por um grupo associado ao CBCE que corrobora para a tomada de decisões relacionadas ao Grupo de Trabalhos Temáticos.

⁵⁵ Periódico indexado em diferentes bases (entre elas a Scielo), de acesso aberto e com periodicidade quadrimestral. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbce/>. Acesso em: 29 ago. 2022.

⁵⁶ Periódico de acesso aberto e com periodicidade semestral. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/cadernos>. Acesso em: 29 ago. 2022.

⁵⁷ Nos anos pares, em que não há a realização do congresso nacional, o CBCE promove encontros regionais entre a comunidade científica, garantindo a frequência de atividades científicas nas cinco regiões geográficas do país: Norte, Sul, Sudeste, Nordeste e Centro-Oeste.

O GTT Treinamento Desportivo, objeto de análise desta produção, atualmente é coordenado pela Prof.^a Marcus Peikriszwili Tartaruga, da Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná e como coordenador Adjunto o Prof. Elren Passos Monteiro da Universidade Federal do Pará.

Metodologia

Foi adotada a pesquisa bibliográfica para a elaboração deste estudo, devido ao fato de ela nos permitir compreender como o exercício físico tem sido concebido por parte da comunidade acadêmica e profissional da área da Educação Física. Para tanto, procedemos com uma revisão de escopo.

A abordagem utilizada para a análise dos dados encontrados foi o quanti-qualitativo. Esse tipo de abordagem almeja articular as dimensões quantitativas e qualitativas, aproveitando as potencialidades de cada uma delas. “Entre elas há uma oposição complementar que, quando bem trabalhada teórica e praticamente, produz riqueza de informações (MINAYO, 2009, p. 22).

Esta produção, inspirada na abordagem quanti-qualitativa, buscou dar visibilidade a parâmetros numéricos não estatísticos e do conteúdo dos trabalhos acadêmicos publicados nos Anais do Conbrace. Assim sendo, procedemos com a identificação das principais modalidades de exercícios físicos dentre os trabalhos publicados nos Anais do Conbrace (2015 a 2021) e examinamos os resultados dessas pesquisas veiculadas no referido congresso.

A investigação foi feita diante das publicações pertencentes aos Conbrace's, que é considerado um dos maiores eventos científicos da área de Educação Física, este que desde os anos de 1979 é organizado pelo CBCE, a cada dois anos. Os GTTs iniciaram no ano de 1997. Entretanto, consideramos necessário ampliarmos as investigações sobre trabalhos que vêm sendo produzidos e inseridos na literatura científica, tendo um recorte temporal mais recente.

Os critérios de inclusão foram: pôsteres e comunicações orais publicados no referido GTT entre 2015-2021; textos disponíveis na íntegra; trabalhos acadêmicos com acesso online nos Anais do Conbrace. Os critérios de exclusão foram: artigos que não apresentavam resultados; que não apontavam conclusões; que não abordassem modalidades específicas de exercício físico como assunto central.

As produções para compor este estudo foram encontradas no site do CBCE, entre agosto de 2022 e maio de 2023, lidas e separadas por modalidades de exercício físico, para, em seguida, serem analisados os principais aspectos relacionados à saúde, segundo seus autores.

Apresentação e análise dos dados

O mapeamento bibliográfico identificou 128 textos que se enquadram nos critérios de inclusão/exclusão. O Quadro 1 sintetiza os resultados encontrados pelos autores das produções acadêmicas elencadas:

Quadro 1 – Relação entre modalidades de exercício físico e benefícios à saúde.

Modalidades	Nº de trabalhos mapeados	Resultados pelas pesquisas
Treinamento de força	30	Ganho de força; melhora da capacidade de salto; aumento e melhora da capacidade cardiorrespiratória; importante papel na diminuição da pressão arterial pós exercício; hipertrofia muscular e diminuição do estresse; economia de energia da corrida; melhora do desempenho na corrida; motivação nos domínios psicológicos e interpessoal.
Futebol	23	Melhora do condicionamento cardiopulmonar; aumento da resistência muscular localizada; aquisição e domínio de habilidades motoras corporais; adaptação das variáveis velocidade e potência anaeróbia
Atletismo	16	Potência muscular; resistência de membros inferiores; resistência aeróbia e anaeróbia, além de proporcionar superação e realização pessoal; melhora da percepção de recuperação
Voleibol	13	Tomada de decisão; tempo de reação; controle do risco de lesão e de <i>overtraining</i>
Futsal	10	Motivação e Autoconfiança; Controle do risco de lesão osteomusculares; diminuição da ansiedade
Basquete	7	Alongamento não interfere no desempenho; melhora dos níveis de desenvolvimento psicomotor; performance tática influenciada pela performance física; melhora da percepção de esforço.
Ginástica Rítmica	6	Aumento da flexibilidade; desenvolvimento maturacional; maior autonomia e interação interpessoal
<i>Jiu-Jitsu</i>	3	Controle do risco de lesões; melhoria do condicionamento cardiorrespiratório
Ciclismo	2	Resistência muscular de membros inferiores; aumento do condicionamento cardiorrespiratório
<i>Triathlon</i>	2	Aumento do condicionamento cardiorrespiratório
Tênis de campo	2	Aspectos técnicos-táticos próprios da modalidade
Ginástica Aeróbia	2	A prática não influencia no crescimento maturacional sexual
Handebol	2	Sensação de bem-estar com a prática; Estresse competitivo
<i>Rugby Sevens</i>	2	Domínio técnico de movimentos corporais específicos
Futebol americano	2	Aspectos técnicos-táticos próprios da modalidade
Natação	1	Bradycardia;
Canoagem	1	Domínio técnico de movimentos corporais específicos
<i>Muay-thai</i>	1	Controle do risco de lesão;
<i>Hiit</i>	1	Aumento do condicionamento cardiorrespiratório; melhora dos índices de frequência cardíaca.

Salto Ornamental	1	Domínio técnico de movimentos corporais específicos
Corrida de Orientação	1	Melhoria dos índices de tempo de reação, consumo de oxigênio máximo e potência muscular máxima
Judô	1	Domínio técnico de movimentos corporais específicos.

Fonte: Os Autores.

Pelo Quadro 1 é possível inferir um volume maior de produções relacionadas a modalidades que estão mais presentes no cotidiano social, bem como os benefícios à saúde relacionados a prática das 22 modalidades de exercícios físicos identificadas.

Treino de Força

Nesta temática foi possível concluir que o treino de força está atrelado a vários benefícios e é utilizado para melhora não apenas da performance, mas também da saúde, do bem-estar e da diminuição do estresse. A modalidade apresentada demonstrou benefícios como: ganho de força; melhora da capacidade do salto; aumento e melhora da capacidade cardiorrespiratória; importante papel na diminuição da pressão arterial através da hipotensão arterial pós-exercício; hipertrofia e lazer, economia de energia e melhora do desempenho na corrida; motivação nos domínios psicológicos e interpessoal. Todavia, assim como em qualquer tipo de exercício, é necessário que sua prática tenha acompanhamento e que a técnica seja priorizada para que não haja prejuízo para o praticante.

Futebol

Nas 23 produções, o seu treinamento leva aos praticantes a melhorias no desempenho considerando seu nível de esforço físico, esforço este que se mostrou eficaz diante de algumas especificidades além da técnica e da tática como a capacidade da contração muscular que se apresentou pouco afetada por momentos de fadiga muscular e que gera adaptação das variáveis velocidade e potência anaeróbia. Podemos concluir que, apesar de seus benefícios, é uma modalidade que necessita de atenção e investimento nas categorias de base, visto que a permanência nela é dificultada pelas condições de trabalho, por consequência o abandono da prática.

Atletismo

Foi notado que a modalidade é uma categoria muito procurada por poder ser praticada em várias localidades e ambientes, além de ter baixo custo para o praticante, não dependendo de centros de treinamento e/ou equipamentos com custos elevados. A prática se mostrou eficaz diretamente relacionada à potência localizada e à resistência de membros inferiores, à resistência aeróbia e anaeróbia, à melhora da percepção de recuperação e de, também, proporcionar superação e realização pessoal.

Voleibol

A maioria dos trabalhos publicados nessa categoria apresenta uma variabilidade de tomada de decisão relacionada a tática de jogo, demonstrando que o tempo de reação dos atletas é variável na modalidade, buscando dos indivíduos uma visão diferenciada nas competições. Os autores deixam claro que métodos de treinamento específicos facilitam o seu ensino, levam ao controle dos riscos de lesões e de *overtraining*. Contudo, também foi analisado que a permanência no esporte é dificultada quando levado em consideração o tempo de treinamento e ter que o conciliar com lazer, vida profissional e acadêmica.

Futsal

Os trabalhos listados nessa modalidade mostraram que o esporte, além de se demonstrar satisfatório quando há melhora das propriedades físicas, mesmo apresentando índice considerável de lesões em joelhos e tornozelos, também apresenta grande valia diante de fatores psicológicos. A maioria dos autores ressaltaram uma positiva motivação e aumento dos níveis de autoconfiança e diminuição da ansiedade. Por estas questões é necessário que os aspectos psíquicos também precisem ser levados em consideração.

Basquete

Conclusões distintas quanto à modalidade foram encontradas, onde conseguimos ver que atividades como alongamento estático e treinamento pliométrico não são variáveis determinantes para o desempenho e agilidade. Organizando as ideias centrais dos trabalhos dessa categoria, foi possível concluir que a prática pedagógica está diretamente ligada ao alto rendimento, direcionando o aprendizado e o desenvolvimento para a união da prática com a tática de jogo, em que a tática está diretamente influenciada pela performance física. Dessa maneira, é possível direcionar o

ensino/aprendizagem para vertentes que se mostram mais eficientes para a modalidade e que melhorem a performance dos atletas.

Ginástica Rítmica

Mediante os estudos listados, é observado que analisar valências como flexibilidade e força explosiva dentro da modalidade Ginástica Rítmica se mostra eficaz quando se trata de avaliação para o desenvolvimento maturacional. Todavia, exercícios do tipo alongamento (muitos utilizados para treinamento e melhora da flexibilidade) não são indicados para inicialização dos treinos, para isso é melhor a utilização de aquecimento ativo. Praticantes e equipes técnicas apresentam maior autonomia e interação interpessoal.

Jiu-Jitsu

A luta possui determinantes para melhora de seu desempenho, por exemplo o próprio tempo de prática dela, em que ela é fator maturacional para distinguir tempo de pausa diante do desgaste físico em confrontos, e que quanto maior é o volume de treino menores são os riscos de lesões.

Ciclismo

Há a possibilidade de atletas adquirirem habilidades de poupar economia no sistema massa-mola, o conservando para realização da fase final de provas proveniente de uma resistência muscular de membros inferiores. E que o *Point of care* aparentemente é confiável para fazer análises relacionadas às intensidades de treinamento, contando com a sua alta otimização de tempo já que ele leva em média quatro minutos para apresentar os resultados. Também apresenta melhora do condicionamento cardiorrespiratório.

Triathlon

Todo o treino em que atletas dessa modalidade são submetidos, na faixa etária de 7 a 18 anos, ainda se faz necessário mais práticas voltadas para a melhora de suas capacidades cardiorrespiratórias. Entretanto, a quantidade de treino é determinante para atletas amadores mais

velhos, já que a dupla carreira tem impacto significativo em suas vidas particulares, logo o excesso de treinamento pode gerar abandono.

Tênis de Campo

O tênis pode ser considerado como um esporte elitizado, já que seu estudo mostra que mais de 80% de seus praticantes são pertencentes a classe A, e que sua prática é dificultada pela pouca disponibilidade de centros de treinamento.

Ginástica Aeróbia

Níveis altos de treinamento podem não influenciar diretamente no crescimento maturacional sexual dos indivíduos que o praticam, entretanto, é sempre importante atentarmos que o volume de treino pode corroborar para maior índice de lesões, caso não seja dosado adequadamente, e que muitas vezes é incompatível com vida escolar e familiar.

Handebol

É possível concluir que, apesar de haver estresse pré-competitivo relacionando, que vão desde medos de comprometer os resultados da equipe até hipohidrólise, a permanência de praticantes na modalidade se dá por motivações promoventes do bem-estar.

Rugby Sevens

Domínio técnico de movimentos específicos do esporte foram apresentados, principalmente relacionado à posição específica da modalidade, que também tem relação direta com variáveis físicas e com perfil antropométrico dos atletas.

Futebol Americano

É possível identificar valências físicas diferentes que são potencializadas nos indivíduos dessa modalidade, como valores positivos de aquisição referentes à potência-força máxima e potência máxima em *sprints*.

Natação

A prática da modalidade, em um tempo médio de mais ou menos um ano, é suficiente para melhorar do condicionamento físico em indivíduos juvenis diante do relevante resultado relacionado à variabilidade da frequência cardíaca em momentos de relaxamento. Os dados do estudo mostram menores valores de frequência cardíaca (FC) em repouso e médias maiores de ritmo sinovial das duas ondas (RR), estes que são relacionados ao fenômeno chamado de bradicardia.

Canoagem

Na canoagem paraolímpica é possível identificar que a prática da modalidade reserva um melhor domínio técnico, como estabilidade corporal dinâmica para indivíduos que apresentam funcionalidade de tronco e membros inferiores.

Muay-Thai

Com a maturidade conquistada ao longo do tempo de treinamento, é observado que o tempo de confronto entre os atletas é minimizado. Esse fato pode corroborar para diminuição o aparecimento de lesões ou até mesmo para influência positiva quanto à tomada de decisão relacionada à estratégia de ataque e de defesa.

HIIT

O HIIT (*High Intensity Interval Training*), de acordo com Burgomaster e colaboradores (2005), é um método de treino configurado como um período de alta intensidade com intervalos passivos ou ativos de recuperação com intensidade baixa. Além de existirem variados protocolos de treinamento intensivo intervalado, a escolha dele pode ser o diferencial diante do produto final, ou

seja, o tipo de treinamento ao que ele seja empregado ou de seu objetivo, já que o protocolo de HIIT apresentado com menor tempo de duração e intervalo apresentou menores valores relacionados à percepção subjetiva de esforço e à frequência cardíaca. Essas variáveis podem ser determinantes para o direcionamento do protocolo para esportes ou treinamento específico.

Salto Ornamental

Na única produção encontrada, foi possível analisar as deficiências de cada indivíduo por meio de testes relacionados a técnicas de movimentos específicos de praticantes da modalidade, o que é um ponto consideravelmente importante para serem aprimorados e aperfeiçoados diante de competições à vista. Logo, os testes apresentam valia por demonstrar a especificidade individual de cada um.

Corrida de Orientação

Identificou-se fatores relevantes para o desenvolvimento desse esporte (tempo de reação, consumo de oxigênio máximo e potência muscular máxima), logo, é possível afirmar que essas variáveis estão relacionadas à prática/desempenho nas provas, e que, quando aprimoradas, promovem um melhor resultado. Assim, o mapeamento delas e o direcionamento do treinamento focando melhorias dessas variáveis são necessárias para um direcionamento de atenção.

Judô

É possível identificar que mestres da modalidade seguem um padrão de ensino/aprendizado, em que a técnica ou o golpe que é aprendido e, posteriormente, ensinado são os mesmos. Entretanto, é necessária uma melhor compreensão das ideias e fases de aprendizagem idealizadas pelo criador da modalidade. Essa relação entre ensino/aprendizagem, como reprodução do que foi aprendido, pode ser utilizada de outras maneiras, como o passo a passo dos golpes (educativos similares), aprimoramento de técnicas e/ou cronologia de ensino, sem que interfiram nos objetivos do idealizador do Judô.

Considerações Finais

Em questões atreladas à saúde, foi possível encontrar como benefícios: o ganho de força, aumento da capacidade cardiorrespiratória, aumento da resistência aeróbia e anaeróbia, aumento da flexibilidade, diminuição do aparecimento de lesões, diminuição da PAD, bradicardia. Benefícios psicológicos também foram encontrados como aumento dos níveis de confiança, realização pessoal, diminuição dos níveis de estresse e ansiedade.

O alcance de resultados satisfatórios em relação aos exercícios físicos depende de diferentes variáveis, entre elas, idade, frequência e intensidade. Nesse sentido, a Organização Mundial da Saúde (2020) recomenda, como parâmetros mínimos, que crianças e jovens (5-17 anos de idade) pratiquem em média 60 minutos de atividade física com intensidade moderada a vigorosa todos os dias; que adultos (18-64 anos de idade) realizem em média 150 minutos com intensidade moderada distribuídas ao longo de uma semana. Já os idosos (acima de 65 anos de idade), devem fazer 150 minutos de atividade moderada ou 75 minutos de intensidade vigorosa no período de uma semana.

O panorama traçado neste estudo indica que as modalidades de exercícios físicos apresentam benefícios que contribuem de maneira positiva para a saúde (física e mental) dos indivíduos que as praticam, reforçando o que já vem sendo veiculado em outros canais de comunicação científica.

Este trabalho mostrou, também, que o Conbrace tem se constituído como um importante veículo de comunicação científica. O CBCE reúne pesquisadores relevantes do campo do Treinamento Esportivo que escolhem o seu respectivo congresso bienal para evidenciar parte de seus estudos, socializando com as comunidades profissional e acadêmica os achados que contribuem para a compreensão dos benefícios do exercício físico, atrelado aos condicionantes sociais, para a saúde humana.

Referências

- ARAÚJO, C. G. S. Fisiologia do exercício físico e hipertensão arterial. Uma breve introdução. *Revista Hipertensão*, São Paulo, v. 4, n. 3, p. 78-83, 2001. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/200138122_Fisiologia_do_exercicio_fisico_e_hipertensao_arterial_uma_breve_introducao. Acesso em: jul. 2022.
- BAÍÁ, A. C.; ATHAYDE, P. F. A.; LARISSA, LARA. *Ciências do esporte, educação física e produção do conhecimento em 40 anos de CBCE*. Volume 2: Memórias da educação física e esporte. Natal: EDUFRN, 2020. Disponível em: <https://www.cbce.org.br/item/memorias-da-educacao-fisica-e->

esporte---ciencias-do-esporte--educacao-fisica-e-producao-do-conhecimento-em-40-anos-de-cbce. Acesso em: maio 2023.

BARBANTI, V. J. *Teoria e prática do treinamento desportivo*. 2. ed. São Paulo: Blucher, 1997.

BARROS NETO, T. L.; GHORAYEB, N. (Orgs.). *O exercício: preparação fisiológica, avaliação médica, aspectos especiais e preventivos*. São Paulo: Atheneu, 1999.

CARNEIRO, F. F. B. *Práticas científicas em educação física: a arqueologia do GTT Escola no Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (1997-2009)*. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Centro de Educação Física e Desportos, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória/ES, 2011.

CASPERSEN, C. J.; POWELL, K.E; CHRISTENSON, G.M. *Physical activity, exercise, and physical fitness: definitions and distinctions for health-related research*. 1985; p. 126-131. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC1424733/pdf/pubhealthrep00100-0016.pdf>. Acesso em: jun. 2022.

CID, L. Alteração dos motivos para a prática desportiva das crianças e jovens. *Educación Física y Deportes*, Buenos Aires, 2002.

DAMASCENO, L. G. *A educação física na formação do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte*, Campinas: Papirus, 2013.

GRANERO-JIMÉNEZ, J. *et al.* Influence of Physical Exercise on Psychological Well-Being of Young Adults: A Quantitative Study. *Internation Journal Environmental Research Public Health*. v. 19, n. 7, p. 4282, abr. 2022.

MACHADO, C.; PICCOLI, J.; SCALON, R. Fatores motivacionais que influem na aderência de adolescentes aos programas de iniciação desportiva das escolas da Universidade Luterana do Brasil. *Educación Física y Deportes*, Buenos Aires, Año 10, n. 89, out. 2005.

MINAYO, M. C. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Rio de Janeiro, RJ: Vozes, 2009.

OLIVEIRA, E. H. C. Redes de colaboração em pesquisa e intercâmbio de conhecimento científico. *Revista Pan-Amazônica de Saúde*, Ananindeua, v. 9, n. 4, p. 7-9, dez. 2018.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. *Guidelines on physical activity and sedentary behaviour*. Genebra: OMS, 2020.

PEDERSEN, B. K.; SALTIN, B. Exercise as medicine: evidence for prescribing exercise as therapy in 26 different chronic diseases. *Scandinavian Journal of Medicine & Science in Sports*, v. 1, n. 25, p. 1-72, dez. 2015.

RUBIO, K. *Medalhistas olímpicos brasileiros: memórias, histórias e imaginário*. São Paulo: Casa do Psicólogo. 2006.

SERPA, S. Motivação para a prática desportiva: Validação preliminar do questionário de motivação para as actividades desportivas (QMAD). *In: SOBRAL, F.; MARQUES, A. (Orgs.). FACDEX: Desenvolvimento somato-motor e factores de excelência desportiva na população escolar portuguesa*. Lisboa: Ministério da Educação, 1992. p. 89-97.

WILMORE, J. H.; COSTILL, D. L. *Fisiologia do esporte e do exercício*. 2. ed. São Paulo: Manole, 2003.

TEMÁTICAS EMERGENTES NO GTT GÊNERO: UMA ANÁLISE PRELIMINAR DOS ANAIS DO CONBRACE/CONICE

Ábia Lima de França

Universidade Federal do Mato Grosso

Vitor Hugo Marani

Universidade Federal do Mato Grosso

Thiago Camargo Iwamoto

Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Fabiano Pries Devide

Universidade Federal Fluminense

Introdução

O Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE), criado em 1978, é uma das entidades científicas mais representativas da área de Educação Física/Ciências do Esporte. Atualmente, a entidade é constituída por Secretarias Estaduais e por 14 Grupos de Trabalhos Temáticos (GTTs)⁵⁸, instâncias organizativas responsáveis por aglutinar pesquisadores(as) com interesses em temas específicos, os quais possuem coordenações atreladas à Direção Nacional (DN) do CBCE (CBCE, 2022). A referida entidade possui duas publicações científicas, a saber: a Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE) e os Cadernos de Formação da RBCE, além de organizar bienalmente, e, de forma intercalada, os Congressos Regionais e o Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (Conbrace)/Congresso Internacional de Ciências do Esporte (Conice).

No contexto de celebração dos 25 anos da criação dos GTTs no âmbito do CBCE, entendemos a relevância de sublinharmos a trajetória do GTT Gênero, iniciada no XIV Conbrace, em 2005, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em Porto Alegre. Naquele contexto, pesquisadoras(es) pioneiras(os) nos Estudos de Gênero na Educação Física brasileira refletiam sobre a dispersão dos trabalhos que tematizavam o “Gênero” nos diversos GTTs do CBCE. Essa interlocução gerou um documento encaminhado à DN-CBCE, assinado por diversos(as) pesquisadores(as) associados(as) à entidade, com justificativas para a criação de um GTT que reuniria pesquisas sobre a temática “Gênero”. Após os Conbrace’s/Conice’s de 2007 e de 2009, observada a inexistência de um movimento da DN-CBCE para a criação de um GTT que reunisse tal produção, somado ao acúmulo de reflexões de pesquisadores(as) e de pesquisas sobre

⁵⁸ GTTs do CBCE: 01- Atividade Física e Saúde; 02- Comunicação e Mídia; 03- Corpo e Cultura; 04- Epistemologia; 05- Escola; 06- Formação Profissional e Mundo do Trabalho; 07- Gênero; 08- Inclusão e Diferença; 09- Lazer e Sociedade; 10- Memórias da Educação Física e Esporte; 11- Movimentos Sociais; 12- Políticas Públicas; 13-Relações étnico-raciais; e 14- Treinamento Desportivo.

“Gênero”, que ainda tinham suas produções dispersas em diversos GTTs nessas edições do evento, foi elaborado um novo documento em 2011, que reforçou a solicitação anteriormente encaminhada à DN-CBCE para criação de um GTT específico. Após lutas e disputas sobre a legitimidade do campo de Estudos de Gênero na Educação Física e Ciências do Esporte (COSTA, NEVES, 2022), a criação do GTT Gênero foi autorizada pela DN-CBCE em 2013, no XVIII Conbrace e V Conice, em Brasília.

No contexto do evento que celebra os 25 anos dos GTTs do CBCE, o GTT Gênero celebra nove anos de atividades, tendo recebido trabalhos inicialmente no ano de 2015. Desde 2013, em diferentes gestões⁵⁹, o referido GTT tem reunido, produzido e refletido sobre os Estudos de Gênero na Educação Física/Ciências do Esporte, tanto nos eventos organizados pelo CBCE, quanto em outras esferas acadêmicas, por meio da organização de coletâneas⁶⁰, volumes temáticos em periódicos⁶¹, proposição de simpósios ou eixos temáticos em outros eventos sobre os Estudos de Gênero⁶², eventos internos⁶³, além da participação em ações de formação⁶⁴ que debatem “gênero” e os diferentes marcadores sociais que o interseccionam, tais como sexualidade, raça, classe, religião, identidades, geração, entre outros.

No âmbito do Simpósio Nacional do CBCE: 25 anos dos GTTs, o presente trabalho alinha-se com o GT de “Análise da produção dos GTTs”. Nessa direção, este estudo preliminar buscou analisar as temáticas presentes nas comunicações orais e nos pôsteres apresentados no GTT Gênero, entre as edições de 2015 e 2021, do Conbrace/Conice. Especificamente, busca-se conferir luz às temáticas e às abordagens teóricas emergentes no GTT Gênero, uma vez que a literatura

⁵⁹ A primeira gestão foi coordenada por Silvana Goellner (UFRGS) e Ludmila Mourão (UFJF) (2013-2015); a segunda por Helena Altmann (Unicamp) e Maria Simone Schwengber (Unijuí) (2016-2017); a terceira e a quarta gestões, por Ileana Wenez (UFES) e Viviane Silveira (Unemat) (2018-2021); enquanto a gestão atual é coordenada por Fabiano Devede (UFF) e Leandro de Brito (UFRJ) (2022-2023).

⁶⁰ DORNELLES, P. G.; WENETZ, I.; SCHWENGBER, M. S. V. (Orgs.). **Educação Física e Gênero: desafios educacionais** 1. Ijuí: Unijuí, 2013; DORNELLES, P. G.; WENETZ, I.; SCHWENGBER, M. S. V. (Orgs.). **Educação Física e Sexualidade: desafios educacionais** 1. Ijuí: Unijuí, 2017; WENETZ, I.; ATHAYDE, P. ; LARA, L. (Orgs.). **Gênero e sexualidade no esporte e na educação física**. Vol. 6. Natal: EDUFRN, 2020. Disponível em: <<https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/29067>>. Acesso em: 16 set. 2022.

⁶¹ Destacamos o dossiê sobre Gênero e Sexualidade, publicado em dois volumes, nos Cadernos de Formação da RBCE, em 2020, reunindo pesquisas do comitê científico do GTT Gênero. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/cadernos/issue/view/178>>. Acesso em 08 jun. 2023; Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/cadernos/issue/view/179>. Acesso em 08 jun. 2023.

⁶² A título de exemplo, em 2022, a atual coordenação do GTT Gênero propôs o Eixo Temático 30 - Práticas Corporais: Diálogos com gênero, corpo e sexualidade, no VIII Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. Disponível em: <<https://www.seminariointernacionalcgs.com.br/area-tematica.php>> Acesso em: 21 set. 2022.

⁶³ Em 2022, a coordenação atual do GTT Gênero organizou o “I Seminário dos Grupos de Pesquisa do GTT Gênero”, reunindo onze Grupos de Pesquisa, com o intuito de promover a interlocução entre as produções acadêmicas das/os líderes de grupos localizados nas cinco regiões do país.

⁶⁴ Estas ações se referem à participação das coordenações do GTT Gênero e de integrantes do comitê científico em mesas-redondas, palestras, cursos de extensão, rodas de conversa, *lives*, entre outras atividades acadêmicas, vinculadas às Instituições de Ensino Superior (IES), Grupos de Pesquisa (GPs) e outros GTTs do CBCE, o que tem auxiliado na divulgação do GTT Gênero em âmbito nacional.

deste campo já produziu, em outros momentos, levantamentos distintos que indicam temáticas e objetos de estudo do referido Grupo de Trabalho Temático (DEVIDE *et al.*, 2011; SABATEL *et al.*, 2016; WENETZ, SCHWENGBER, DORNELLES, 2017; DEVIDE, 2020; WENETZ, MARTINS, LAURINDO, 2021; COSTA, NEVES, 2022). Com isso, pretende-se contribuir para um panorama atualizado das áreas de estudo e pesquisa abordadas pelo GTT Gênero, sinalizando aquelas temáticas emergentes, complementando estudos anteriores realizados nesse campo.

Metodologia

Trata-se de uma pesquisa descritiva que busca descrever as características de um determinado fenômeno (GIL, 2008), qual seja, a produção de conhecimento do GTT Gênero, do CBCE. De modo específico, a pesquisa está inserida no universo das investigações qualitativas, utilizando-se de análise documental, dada a possibilidade de explorar fontes diferentes sobre um determinado assunto, a saber: pesquisas sobre gênero na Educação Física e nas Ciências do Esporte (BAUER; GASKELL, 2002). De modo a alcançarmos o objetivo proposto, o desenho metodológico foi realizado por meio do levantamento documental, no intuito de mapear e reconhecer as temáticas distintas que se fazem presentes no GTT Gênero, especificamente nos Conbrace's/Conice's.

Para a análise das temáticas presentes no GTT Gênero, elegemos o período compreendido entre 2015 e 2021, que inclui quatro edições do Conbrace/Conice. Para acessar os trabalhos apresentados nos eventos, fizemos uma busca no Sistema online de Apoio a Congressos (SOAC) do CBCE, por meio do acesso aos anais de cada edição do evento. Para fins de análise, codificação e interpretação dos dados, foram selecionados os seguintes elementos: “título”, “autoria” e “resumo”, posteriormente esses elementos foram organizados em planilha do programa Excel para tratamento estatístico pelo *software Iramuteq*.

O *corpus* documental foi representado por 177 trabalhos – comunicações orais e pôsteres – apresentados nas edições de 2015, 2017, 2019 e 2021 do Conbrace/Conice. Para fins desta pesquisa preliminar, o foco das análises residiu na produção textual em formato de “comunicação oral”, uma vez que esse formato resulta na maior parte dos trabalhos apresentados, totalizando 115 textos. Para a análise dos dados foi construída uma lista em formato .txt, a qual foi exportada para o *software Iramuteq*⁶⁵, para leitura dos dados e aplicação dos métodos de análise textual, sendo utilizados os itens “Especificidades e AFC”, “Análise de Similitude” e “Nuvens de Palavras”.

⁶⁵ O software *Iramuteq* é um programa que possibilita uma análise de materiais verbais transcritos, realizando análises simples ou complexas, da lexicografia, da frequência de palavras, de análises multivariadas com a observação da

Segundo Salviati (2017, p. 39), “a análise de Especificidades associa textos com variáveis, ou seja, possibilita a análise da produção textual em função das variáveis de caracterização. Associam-se, ao *corpus*, variáveis que o pesquisador deseja analisar [...]”, cruzando as formas ativas e as variáveis das informações através da análise de correspondência (AFC), ou seja, foi possível identificar os termos/formas comuns, os tipos (classe gramatical) e a frequência desses termos nos diferentes textos. Após essa análise foram observadas as seguintes classes gramaticais: nome (nom) e adjetivo (adj). Como critérios de exclusão foram retirados todos os outros termos que se enquadraram nas classes de preposição (pré), advérbio (adv) e verbo (ver).

Inicialmente organizamos os dados analisados em uma nuvem de palavras após a aplicação dos critérios de inclusão. A nuvem de palavras tem o intuito de apresentar um conjunto de palavras, com tamanhos diferentes, “[...] as palavras maiores são aquelas que detêm maior importância no *corpus* textual, a partir do indicador de frequência ou outro escore estatístico escolhido. É uma análise lexical mais simples, porém, bastante interessante [...]” (SALVIATI, 2017, p. 79).

Quanto à Análise de Similitude, entende-se que representa uma ligação dos objetos do *corpus* textual, possibilitando uma análise estrutural, apresentando o tema central abordado nos textos e, conseqüentemente, auxiliando pesquisadoras(es) a identificarem essas estruturas (SALVIATI, 2017). Com os termos selecionados anteriormente pela análise de Especificidade e AFC, foi construída uma figura que apresenta informações sobre as ocorrências, havendo um núcleo central que gera ramificações. Os ramos que tangem o núcleo central são os que possuem maior grau de conexão com este.

Resultados e discussão

Distribuição dos trabalhos de Gênero nas edições do Conbrace/Conice de 2015 a 2021

O levantamento realizado na plataforma SOAC do CBCE, possibilitou a identificação de 177 trabalhos apresentados no GTT Gênero entre 2015 e 2021, com destaque para 115 comunicações orais em relação aos 62 pôsteres, distribuídos conforme o Quadro 01:

Quadro 01- Trabalhos apresentados no GTT Gênero nos Conbrace’s/Conice’s de 2015 a 2021.

EDIÇÃO DO CONBRACE/CONICE	COMUNICAÇÃO ORAL	PÔSTER	TOTAL
------------------------------	---------------------	--------	-------

hierarquia da classificação e similitude. Apesar das limitações do programa, avaliamos que foi o software que mais se adequou às necessidades do estudo.

2015	18	11	29
2017	24	14	38
2019	39	16	55
2021	34	21	55

Fonte: SOAC/CBCE

No Quadro 01, identificamos um crescimento quantitativo de trabalhos apresentados nas edições do Conbrace/Conice entre 2015 e 2021. Porém, como evidenciado em outro estudo (MACEDO; GOELNNER, 2014), os estudos de gênero também estavam presentes nas edições anteriores dos eventos científicos supracitados, sendo encontrado um primeiro trabalho na edição de 1993 do Conbrace, permanecendo dispersos em distintos GTTs até a criação e consolidação do GTT Gênero, em 2013. Destacamos que, como outros GTTs do CBCE, o GTT Gênero já alcançou um limite de trabalhos que podem ser aceitos no formato de comunicação oral, em função de as edições do evento disponibilizarem apenas uma sala para apresentações, o que restringe o aceite de mais trabalhos que, por vezes, são encaminhados para a apresentação no formato de pôster.

Com base no panorama apresentado, interessa-nos conferir atenção às temáticas emergentes nos estudos de gênero, por meio da produção de conhecimento que circula na GTT Gênero. Para isso, utilizamos um *software* de análise de dados qualitativa, de modo a contribuir com nossas interpretações preliminares, auxiliando na organização dos dados coletados e nas possibilidades de estabelecermos relações entre estes. Nesse contexto de perscrutar o que emerge na produção acadêmica atual do GTT Gênero, passamos a nos atentar às margens das informações, especificamente da nuvem de palavras construída pelo *software*, afastando-nos dos temas recorrentes para ser possível visualizar “outros”. Passamos, então, ao exercício antropológico, proposto por Clifford Geertz (2008), de familiarização e estranhamento no campo, alicerçados em nossas distintas experiências nos estudos de gênero que compõem a Educação Física brasileira. Esse exercício de distanciamento do campo nos permitiu identificar temáticas com menor produção, que têm surgido nas últimas edições, sinalizando mudanças da produção acadêmica do GTT Gênero e no campo dos estudos de gênero na Educação Física brasileira.

Como resultado do levantamento realizado, os dados inseridos no *software* permitiram a elaboração da nuvem de palavras, baseada nos títulos dos trabalhos elaborados no período de 2015 a 2021, conforme a imagem a seguir:

“identidade”, “estereótipo” e “papel sexual” ficaram mais à margem dos debates. Comparando com a nuvem de palavras, identificamos que o termo “sexualidade” ainda aparece à margem no âmbito das produções do GTT Gênero até 2021 Destacamos, ainda, que de acordo com Luz Júnior (2003), Devide *et al.* (2011) e Goellner (2013), alguns equívocos epistemológicos ainda ocorrem nas pesquisas do campo da Educação Física e Ciências do esporte, como a confusão conceitual entre o sexo e o gênero, a identidade sexual e a identidade de gênero ou a reprodução de que se estudar gênero é sinônimo de estudar mulher(es), desconsiderando os demais grupos que têm sido objetos de estudo nas investigações desse campo: homens, pessoas transgêneros, intersexo, entre outros.

Para fins deste estudo, faz-se relevante destacar a emergência de palavras que, mesmo com menor frequência e localizadas à margem da nuvem de palavras, indicam mudanças no campo dos estudos de gênero na Educação Física, notadamente, no âmbito do GTT Gênero. Dessa forma, nos títulos dos trabalhos apresentados nos Conbrace’s/Conice’s entre 2015-2021, destacamos os termos: sexualidade (14), masculinidade (7), identidade (6), *queer* (4), trans (4), diferença (3) e inclusão (3).

Em análise comparativa com uma proposição recente da coordenação do GTT Gênero, constatamos que no balanço do eixo temático 30, “Práticas corporais: diálogos com corpo, gênero e sexualidade”, que recebeu um quantitativo expressivo de comunicações orais no âmbito do VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade; IV Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e IV Luso-Brasileiro Educação, Gênero, Saúde e Sustentabilidade, cujo tema central foi “Memórias, lutas e insurgências nas educações”, emergiram pesquisas sobre as temáticas: orientação sexual, masculinidades, intersexualidades, LGBTIfobia e transgeneridade, reforçando um movimento de reconhecimento das diferenças, mudanças e expansão no campo de estudos sobre gênero e sexualidade na Educação Física (BRITO; DEVIDE, 2023).

Esses debates contribuem para desconstruir a representação equivocada de que estudar gênero se restringe a estudar mulheres, desafiando estruturas dominantes, confrontando normas de gênero e sexualidade na Educação Física (SILVA: MARANI, 2022) e fora dela, de forma que os estudos contemporâneos produzidos na Educação Física brasileira possibilitem romper com discursos hegemônicos que reproduzem binarismos de gênero, reforçam estereótipos e preconceitos, colaborando para práticas de violência para além do grupo representado por mulheres, a saber, pessoas não-binárias, transgêneros, gays, lésbicas, intersexo que estão inseridas em práticas corporais, incluindo o ambiente formal da Educação Física escolar, mas também do lazer, do esporte de rendimento, entre outros espaços.

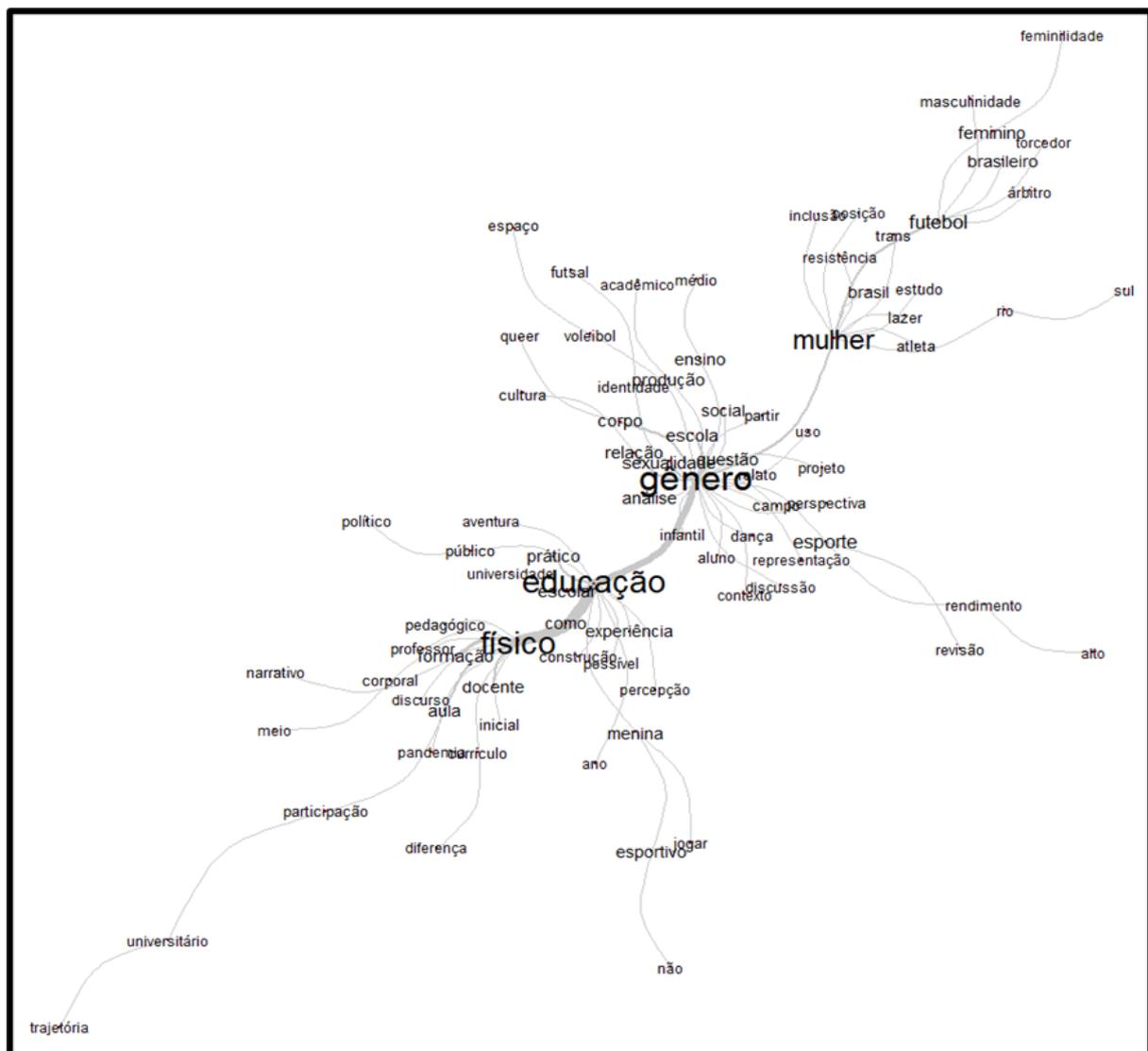
No cenário deste estudo, interpretamos alguns dos termos que estão dispostos nas margens da nuvem, supramencionados, como um aceno para novos horizontes de pesquisas, campos menos

explorados nos estudos de gênero no interior do GTT Gênero nos Conbrace's/Conice's, que estão em emergência por meio das últimas edições do evento e que merecem atenção.

Tem-se, nesse diagnóstico preliminar, palavras relacionadas à identidade de gênero (“*queer*”, “masculinidade”, “feminilidade”, “feminino”, “trans”); ao campo empírico das pesquisas (“dança”, “vôleibol”, “[esporte de] rendimento”, “torcedor”, “currículo”, “universidade”, “lazer”, “pandemia”); entre outras categorias de análise que sugerem percursos metodológicos (“discurso”, “narrativo”) ou posicionamentos acadêmicos (“político”, “inclusão”, “resistência”).

Complementar à nuvem de palavras, os dados inseridos no *software* permitiram a construção de uma representação gráfica com base na similitude entre os termos. Nesta imagem, é possível evidenciar as relações das temáticas ora apresentadas na nuvem, em torno das quatro temáticas centrais: “Gênero”, “Educação”, “Físico” e “Mulher”.

Figura 02 – Análise de similitude



Na Figura 2, é possível observar quatro eixos, a saber: “gênero” e “educação”, localizados mais centrais; e “físico” e “mulher”, localizados nas extremidades. Conforme análise anterior, esses eixos representam as temáticas mais recorrentes na produção do GTT. Com base nestes, é possível reconhecer desdobramentos temáticos que, em nossa avaliação, podem se tornar um espaço fértil para discussões no âmbito do GTT e dos estudos de gênero na Educação Física Brasileira.

Analisando a imagem, em torno do eixo “Gênero” identificamos termos como “sexualidade”, “escola”, “queer”, “cultura”, “identidade”, “corpo” e “social”. O eixo “Educação” se relaciona com termos como “universidade”, “experiência”, “escolar”, “político”, “prático”, “aventura” e “prático”. O eixo “Físico”, por sua vez, interligou-se com as palavras “formação”, “docente”, “pedagógico”, “professor”, “corporal”, “pandemia”, “diferença”, “currículo” e “participação”. Por fim, o eixo “Mulher” apresenta similitude com os termos “lazer”, “atleta”, “Brasil”, “resistência”, “trans” e “inclusão”.

Fundamentados na análise, ainda notamos, de forma secundária, o eixo “Futebol” que, por similitude, relaciona-se com os termos masculinidade, torcedor, árbitro, brasileiro e feminilidade. Ressaltamos que a presença desse eixo, apesar de menos recorrente, representa uma crescente produção sobre o futebol de mulheres no campo da Educação Física e Ciências do Esporte na última década, campo este que tem conferido visibilidade à inserção das mulheres numa prática corporal ainda de reserva masculina no Brasil (GOELLNER, 2005; JANUÁRIO, KNIJNIK, 2022). Salientamos a ausência da frequência de outras práticas corporais como: Lutas, Jogos e Ginásticas nos estudos de gênero apresentados nas edições do Conbrace/Conice de 2015 a 2021.

Considerações Finais

Buscamos, com este estudo, analisar as temáticas emergentes nos trabalhos apresentados no GTT Gênero do CBCE, com atenção às comunicações orais, tendo como foco as edições de 2015 e 2021, do Conbrace/Conice. Os resultados preliminares permitem notar a ascensão dos trabalhos de gênero na Educação Física entre 2015 e 2021. Dos 177 trabalhos apresentados, 115 comunicações orais e 62 pôsteres, identificamos a presença recorrente dos termos “Educação”, “Gênero”, “Físico” e “Mulher” nos títulos e nos resumos das comunicações orais. A pesquisa apontou que, além desses termos, temáticas que foram historicamente invisibilizadas e que se articulam com a identidade de gênero e/ou sexual, estão em ascensão no interior do GTT Gênero, tais como: sexualidade, masculinidade, trans, queer e LGBT.

Avaliamos que a emergência dessas temáticas nos convida a discussões necessárias no âmbito do GTT Gênero, na direção de desnaturalizarmos normas binárias de gênero e de sexualidade, valorizarmos as diferenças e reconhecermos a pluralidade de expressões de identidades no campo da Educação Física e das Ciências do esporte. Desse modo, esperamos que nas próximas edições do Conbrace/Conice, o debate acadêmico confira mais visibilidade e representatividade às performatividades de gênero e seus atravessamentos por outros marcadores sociais de diferença no interior do GTT de Gênero.

Referências

BRITO, L. T. de; DEVIDE, F. P. Reflexões sobre o eixo temático 30 “Práticas corporais: diálogos com corpo, gênero e sexualidade”. In: SILVA, E. P. Q. *et al.* (Orgs.). *Corpo, gênero e sexualidade: memórias, lutas e insurgências nas educações*. Campina Grande: Realize editora, 2023. p. 219-237.

BAUER, M. W.; GASKELL, G. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes, 2002.

CBCE, 2022. *A história do CBCE: apresentação*. Disponível em: <https://docs.google.com/document/d/1T27xQIZ3zDgqven6DaOB4SkukpPgPHVF/edit>. Acesso em: 1 maio 2022.

COSTA, B. R.; NEVES, R. L. de R. Lutas e disputas no campo científico da Educação Física: o Grupo de Trabalho Temático Gênero no Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte. *Movimento*, v. 28, e28009, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mov/a/cFpM9KPTy9FH4vkMKNHxGbc/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 18 abr. 2023.

DEVIDE, F. P. Estudos de gênero na Educação Física brasileira: entre ameaças e avanços, na direção de uma pedagogia queer. In: WENETZ, I.; ATHAYDE, P. ; LARA, L. (Orgs.). *Gênero e sexualidade no esporte e na educação física*. Natal: EDUFRN, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/29067>. Acesso em: 16 set. 2022.

DEVIDE, F. P. *et al.* Estudos de gênero na Educação Física brasileira. *Motriz*, Rio Claro, v. 17, n. 1, p. 93-103, 2011.

DORNELLES, P. G.; WENETZ, I.; SCHWENGBER, M. S. V. (Orgs.). *Educação Física e Gênero: desafios educacionais 1*. Ijuí: Unijuí, 2013.

DORNELLES, P. G.; WENETZ, I.; SCHWENGBER, M. S. V. (Orgs.). *Educação Física e Sexualidade: desafios educacionais 1*. Ijuí: Unijuí, 2017.

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

- GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GOELLNER, S. V. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. *Revista Brasileira De Educação Física E Esporte*, v. 19, n. 2, p. 143-151, 2005.
- GOELLNER, S. V. A contribuição dos Estudos de Gênero e Feministas para o campo acadêmico-profissional da Educação Física. In: DORNELLES, P. G.; WENETZ, I.; SCHWENGBER, M. S. V. (Orgs.). *Educação Física e Gênero: desafios educacionais*. Ijuí: Unijuí, 2013. p. 23-43.
- JANUÁRIO, S. B.; KNIJNIK, J. *Futebol das mulheres no Brasil: emancipação, resistências e equidade*. Pernambuco: UFPE, 2022.
- LUZ JÚNIOR, A. *Educação Física e Gênero: olhares em cena*. São Luís: UFMA/CORSUP, 2003.
- MACEDO, C. G.; GOELLNER, S. V. Gênero e Educação Física: inclusão da temática nos CONBRACES. In: CONGRESSO SULBRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 7. 2014. *Anais [...] Disponível em: <http://congressos.cbce.org.br/index.php/7csbce/2014/paper/view/5907>*. Acesso em: 16 set. 2022.
- PEREIRA, J. de M. *Gênero na Educação Física Brasileira: aspectos da produção científica a partir das teses e dissertações*. 136 f. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade de Brasília, Brasília, 2019.
- SABATEL, G. M. G. et al. Gênero e sexualidade na Educação Física escolar: um balanço da produção de artigos científicos no período de 2004 a 2014 nas bases do Lilacs e Scielo. *Pensar a Prática*, v. 19, n. 1, p. 196-208, 2016.
- SALVIATI, M. E. *Manual do Aplicativo Iramuteq (versão 0.7 Alpha 2 e R Versão 3.2.3)*. Iramuteq, 2017. Disponível em: <http://www.iramuteq.org/documentation/fichiers/manual-do-aplicativo-iramuteq-par-maria-elisabeth-salviati/view>. Acessado em: 1 set. 2022.
- SILVA, G. G. M.; MARANI, V. H. Gênero, sexualidade e Educação Física: reflexões acerca do currículo em universidades federais brasileiras. *Revista Espaço do Currículo*, João Pessoa, V.15, n. 3, p. 1-15, set/dez, 2022.
- WENETZ, I. Apresentação. In: WENETZ, I.; ATHAYDE, P. ; LARA, L. (Orgs.). *Gênero e sexualidade no esporte e na educação física*. Natal: EDUFRN, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/29067>. Acesso em: 16 set. 2022.
- WENETZ, I.; MARTINS, M. Z.; LAURINDO, V. C. de S. Levantamento da produção acadêmica do grupo de trabalho temática de gênero entre os anos 2015-2019. In: CONBRACE, 22; CONICE, 9., *Anais [...]*, Belo Horizonte, 2021. Disponível em: <http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2021/9conice/paper/view/15068>. Acesso em: 16 set. 2022.
- WENETZ, I.; ATHAYDE, P. ; LARA, L. (Orgs.). *Gênero e sexualidade no esporte e na educação física*. Vol. 6. Natal: EDUFRN, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/29067>. Acesso em: 16 set. 2022.

A PRODUÇÃO SOBRE CORPO, SAÚDE E ESTÉTICA DO GTT CORPO E CULTURA NOS ANAIS DO CONBRACE

Tadeu João Ribeiro Baptista
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Jaqueline Cordeiro de Brito
Universidade Federal de Goiás

Augusto César Vilela Gama
Universidade de Brasília

Marisa Mello de Lima
Secretaria Municipal de Educação de Goiânia-GO

Introdução

O corpo, a saúde e a estética têm ganhado destaque nos debates acadêmicos e do senso comum. O modo como esses temas vêm sendo apresentados, analisados e debatidos se modificou ao longo da história, principalmente no interior do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE), nomeadamente dentro dos Grupos de Trabalho Temático (GTT), cujas atividades são mais intensas durante a realização do principal evento da instituição o Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (Conbrace) e o Congresso Internacional de Ciências do Esporte (Conice). Este estudo pretende trazer as contribuições dos trabalhos publicados nos anais do Conbrace acerca dessas temáticas em diferentes momentos desse evento – o Conbrace/Conice⁶⁶ – que vem sendo realizado desde 1979 de forma itinerante.

Segundo Figueira (2005), o culto ao corpo coloca-se hoje como preocupação geral, atravessando todos os setores, classes sociais e faixas etárias, ora voltado à questão estética, ora à preocupação com a saúde. Apesar do tempo desse texto, podemos identificar as preocupações com a beleza em textos mais recentes como é o caso de Wolf (2021), enquanto a saúde do corpo tem sido debatida em outros referenciais como Amaral, Neves e Baptista (2022); Carvalho e Mendes (2022) para citar alguns. Assim, a percepção do corpo na atividade humana é dominada pela existência de um vasto arsenal de imagens visuais e técnicas que investem na transformação corporal, projetando corpos perfeitos para sociedade, de modo que não basta ser saudável: há que ser belo, jovem, estar na moda e ser ativo.

Para Becker (1999), estamos em constante mudança e com as interações sociais aprendemos a avaliar e a reavaliar nossos corpos, construindo nossa autoimagem e a modificando no decorrer

⁶⁶ Para facilitar a escrita e considerando também o limite de páginas, sempre nos remeteremos ao evento como CONBRACE/CONICE, apesar de o CONBRACE ter sua primeira edição em 1979 na cidade de São Caetano do Sul, enquanto a primeira edição do CONICE data apenas de 2003 na cidade de Caxambu.

da vida. Nesse contexto em que o corpo, a saúde e a estética se tornam uma preocupação crescente da sociedade, um olhar atento às publicações científicas pode trazer indícios e reflexões importantes, seja nos artigos publicados em periódicos (ALMEIDA *et al.*, 2018; GOMES *et al.*, 2022; ZOBOLI *et al.*, 2016), sejam os textos apresentados em anais de eventos científicos, como é o caso deste texto.

Entender como o corpo, a saúde e a estética têm sido discutidas ao longo do tempo no interior do CBCE, considerando a sua relevância para o campo acadêmico científico da Educação Física brasileira, possibilita identificar o movimento desses objetos desde o final dos anos 1970 – o CBCE foi criado em 17 de setembro de 1978 – até a atualidade.

Ao olhar para os anais publicados ao longo do Conbrace/Conice, identifica-se que a saúde, ainda que em uma visão mais restrita, já estava presente na primeira edição do Conbrace (CBCE, 1979). Ao se analisar os anais em sua totalidade, os resumos dos temas livres, formato como os trabalhos eram apresentados, demonstravam uma relação direta com variáveis anatômicas, nutricionais e fisiológicas para grupos de distintas condições de saúde e faixas etárias – entre elas as crianças que foram a preocupação demonstrada na temática do primeiro evento: “*A criança brasileira e a atividade física*”.

O termo “estética” aparece, por sua vez, nesse mesmo evento (I Conbrace) em um trabalho apresentado por Paulo K. R. Matsudo, com o título “A importância da cirurgia plástica de mamas como profilaxia dos problemas de coluna e na motivação de práticas esportivas” (MATSUDO, 1979). No resumo presente nos anais não há um debate mais detalhado do termo, haja vista que o foco do trabalho apresentado foi a relação entre cirurgia plástica, coluna vertebral e prática esportiva. Nesse trabalho a estética é vista como uma possível preocupação das mulheres em seus aspectos psicológicos.

O primeiro trabalho apresentado sobre o corpo em uma perspectiva filosófica aparece em 1985, ou seja, apenas no IV Conbrace, com o trabalho de Heloisa Turini Bruhns, com o título “Estatutos do Corpo”. De acordo com a autora, a proposta é fazer uma reflexão na forma de um poema com base no texto *O Estatuto do Homem*, escrito em abril de 1964 por Thiago de Mello.

Desse modo, pode-se considerar que os temas centrais aqui tratados (corpo, saúde e estética) já estavam presentes no evento por meio dessas datas de referência, ainda que tenham acontecido oscilações ao longo do tempo, e sempre no formato de temas livres até a nona edição. Deve-se registrar, ainda, que é possível identificar uma crescente aproximação dos temas livres em cada sessão do evento.

Como é sabido, durante o IX Conbrace de Vitória/ES em 1995 são criados os Grupos de Trabalho Temáticos (GTT), sendo estes efetivados em 1997 em Goiânia/GO (X Conbrace). A

partir desse momento, os GTT se tornam responsáveis por aglutinar pesquisadores de uma mesma temática, sendo que, entre os primeiros grupos, pode-se mencionar o de Escola, o de Epistemologia, o de Atividade Física e Saúde e o de Treinamento Esportivo.

Naquele primeiro momento, os trabalhos sobre corpo e estética foram apresentados em diversos GTT segundo a indicação dos autores e a aprovação dos comitês científicos, porquanto a “Saúde” já possuía o seu lugar de debate, embora, nem sempre esse debate, assim como outros, tenha ficado restrito a um único Grupo de Trabalho Temático.

Devido às mudanças e aos interesses de certos grupos de pesquisadores, os GTT sofreram mudanças, com a extinção de alguns – como é o caso do GTT de Pós-Graduação, e a criação e transformação de outros como foi o caso da instituição do Grupo de Trabalho Temático Memória, Cultura e Corpo (MCC)⁶⁷ e, posteriormente, Corpo e Cultura (CC). Esses dois grupos sempre apresentaram temáticas amplas desde a sua criação, e realizar uma análise mais ampla é importante para tentar identificar o desenvolvimento do debate no interior do CBCE.

No XVII Conbrace realizado na cidade de Porto Alegre, Vilarinho Neto *et al.* (2011) apresentaram os primeiros dados de uma pesquisa que estava sendo iniciada sobre os temas Corpo, Saúde e Estética nos anais desse evento, tendo como referência central o GTTMCC e, posteriormente, o GTTCC. Essa pesquisa que vem sendo realizada pelo Coesa – Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Corpo, Estética, Exercício e Saúde – foi se ampliando gradativamente, tendo sido demonstrados vários resultados em outros momentos (BAPTISTA *et al.*, 2013; BRITO; LIMA; BAPTISTA, 2021). Este estudo tem se prolongado ao longo do tempo, inclusive com várias atualizações temporais mas, principalmente, em relação ao atual GTT Corpo e Cultura (GTTCC ou GTT 03 como é conhecido internamente dentro do CBCE). Deve-se destacar que, no caso do presente artigo, esta é a primeira aproximação com os dados completos da pesquisa. Em outros momentos as análises foram parciais, tendo muitas vezes como referência central o debate sobre o corpo e, nesse caso, esta produção traz em conjunto as análises sobre corpo, saúde e estética conjuntamente.

Ao completar seus 25 anos, os GTT, bem como as análises sobre certos temas, podem ajudar a conjecturar sobre as lacunas existentes, operacionalizando novas pesquisas e debates. Destarte, o objetivo geral deste texto é analisar a produção sobre corpo, saúde e estética de 1997 a 2021 no GTT Corpo e Cultura.

⁶⁷ Este GTT Memória, Cultura e Corpo (GTTMCC) teve a sua primeira participação no CONBRACE/CONICE em Florianópolis – 1999 e permaneceu com esta nomenclatura até 2003. Em 2004, o CBCE o dividiu em dois, o GTTCC e o GTT Memórias da Educação Física e dos Esportes (GTTMEFE – GTT 10), e os dois Grupos tiveram sua estreia no CONBRACE/CONICE de Porto Alegre em 2005.

Metodologia

Este trabalho apresenta características cientométricas (VANTI, 2002), definida como uma análise documental (LIMA JUNIOR *et al.*, 2021), utilizando uma análise quantitativa, com base na estatística descritiva, adotando a frequência como parâmetro de julgamento. A análise se deu sobre os textos publicados entre 1997 e 2021 nos anais do Conbrace no GTTCC, seja nas versões impressas ou online por meio do Sistema Online de Apoio a Congressos (SOAC), disponíveis na página do CBCE⁶⁸.

Deve-se registrar que o foco da pesquisa é o GTT Corpo e Cultura, porém, devido ao fato de este GTT só ter sido efetivamente criado em 2005, como metodologia, optou-se por analisar textos que tratassem sobre corpo, estética e saúde em qualquer GTT no ano de 1997, já que não havia um Grupo de Trabalho Temático com este tema. Para os anos de 1999 a 2003, foram analisados os trabalhos apresentados no GTTMCC e, a partir de 2005, apenas os textos publicados no GTT 03.

A seleção dos textos se baseou na presença das palavras corpo, saúde e/ou estética no título, resumo e/ou palavras-chaves (quando estas apareciam) apenas em trabalhos de comunicação oral. Os trabalhos que não apresentavam a palavra corpo, saúde e/ou estética no título, resumo ou palavras-chave, ainda que fossem palavras relativas como práticas corporais, corporalidade, corporeidade, beleza, bem-estar, foram excluídos, assim como os trabalhos no formato de pôsteres.

Resultados e discussão

Ao iniciar essas análises, realizamos uma adaptação da proposta de Brito, Lima e Baptista (2021), adotando como parâmetros temporais, as fases de Generalização (1997); Reconhecimento (1999-2003); Consolidação (2005-2013) e Especialização (2015-2021). Entende-se que é importante explicar a divisão apresentada em cada um desses períodos. O período de Generalização (1997) tem como referência a criação e efetivação geral dos GTT, não havendo, contudo, nenhum Grupo de Trabalho Temático específico em relação ao corpo, embora já houvesse o GTT de Atividade Física e Saúde.

O segundo período é aqui denominado de período de Reconhecimento que vai de 1999 a 2003, período no qual se cria o GTT Memória, Cultura e Corpo. Nesse momento, parece haver reconhecimento da entidade sobre a relevância do tema Corpo, apesar de o grande foco ter sido a

⁶⁸ Disponível em <http://congressos.cbce.org.br/>.

relação com a Memória, ou seja, a história da Educação Física. Esta análise pode ser confirmada considerando o número de trabalhos sobre corpo, saúde e estética apresentados nesse período e analisados de acordo com os critérios de inclusão.

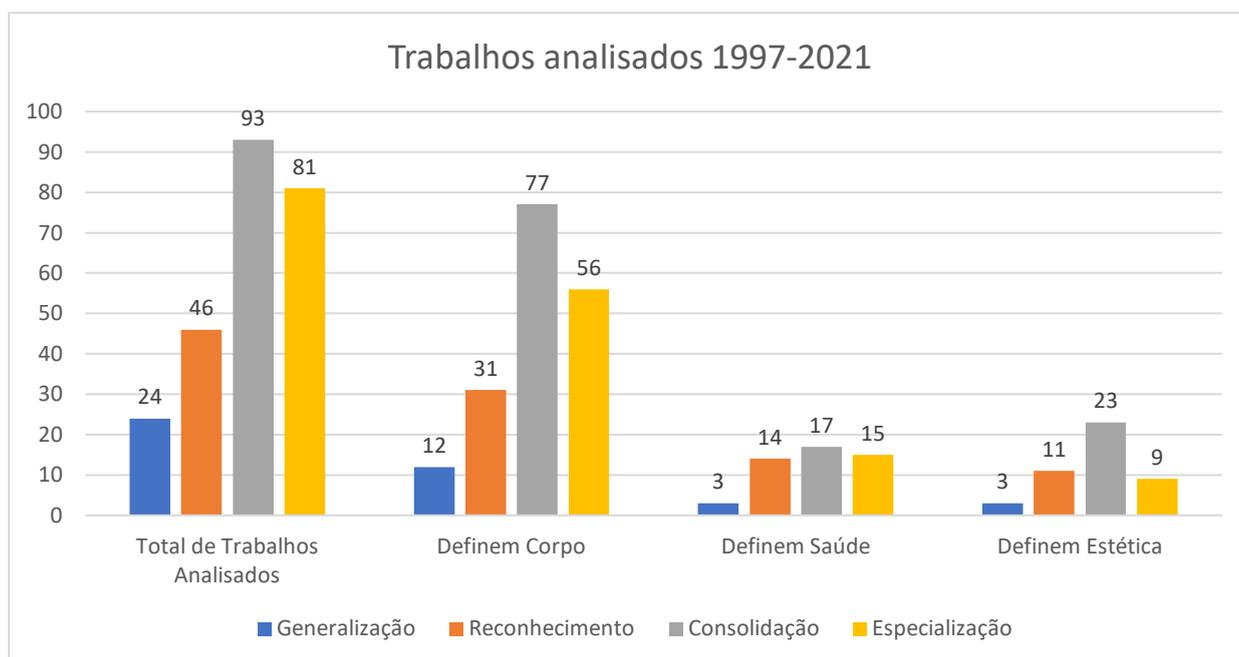
O terceiro ciclo acontece no Conbrace/Conice a partir de 2005 quando o GTTMCC se subdivide em GTTMEFE e GTTCC. Nesse momento, o tema do corpo e da cultura se consolidam dentro do CBCE havendo um debate bastante intenso sobre a temática no Colégio, assim como no evento. Registre-se que, geralmente, o GTTCC, desde sua criação, tem sido o terceiro GTT em número de trabalhos submetidos, sendo tradicionalmente o primeiro, o GTT Escola e o segundo, o GTT Formação Profissional e Mundo do Trabalho. Essa posição, por vezes, é intercalada com o GTT Atividade Física e Saúde. Esse dado muitas vezes é apresentado pelas Diretoria de GTT do CBCE, o que permite fazer essa afirmação. Também Vilarinho Neto *et al.* (2011), apresenta dados sobre o número de trabalhos submetidos aos GTT.

O quarto instante é o período de Especialização iniciado em 2015 até os dias atuais. Essa nova nomenclatura se justifica pela criação de novos GTT na estrutura do CBCE como são os casos do GTT Gênero, criado em 2013, com sua primeira participação em 2015 em Vitória e o GTT de Relações Étnico Raciais, aprovado em 2021 e com seu primeiro Conbrace/Conice em 2023, em Fortaleza. A criação desses dois GTT tende a retirar pesquisas do GTTCC, pois muitos trabalhos desses temas eram apresentados no GTT 03. Essa alteração faz com que os trabalhos fossem cada vez mais centrados nos temas do corpo e da cultura especificamente.

Adentrando o foco central desta pesquisa, ou seja, analisar a produção sobre corpo, saúde e estética, predominantemente no GTT Corpo e Cultura de 1997 a 2021, apresenta-se a Figura 1.

Figura 1: Trabalhos analisados, no total e que definem Corpo, Saúde e Estética de acordo com a proposta temporal⁶⁹.

⁶⁹ Deve-se registrar que o total de trabalhos analisados diz respeito ao número de trabalhos que atenderam aos critérios de inclusão e o seu total, não corresponde à somatória dos temas corpo, saúde e estética, individualmente. O total de trabalhos fica maior que a quantidade de trabalhos apresentados por tema (corpo, saúde e estética) porque cada um dos termos poderia ser um critério de seleção. Por exemplo. SE o título do texto apresenta o termo estética, mas não apresenta corpo, ele era lido e analisado na íntegra. Poderiam também aparecer dois ou mais termos de busca no título, resumo e palavras-chave. Sempre que o texto era analisado se buscava a definição dos três termos, e muitas vezes, nenhum deles era encontrado.



Fonte: Elaboração Própria.

É possível identificar na Figura 1 a distribuição dos temas, destacando que o tema corpo foi mais frequente em todos os períodos analisados, enquanto, saúde e estética são pouco discutidas em relação ao tema do corpo, o que pode ser justificado pela especificidade dos GTT de análise.

Destaca-se, também, a semelhança no total de trabalhos sobre saúde e estética em 1997 (três trabalhos de cada), o destaque para o debate sobre saúde junto com o corpo nos períodos de reconhecimento e especialização e a predominância da estética no momento da consolidação (23 textos). Registre-se, ainda, que esse foi o período com maior quantidade de textos analisados (93 no total), seguido do momento da especialização (81), Reconhecimento (46) e Generalização (24).

É possível, inclusive, demonstrar os resultados gerais identificados na Tabela 1.

Tabela 1: Trabalhos analisados nesta pesquisa de acordo com a frequência considerando a identificação do total de trabalhos analisados, o quantitativo que definem corpo, saúde e estética

	Total de Trabalhos Analisados	Definem Corpo	Definem Saúde	Definem Estética
Total	244	176	49	46
Percentual	100,00	72,13	20,08	18,85

Fonte: Elaboração Própria.

Por meio da Tabela 1 demonstra-se que, ao final da pesquisa (de 1997 a 2021), foram analisados 244 textos, o que corresponde a 100% dos textos analisados. Destes, 176 (72,13%) trazem explicitamente a concepção de corpo adotada pela autoria. Enquanto isso, aqueles que definem saúde entre os textos investigados, 49 (20,08%) do total apresentam as concepções de saúde e; 46 (18,85%) de todos os 244 trazem a discussão evidenciada sobre o que se entende por estética.

Outro ponto que pretendemos demonstrar é a inexistência de definições/concepções de corpo, saúde e estética nos trabalhos analisados. Nesse aspecto há de se destacar dois pontos:

1. Os trabalhos selecionados, em sua grande maioria, apresentavam a palavra corpo no título, no resumo e/ou nas palavras-chave. Entretanto, muitos trabalhos não fazem uma definição específica desse conceito. Considerando que “corpo” é um conceito polissêmico, ainda assim, os pesquisadores não explicitam as suas concepções, referenciais teóricos ou paradigmas, usando apenas a palavra (jargão) corpo sem maiores preocupações teórico-metodológicas, aparentemente. Enfatiza-se, ainda, que ocorreu nos três primeiros momentos (1997; 1999-2003; e 2005-2013) um crescente percentual de definições nos trabalhos analisados, sendo 50%; 67,39% e 82,80% dos trabalhos analisados respectivamente. Entretanto, há uma redução de definições de corpo para 69,14% no período de especialização.

2. Sobre as definições de corpo e estética, há dois aspectos a serem considerados. A) que nem todos os textos fazem essas análises devido às suas especificidades; e B) assim como a definição de corpo, os conceitos de saúde e estética também são usados como jargões sem que haja um maior detalhamento da compreensão dos autores.

Outros pontos podem ser destacados em relação aos trabalhos. Primeiro, uma forte presença da fenomenologia como paradigma de análise, ainda que apareçam trabalhos do movimento pós-moderno, do materialismo dialético e mesmo trabalhos com perfis positivistas. Serão necessárias outras análises para um debate epistemológico mais aprofundado.

Um segundo ponto importante é a região de origem dos trabalhos. Mesmo tendo sido identificados trabalhos da Região Norte (menos frequentes), das regiões Centro-Oeste e Sul, as duas regiões que mais se destacam são as regiões Sudeste (em primeiro lugar) e Nordeste (segundo), conforme pode ser identificado em números gerais na Tabela 2.

Tabela 2: Frequência de distribuição de trabalho por Região e/ou país de acordo com o período

Região	Generalização	Reconhecimento	Consolidação	Especialização	Total
Centro Oeste	3	0	7	27	37
Nordeste	4	4	22	27	57
Norte	0	0	3	3	6
Sudeste	14	26	42	27	109
Sul	3	7	19	7	36
Outros países	0	2	0	3	5
Total	24	39	93	94	250

Fonte: Elaboração própria.

Sobre a Tabela 2, deve-se destacar, em primeiro lugar, que vários trabalhos apresentavam autores de mais de uma região do país (por exemplo, centro-oeste e norte), fato que ampliou a

frequência das regiões, chegando-se a um total de 250 menções diferentes. Destas há um predomínio geral de trabalhos da Região Sudeste nos três primeiros períodos, havendo, contudo, um empate no percentual de trabalhos no período de especialização com as regiões Nordeste e Centro-Oeste.

A Região Nordeste mantém um número significativo de trabalhos, ficando com 57 comunicações orais (22,80%) do total. A Região Centro-Oeste possui o terceiro maior percentual de trabalhos 37, ou 14,80%, provocado por um acréscimo de trabalhos no período de especialização. Em seguida, com certa oscilação e um decréscimo do total de trabalhos, a Região Sul, com 36 pesquisas (14,40%).

Em seguida, as pesquisas da Região Norte – 6 ou 2,40%, também com oscilação da sua presença ao longo do tempo. E, finalmente, percebe-se os trabalhos de outros países, entre eles, Argentina, Portugal e, principalmente o Uruguay, apresentando cinco pesquisas (2,0% do total).

Apesar das variações que aconteceram ao longo do tempo, esses dados continuam consistentes com os identificados no início dessa pesquisa e apresentados por Vilarinho Neto *et al.* (2011).

Enfim, ainda serão necessárias outras análises as quais já se encontram em andamento e que devem ser apresentadas em outros momentos.

À guisa de conclusão

Do total de trabalhos identificados, 244 no geral, 176 apresentavam alguma definição explícita sobre o corpo, enquanto a saúde foi debatida em 49 comunicações orais e estética em outros 46. Essas análises quantitativas demonstram que os GTT que se debruçaram sobre o tema têm demonstrado uma produção importante sobre esses eles no Brasil.

Não se pode esquecer que o debate sobre a saúde tem um GTT próprio no interior do CBCE (01 – Atividade Física e Saúde), portanto, este tópico não é prioritário para o GTTCC, embora alguns pesquisadores se debrucem sobre esse assunto.

Em relação à estética, algumas pesquisas debatem o tema com base em relações com a estética corporal, tendo um número importante que faz esse diálogo por meio da dança e de outras práticas corporais.

Como foi dito, outras análises continuam em curso nesta pesquisa que vem sendo atualizada a cada dois anos por ocasião das novas edições do Conbrace/Conice.

Referências

ALMEIDA, Felipe Quintão *et al.* O corpo como tema da produção do conhecimento: uma análise em cinco periódicos da Educação Física brasileira. *Movimento*, v. 24, n. 1, p. 133-146, jan./mar. de 2018.

BAPTISTA, T. J. R. *et al.* Perspectivas epistemológicas da produção do conhecimento sobre corpo nos GTT's Memória, Cultura e Corpo (1999, 2003) e Corpo e Cultura (2011). In: XVIII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, V Congresso Internacional de Ciências do Esporte, 2013, Brasília. *Anais [...] Brasília: CBCE*, 2013, p. 1-13.

BECKER JR. B. *Manual de Psicologia aplicada ao Exercício & Esporte*. Porto Alegre: Edelbra, 1999.

BRITO, J. C. de; LIMA, M. M.; BAPTISTA, T. J. R. O debate sobre o corpo no CONBRACE: de 1997 a 2017. In: XXII CONBRACE/IX CONICE, 2021, Belo Horizonte. Educação Física e Ciências do Esporte no tempo presente: defender vidas, afirmar as ciências. *Anais...* Belo Horizonte: CBCE, 2021. p. 1-8.

BRUHNS, Heloisa T. Estatutos do Corpo. CBCE – COLÉGIO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE. CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, IV: As Ciências do Esporte na Nova República, Poços de Caldas, 5 a 8 set. 1985. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 24, 1985.

CARVALHO, Yara. M. de; MENDES, Valéria. M. CORPO PRESENTE... na formação e no cuidado em saúde. *Pensar a Prática*, v. 25, p. 1-19, 2022. DOI: 10.5216/rpp.v25.69870. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/feff/article/view/69870>. Acesso em: 7 mar. 2022.

CBCE – COLÉGIO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE. CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, I; SIMPÓSIO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, VII: A criança brasileira e a atividade física, São Caetano do Sul, 03 a 06 set. 1979. *Anais...* São Caetano do Sul: CBCE, 1979.

FIGUEIRA, Márcia. A revista “Capricho” como uma pedagogia cultura: Saúde, beleza e moda. IN: XIV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte. *Anais [...] RS: Porto Alegre*, 2005.

GOMES, Ivan *et al.* O corpo como tema da produção do conhecimento: Uma análise bibliométrica em cinco periódicos da Educação Física brasileira. *Movimento*, v. 24, p. 427-440, 2022.

LIMA JUNIOR, Eduardo Brandão *et al.* Análise documental como percurso metodológico na pesquisa qualitativa. *Cadernos da FUCAMP*, v. 20, n. 44, p. 36-51, 2021.

MATSUDO, Paulo K. R. A importância da cirurgia plástica de mamas como profilaxia dos problemas de coluna e na motivação de práticas esportivas. CBCE – COLÉGIO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE. CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, I; SIMPÓSIO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, VII: A criança brasileira e a atividade física, São Caetano do Sul, 03 a 06 set. 1979. *Anais [...] São Caetano do Sul: CBCE*, 1979, p. 32.

VANTI, N. A. P. Da bibliometria à webometria: uma exploração conceitual dos mecanismos utilizados para medir o registro da informação e a difusão do conhecimento. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 31, n. 2, p. 152-162, 2002.

VILARINHO NETO, S. *et al.* A produção sobre corpo, saúde e estética: primeiras aproximações sobre os Anais do CONBRACE (1997-2009). XVII CONBRACE/ IV CONICE, 2011, Porto

Alegre. Ciência & Compromisso Social: Implicações na/da Educação Física e Ciências do Esporte. Porto Alegre: CBCE, 2011. p. 1-15.

WOLF, Naomi. *O mito da beleza*: como as imagens de beleza são contra as mulheres. 16. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2021.

ZOBOLI, Fabio et al. O 'corpo' como tema da produção do conhecimento na Revista Brasileira de Ciências do Esporte-RBCE (1979-2012). *Kinesis, Santa Maria*, v. 34, n. 2, p. 02-23, 2016.

ENTRE TRAMAS DE INVESTIGAÇÃO: (RE)CONHECENDO OS GRUPOS DE PESQUISA DO GRUPO DE TRABALHO TEMÁTICO CORPO E CULTURA DO COLÉGIO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE

Alan Camargo Silva
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Dulce Filgueira de Almeida
Universidade de Brasília

Tadeu João Ribeiro Baptista
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Cátia Pereira Duarte
Universidade Federal de Juiz de Fora

Tecendo as primeiras linhas

Criado em 2004/05, o Grupo de Trabalho Temático Corpo e Cultura (GTTCC) do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE) constitui-se por pesquisadores(as) que elegem o corpo, a corporalidade/corporeidade, mediados por processos culturais, como tema central de suas pesquisas. Com base em distintos referenciais teórico-metodológicos das Ciências Humanas e Sociais, o GTTCC consolida-se, interna e externamente à entidade (SILVA; DUARTE; BAPTISTA, 2022). Na direção de Le Breton (2016), o GTTCC considera que os corpos estão na interface entre o social e o individual, a natureza e a cultura, o fisiológico e o simbólico.

Para além das atividades de ensino e extensão, lideradas pelos(as) membros(as) do GTTCC, emergiu a necessidade de o grupo se “(re)conhecer epistemologicamente”, a fim de articular as suas investigações. Os grupos de pesquisa e diálogos construídos em redes cujas tramas são interpostas pelos(as) pesquisadores(as) fortalecem as conexões, afinal concordando-se com Bourdieu (2021), há a tendência dos(as) pesquisadores(as) elegerem e se concentrarem em dados problemas considerados como os mais importantes.

Desse modo, argumenta-se que a aproximação entre os grupos de pesquisa do GTTCC permite o mapeamento das produções científicas e possibilita compreender as potencialidades ou os limites das temáticas, referenciais teóricos e abordagens metodológicas que efetivamente dialogam com as relações entre corpo e cultura, diante do atual panorama socioeconômico e político do país. Ante o contínuo processo constitutivo histórico-político do GTTCC (GRANDO *et al.*, 2007; BAPTISTA *et al.*, 2015; SILVA, 2020; LÜDORF, 2022), torna-se imperioso não somente explorar os (não)lugares de determinadas “lentes” que circulam no interior do grupo em

tela, a fim de permitir uma simetria de diálogo entre os(as) pesquisadores(as), como também situar ou iluminar o que tem sido privilegiado no interior das investigações realizadas pelos grupos que compreendem o GTTCC.

Destarte, no sentido de um relato de experiência, objetiva-se apresentar e problematizar especificamente as possíveis aproximações temáticas entre os grupos de pesquisa presentes no GTTCC, tendo por base o envio de um questionário para todos os membros do Comitê Científico do GTTCC no ano de 2022.

Alinhamentos metodológicos

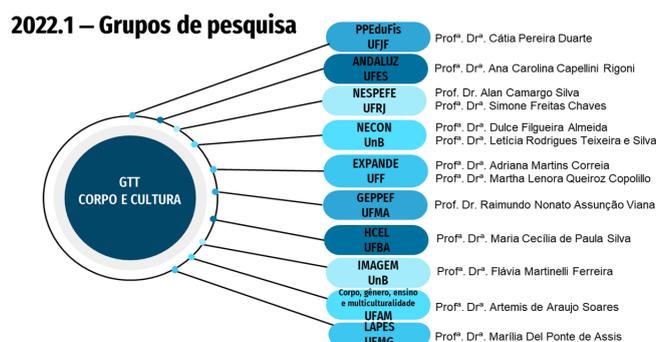
À luz das problematizações sobre (sub)campo de Bourdieu (2021), pretende-se, aqui, aprofundar analiticamente os “sujeitos que agem” (agentes) nos grupos de pesquisa. Após algumas reuniões internas no primeiro semestre de 2022, foi elaborado um quadro descritivo em que cada membro(a) do comitê científico registrou o nome e o objetivo central do seu grupo de pesquisa, assim como as possíveis interfaces com o GTTCC e os principais temas de estudo. O encaminhamento do questionário para a realização do levantamento se deu por e-mail, contemplando apenas os membros da composição atual do Comitê Científico do GTTCC⁷⁰.

Por meio de compartilhamento de informações internas no GTTCC via e-mail, foi possível tecer possíveis redes entre os(as) membros(as) e seus grupos de pesquisa. Registra-se que também foram coletados dados do Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil⁷¹. Além do coordenador e coordenadora adjunta, tal GTT é composto atualmente por 23 membros(as), sendo 11 do comitê científico, 7 do comitê científico ampliado e 5 colaboradores(as). Na oportunidade analítica deste texto, houve o recorte apenas do comitê científico eleito de forma estatutária na dimensão do CBCE, incluindo os(as) coordenadores(as) do GTTCC.

Figura 1 – Grupos de pesquisa do GTTCC identificados no primeiro semestre de 2022

⁷⁰ Pedimos desculpas por possíveis informações incompletas ou grupos que não estejam aqui contemplados no momento da escrita desse trabalho.

⁷¹ Disponível em: <https://lattes.cnpq.br/web/dgp>



Fonte: própria (2023)

Orientado pela proposta metodológica de análise de conteúdo temática de Turato (2011), foi possível classificar e categorizar a perspectiva dos estudos. Privilegiou-se a “procura nas expressões verbais ou textuais os temas gerais recorrentes que fazem a sua aparição no interior de vários conteúdos mais concretos” (TURATO, 2011, p. 442). Em síntese, foram detectados dez grupos de pesquisa e três grandes eixos de articulações no biênio 2021-2023, sendo que em todas as linhas de interconexão podem existir alguns grupos que participam de mais de uma dessas organizações.

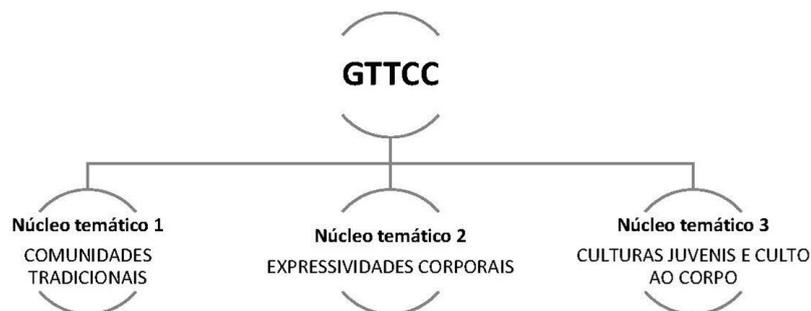
Redes de agentes e seus grupos de pesquisa

Inicialmente, é importante registrar que os grupos que debatem a relação entre corpo e cultura, e que estão representados no comitê científico do GTTCC, estão localizados nas diferentes regiões do país, considerando o seu reconhecimento institucional. Na Região Norte, temos o Grupo Corpo, Gênero, Ensino e Multiculturalidade no Amazonas (UFAM); no Nordeste, os grupos GEPPEF no Maranhão (UFMA) e HCEL na Bahia (UFBA); No Centro-Oeste, o IMAGEM (UnB) e o NECON em Brasília (UnB); na Região Sudeste, está o maior número de grupos, sendo eles o PPEduFis em Juiz de Fora (UFJF); ANDALUZ em Vitória (UFES); EXPANDE em Niterói (UFF); NESPEFE na cidade do Rio de Janeiro (UFRJ) e LAPES (UEMG).

Pode-se registrar, ainda, que apesar de haver um número significativo de programas de pós-graduação na região Sul do Brasil, não há na representação do comitê científico do GTT Corpo e Cultura do CBCE, nenhum grupo dessa região.

Ao analisarmos o perfil dos grupos de pesquisa, consoante seus objetivos, verificamos os seguintes núcleos temáticos: (a) comunidades/populações tradicionais; (b) expressividades corporais; (c) culturas juvenis e culto ao corpo. A distribuição dos grupos por núcleos temáticos está a seguir expressa ilustrativamente:

Figura 2 – Núcleos temáticos do GTTCC



Fonte: própria (2023)

(a) Núcleo temático 1 – Comunidades tradicionais

Encontram-se, nesse núcleo temático, pesquisas realizadas com povos indígenas, quilombolas, comunidades ribeirinhas, pescadores, notadamente, um conjunto de investigações que se remetem ao debate corpo-territorialidades e têm lugar, na maioria das vezes, em contextos rurais. Aqui a perspectiva da educação intercultural ou decolonial, no âmbito da formação inicial, e compreensão de identidades ou manifestações de diferentes “corpos e culturas” refletem, prioritariamente, parte da essência dos grupos de pesquisa dos(as) pesquisadores(as) participantes do Comitê Científico do GTTCC.

Nesse eixo de produções, privilegiam-se as investigações sobre determinadas corporalidades/corporeidades dos povos ou populações tradicionais em comunidades, por meio de práticas corporais socialmente constituídas, inclusive nas relações com a espiritualidade/religião. Tais trabalhos atravessam territorialidades relacionais dessas populações, mediados pela pesquisa de campo ou etnográfica. Apontam que as definições ou demarcações territoriais são parte das construções dos corpos de homens e de mulheres dessas comunidades.

Os grupos de pesquisa atravessados por esses tipos de investigação baseiam-se na ideia da valorização de determinadas culturas como patrimônios socioculturais do Brasil. Nesses casos, os estudos se desenvolvem pela ótica da pluralidade/diversidade de “ser corpo” no sentido ético-político de resistência e existência em território nacional, hajam vistos os múltiplos processos que ameaçam ou comprometem os direitos humanos.

Assim, para além de abordarem questões concernentes às vulnerabilidades de grupos e populações tradicionais, manifestos, notadamente, pelo termo cultura popular, há preocupação com a constituição das formas de existência e resistência dessas populações. Dessa forma, questões relacionadas à marginalização, exclusão, desigualdade e precarização de vida são temas tratados pelos(as) pesquisadores(as) dos grupos de pesquisa e contribuem para visibilizar corpos nesses *loci*

de existência. Essas pesquisas dialogam (in)diretamente com a importância dos movimentos/organizações sociais que, de algum modo, contribuem para a justiça social desses grupos humanos nesses ambientes.

Os grupos que mais têm se aproximado dessa temática, seja pelos projetos dos líderes e vice-líderes dos grupos, seja pela produção dos doutorandos e mestrados que participam destes, são os grupos PPEduFis (UFJF); ANDALUZ (UFES); NECON (UnB); GEPPEF (UFMA); HCEL (UFBA) e Corpo, Gênero, Ensino e Multiculturalidade (UFAM). Alguns desses grupos apresentam aproximações importantes com as discussões realizadas pelos antropólogos e sociólogos franceses Marcel Mauss e David Le Breton, o estadunidense Thomas Csordas e o filósofo francês Maurice Merleau-Ponty, entre outros.

(b) Núcleo temático 2 – Expressividades corporais

O segundo núcleo temático, constituído por pesquisadores(as) do Comitê Científico do GTTCC, foi por nós definido como “expressividades corporais”. Aqui se destacam as pesquisas realizadas sobre corpos mediados por sensações e emoções, performances culturais, e percepções, sempre tendo os corpos como uma compreensão total no sentido biopsicossocial. Caracteriza-se, fundamentalmente, pela necessidade de compreensão das experiências corporais cotidianas em espaços-tempo escolar ou não escolar. Entendemos que essas pesquisas versam sobre formas de expressões corporais constituídas e mediadas por debates inter e intrageracionais, com destaque para a infância e adolescência.

Essas pesquisas abordam como as corporalidades/corporeidades de homens, mulheres, jovens, adolescentes e crianças podem se expressar em diferentes práticas relacionadas às artes e aos esportes. Nesse escopo as danças, as ginásticas, as práticas circenses; as vivências da/na infância, nomeadamente, o brincar; e, por último, relações com o mundo do trabalho são os focos de análise e preocupações dos(as) pesquisadores(as). Em síntese, esses estudos buscam explorar cruzamentos entre as distintas dimensões dos seres humanos em sua complexidade: biológica, psicológica, sociocultural.

Identificamos os grupos de pesquisa: EXPANDE (UFF); Imagem (UnB); NECON (UnB); ANDALUZ (UFES), Corpo, Gênero, Ensino e Multiculturalidade (UFAM) e LAPES (UEMG) como grupos que investigam a temática das expressividades corporais. Do ponto de vista dos autores de referência, a fundamentação teórica está pautada na sociologia/antropologia francesa com David Le Breton e Marcel Mauss; para além do estadunidense Richard Sennett e do austríaco Émile Jacques-Dalcroze, entre outros.

(c) Núcleo temático 3 – Culturas juvenis e culto ao corpo

O terceiro núcleo temático compreende “Culturas juvenis e culto ao corpo”, enverga-se nas investigações relacionadas às culturas juvenis, suas identidades, mediadas pelo projeto de construção corporal, pessoal e social. Forjam-se, geralmente, em contextos urbanos, pautando-se na noção de que existem corpos perfeitos ou corpos ideais. Nesse eixo são frequentes os estudos relacionados ao uso de substâncias lícitas e ilícitas, como o uso de alimentos/suplementos alimentares; medicamentos e drogas (i)lícitas, tanto na perspectiva recreacional ou do lazer, quanto em outros locais como academias de ginástica, para além do espaço escolar. Essas pesquisas contemplam preocupações concernentes ao risco e, muitas vezes, ao sentido de aventura que jovens perfazem em seus cotidianos.

Nesse eixo de produções, à luz de referenciais teórico-metodológicos da educação, da saúde e da antropologia, foi possível detectar a preocupação em compreender como jovens adultos acionam determinados dispositivos, práticas e cuidados para/com/no corpo. Especialmente em espaços urbanos, as pesquisas visam entender as relações entre determinadas sociabilidades e o processo simbólico de ingestão de substâncias, sejam elas lícitas ou não para a construção de um projeto corporal pessoal.

Na linha desses grupos de pesquisa, discute-se o processo de modificação ou autoexploração do sujeito com o objetivo de aprimoramento de si em busca de “lucros”, não somente físico-orgânicos, mas também sociais – leia-se pertencimento social. Esses estudos versam sobre a construção e a reconstrução de saberes e práticas concernentes ao culto, ao corpo situado em dados contextos socioculturais, a fim de revelar as lógicas que sustentam seus usos e as maneiras como se engajam nas práticas corporais.

Os principais grupos que dialogam com esses temas são o NESPEFE (UFRJ); ANDALUZ (UFES) e EXPANDE (UFF). De modo geral, assim como os grupos que tratam das populações específicas, encontram-se aqui autores como David Le Breton e Marcel Mauss predominantemente.

Costurando os próximos fios...

Conclui-se que tal estratégia de (re)conhecimento dos grupos de pesquisa no interior de um GTT do CBCE permite revelar as temáticas mais ou menos presentes entre os(as) pesquisadores(as) da entidade. O desdobramento desses (des)encontros epistemológicos no interior de um GTT possibilita (re)pensar futuras ações acadêmicas, profissionais e políticas, principalmente se esse

exercício de mapeamento temático se inspira no acúmulo de conhecimento dos últimos 18-19 anos no caso do GTTCC.

Em termos gerais, os três grandes eixos de articulações aqui descritos consolidam a relevância da promoção interinstitucional e da possibilidade de constituição de redes de pesquisadores(as) no sentido de aprimorar ou refinar os “objetos” e “realidades” tradicionalmente delineados pelos grupos de pesquisa, como também demovem os modos de investigar os corpos em outros contextos socioculturais pouco explorados com base na intersecção de determinados marcadores sociais da diferença, como no processo da decolonialidade do pensamento no hemisfério sul.

Pode-se registrar, ainda, o fato de que os grupos apresentados são aqueles que constituem o comitê científico deste Grupo de Trabalho Temático no período compreendido entre 2021 e 2023. Se a análise fosse ampliada para outros períodos e para os membros mais próximos do comitê ampliado, provavelmente seriam detectados outros grupos que se aproximam das mesmas temáticas ou outras não aqui mencionadas.

Portanto, ainda que existam corpos/docentes do GTTCC em alta produtividade em suas instituições por demandas de todas as ordens, registra-se aqui o desafio ou a tentativa de coesão e momentos de diálogos entre os(as) membros(as) nos últimos anos. Uma dessas tentativas está no fato de a coordenação atual do GTTCC (2021-2023) ter procurado, ainda que não tenha conseguido efetivar, a organização de um evento do GTT Corpo e Cultura – o VI Seminário Nacional Corpo e Cultura e II Seminário Internacional Corpo e Cultura, assim como, um projeto de pesquisa que possa aproximar de modo mais efetivo este grupo de pesquisadores e pesquisadoras, apesar de suas diferenças temáticas e epistemológicas. Afinal, toda e qualquer “trama de investigação” se estabelece de forma coletiva e politicamente organizada.

Referências

BAPTISTA, T. J. R. *et al.* A produção sobre Corpo e Cultura: um olhar sobre a produção no CBCE de 2007 a 2013. *In: RECHIA, S. et al.*(Org.). *Dilemas e Desafios da Pós-Graduação em Educação Física*. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2015. p. 419-438.

BOURDIEU, P. *Sociologia geral, v. 2: habitus e campo: Curso no Collège de France (1982-1983)*. Petrópolis: Vozes, 2021.

GRANDO, B. *et al.* Trajetória e perspectivas do GTT Corpo e Cultura. *In: CARVALHO, Y. M. C.; LINHARES, M. A.* (Orgs.). *Política científica e produção do conhecimento em Educação Física*. Goiânia: CBCE, 2007. p. 175-195.

LE BRETON, D. *La sociologie du corps*. Paris: Puf, 2016.

LÜDORF, S. M. A. Olhares sobre o GTT Corpo e Cultura: narrativa de uma temática plural. *In: CARVALHO, R. M. A.; PALMA, A.; CAVALCANTI, A. S. S. (Orgs.). Educação Física, soberania popular, ciência e vida.* Niterói: Intertexto, 2022. p. 149-161.

SILVA, A. C.; DUARTE, C. P. ; BAPTISTA, T. J. R. Grupo de Trabalho Temático Corpo e Cultura do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte entre uma diversidade de temáticas e referenciais. *Revista Saúde, Corpo & Movimento*, Passos, v. 1, n. 1, p. 1-14, 2022.

SILVA, M. C. P. De corpos e culturas na Educação Física, ciências do esporte: tessituras do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte. *In: SILVA, M. C. P. ; ATHAYDE, P. ; LARA, L. (Orgs.). Corpo e cultura.* Natal: EDUFERN, 2020. p. 7-17.

TURATO, E. R. *Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas.* 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

A TEMÁTICA RACIAL NOS GTT'S ENTRE 2005 E 2021: ANTECEDENTES PARA A CRIAÇÃO DO GTT RELAÇÕES ÉTNICO- RACIAIS

Marina Ferreira de Souza Antunes
Universidade Federal de Uberlândia

Karen Cristina Rezende
Universidade Federal de Uberlândia

Luíza Helena da Silva e Silva
Universidade Federal de Uberlândia

Victoria Oliveira Modesto
Universidade Federal de Uberlândia

Os Grupos de Trabalho Temático (GTT's) se constituíram como instância organizativa do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE) no Congresso realizado em 1997, em Goiânia. De acordo com o estatuto do CBCE, em seu artigo 17, os GTT's têm como finalidade “a. Aglutinar pesquisadores com interesses comuns de estudos e pesquisas; b. Fomentar e organizar a reflexão, a produção e a difusão de conhecimento; c. subsidiar o CBCE com pareceres e estudos temáticos” (CBCE, 2007).

Até o ano de 2021 o CBCE contava com 13 GTT's. No XXI Congresso Nacional de Ciências do Esporte (Conbrace) e IX Congresso Internacional de Ciências do Esporte (Conice), ocorrido em Belo Horizonte, cumprindo o artigo 7º do Regimento Interno dos GTT's, foi criado o GTT, denominado: GTT13 – Relações Étnico-Raciais, após uma reorganização dos outros GTT's.

Neste trabalho buscamos identificar os trabalhos publicados ao longo da história dos GTT's, cujo título menciona as palavras “racial” ou “raciais”. Entendemos que os trabalhos que traziam essa abordagem foram importantes para a denominação do novo GTT.

Apresentamos, inicialmente, um panorama sobre os aspectos legais normativos que discutem a temática em questões, considerando os aspectos históricos. Em seguida trazemos um aporte teórico para compreendermos o uso do termo étnico-racial, e nesse mesmo item apresentamos o caminho metodológico e dados encontrados. Finalizamos apontando para as perspectivas futuras a partir da criação do novo GTT.

Aspectos históricos e legais da questão racial no Brasil

A edição de políticas educacionais afirmativas no Brasil, que explicitam as questões étnico-racial, encontram-se no bojo das iniciativas que visam superar os processos discriminatórios que, marcadamente, estiveram presentes na educação brasileira de maneira geral. De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, promulgadas no ano de 2004, o Estado brasileiro, desde a Colônia, perpassando o Império e chegando até a República, teve uma postura permissiva diante da discriminação e do racismo, sendo inclusive legitimado por meio de decretos como os Decretos n. 1.331/1854 e o Decreto n. 7.031-A/ 1878.

O Decreto nº 1.331, de 17 de fevereiro de 1854, estabelecia que nas escolas públicas do país não seriam admitidos escravos, e a previsão de instrução para adultos negros dependia da disponibilidade de professores. O Decreto nº 7.031-A, de 6 de setembro de 1878, estabelecia que os negros só podiam estudar no período noturno e diversas estratégias foram montadas no sentido de impedir o acesso pleno dessa população aos bancos escolares. (BRASIL, 2004, p. 7).

Vale ressaltar, também, que no período pós-abolição foram formuladas políticas públicas com a finalidade de promover o branqueamento da população e, por conseguinte, a eliminação simbólica e material da presença das negras e dos negros em nosso país.

Somente por meio da Constituição Federal (CF), denominada de Cidadã, de 1988, resultado de disputas entre uma série de coletivos, movimentos, sujeitos sociais e grupos culturais com atuação importante na garantia de direitos, é que se busca efetivar um Estado democrático de direito, enfatizando uma formação cidadã e a garantia de dignidade também à população negra no Brasil. A CF repudia em seu artigo 3º, inciso quarto, toda forma de preconceito: “[...] IV - promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação” (BRASIL, 1988).

Gomes e Rodrigues (2018) apontam que o movimento negro que sempre lutou contra toda forma de racismo, apesar de serem sujeitos políticos atuantes socialmente, foram invisibilizados política e epistemologicamente ao longo da história brasileira e, graças à inserção de alguns representantes desse movimento no processo constituinte, foi possível alguns avanços, como a conquista do artigo mencionado anteriormente.

Após aprovação da CF “[...] o movimento negro e seus interlocutores políticos se organizariam para influir no conteúdo das duas principais legislações que iriam orientar as políticas educacionais” (GOMES, RODRIGUES, 2018, p. 931). A luta pela democracia não poderia se furtar da luta, também, contra toda forma de discriminação, conforme nos alerta Freire (1996) “Faz parte igualmente do pensar certo a rejeição mais decidida a qualquer forma de discriminação. A prática

preconceituosa de raça, de classe, de gênero ofende a substantividade do ser humano e nega radicalmente a democracia” (p. 36).

Moehlecke (2004) afirma que, somente no ano de 1995, pela primeira vez, o então presidente da República reconheceu que o Brasil é um país racista e organizou um encontro, no ano seguinte, com o objetivo de pensar ações que pudessem modificar essa situação. O que significou uma mudança de tratamento por parte do poder público em relação às questões raciais.

Dessa forma, os ordenamentos legais editados pós CF reforçam esse entendimento e ampliam o espectro de reconhecimento da dívida social que o Estado brasileiro tem com a população negra. No campo da educação, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9.394/96) trazia inicialmente os seguintes dizeres:

Art. 26º Os currículos do ensino fundamental e médio devem ter uma base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela.

§ 4º. O ensino da História do Brasil levará em conta as contribuições das diferentes culturas e etnias para a formação do povo brasileiro, especialmente das matrizes indígena, africana e européia. (BRASIL, 1996).

As políticas sociais adotadas pelo Estado brasileiro nos anos 2000, com o intuito de fomentar as transformações sociais, e reconhecendo as disparidades presentes entre negros e brancos no país, impulsionou a modificação da LDB e, em 2003, foi sancionada a Lei n. 10.639 que instituiu a obrigatoriedade do ensino da História da África e dos africanos no currículo escolar do ensino fundamental e médio. Essa decisão resgata historicamente a contribuição dos negros e das negras na construção e formação da sociedade brasileira. Os artigos mencionados anteriormente passam a ter a seguinte redação:

Art. 26A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura AfroBrasileira.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura AfroBrasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras. [...].

Art. 79B. O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como ‘Dia Nacional da Consciência Negra’. (BRASIL, 2003).

Além da modificação legal, o governo instituiu a Política Nacional de Promoção da Igualdade Racial, por meio da criação da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade

Racial (Seppir), que colocou a questão racial na agenda das políticas públicas afirmativas. De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana o principal objetivo de tais políticas “[...] é promover alteração positiva na realidade vivenciada pela população negra e trilhar rumo a uma sociedade democrática, justa e igualitária, revertendo os perversos efeitos de séculos de preconceito, discriminação e racismo.” (BRASIL, 2004, p. 8).

Esse reconhecimento requereu, por parte do Estado, a adoção de políticas educacionais e de estratégias pedagógicas de valorização da diversidade, cuja finalidade seria superar a desigualdade étnico racial que sempre esteve presente na educação escolar brasileira, nos diferentes níveis e modalidades de ensino. Reconhecimento que exige a valorização e respeito às pessoas negras, à sua descendência africana, sua cultura e história. (BRASIL, 2004).

No ano de 2008, foi promulgada a Lei n. 11.645, de 10 de março de 2008, alterando a LDB para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e cultura Afro-Brasileira e Indígena” (BRASIL, 2008). Ou seja, além do reconhecimento da discriminação em relação aos afrodescendentes, o Estado assume que esse processo também atinge os povos indígenas, igualmente esquecidos pela nação brasileira.

Pode-se inferir que a concretização de uma educação voltada para as relações étnico-raciais implica o que Freire (1996) descreveu como um dos saberes necessários à prática educativa crítica, ou seja, a necessidade de criticar a cultura existente como um pressuposto básico para a instauração de uma nova cultura. Uma cultura onde as práticas racistas não têm lugar.

A educação ganha um destaque neste âmbito uma vez que, como afirma Souza (2021) há pessoas que duvidam que o racismo existe, falas que promovem a desinformação reforçam o “[...] desinteresse e esse desconhecimento são propositais e produzidos por todos os indivíduos e grupos privilegiados, que desse modo podem produzir e legitimar sua dominação social e manter silenciado o sofrimento da maioria oprimida. É importante salientar que “A eficácia da lei se dá na mudança de práticas discursivas e na descolonização dos currículos da educação básica e superior em relação à África e aos Afro-brasileiros.” (OLIVEIRA; SILVA, 2017, p. 185).

Aspectos teóricos e metodológicos da investigação

Na busca pela fundamentação para a criação de um GTT que abarque as questões étnico-racial entendemos que se torna imprescindível a compreensão do significado atribuído historicamente ao termo “raça”, do qual deriva o “racial”. De acordo com Almeida (2018), “Por trás da *raça* sempre há contingência, conflito, poder e decisão, de tal sorte que se trata de um

conceito *relacional e histórico*. Assim, a história da raça ou das raças é a história da constituição política e econômica das sociedades contemporâneas” (p. 19, itálico no original).

Os estudos de Gomes (2005) apontam as origens do termo “étnico-racial” que, segundo a autora, é utilizado pelos(as) militantes e intelectuais de esquerda para se contrapor ao sentido meramente biológico atribuído à raça e acrescentar os aspectos políticos e culturais que esse termo carrega. A autora afirma que

Na realidade eles trabalham o termo raça atribuindo-lhe um significado político construído a partir da análise do tipo de racismo que existe no contexto brasileiro e considerando as dimensões histórica e cultural que este nos remete. Por isso, muitas vezes, alguns intelectuais, ao se referirem ao segmento negro utilizam o termo étnico-racial, demonstrando que estão considerando uma multiplicidade de dimensões e questões que envolvem a história, a cultura e a vida dos negros no Brasil. (GOMES, 2005, p. 47).

Em relação à etnia, Gomes (2005) nos diz que “[...] é o outro termo ou conceito usado para se referir ao pertencimento ancestral e étnico/racial dos negros e outros grupos em nossa sociedade.” (p. 50). Conforme afirma Munanga (2015, p. 25) “O problema fundamental não está na raça. [...] O nó do problema está no racismo que hierarquiza, desumaniza e justifica a discriminação existente.”

A utilização do termo étnico-racial visa superar esses problemas conceituais que acabam por acirrar ainda mais o preconceito e, por conseguinte, o racismo.

Com base nessa fundamentação, podemos afirmar que a denominação do GTT 13 – Relações Étnico-Raciais, do CBCE, contempla as discussões que têm sido realizadas nos últimos anos, em consonância com a produção científica sobre o tema.

Metodologicamente, fizemos um recorte temático e temporal, tomando como referência o ano de 2003. O recorte temporal considerou a promulgação da Lei n. 10.639/2003, que instituiu a obrigatoriedade do ensino da História da África e dos africanos no currículo escolar do ensino fundamental e médio. Essa decisão resgata historicamente a contribuição dos negros na construção e formação da sociedade brasileira. Outro critério foi a elaboração das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, promulgada em 2004. Considerando esse aspecto temporal, nosso trabalho abarca os congressos que ocorreram entre os anos de 2005 e 2021.

O recorte temático se deu em função da criação de um novo GTT no âmbito do CBCE para tratar especificamente das relações étnico-raciais no escopo da Educação Física.

Como *locus* para realizarmos os levantamentos sobre a temática selecionada, elegemos o *site* do CBCE, mais especificamente os anais dos Conbrace e Conice realizados entre os anos de 2005 e 2021. Sendo esses eventos bianuais, procedemos o levantamento e análise de nove eventos.

Para as buscas aos textos que tratavam do tema relativa às questões raciais utilizamos os descritores “racial” ou “raciais”, restringindo ao título dos trabalhos. Nos diferenciando do trabalho realizado por Bins; Araújo (2017) que buscaram “títulos que sinalizassem estudos acerca de questões étnicas” (p. 2.771) entre os anos de 2005 e 2015, no nosso caso, havia a necessidade do termo no título. Diferencia também porque analisamos os congressos após 2015.

Esse aspecto metodológico restringiu o número de trabalhos em relação ao que foi apontado por Bins; Araújo (2017). Identificamos nas nove edições do Conbrace e Conice, 20 trabalhos em que, no título, aparecem as palavras “racial” ou “raciais”. Em relação aos GTT’s entramos o seguinte: nos GTT’s Atividade Física e Saúde, Corpo e cultura, Epistemologia, Formação Profissional e Mundo do Trabalho, Memórias da Educação Física e Esportes e Políticas Públicas foram publicados um trabalho em cada, no GTT Movimentos Sociais dois trabalhos, o GTT Escola publicou sete trabalhos e o GTT Inclusão e Diferença, cinco trabalhos, abordando a temática em questão.

Nas edições dos anos 2011 e 2013 não identificamos nenhum trabalho cujos títulos mencionassem o recorte temático aqui apresentado. A edição de 2021 foi a que apresentou a maior quantidade de trabalhos, seis no total.

O quadro abaixo apresenta o consolidado dos artigos identificados, considerando o ano de publicação e o GTT em que o trabalho foi publicado.

Quadro 1 – Consolidado dos artigos identificados entre 2005 e 2021.

ANO	GTT	AUTORIA	TÍTULO
2005	Movimentos Sociais	Raquel Ribeiro Martins	O mito fundador do Brasil e as questões raciais: repensando a prática educativa
2007	Movimentos Sociais	Marzo Vargas dos Santos; Bráulio Amaral Lourenço; Maíra Lopes de Araújo	A percepção de estudantes negros sobre relações étnico-raciais e práticas corporais: considerações iniciais a partir de grupos de discussão
2009	Corpo e Cultura	Bruno Otávio de Lacerda Abrahão	O corpo negro e os preconceitos impregnados na cultura: Uma análise dos estereótipos raciais presentes na sociedade brasileira a partir do futebol
	Escola	Gildete Rainha de Lima; Alexandre Luiz Gonçalves de Rezende	Representações sociais da discriminação racial por adolescentes no contexto escolar
		Hemanuelle Di Lara Siqueira Jacob; Anegleyce Teodoro	As relações étnico-raciais e de gênero no currículo da escola

2015	Escola	Rodrigues; José Luiz Cirqueira Falcão	
		Gabriela Nobre Bins; Vicente Molina Neto	Mojuodara – uma possibilidade de trabalho com as questões étnico-raciais na educação física
	Inclusão e diferença	Marcelo Siqueira de Jesus	Lei nº.12.711/12: um senão à presença da diversidade étnico-racial nos territórios acadêmicos das universidades públicas brasileiras
2017	Inclusão e diferença	Dandara Carvalho Soares; Fernanda Moreto Impolcetto; Mateus Camargo Pereira	Possibilidades do currículo do estado de São Paulo para o ensino médio: inserção das relações étnico-raciais nas aulas de educação física escolar
	Memórias da educação física e esportes	Gabriela Nobre Bins; Maíra Lopes de Araújo	Alámòjú – o Conbrace e a discussão étnico-racial: uma análise dos Conbraces de 2005 a 2015
2019	Escola	Soraia de Oliveira Silva; Raimundo Nonato Assunção Viana	Cultura corporal e igualdade étnico - racial: contribuições da educação física para a implementação da lei nº 10.639/03 no ensino básico
		Ronaldo dos Reis	A produção do conhecimento sobre relações étnico-raciais nas aulas de educação física
	Inclusão e diferença	Pamela Tavares Monteiro; José Luiz dos Anjos	A educação física e a identidade étnico-racial: o estado da arte nas revistas brasileiras de educação física
		Sâmia Maria Tomás dos Santos; Maria José Gomes Pompeu; Felipe de Aguiar da Silva; Niágara Vieira Soares Cunha	A questão racial no ensino escolar
	Políticas Públicas	Ramon Matheus dos Santos e Silva	A lei 10.639/03 como política de promoção de igualdade racial e possíveis encontros com a educação física
2021	Atividade Física e Saúde	Veridiana Mota Moreira Lima; Cláudia Liliane Mendes Veloso	Influência étnico-racial na osteoporose em mulheres negras praticantes ou não de exercícios
	Epistemologia	Gabriela Nobre Bins Gilmar Araújo de Oliveira; Daiane Vieira da Silva	A educação física e a educação para as relações étnico-raciais - nos caminhos da encruzilhada
	Escola	Ueberson Ribeiro Almeida; Angélica Caetano da Silva; Ramon Matheus dos Santos e Silva; Alessandra Galve Gerez; Maria Celeste Rocha	A educação física na educação infantil: mapeamento de questões étnico-raciais e de gênero no município de Cariacica-ES
		Izaú Vera Gomes; Thiago José Silva Santana; Guilherme Leopoldino de Oliveira	Relações étnico-raciais na educação física: levantamento da produção na RBCE e Cadernos de Formação (2009-2021)
	Formação Profissional e Mundo do Trabalho	Moisés Teixeira da Silva; Alessandra Cristina Raimundo; Claudia Foganholi Alvez;	Educação das relações étnico-raciais e experiências formativas na licenciatura em educação física da UFF

	Júlio Cesar Silva	
Inclusão de Diferença	Luís César Souza	Preconceito no esporte e o “observatório da discriminação racial no futebol”

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Ressaltamos a amplitude da abordagem da temática “racial” nos diversos GTT’s que compõem o CBCE, uma vez que dos 13 GTT’s, identificamos o tema explicitamente, ou seja, no título, sendo tratado em 9 GTT’s.

Considerações finais

O GTT que tem a finalidade de aglutinar “Estudo das relações étnico raciais identificadas em cenários da Educação Física, considerando aspectos históricos, políticos e sociais, por meio de distintas vias metodológicas e de análise” (CBCE, 2022), organizará num único grupo a diversidade que já vinha sendo publicada de maneira pulverizada ao longo da história dos GTT’s.

Se, por um lado, isso facilita tanto a divulgação dos estudos produzidos, como os estudos considerando o “Estudo da Arte”, uma vez que estarão reunidos num mesmo GTT, por outro lado pode ser visto como um aspecto limitador, uma vez que os outros GTT’s deixarão de discutir e dar visibilidade a essa temática importante para a Educação Física e ciências do esporte. A criação de um novo GTT sempre suscita esse debate. Um novo desafio está posto à comunidade do CBCE. O tempo nos dará as respostas.

Referências

ALMEIDA, S. L. de. *O que é racismo estrutural?* Belo Horizonte, MG: Letramento, 2018.

BINS, G. N.; ARAÚJO, M. L. de. Alámòjú – O Conbrace e a discussão étnico-racial: Uma análise dos Conbraces de 2005 a 2015. In: *Anais [...] do XX Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e VII Congresso Internacional de Ciências do Esporte*. Goiânia: CBCE, 2017. Disponível em: <https://www.cbce.org.br/anais/>. Acesso em: 3 out. 2022.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil, 5 de outubro de 1988. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 05 de out. 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em: 24 abr. 2023.

BRASIL. *Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003*. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura AfroBrasileira", e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 9 de jan. 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.639.htm. Acesso em: 28 mar. 2022.

BRASIL. *Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008*. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura AfroBrasileira e Indígena”. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 10 de mar. 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm. Acesso em: 28 mar. 2023.

BRASIL. *Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996*. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 20 de dez. 1996. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/lei%209394.pdf?msckid=bc3acbaac6f711eca1e562264db53093>. Acesso em: 28 abr. 2023.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana*. Brasília, DF, out. 2004. Disponível em: <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/10/DCN-s-Educacao-das-Relacoes-Etnico-Raciais.pdf>. Acesso em: 1 nov. 2022.

COLÉGIO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE. XIV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e II Congresso Internacional de Ciências do Esporte. *Anais...* Porto Alegre: CBCE, 2005. Disponível em: <https://www.cbce.org.br/anais/>. Acesso em: 3 out. 2022

COLÉGIO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE. XV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e II Congresso Internacional de Ciências do Esporte. *Anais...* Recife: CBCE, 2007. Disponível em: <https://www.cbce.org.br/anais/>. Acesso em: 3 out. 2022

COLÉGIO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE. XVI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e III Congresso Internacional de Ciências do Esporte. *Anais...* Salvador: CBCE, 2009. Disponível em: <https://www.cbce.org.br/anais/>. Acesso em: 3 out. 2022

COLÉGIO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE. Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e III Congresso Internacional de Ciências do Esporte. *Anais...* Vitória: CBCE, 2015. Disponível em: <https://www.cbce.org.br/anais/>. Acesso em: 3 out. 2022.

COLÉGIO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE. Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e III Congresso Internacional de Ciências do Esporte. *Anais...* Goiânia: CBCE, 2017. Disponível em: <https://www.cbce.org.br/anais/>. Acesso em: 3 out. 2022.

COLÉGIO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE. Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e III Congresso Internacional de Ciências do Esporte. *Anais...* Natal: CBCE, 2019. Disponível em: <https://www.cbce.org.br/anais/>. Acesso em: 3 out. 2022.

COLÉGIO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE. Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e III Congresso Internacional de Ciências do Esporte. *Anais...* Belo Horizonte: CBCE, 2021. Disponível em: <https://www.cbce.org.br/anais/>. Acesso em: 3 out. 2022.

COLÉGIO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE. *GTT Relações Étnico-Raciais*. Disponível em: <https://www.cbce.org.br/gtt/gtt13-relacoes-etnico-raciais>. Acesso em: 1 nov. 2022.

COLÉGIO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE. *Regimento dos Grupos de Trabalhos Temáticos*. Disponível em: <https://www.cbce.org.br/regimento/gtts>. Acesso em: 1 nov. 2022.

FREIRE, P. *Autonomia pedagógica: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOMES, N. L. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Secretaria de Educação Continuada,

Alfabetização e Diversidade. *Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03* /. Brasília, DF, 2005, p. 39 – 64.

GOMES, N. L.; RODRIGUES, T. C. Resistência democrática: a questão racial e a Constituição Federal de 1988. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 39, nº. 145, p. 928-945, out.-dez., 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_issuetoc&pid=0101-733020190001&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 24 de abr. 2023.

MOEHLECKE, S. Ação afirmativa no ensino superior: entre a excelência e a justiça racial. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 25, n. 88, p. 757-776, Especial-Out. 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_issuetoc&pid=0101-733020190001&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 24 de abr. 2023.

MUNANGA, K. Por que ensinar a história da África e do negro no Brasil de hoje? *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, Brasil, n. 62, p. 20–31, dez. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rieb/a/WxGPWdcytJgSnNKJQ7dMVGz/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 1 out. 2022.

OLIVEIRA, M. G. de; SILVA, P. V. B. da. Educação Étnico-Racial e Formação Inicial de Professores: a recepção da Lei 10.639/03. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 42, n. 1, p. 183-196, jan./mar. 2017. Disponível em http://www.ufrgs.br/edu_realidade/. Acesso em: 24 de set. 2022.

SOUZA, J. *Como o Racismo Criou o Brasil*. 1. ed. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2021.

PANORAMA DE PUBLICAÇÃO, PERFIL DE AUTORIA E REFERÊNCIAS EM EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NOS ANAIS DO CONBRACE/CONICE (2011 – 2019)

Tiago Onofre da Silva
Rede Municipal de Educação de Goiânia
Universidade de Brasília

Dayse Alisson Camara Cauper
Colégio Militar de Juiz de Fora
Universidade Federal do Espírito Santo

Lênin Tomazett Garcia
Universidade Federal de Goiás

Jonatas Maia da Costa
Universidade de Brasília

Introdução

O Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE) é uma associação científica da Educação Física que reúne pesquisadores de diferentes perspectivas teóricas e possibilita a difusão de suas respectivas produções acadêmicas por meio da Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE) e/ou dos Anais do Congresso Brasileiro e Internacional de Ciências do Esporte (Conbrace/Conice). Realizado com periodicidade bienal desde 1979, o evento se internacionalizou em 2005 e, atualmente, possibilita que sejam apresentados trabalhos nos formatos de comunicação oral, pôster, imagens e/ou vídeos, vinculados a um dos 14 Grupos de Trabalhos Temáticos (GTT).

Os congressos⁷², como o Conbrace/Conice, e os seus respectivos anais, além de diversificar a divulgação científica da área, são meios mais ágeis de comunicação, permitindo o diálogo entre pesquisadores que congregam interesses em comum (ARBOIT e BUFREM, 2011). Assim, configuram-se historicamente como fonte de pesquisa, conforme demonstram Terra, Amaral e Antunes (2020). Soma-se, ainda, ao semelhante esforço empreendido por Souza *et alF.* (2020), que apresentou o panorama das publicações em Educação Física Escolar (EFE) inscritas nos anais do Conbrace/Conice (1979 – 2017). Nesse sentido, o presente estudo identificou e caracterizou o panorama dos trabalhos publicados em Educação Física Escolar (EFE) nos Anais do CONBRACE/CONICE (2011 e 2019), avançando em direção ao perfil de autoria e das referências utilizadas pelos autores em seus textos.

⁷² A publicação em eventos, a depender da área, podem ter números próximos e concorrentes à publicação de artigos, conforme pode-se observar nos estudos de Oliveira e Amaral (2017).

A análise dos dados suscitou reflexões sobre as implicações da organização do evento nas publicações dos anais, além disso, impeliu-nos ao movimento de indicar novos esforços de investigação sobre algumas hipóteses. Estas foram registradas nas considerações finais do texto.

Metodologia

Tratou-se de uma pesquisa de natureza quanti-qualitativa e caráter descritivo bibliométrico, tendo como fonte os anais dos eventos de 2011 a 2019 disponibilizados no *site*⁷³ do CBCE. O levantamento bibliométrico⁷⁴ permitiu a mensuração métrica/quantitativa dos trabalhos nos seguintes indicadores⁷⁵: Total da Produção; Tipo de Apresentação; Temáticas e Autoria. Com base nesta, levantamos, ainda, as referências citadas pelos autores que mais publicaram no evento, além daquelas com maior adesão entre os autores do GTT Escola. Para a produção de dados, realizamos a leitura dos títulos, palavras-chave, resumos e, quando necessário, da íntegra dos trabalhos. Para o registro foram elaboradas planilhas no *Software Microsoft Excel* e gráficos no *Microsoft Power Bi*.

Discussão dos Dados

Segundo os dados apresentados por Souza *et al.* (2020), a década de 2010 já representava o período com o maior número de trabalhos aceitos na história do congresso, antes mesmo da edição de 2019 ocorrer. Contudo, tendo em vista as mais de 1.000 produções registradas nessa ocasião, dois pontos merecem atenção no Gráfico 1. Entre as edições de 2011 e 2019 o volume de publicações dobrou. Ainda sobre o quantitativo de trabalhos, de 2017 para 2019 houve um incremento de 30% ao qual presumimos estar relacionado às alterações realizadas nas normas de submissão.

De acordo com os registros de cada edição presentes no Sistema Online de Apoio a Congressos⁷⁶ (SOAC) do CBCE, em 2011 não houve diferenciação e especificação dos trabalhos disponibilizados em comunicação oral ou pôsteres, salvo informações contidas nos próprios resumos. A partir de 2013, os resumos expandidos se referiam às pesquisas concluídas e, em 2019, também aos relatos de experiência. Quanto ao número de caracteres, nesse formato recomendava-

⁷³ <https://www.cbce.org.br/anais/>

⁷⁴ A bibliometria é uma ferramenta, uma técnica, originária da Ciência da Informação e da Biblioteconomia que permite conhecer e medir a produção científica, visando, portanto, quantificar, classificar e mapear a produção e disseminação de conhecimento científico sobre determinado assunto (ARAÚJO, 2006).

⁷⁵ Esses indicadores contribuem para a compreensão da estrutura da comunidade científica, do objetivo particular da pesquisa. Contudo, não representam uma verdade irrestrita, mas são aproximações da realidade ou uma expressão incompleta dela (SANTOS; KOBASHI, 2005). Depende de interpretações, contextualizações que aprofundem a compreensão da área analisada (JOB, 2018)

⁷⁶ <http://congressos.cbce.org.br/>

se o limite de 35 mil, em 2013 e 2015, reduzidos para 14 mil em 2017 e 2019. Os resumos simples se referiram a resultados de pesquisas, relatos de experiência ou prática de ensino-aprendizagem, em 2013 e 2015, acrescidos de pesquisas em andamento, em 2019. Quanto ao tamanho, estabeleceu-se o limite de três páginas nas edições de 2013 e 2015, alterando para cinco mil caracteres nas edições de 2017 e 2019.

Gráfico 1 – Número Total de Trabalhos por edição



Presumimos que a mudança nas normas tenha elevado o número de trabalhos submetidos e, conseqüentemente, o número de aprovações. Ainda que parte deles demonstrem fragilidades, do ponto de vista metodológico, esse incremento, em certa medida, deu visibilidade à EFE, minimizada no âmbito da pós-graduação, conforme afirmam Betti, Ferraz e Dantas (2011). Entretanto, a progressão quantitativa ainda não se configurou em um debate crítico e profícuo sobre a escola e a complexidade que a envolve, pois, dar visibilidade à escola como espaço de produção de conhecimento e de cultura é tarefa do GTT Escola (TERRA, AMARAL E ANTUNES, 2020, p. 49).

O Gráfico 2 demonstra que os trabalhos em EFE corresponderam a 35% do total na década de 2010. A média é maior em comparação a outras formas de publicação na década anterior, tais como: 15,5% em artigos científicos (BRACHT *et al.*, 2011) e 6,3% em teses (NASCIMENTO, 2010), reforçando a importância dos eventos na difusão da temática.

Gráfico 2 – Número e Percentual de Trabalhos em Educação Física Escolar por Edição

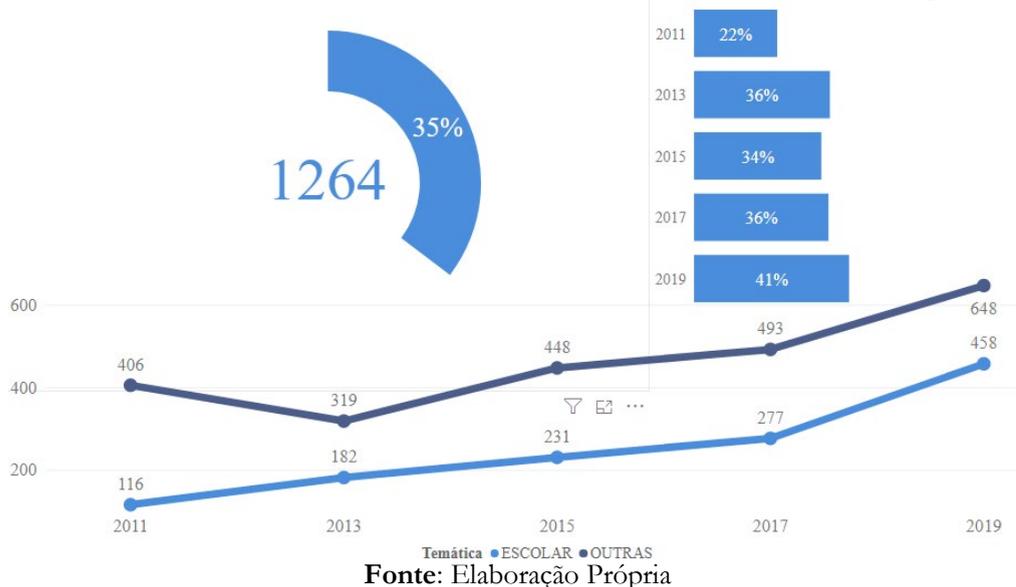
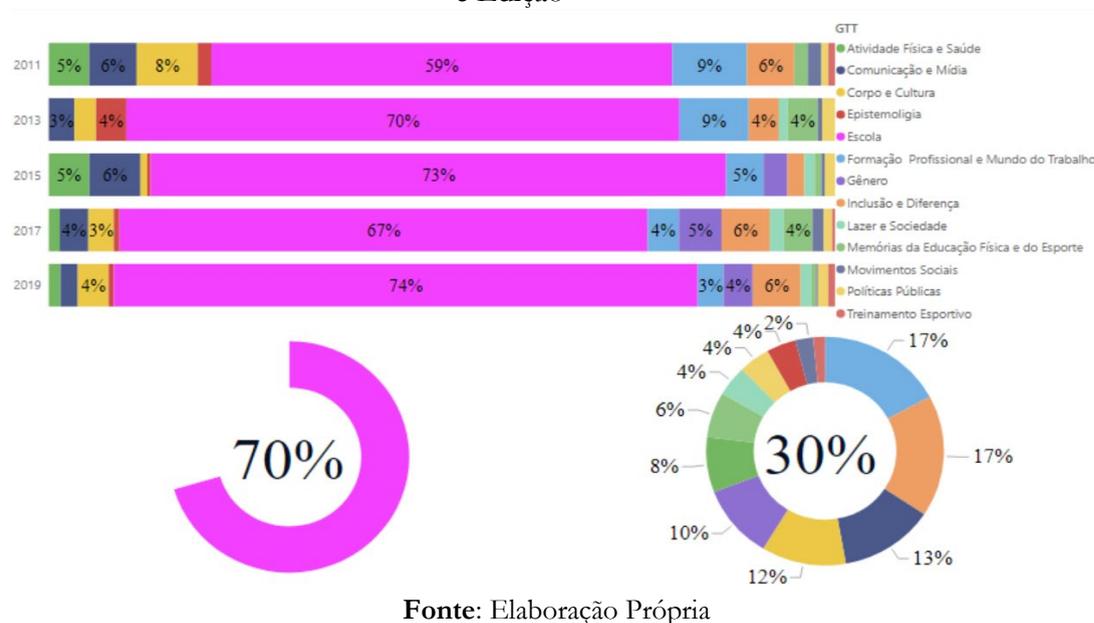


Gráfico 3 – Distribuição e Percentual de Trabalhos em Educação Física Escolar por GTT e Edição

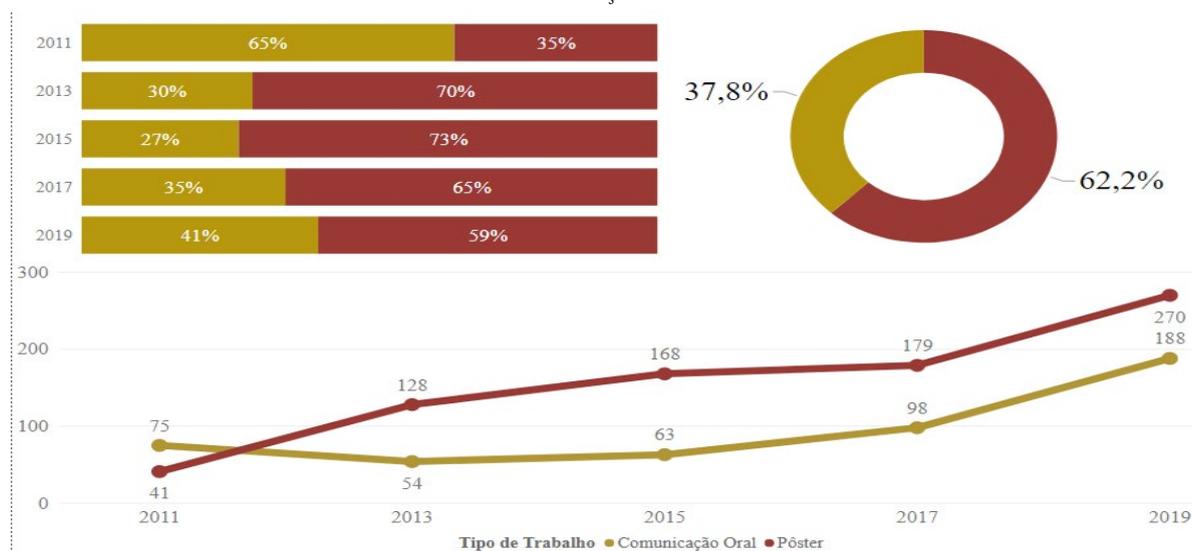


Segundo o Gráfico 3, o GTT-Escola manteve a média de 70% dos trabalhos em EFE. Nos demais GTT⁷⁷, os trabalhos se distribuem em Formação de Professores e Mundo do Trabalho (17%); Atividade Física e Saúde (17%); Comunicação e Mídia (13%); Corpo e Cultura (12%) e Gênero (10%). Observamos, assim, que a Educação Física Escolar se expande e se faz presente

⁷⁷ Destacamos a dificuldade em filtrar os trabalhos nos demais GTT's, sobretudo no de Formação de Professores e Mundo do Trabalho onde os subtemas se diversificam em: estágios, relatos de experiência e Programa de Iniciação à Docência (PIBID).

como campo de atuação e formação de professores ou de manifestação e problematização de objetos específicos como: saúde, corpo, cultura, mídia e gênero.

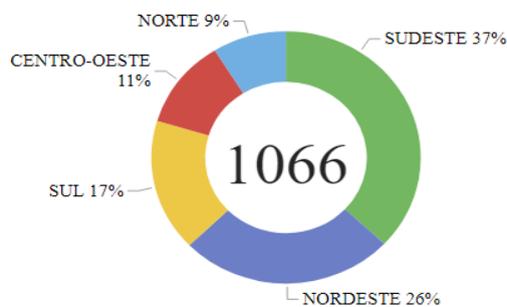
Gráfico 4 – Distribuição e Percentual de Trabalhos em Educação Física Escolar por Formato e Edição



Fonte: Elaboração Própria

O Gráfico 4 demonstra que, em 2011, houve a predominância da comunicação oral, enquanto nos eventos seguintes sobressaíram-se os pôsteres. Contudo, o evento de 2019 parece sinalizar um retorno à distribuição observada em 2011. Cabe salientar que, a variação dos formatos na comunicação dos trabalhos exige estruturas e logísticas específicas para sua materialização e demandam condições adequadas ao cumprimento da finalidade do evento, a congregação de pesquisadores de todas as regiões do país, como indica o Gráfico 5.

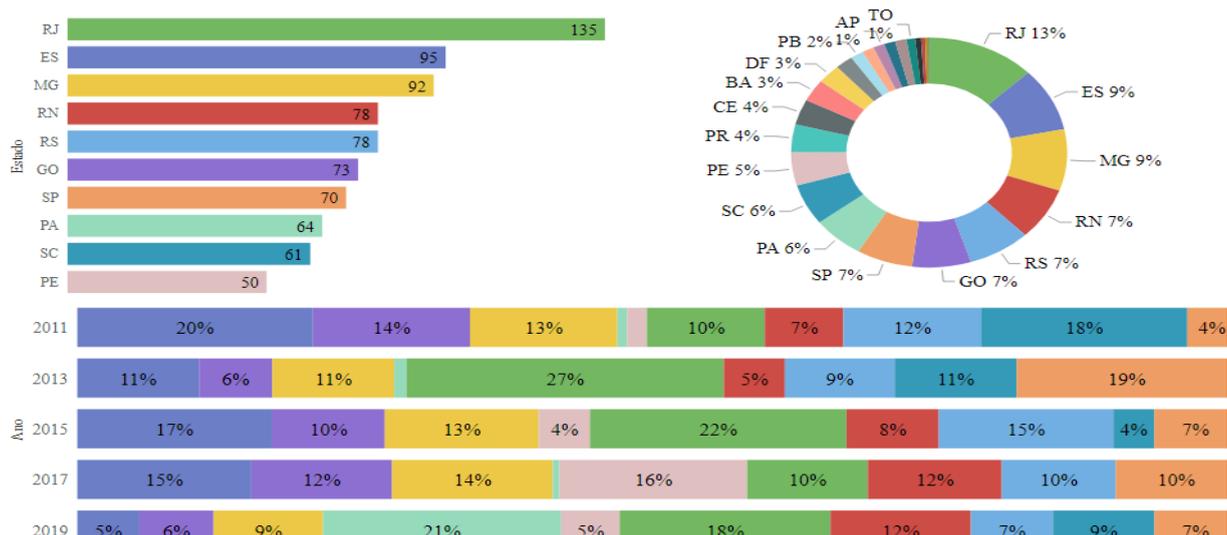
Gráfico 5 – Distribuição Geográfica e Percentual de Autores por Região e Edição



Fonte: Elaboração Própria

Para identificar e caracterizar os autores, delimitamos aqueles que apresentaram trabalhos no formato Resumo Expandido/Comunicação Oral, nos eventos das regiões: Sul (2011); Centro Oeste (2013 e 2017); Sudeste (2015) e Nordeste (2019). Outro fator determinante para essa distribuição é a proximidade de localização da região à qual os eventos são realizados. Ou seja, a sede do evento tem favorecido – ou, ao menos, induzido – uma participação mais efetiva de pesquisadores da região, em termos de publicação no GTT. Aspecto relevante, sobretudo quando se observa uma forte desigualdade entre as regiões no que diz respeito ao número de programas de pós-graduação e que, obviamente, reflete-se na própria produção científica em Educação Física no Brasil.

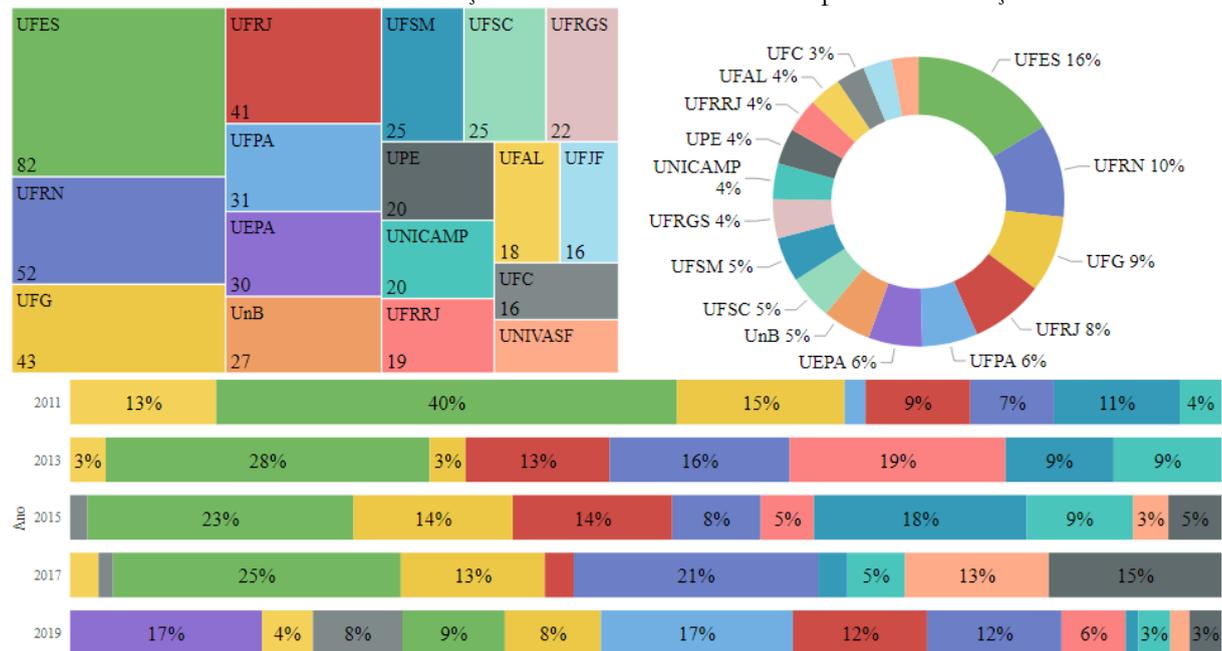
Gráfico 6 – Distribuição Geográfica e Percentual de Autores por Estado e Edição



Fonte: Elaboração Própria

Os gráficos 5 e 6 indicam que, nas duas últimas edições, houve um significativo aumento de autores da Região Nordeste e o protagonismo da Região Sudeste concentrado em três estados: Rio de Janeiro, Minas Gerais e Espírito Santo. Destacam-se as inúmeras Instituições de Ensino Superior (IES) que têm produzido sobre a EFE, conforme dados complementares do Gráfico 7.

Gráfico 7 – Distribuição e Percentual de Autores por IES e Edição

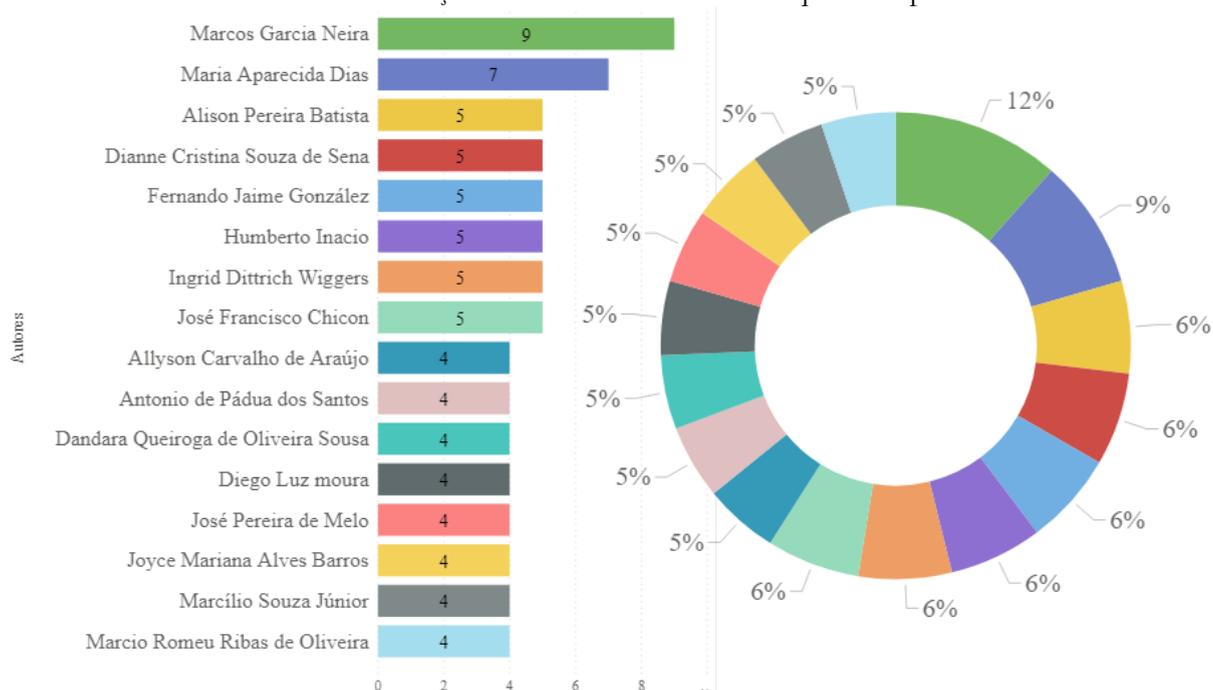


Fonte: Elaboração Própria

O número de autores por IES mantém a representação das regiões Sudeste e Nordeste com as Universidades Federal do Espírito Santo (UFES) e Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Embora o Rio de Janeiro concentre o maior número de autores, esse coletivo se dilui em mais de uma IES e entre os eventos, nos quais as edições de 2011 e 2013 concentraram mais de 20% dos

autores oriundos desse estado. Já na edição de 2019, a proximidade geográfica favoreceu o protagonismo das IES do Pará, como demonstrado no gráfico.

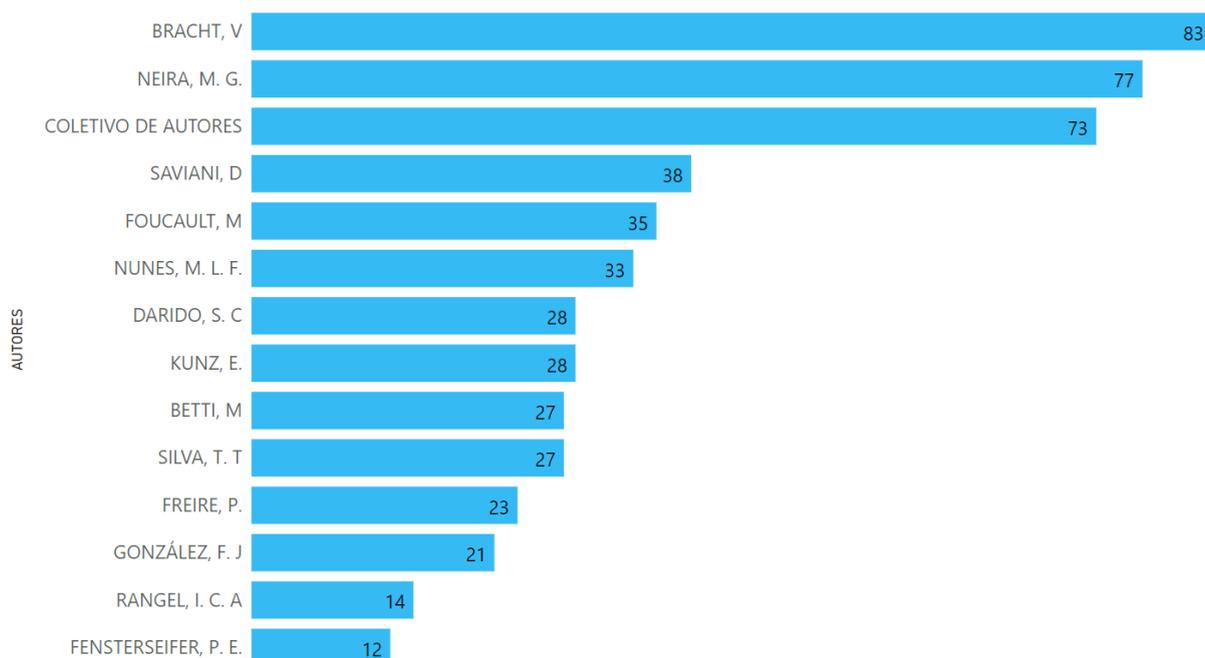
Gráfico 8 – Distribuição e Percentual de Autores que mais publicaram.



Fonte: Elaboração Própria

Quanto aos autores que mais publicaram, verifica-se no Gráfico 8: a predominância de homens nesse grupo (69%), ainda que, no levantamento geral de autores, tenha havido uma paridade entre os gêneros; a concentração deles na região Nordeste (68%) e no GTT Comunicação e Mídia, em detrimento da região que mais concentra autores (Sudeste) e do GTT que mais concentra trabalhos (Escola) e; o autor que mais publicou, Marcos Garcia Neira (USP/SP), que mesmo pertencendo à região com o maior número de autores, não pertence ao estado (RJ) e nem à instituição (UFES) que mais concentram autores. Esse cenário evidencia a dinamicidade dos dados e da caracterização das publicações no evento.

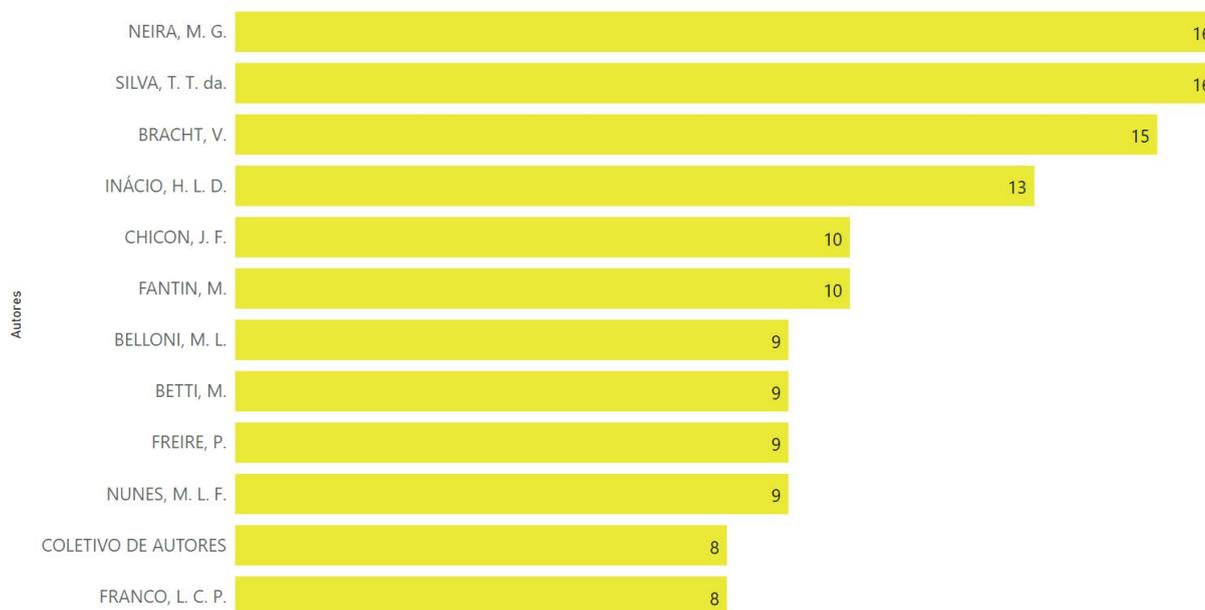
Gráfico 9 – Percentual dos Autores mais citados no GTT - Escola.



Fonte: Elaboração Própria

O Gráfico 9 apresenta os autores mais citados dentro do GTT Escola nas cinco edições do congresso ocorridas no período de 2011 a 2019. As três primeiras referências demarcam suas produções na área da Educação Física. Em comum, todas as referências possuem como foco de pesquisa o campo das ciências humanas e sociais, o que demonstra o franco predomínio de reflexões que investigam o fenômeno pedagógico e educativo tributário à EFE.

Gráfico 10 – Distribuição de autores mais citados pelos autores que mais publicaram.



Fonte: Elaboração Própria

O Gráfico 10 demonstra quais são as referências mais citadas entre os autores que mais publicaram. Uma determinação em comum nessas referências mais citadas é que tecem reflexões e estudos no campo das ciências humanas e sociais, tendo a escola e a educação como objetos nucleares de suas produções no âmbito da EFE e demarcam, em geral, um campo de estudos denominado genericamente de pós-críticos.

Para uma análise posterior e mais detalhada, há que se investigar duas questões importantes. A primeira refere-se ao quanto dessa produção provém de autocitações. A segunda, seria perceber como os textos citados são apropriados pelo conjunto das próprias produções. Afinal, os textos podem ser citados como referenciais e/ou fundamentos teóricos, como fonte de debates e, até mesmo, como divergências ou rupturas, ou podem surgir como referências adjacentes às reflexões fundamentais das produções em questão. Uma maior precisão em torno desses aspectos tornaria possível uma identificação mais próxima do real quanto às tendências teórico-metodológicas presentes no campo da EFE.

Considerações finais

Ao delimitar o objetivo desta pesquisa em identificar e caracterizar o panorama dos trabalhos publicados em EFE nos Anais do Conbrace/Conice de 2011 a 2019, aprofundando em relação ao perfil de autoria e às referências mobilizadas pelos autores em seus textos, vale salientar alguns aspectos que vêm à tona de maneira mais relevante em face aos dados ora apresentados. Nesse sentido, a bibliometria nos permite demonstrar, com certo grau de precisão, algo que, num primeiro momento, apresenta-se apenas como mera impressão. Contudo, as análises instigam também novos questionamentos, em geral percebidos devido a algumas inquietações.

Os dados demonstram, nitidamente, a severa expansão das publicações de trabalhos nos GTT's e, em particular, no GTT Escola, no período analisado. É evidente que se trata de um dado positivo. A ampliação do interesse pela EFE nos parece algo auspicioso. Entretanto, é preciso levar em consideração, conforme mencionado, que a expansão acompanhou certa mitigação em torno da possibilidade do desenvolvimento textual dos trabalhos. O formato dos trabalhos aquiesceu para uma tendência dos eventos científicos que se traduz na redução de elementos textuais que, por hipótese, pode se traduzir em precarização daquilo que é ofertado como produto científico. Ademais, apesar de não ter sido objeto fulcral da análise, observa-se um acento maior de trabalhos

em formato de relatos de experiência que, pouco a pouco, vão tomando o espaço que antes era ocupado por discussões oriundas de pesquisas completas.

Outro aspecto relevante na questão da expansão tem a ver com a observância de uma espécie de “inchaço da programação”, que certamente prejudica o tempo/qualidade das exposições e debates. Portanto, é preciso permanentemente discutir as normas de submissão, o limite de trabalhos e/ou a política e reorganização do formato do GTT no interior do evento.

A pesquisa demonstrou que o local de realização do Conbrace se torna relevante no sentido de induzir a participação regional em torno das publicações do GTT Escola. Ora, na medida em que há uma concentração dos programas de pós-graduação no eixo sul-sudeste, é preciso sublinhar esse achado como uma possibilidade estratégica de política institucional do próprio CBCE. Democratizar a ciência é, há muito tempo, um objetivo perseguido pela entidade.

É preciso sublinhar as tendências em torno dos referenciais teórico-metodológicos que, pouco a pouco, vão ganhando espaço e se tornando hegemônicos no interior do GTT Escola. Nesse sentido, vale destacar a presença cada vez mais acentuada de autores que se identificam com a pós-modernidade e com estudos autodenominados de pós-críticos. Os dados levantados aqui sugerem uma tendência em torno disso, que precisa obviamente ser analisada, não só de forma mais acurada do ponto de vista quantitativo, mas sobretudo em torno da discussão dos desdobramentos formativos revelados nessa perspectiva. Diante dos dados trazidos aqui, não é possível ser ilativo em face desta constatação, mas é possível refletir que no caso do GTT Escola, o crescimento de trabalhos em formato de relato de experiência, pode guardar relação imediata com a presença cada vez maior de estudos pós-críticos.

Por fim, nestas últimas considerações, é importante ponderar acerca das inquietações aqui sumarizadas brevemente. É certo que elas foram apresentadas como parte de um exercício de construção de hipóteses que os dados trazidos pelo estudo bibliométrico potencializam. Ao fim e ao cabo, o que está em jogo é a qualificação do maior evento científico da Educação Física brasileira e, em particular, da importância desse evento na formação inicial e continuada dos professores de Educação Física da escola e toda sorte de pesquisadores interessados no tema da EFE. Será a continuidade dos estudos e pesquisas nessa direção o mote para se efetivar cada vez mais a sempre desejável qualificação dos trabalhos no interior dos GTT.

Referências

ARAÚJO, Carlos Alberto. Bibliometria: evolução histórica e questões atuais. *Em questão*, v. 12, n. 1, p. 11-32, 2006.

ARBOIT, A. E.; BUFREM, L. S. Produção de trabalhos científicos em eventos nacionais da área de ciência da informação. *Transinformação*, v. 23, n. 3, p. 207-217, 2011.

BRACHT, V. et al. A Educação Física Escolar como tema da produção do conhecimento nos periódicos da área no Brasil (1980-2010): parte I. *Movimento*, v. 17, n. 2, p. 11-34, 2011.

JOB, Ivone. Bibliometria aplicada aos estudos do campo da Educação Física: confiabilidade, qualidade e relevância nas publicações. *Motrivivência (Florianópolis)*, p. 18-34, 2018.

NASCIMENTO, A. C. S. *Mapeamento temático das teses defendidas nos Programas de Pós-Graduação em Educação Física no Brasil (1994-2008)*. 2010. 279 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. São Paulo. 2010.

OLIVEIRA, T. M.; AMARAL, L. Políticas Públicas em Ciência e Tecnologia no Brasil: desafios e propostas para utilização de indicadores na avaliação. In: MUGNAINI, R; FUJINO, A; KOBASHI, N. Y. (Orgs). *Bibliometria e Cientometria no Brasil: infraestrutura para avaliação da pesquisa científica na Era do Big Data*. São Paulo: ECA/USP, 2017. p. 157- 187. Disponível em: <http://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/129> . Acesso em: 20 jun. 2021.

SANTOS, Raimundo N. M. dos; KOBASHI, Nair Y. Aspectos metodológicos da produção de indicadores em ciência e tecnologia. In: ENCONTRO NACIONAL DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 2005, Salvador. *Anais [...]* Salvador, 2005

SOUZA, R. A. et al. A produção em educação física escolar publicada nos anais do Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (1979 a 2017). In: BOSSLE, Fabiano; ATHAYDE, Pedro; LARA, Larissa (Orgs.). *Educação física escolar*. Natal: EDUFRN, 2020. (Ciências do esporte, educação física e produção do conhecimento em 40 anos de CBCE, v.5). Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/29066>. Acesso em: 21 ago. 2023.

TERRA, D. V.; AMARAL, G. A.; ANTUNES, M. F. S. A escola como tema de estudo e o GTT Escola. In: BOSSLE, Fabiano; ATHAYDE, Pedro; LARA, Larissa (Orgs.). *Educação física escolar*. Natal: EDUFRN, 2020. (Ciências do esporte, educação física e produção do conhecimento em 40 anos de CBCE, v.5). Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/29066>. Acesso em: 21 ago. 2023.

MULHERES NOS GTTS DO CBCE: ONDE ESTAMOS?⁷⁸

Ileana Wenez

Universidade Federal do Espírito Santo

Mariana Zuaneti Martins

Universidade Federal do Espírito Santo

Christiane Garcia Macedo

Universidade Federal do Vale do São Francisco

Introdução

Este texto se desdobra do projeto intitulado “Mulheres da Educação Física universitária no Brasil e na Argentina” coordenado pela prof.^a Ileana Wenez, com participação da prof.^a Mariana Zuaneti Martins, ambas da Universidade Federal do Espírito Santo, e pela prof.^a Christiane Garcia Macedo, da Universidade do Vale de São Francisco/PE. O projeto conta, ainda, com membros internacionais, como as(os) professoras(es) Ivana V. Rivero, Silvina Galleta e Esteban M. Barcelona da Universidad Nacional de Rio Cuarto (Argentina), com o intuito de estabelecer um diálogo sobre a realidade do balanço de gênero na educação física entre os dois países.

Entendemos quatro pressupostos como ponto de partida que orientam nossa investigação: a) existe um campo acadêmico atravessado por questões de gênero; b) a Educação Física forma parte desse campo; c) existem histórias de profissionais mulheres que têm evidenciado esforços de maneira isolada (ou não) que incidem na ruptura de estereótipos; e d) apesar de as mulheres serem de cidades e estados diferentes, e de elas transitarem por processos diferentes, elas também enfrentam alguns desafios em comum, como as questões de gênero.

O CBCE, pelo menos, desde meados da década de 1980, tem sido uma associação posicionada politicamente pela democracia na ciência e pelo pensamento crítico. A presença das mulheres é visível desde os primeiros Congressos Brasileiros de Ciências do Esporte (Conbrace), bem como em suas diretorias. Alguns dados, porém, fazem-nos questionar: nós, mulheres, participamos de forma igualitária na associação, o que seria pressuposto para uma condução democrática? Onde estamos?

Considerando esse cenário, nosso objetivo foi investigar a presença das mulheres nos espaços do CBCE (diretorias, GTT e Conbrace), desde a implantação dos GTT, em 1997, até o Conbrace/Conice mais recente, de 2021. Por meio dos dados da participação de mulheres nos

⁷⁸ O presente trabalho contou com apoio financeiro proveniente de bolsas de iniciação científica do CNPq, pela UFES e pela UNIVASF. Agradecemos às bolsistas Rafaella Martins Guerra (UNIVASF) e Samara Sena Araújo França (UFES) pelo apoio na coleta de dados.

Congressos, buscamos entender se essa presença se reflete nos locais de centralidade da associação ou não.

Para tanto realizamos uma busca documental de natureza observacional nos anais dos eventos do período, considerando o(a) primeiro(a) autor(a) dos trabalhos. A autoria de mulheres foi identificada pelo nome próprio e, em caso de dúvidas, pesquisávamos o currículo da pessoa. A contagem foi feita de forma manual, por meio dos anais de cada edição do Conbrace, com exceção do de 2001, que não estava disponível virtualmente. Levantamos também a programação do evento, as coordenações dos GTTs e a Diretoria do Colégio, esses materiais foram encontrados especialmente no site do CBCE⁷⁹ e em materiais do acervo histórico do CBCE, que se encontra no Centro de Memória do Esporte⁸⁰. Identificamos, nesses locais, a frequência relativa da presença das mulheres⁸¹.

As mulheres nas ciências

O avanço da participação das mulheres no espaço público nas últimas décadas tem sido exponencial. Elas têm participado do mundo do trabalho nos mais distintos campos, como a docência no ensino superior, o que se contrasta com séculos passados, quando elas eram proibidas de estudar em instituições formais de ensino (pelo menos na maioria dos países). Embora haja um grande crescimento, alguns percalços têm atravessado esse aumento. Por exemplo, há ainda discrepância salarial entre homens e mulheres exercendo a mesma função, e as últimas têm mais dificuldade de acessar alguns cargos específicos, como os de direção e ou de gestão.

Segundo relatório da Unesco (2021) (United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization), as mulheres constituem 33% dos(as) pesquisadores(as) no mundo, diferença que se amplia quando se trata das funções de gestão. Segundo a ONU⁸², ciência e igualdade de gênero são vitais para alcançar a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável. Com esse objetivo, em 2016, foi criado o “Dia Internacional das Mulheres e Meninas na Ciência” (11 de fevereiro), com o objetivo de dar visibilidade, inspirar e promover a participação feminina na ciência. Outra iniciativa importante, em âmbito nacional, é o programa "Prêmio Mulheres" do CNPQ (Conselho Nacional

⁷⁹ www.cbce.org.br .

⁸⁰ Disponibilizados no Lume – Repositório Digital da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/40501>).

⁸¹ Não foi possível fazer o levantamento de trabalhos do CONBRACE de 2001, pois não conseguimos acesso aos anais. E também não localizamos as programações dos CONBRACES de 2007, 2015 e 2019. Além disso, a tabela das coordenações ainda carece de algumas confirmações. A pesquisa encontra-se em andamento.

⁸² Ver mais em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs> .

de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), embora ainda exista uma lacuna ao considerar, por exemplo, a produtividade nas mulheres mães⁸³.

Nesse mesmo ano, a SBPC (Sociedade Brasileira pelo Progresso da Ciência) lançou o livro intitulado *Pioneiras da Ciência no Brasil* (MELO; RODRIGUES, 2006). No livro, as autoras elencam algumas biografias das mulheres por área de trabalho, no qual a Educação Física não foi incluída. Na mesma linha, o relatório "Open box da ciência"⁸⁴ se dedicou à questão, destinando atenção à educação física, embora somente no seu viés biológico. Em 2020, na SBPC aconteceu a mesa intitulada "Mulheres, Corpos e Ciência com desenvolvimento sustentável no século XX"⁸⁵, com o mesmo objetivo de tratar dessa temática no âmbito da Ciências do Esporte/Educação Física.

Com o desejo de explorar esses elementos, aprofundaremos aspectos como os que apontam Maffia (2002) e Santos e Rodrigues (2021), as mulheres ainda encontram dificuldades para romper o "teto de vidro" e chegar a cargos de destaque ou liderança. Staniscuaski e colaboradores (2020), analisaram os currículos Lattes de 4.970 mulheres que defenderam suas teses de doutorado entre 2000 e 2013, com o intuito de investigar como se dava o desenvolvimento da carreira das pesquisadoras. As autoras concluíram que houve avanços, mas ainda persistem desigualdades entre homens e mulheres nas ciências.

As mulheres vêm aumentando sua participação em diferentes áreas, mas continuam a enfrentar obstáculos. Grossi e colaboradas (2016) pesquisaram a participação feminina nas pesquisas no Brasil, levantando as teses produzidas entre os anos de 2000 e 2013. Os resultados evidenciam que a participação das mulheres tem crescido, mas existe ainda uma desigualdade de gênero, sobretudo, nas áreas tecnológicas.

Em algumas áreas, entre as quais a Educação Física, o padrão masculino e heteronormativo dificulta a permanência e a ascensão das mulheres de forma particular. Por exemplo, das cinco primeiras edições do *International Journal of Sports Physiology and Performance* (IJSPP) de 2019, apenas 13% dos autores dos artigos eram mulheres. (MUJIKI; TAIPALE, 2019). Lima (2008) e Barreira (2022) ainda destacam que existem diferentes trajetórias nas ciências e nos esportes, de modo que a forma pela qual as mulheres negociam e resistem a essa centralidade masculina forja um caminho complexo e atravessado por outras interseccionalidades (como raça e sexualidade). O caminho é mais tortuoso quando comparado ao dos homens, o que faz com que, metaforicamente, essas

⁸³ A organização Parents in Science tem destacado essas lacunas e discrepâncias nos editais de fomento disponível em: <https://www.parentinscience.com/> Acesso 7/07/2023.

⁸⁴ Link: <https://www.openciencia.com.br/> acesso em 6/07/2023. Nesses dados, temos 46 %de mulheres e 54 % homens. Mais de 40 % são brancas e centralizadas nas instituições do sudeste. Na metodologia destaca-se a produtividade e prêmios como critérios de escolhas dos nomes mais representativos de cada área.

⁸⁵ Essa mesa teve participação de duas professoras participantes do GTT gênero naquele período, que são Priscila Gomes Dornelles e Ileana Wenez. Também participou a professora Tatiana Zylbelberg, coordenadora do GTT de Comunicação e Mídia. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oeRP1YWcO2w> acesso 7/07/2023.

mulheres tenham que atravessar um “labirinto de cristal” (BARREIRA, 2022) para conseguir acessar e permanecer nesses espaços. Ou seja, é um caminho complexo e frágil, que se apresenta de forma distinta para cada mulher, já que os marcadores sociais também se colocam como barreiras adicionais.

Uma das particularidades que podem nos ajudar a compreender esse cenário da Educação Física é o fato de ser uma área muito influenciada pelas ciências naturais. Como resultado, há a defesa de uma pretensa neutralidade da ciência, que se cruza com uma ideia de que ela não é atravessada por relações de poder. Por outro lado, a crítica advinda das epistemologias feministas aponta que a ciência se encontra em um emaranhado social, político, cultural, econômico, os quais se entrelaçam às questões gênero, raça e etnia, devendo ser esses os componentes da construção de um saber científico (LONGINO, 1994). A partir do momento em que observamos as ciências por essa lente, fica nítida a forma pela qual as relações desiguais entre gênero da sociedade também se refletem nelas.

Na Educação Física brasileira o movimento de crítica foi semelhante. Segundo Bracht (2013), a área vivenciou dois grandes momentos epistemológicos. O primeiro, entre 1970 e 1980, visava responder ao estatuto científico pensando as denominações, as diversas áreas científicas, refletindo sobre sua identidade e seu objeto de pesquisa. Assim, “a educação física foi demandada também a ‘produzir’ e qualificar seus próprios intelectuais em condições de participar desse debate” (BRACHT, 2013, p. 21). Os professores saíram do país para cursar pós-graduação no exterior, o que tornou possível a abertura de cursos de pós-graduação no país. Mas nesse momento, a pesquisa na área ainda era feita com base nos pontos de vistas androcêntricos (predominantemente por homens e sobre homens), e teve como resultado a construção de discursos – pautados na “natureza” e na “biologia” – dicotômicos. Tal perspectiva é fruto de uma prática científica que, durante muito tempo, foi feita e validada por homens, brancos, cristãos, do norte global, heterossexuais e cisgêneros, ignorando, silenciando e apagando outros tipos de saberes socialmente localizados de forma distinta (LONGINO, 1994).

No segundo momento, entre a década do 1980 e do 1990, o movimento crítico que o país vivia contribuiu para que o conhecimento da Educação Física fosse localizado histórica e socialmente, resultando em um crescimento da influência das ciências humanas e sociais (BRACHT, 2013). O campo acadêmico da EF refletia sobre uma ciência não positivista e não neutra. Apesar desses avanços, como afirma Melo (2006), estamos ainda perante uma ciência misógina, branca e masculina.

Teixeira e Freitas (2016) apontam que o número de mulheres se reduz quanto mais alto o nível educacional entre mulheres alunas de pós-graduação, e como docentes das áreas de Física e

de Educação Física na UFMG. Essas acadêmicas também apresentam menor produção científica (orientações, publicação de artigos, entre outros), quando comparadas aos seus pares homens. O texto sugere que questões de gênero ainda criam obstáculos significativos à vida profissional dessas mulheres, como a sobrecarga do trabalho doméstico (que pode ser nuançada para mulheres com um poder aquisitivo maior). Além disso, por não se sentirem preparadas, algumas mulheres se sabotam para não ocupar os cargos de maior direção. Por fim, as micropolíticas presentes nas estruturas institucionais androcêntricas atrasam a inserção das mulheres mais do que nos homens.

Outra questão, que também nos ajuda a entender o contexto de desigualdade entre homens e mulheres e que atravessam as relações de gênero, é acerca da maternidade. Ao colocar a atenção na maternidade as diferenças são ainda maiores. Segundo Staniscuaski e colaboradoras (2020), após o quadro pandêmico de covid-19, a carga de trabalho das mulheres foi acentuada com o cuidado dos filhos(as) ou com idosos(as) ou na organização da casa. Buscando entender esse cenário, um levantamento realizado no Brasil, durante os meses de abril e maio de 2020, que tinha por objetivo analisar a produtividade no âmbito acadêmico apontaram para a dificuldade atravessada pelas questões de gênero e de raça. Entre os 3.629 docentes/pesquisadores(as) que participaram da pesquisa (68% mulheres e 32% homens.), 68% dos homens e 72% das mulheres têm filhos. As mulheres negras com filhos tiveram menor produtividade, contrapondo-se aos homens brancos sem filhos que estavam no topo. Com relação a submissões de artigos, mulheres negras (com ou sem filhos) e mulheres brancas com filhos (de até 12 anos) foram os grupos cuja produtividade acadêmica foi mais afetada pela pandemia. Enquanto a produtividade acadêmica de homens, especialmente os sem filhos, foi a menos afetada no período. Esses dados, embora centrados na pandemia, quando houve o fechamento das escolas e creches e fez com que as crianças fossem cuidadas pelos(as) pais/mães em tempo integral, acentua uma realidade que já nos é conhecida há muito tempo: as mulheres são responsabilizadas socialmente pelo trabalho doméstico e cuidado da família, o que lhes consome tempo e energia, diminuindo sua disponibilidade para outras questões.

Na Educação Física, a articulação entre a docência e a maternidade foi pesquisada em Porto Alegre. Bins e colaboradoras (2023) afirmam que as professoras participantes percebem que, apesar de a maternidade ser uma experiência cercada de exigências sociais e de responsabilidade feminina, existe a possibilidade de vivenciar ela de modo individualizado ou de um modo mais comunitário e coletivo (BINS *et al.*, 2023). Ou seja, ainda precisamos construir uma criação de filhos que seja compartilhada com parceiras e parceiros, e alicerçada em uma noção mais comunitária, para que o trabalho científico não seja uma impossibilidade.

Considerando esse cenário, passamos em seguida aos dados que mostram a presença das mulheres nos espaços do CBCE. Nosso foco está direcionado, especialmente, para os últimos 25

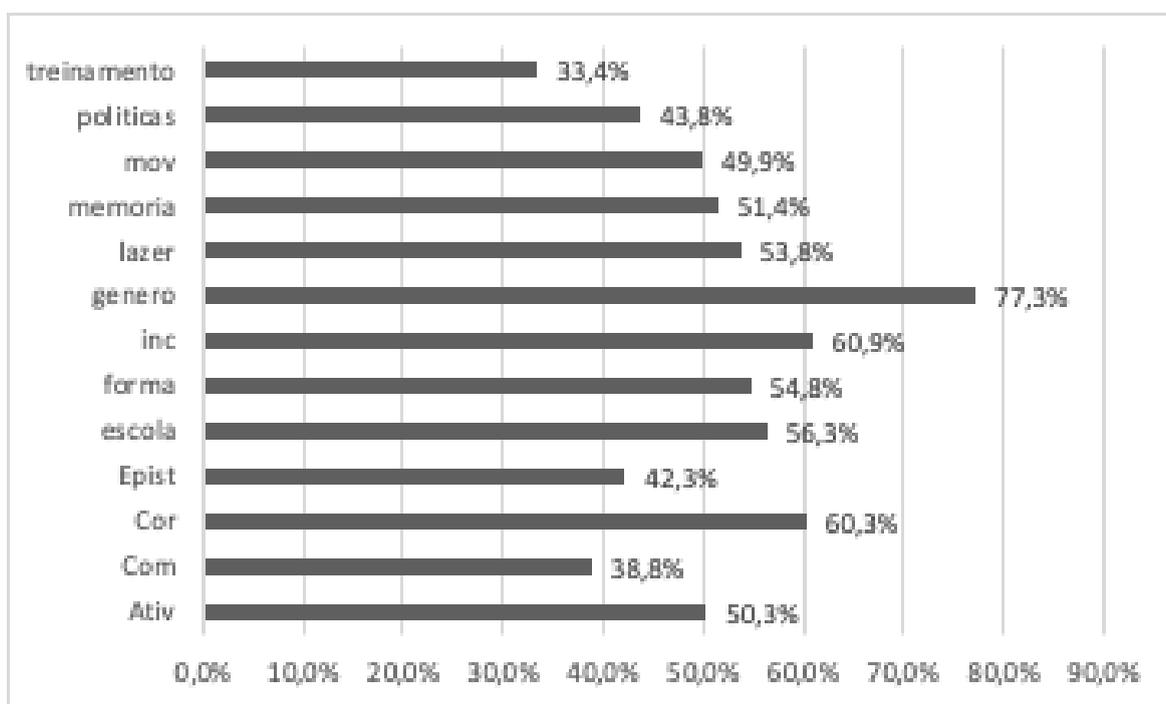
anos, ou seja, desde que os GTTs passaram a compor a instituição. Questionamos não apenas os números, mas, também, os espaços em que essa presença ocorre ou sua ausência.

Como primeiras autoras

Numa primeira olhada nos trabalhos as mulheres são maioria. Considerando 1997-2021, a porcentagem de mulheres é ligeiramente maior (53% de primeiras autoras). Considerando os GTTs isoladamente, ao longo do período analisado, as mulheres foram maioria como primeiras autoras em mais de 50% dos trabalhos apresentados (em 85 de 144 ocorrências). Esse número, de certa forma, destoa dos números do ensino superior em Educação Física no Brasil nos últimos anos no Brasil. Segundo o Censo do Ensino Superior do INEP, em 2020 os homens representaram 60,6% das matrículas no curso de formação de professores em Educação Física e 64,3% no bacharelado. Número parecido é encontrado no Censo de 2015, com 58,9% (licenciatura) e 63,4% de homens (bacharelado).

Nos anos analisados, os GTTs que têm menor participação das mulheres como primeira autora são: Política Públicas (43,7%), Epistemologia (42,2%), Comunicação e Mídia (38,8%) e Treinamento Esportivo (33,4%). Os GTTs com maior percentual de primeiras autoras foram: Gênero (77,2%), Inclusão (60,9%), Corpo e Cultura (60,2%) e Escola (56,3%). O gráfico a seguir ilustra essa relação.

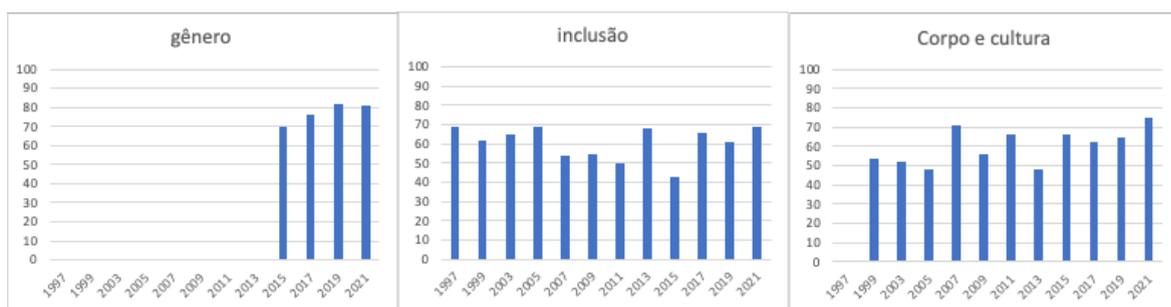
Gráfico 1. Frequência relativa de mulheres como primeiras autoras nos trabalhos apresentados no Conbrace de 1997-2021.



Fonte: As autoras, a partir dos dados da pesquisa.

Ao longo dos anos, nota-se, também, uma pequena variação nos GTTs, como é possível ver nas figuras que seguem.

Figura 1. GTTs cuja maioria da autoria são de mulheres ao longo da maioria dos anos no Conbrace (1997-2021)



Fonte: As autoras, a partir dos dados da pesquisa.

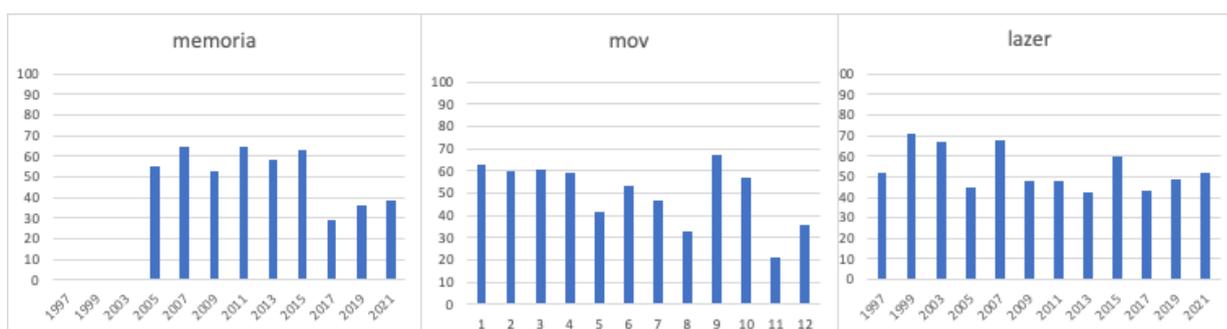


Figura 2. GTTs cuja autoria de mulheres declinou nos últimos CONBRACE (1997-2021)

Fonte: As autoras, a partir dos dados da pesquisa .

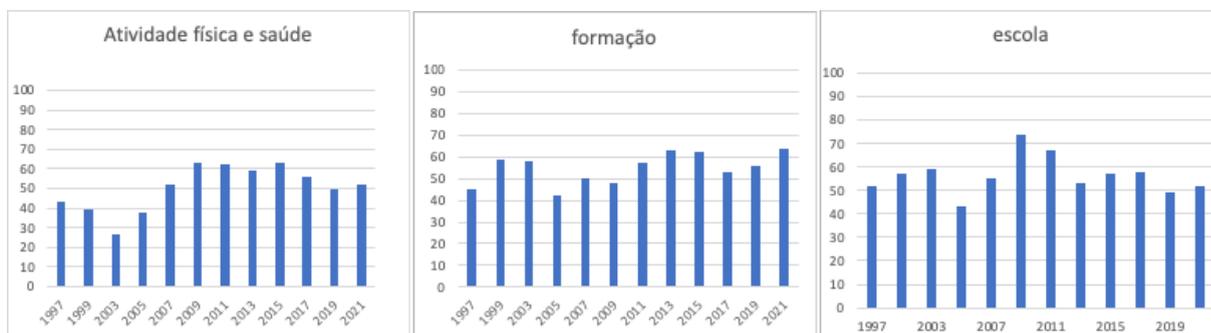
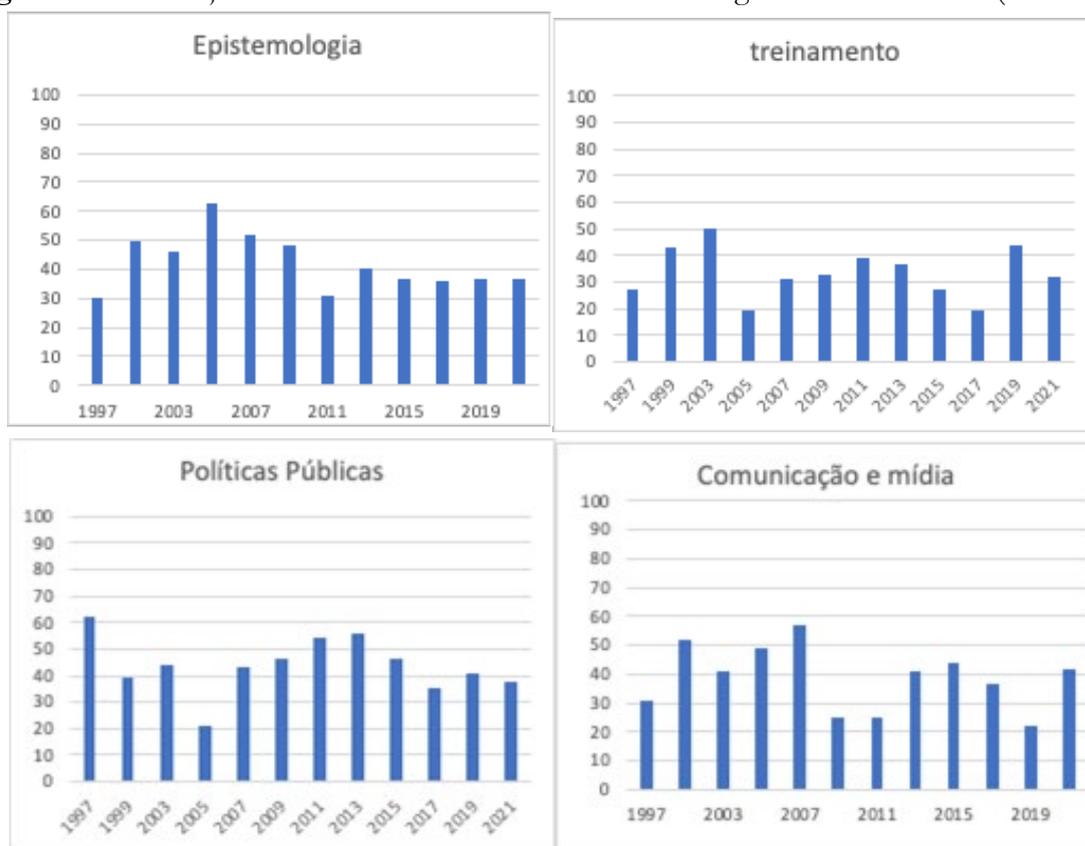


Figura 3. GTTs cuja autoria de mulheres aumentou ou se manteve acima da média ao longo dos CONBRACE (1997-2021)

Fonte: As autoras, a partir dos dados da pesquisa .

Figura 4. GTTs cuja autoria de mulheres é minoritária ao longo do CONBRACE (1997-2021)



Fonte: As autoras, a partir dos dados da pesquisa

É possível observar uma queda na participação das mulheres nos GTTs, Epistemologia, Memórias, Comunicação e Mídia e Movimentos Sociais; um aumento no GTT Atividade Física e Saúde. Os demais são marcados por alguma variação ao longo dos anos. Na medida em que a média de mulheres como primeira autora ficou estável ao longo dos anos ($53,1\% \pm 2,79$), estima-se que a diminuição da participação das mulheres em alguns GTTs foi compensada pelo aumento em outros, em especial, pela criação do GTT de Gênero, que é majoritariamente ocupado por mulheres. Essa compensação numérica, no entanto, não nos permite falar que houve migração de um GTT para outro.

A variação na presença de mulheres como primeiras autoras nos diferentes GTTs também nos faz indagar sobre uma possível divisão do trabalho nas pesquisas acadêmicas da área. Poderíamos observar que as mulheres são direcionadas às áreas consideradas mais “*soft*” de produção de conhecimento, como nas pesquisas sobre práticas corporais, formação gênero e educação física na infância e na escola; e os homens sendo direcionados para as áreas de pesquisa

que enfocam o treinamento esportivo, política e a ciência. Essa divisão acompanharia algumas representações de gênero sobre a prática científica, segundo as quais a objetividade e a racionalidade, tão caras à ciência moderna, são definidas usando noções de masculinidade (LONGINO, 1994). Da mesma forma, foram excluídas, na ciência positiva, os traços e as capacidades atribuídas às mulheres como interessantes para a produção desse tipo de conhecimento (LONGINO, 1994). Essa "generificação" da ciência moderna contribuiu para que as mulheres fossem alijadas de algumas áreas de conhecimento.

Outros espaços e visibilidade

Ao compararmos esses dados de autoria com os lugares de liderança no CBCE, chamou-nos atenção a menor presença das mulheres. Considerando que as mulheres são a maioria encabeçando os trabalhos apresentados (e, como associadas, têm um equilíbrio em relação aos homens⁸⁶), seria de esperar que elas também fossem maioria ou estivessem um maior equilíbrio nas direções e convidadas centrais.

Na direção nacional do CBCE, considerando as 22 gestões, de 1979 a 2021, temos 30,8% (37) de mulheres, destas, os cargos mais ocupados por elas foram: Diretora Científica (8); Presidenta (6); Vice-presidenta (5), Diretora Administrativa (5), Coordenadora ou Diretora de GTTs (5), Diretora Financeira ou Tesoureira (5). A situação é mais desigual em dois dos cargos: Diretora de Comunicação e Diretora de Secretarias Estaduais, que foram ocupados por mulher apenas uma vez ao longo das 22 gestões. Ao analisar esses cargos podemos pensar que a área da comunicação lida de forma mais direta com as tecnologias da informação (TI) (programação, internet, páginas, sistemas, redes sociais). Para Nunes (2016, p. 383),

Verifica-se, em relação a gênero, não propriamente uma diferença pronunciada na média dos rendimentos de homens e mulheres, mas inserções distintas na hierarquia ocupacional, até com inversão do diferencial de rendimentos em ocupações menos prestigiadas. A identidade profissional nas ocupações mais valorizadas do setor é pautada pela valorização da incerteza e do risco, comportamentos tradicionalmente associados, por construção de gênero, ao masculino.

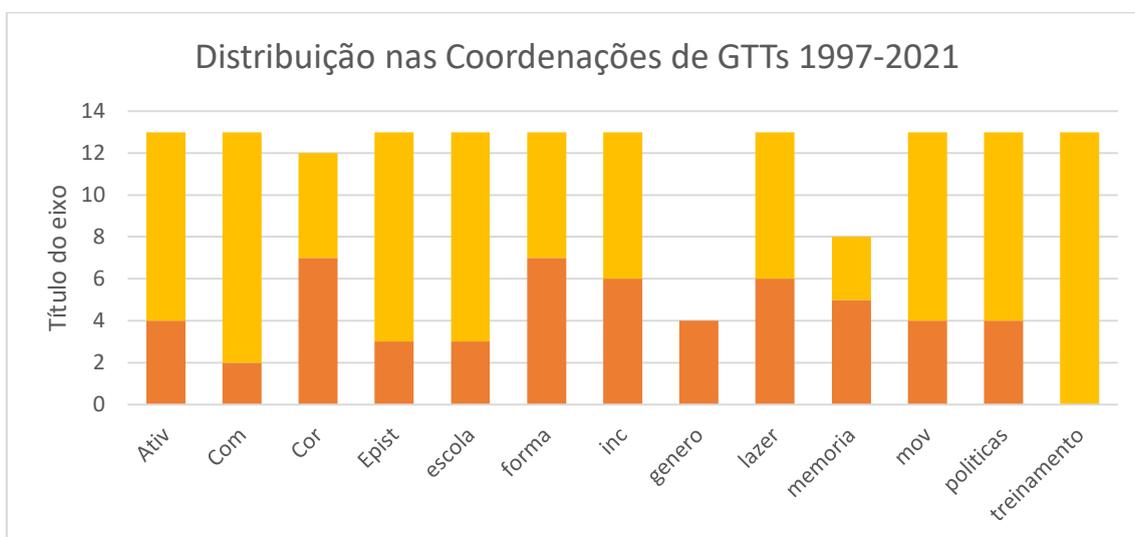
Porém, outros aprofundamentos são necessários para compreender a nossa área. Afinal, essa diretoria tem se preocupado não apenas com essas questões, mas também com a divulgação

⁸⁶ Tivemos acesso à porcentagem de mulheres nos anos de 2001-2008 e de 2021 e 2022. A menor porcentagem de mulheres desses anos foi em 2008 com 42% e a maior em 2021 com 54%. A média de porcentagens desses 10 anos foi de 43%.

científica e com o senso estético dos nossos veículos de informação. Também seria necessário refletir sobre os demais cargos. Um cargo que chama a atenção, por sua centralidade vinculada à natureza da entidade é a diretoria científica. Em 22 gestões, tivemos 8 mulheres nesse cargo, com grandes nomes da nossa área: Michele Ortega Escobar, Silvana Vilodre Goellner, Eustáquia Salvadora de Souza, Carmem Lucia Soares, Yara Maria de Carvalho, Larissa Michele Lara. Nomes que, no momento de sua participação na diretoria, já eram conhecidos nacionalmente, ou seja, já eram professoras reconhecidas pela sua produtividade, atuantes na pós-graduação e respeitadas academicamente como docentes pesquisadoras. Podemos pensar, com base nessa observação, que as exigências para as mulheres chegarem na Diretoria Nacional são maiores do que para os homens.

Nas coordenações de GTT foram 36,1% de mulheres. Os GTTs que tiveram mais mulheres que homens coordenando foram: Gênero (100%), Memória (63%), Corpo (58%) e Formação (54%). E os que tiveram menos foram Treinamento (0%), Comunicação (15%), Escola (23%), Epistemologia (23%). No geral o cenário reforça e aprofunda a desigualdade que vimos em relação às primeiras autoras. Talvez, o único desvio seja o GTT Escola que possui média de 56% de primeiras autoras, mas apenas 23% de coordenadoras. Ou seja, apesar da educação ser uma área considerada "soft", e portanto, mais "feminina", o cargo central foi pouco ocupado por elas. Além disso, o GTT Escola é um espaço de visibilidade, pois é o maior do CBCE, em número de trabalhos nos Conbrace's e de associados(as), de modo que não é de se estranhar que as mulheres tenham tido tão pouco espaço na coordenação dele.

Gráfico 2. Distribuição das Coordenações dos GTTs (1997-2021)



Fonte: As autoras, a partir dos dados da pesquisa.

Os GTTs no CBCE são instâncias da entidade, ou seja, funcionam durante toda a gestão, especialmente como órgãos consultivos das ações da Diretoria Nacional. Também organizam eventos e discussões dentro do Colégio. Ou seja, ocupar sua coordenação é um local de comando, de participação nas tomadas de decisão e de impacto nas ações. Podemos tomar como analogia o campo esportivo, onde a participação de mulheres como atletas em modalidades hegemonicamente de homens tem crescido, porém a ocupação em cargos de decisão como gestoras, árbitras, treinadoras, ainda é difícil (BARREIRA, 2022). Além disso, observamos que essa coordenação dá visibilidade dentro do Colégio, já que muitas pessoas que chegam na Diretoria Nacional, já ocuparam cargos de Coordenação em GTTs. Então, ampliar a participação de mulheres poderia facilitar a “lembrança” de nomes de mulheres para cargos e locais de destaque dentro da instituição.

Um último local que analisamos foi a programação geral do Conbrace. Vale ressaltar que o CBCE faz consultas aos GTTs sobre a temática e nomes de convidados, assim as coordenações também impactam nessa decisão. De 11 conferências realizadas no Conbrace e identificadas no período, apenas duas foram feitas por mulheres. Nas mesas redondas da programação geral, 32,2% das palestrantes foram mulheres. Desse modo, nota-se uma sub-representação das mulheres nas posições de destaque do CBCE em relação à sua participação nas atividades dos congressos. Essa diferença nos faz afirmar que há uma perpetuação no viés de gênero (OLIVEIRA-CIABATI *et al.*, 2021) no CBCE, ao perpetuar a maioria masculina nos espaços de liderança, dados coerentes com a literatura que destacam como as mulheres não ocupam cargos de liderança (LETA, 2003) ou enfrentam um crescimento limitado no âmbito científico. Análises já destacadas por Maffia (2002), no qual a supremacia masculina no âmbito acadêmico apresenta-se em vários países latino-americanos.

Considerações Finais

Neste texto buscamos investigar a participação das mulheres em alguns locais do CBCE, GTTs, Diretoria e Programação do Conbrace. Os números ajudam a materializar a percepção de que estamos presentes, porém em lugares marginais ou subalternos, como ocorre em outros campos científicos, profissionais e esportivos. A produção histórica da política científica do campo da Educação Física nos aponta discursos e direcionamentos que dão maior representatividade aos homens. A distribuição temática desses espaços também mostra divisões, especialmente dando mais espaço às mulheres em discussões vinculadas ao cuidado e a estética ou às consideradas “*Soft science*”.

Ainda, reconhecemos a tríplice ancestralidade da ciência destacada por Chasson (2004) seja ela grega, judaica e cristã (embora reflitamos criticamente sobre os silenciamentos latino-americanos e decoloniais que, ainda hoje, lutam para ser ouvidos). Foi negado às mulheres, pelo seu corpo, com justificativas vinculadas à essa ancestralidade, acesso ao espaço científico, que continua ainda hoje sendo reforçada por argumentos machistas embebidos de religião estereotipada. Vivenciamos na pele a ciência masculina e o desdobramento disso na produção intelectual de conhecimento. Sabemos que não será superado (lamentavelmente) em mais de uma década, mas é fundamental que o CBCE, como uma associação comprometida com a democratização da ciência na Educação Física, seja protagonista no processo de reversão desse quadro de balanço desigual de gênero.

Queremos destacar que esse olhar crítico, que aponta as possíveis falhas de representação e visibilidade para as mulheres, foi construído aqui por pesquisadoras que frequentam organicamente a instituição e a reconhecem como um espaço progressista de diálogo. Ou seja, é uma autocrítica que consideramos necessária para fortalecer a entidade e a tornar cada vez mais igualitária e democrática. Para isso, também se farão necessários outros enfrentamentos interseccionais, como raça, sexualidade, idade, presença ou não de filhas e filhos, questões vinculadas à acessibilidade, nível de formação, regionalidade.

Análises mais profundas são necessárias para entender as razões pelas quais as mulheres não estão tão presentes nos espaços de visibilidade e de poder, embora como autoras nos GTTs tenham uma forte participação. A literatura aponta que as questões culturais de gênero, fora do ambiente acadêmico, interferem na disponibilidade/oportunidade das mulheres de participar das posições de liderança, entre elas a ausência de incentivos a nível institucionais. No entanto, seria interessante que pesquisas de natureza qualitativa com as mulheres da Educação Física brasileira que participaram do CBCE ajudassem a compreender a dinâmica da ocupação dos espaços de liderança, das redes de colaboração e das relações de poder no âmbito dessa entidade científica, a fim de entender as particularidades dessa área. Tais abordagens também nos ajudariam a compreender como as mulheres têm conseguido caminhar pelo labirinto que as dificulta acessar esses espaços, o que pode contribuir para a formulação de políticas de ação afirmativa. Por fim, cabe apontar para a necessidade da reflexão no interior do Colégio sobre ações para alcançar a igualdade de gênero no interior desta, a fim de afirmar o engajamento com a democracia e a diversidade na entidade.

Referências

BARREIRA, J. Mulheres em cargos de liderança no esporte: rompendo o teto de vidro ou percorrendo o labirinto? *Movimento*, v. 27, 2022.

BINS, Gabriela Nobre; SILVA, Lisandra Oliveira; KUHN, Simone Santos; TERRAGNO, Tatiana Martins; DIEHL, Vera Regina Oliveira; TAVARES, Natacha da Silva; SILVA, Caroline Maciel da. Docência em Educação Física e maternidades: construindo outras inter-relações. *Movimento*, v. 29, p. e29006, jan./dez. 2023. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.124530>.

BRACHT, Valter. Epistemologia, ensino e crítica: desafios contemporâneos. In: GOMES, Ivan M; ALMEIDA, Felipe Quintão de; VELOZO, Emerson L. *Epistemologia, ensino e crítica: desafios contemporâneos para a educação física*. Nova Harmonia. Nova Petrópolis. 2013.

CHASSON, Attico Inácio. A ciência é masculina? É, sim senhora!...*Contexto e Educação*. Ano 19, n. 71/72. Editora Unisinos. Porto Alegre, 2004.

GROSSI, M. G. R.; BORJA, S. D. B.; LOPES, A. M.; ANDALÉCIO, A. M. L. As mulheres praticando ciência no Brasil. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 24(1): 406, janeiro-abril/2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1805-9584-2016v24n1p11>. Acesso em: 28 out.2021. INEP. Censo do Ensino Superior. 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/censo-da-educacao-superior/resultados>. Acesso em: 16 out. 2022.

LETA, J. As mulheres na ciência brasileira: crescimento, contrastes e um perfil de sucesso. *Estudos Avançados*. 17 (49). 2003.

LIMA, B. S. *Teto de vidro ou labirinto de cristal? As margens femininas das ciências*. Dissertação [PPG História - UNB], 2008. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/3714>. Acesso em: 16 out. 2022.

LONGINO, H. E. In search of feminist epistemology. *The monist*, v. 77, n. 4, p. 472-485, 1994.

MAFFIA, D. *Feminismo, Ciência e Tecnologia*. Alcântara Costa, A. A; Bacellar Sardenberg Salvador C. M (Orgs): REDOR/NEIM-FFCH/UFBA. Coleção Baianas, 8. 2002.

MELO, Hildete Pereira de; RODRIGUES, Lígia M.C.S; *Pioneiras de Ciências no Brasil*. SBPC, 2006. Disponível em: http://www.sbpnet.org.br/site/publicacoes/outras-publicacoes/livro_pioneiras.pdf. Acesso em: 6 jul. 2023.

MUJIKÁ, Iñigo; TAIPALE, Ritva S. Sport science on women, women in sport science. *International journal of sports physiology and performance*, v. 14, n. 8, p. 1013-1014, 2019.

NUNES, Jordão Horta. Gênero e raça no trabalho em tecnologia da informação (TI). *Ciências Sociais Unisinos*, v. 52, n. 3, p. 383-395, 2016.

OLIVEIRA-CIABATI, L. et al. Scientific sexism: the gender bias in the scientific production of the Universidade de São Paulo. *Revista de Saúde Pública* [online]. v. 55, 46, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/s1518-8787.2021055002939>. Acesso em: 21 ago. 2023

SANTOS, J. P. ; RODRIGUES, M. C. S. O Teto De Cristal: Considerações A Respeito Da Participação Da Mulher Nas Áreas De Ciências E Tecnologia. *Brazilian Journal of Development*, v. 7, n. 6, p. 57415-57432, 2021.

STANISCUASKI, F. et. al. Impacto do COVID-19 em mães acadêmicas. *Sciencie*. 15 de maio de 2020: Vol. 368, edição 6492, p. 724 DOI: 10.1126 / science.abc2740, 2020. Disponível em: <https://science.sciencemag.org/content/368/6492/724.1> Acesso em: 3 out. 2020

UNESCO. *UNESCO Science Report: the Race Against Time for Smarter Development*. S. Schneegans, T. Straza and J. Lewis (eds). UNESCO Publishing: Paris, 2021.

TEIXEIRA, Adla Betsaida Martins; FREITAS, Marcel de Almeida. Mulheres cientistas nos cursos de física e de educação física na universidade federal de minas gerais. *Instrumento: R. Est. Pesq. Educ.*, Juiz de Fora, v. 18, n. 1, jan./jun. 2016.

REFLEXÕES SOBRE ‘OS LUGARES’ DOS GRUPOS DE TRABALHO TEMÁTICOS E ‘OS AVANÇOS’ DO COLÉGIO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE

Mauro Myskin
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Preâmbulo

Este texto traz uma versão da minha intervenção na mesa intitulada “25 anos de GTTs: memórias e lições para o futuro”⁸⁷ na programação do Simpósio Nacional do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte: 25 anos dos Grupos de Trabalho Temático, ocorrido no período de 17 a 19 de setembro de 2022, na Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais em Belo Horizonte, Minas Gerais. Embora seja um texto que tenha sido iniciado e desenvolvido na relação individual com as provocações da ementa da mesa, ele contempla reflexões produzidas em diálogos com colegas após a sua apresentação.

A ementa que foi apresentada como provocação para o desenvolvimento da mesa demandava análises acerca do papel dos Grupos de Trabalhos Temáticos (GTTs) na consolidação do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE) como entidade científica e reflexões sobre as perspectivas de avanços de caráter multi, inter e transdisciplinar na produção de conhecimento na área da Educação Física. Junto comigo, na mesa, assumiu o desafio de tratar dessa provocação, a Professora Beleni Salette Grando da Universidade Federal do Mato Grosso, com a coordenação do Professor Augusto Cesar Rios Leiro da Universidade Federal da Bahia.

Antes de iniciar a apresentação das reflexões, parece-me importante destacar o posicionamento da autoria. Faz muito sentido mencionar minha trajetória nas instâncias do Colégio, para sublinhar que não se trata ‘da análise’, mas de ‘uma possibilidade de análise’ que tem o propósito de provocar entendimentos acerca da ementa da mesa.

Minhas ‘portas de entrada’ no CBCE foram os eventos regionais. Em 2003 participei do Pré-Conbrace Sul realizado na cidade de Pato Branco, Paraná; Em 2004 estive apresentando trabalhos no Sulbrasileiro de Criciúma, Santa Catarina; em 2006 apresentei trabalhos no Sultrasileiro de Santa Maria, Rio Grande do Sul. Foi uma aproximação na relação com o GTT Comunicação e Mídia, pois eu realizei o curso de mestrado nessa linha de pesquisa, no Programa de Ciência do

⁸⁷ Agradeço pelo convite e pela oportunidade de apresentar algumas aprendizagens e análises. Esses convites representam um reconhecimento uma aposta em termos de confiança a respeito das possibilidades de contribuir. Deixo um agradecimento especial para a Professora Gislene Alves do Amaral, Presidente do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, e para a Professora Cristiane Garcia Macedo, Diretora de Grupos de Trabalhos Temático da Entidade.

Movimento Humano da Universidade Federal de Santa Maria, vinculado a um Grupo de Pesquisa sobre Comunicação e Mídia, coordenado pela Professora Marli Hatje, Professor Roque Luiz Moro e Professor Sérgio Carvalho.

Em 2009, volto a participar de atividades do Colégio como aluno de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano (PPGCMH) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e membro do Grupo de Estudos Socioculturais (GESEF) dessa instituição. Meu orientador foi o Professor Marco Paulo Stigger e, naquele ano, para o Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e Congresso Internacional de Ciências do Esporte (Conbrace/Conice), ele atuava, em conjunto com outros membros, nas atividades de avaliação, seleção e organização dos trabalhos que seriam apresentados no GTT Recreação e Lazer (ainda era esse o título do Grupo). Observando e tentando colaborar, ali passei a entender um pouco mais como funcionava um Grupo Temático do CBCE, agora não apenas como autor e apresentador de trabalhos nos eventos.

No Conbrace/Conice de 2011, em Porto Alegre, participei da Comissão Organizadora dos eventos, cuja estrutura de trabalho organizativo estava baseada na coordenação de atividades por Grupos de Pesquisa da Escola de Educação Física. Nesse evento, mobilizado e motivado pelo orientador, tornei-me membro do Comitê Científico, coordenado naquele momento pelo Professor Silvio Ricardo da Silva, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Em 2013, assumi a coordenação do GTT Lazer e Sociedade na companhia do colega Luciano Pereira da Silva, docente da Universidade Federal de Minas Gerais. Passei, junto com muitos e muitas colegas da área dos Estudos do Lazer, pela experiência de construir um Plano de Trabalho e, depois, durante dois anos, desenvolver esforços para colocá-lo em ação.

Por convite da Professora Simone Rechia, da Universidade Federal do Paraná, passo a compor a equipe da chapa eleita para a gestão 2015-2017 do CBCE. Com a eleição efetivada, na equipe da Direção Nacional assumi o lugar da Coordenação dos GTTs do CBCE, que não era prevista estatutariamente como ‘parte da chapa’, mas já vinha sendo considerada dessa forma. Envolvi-me intensamente no desafio de criar condições para o trabalho dos GTTs, ao mesmo tempo em que demandava deles muito trabalho colaborativo. Em 2017, fiz parte da chapa que concorreu à Direção Nacional do CBCE, esta encabeçada pelo Professor Vicente Molina Neto, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Nessa nova participação na Direção Nacional – aprovada pela comunidade do Colégio – ocupei o lugar de Vice-Presidente, com a tarefa e o compromisso de trabalhar para dar suporte tanto ao presidente como às demais diretorias e instâncias da entidade.

Em 2019, ingressei como membro do Comitê Científico do GTT Políticas Públicas, onde permaneço, tentando colaborar de alguma maneira, juntamente com os(as) colegas capitaneados(as) pelo Professor Ednaldo Pereira Filho. Ao todo são 19 anos de aprendizagens coletivas nessa Entidade.

O que trago para esta mesa de debates está marcado por essa trajetória, tendo em vista a seguinte interrogação: Quais os lugares dos GTTs na consolidação do CBCE e quais as práticas e repertórios de avanços? Para dar conta dessas perguntas, apesar da temporalidade que retratei, as análises aqui presentes – ainda de caráter insipiente e ensaísta – serão sincrônicas, com ‘idas e vindas’, mobilizando memórias das experiências, relatórios, arquivos diversos, dados de estudos (artigos, trabalhos de anais de eventos, capítulos de livros, livros, dissertações, teses) e entrevistas disponíveis no CBCE *OnRadio (Podcast)*. Organizei a exposição dos argumentos em duas partes: a primeira orientada para análises e reflexões acerca dos lugares dos GTTs no CBCE; a segunda direcionada para construção de repertórios de avanços, considerando um conjunto de imperativos de justificação.

Sobre ‘os lugares’ dos GTTs

Nesta primeira parte, proponho-me a tratar dos lugares dos Grupos de Trabalhos Temáticos na constituição e, sobretudo, na consolidação do CBCE como Associação Científica relevante para a Educação Física Brasileira, um país sabidamente muito diverso, desigual e repleto de discriminações em que pense a garantia dos direitos sociais. Isso ocorrerá com base em dois argumentos: o primeiro trazendo experiências articuladas com estudos sobre/no GTT Lazer e Sociedade (2009-2013); o segundo também mobilizando experiências articuladas com estudos sobre GTT Políticas Públicas (2019-2022). Em ambos os argumentos trarei articulações com o Grupo de Estudos Socioculturais em Educação Física (GESEF) e com o Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano (PPGCMH) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Quando for tratar do GTT Políticas Públicas, mobilizarei também as relações com o Centro de Desenvolvimento de Pesquisas sobre Políticas Públicas de Esporte e Lazer da Rede CEDES do Rio Grande do Sul (Rede CEDES).

O primeiro passo que dei foi olhar para as atribuições dos GTTs definidas no Art. 8º do Regimento Interno (CBCE, 2007). Organizei essas atribuições em dois eixos que me parecem representativos dos ‘lugares’ dos GTTs, conforme o Quadro 1.

Quadro 1 – Representação dos ‘lugares’ dos GTT’s no CBCE

Lugares	Atribuições
A produção de conhecimentos	a. Aglutinar pesquisadores com interesses comuns de estudos e pesquisas;
	b. Fomentar e organizar a reflexão, a produção e a difusão de conhecimento;
	e. Estabelecer intercâmbio científico com outros GTT’s;
A produção da Entidade	c. Trabalhar em consonância com os princípios e pressupostos que orientam a política científica do CBCE;
	d. Subsidiar o CBCE/DN em assuntos e ações relativas à sua especificidade, sempre que solicitado;
	f. Estabelecer intercâmbio científico com outras entidades científicas que se ocupam de temas congêneres.

Fonte: Elaborado pelo autor com base no Regimento Interno dos GTT’s (CBCE, 2007)

Uma vez identificados esses ‘lugares’, o que tem a ver com ‘a experiência cebeceana’, arrisquei-me a textualizá-los, o que é uma atitude um tanto arbitrária, mas ao mesmo tempo necessária para avançar na reflexão.

‘O lugar’ do GTT dado pela **produção de conhecimentos**, dá-se no duro trabalho de organização dos eventos (Conbrace, Conice, Eventos Regionais, Programação na SBPC, Fórum de Pós-Graduação, Simpósios e diversos outros) e outras mobilizações (como, por exemplo, organização de coletâneas e dossiês) orientados por temáticas caras à Educação Física, tendo como referência o diálogo, a inter, a multi e a transdisciplinaridade, como um esforço constante de enfrentamento à fragmentação disciplinar, com os pés na intervenção pedagógica. Diz sobre o agrupamento de pessoas com ‘interesses comuns’, porém abertos para múltiplos questionamentos, abordagens e potencialidades de contribuições em termos de produção científica.

Já ‘o lugar’ do GTT como **produção da entidade** se dá no sentido de que esse ‘modo de pensar’, a produção de conhecimentos ‘se instala’ na organização administrativo-política para além dos eventos, como instâncias do próprio Colégio, com seu regimento interno. Nessa relação, de

um lado, os GTTs, com seus acúmulos e redes, têm a possibilidade de induzir ‘a Entidade’ a posicionar-se ou a ‘caminhar’ em determinada direção; de outro a Direção Nacional tem a possibilidade de chamar, engajar os GTTs a produzirem elementos relevantes para a existência do Colégio, tendo em vista sua responsabilidade acadêmica e política na constituição da Educação Física e na garantia de direitos sociais num país tão diverso e tão implicado por discriminações.

Uma vez definidos esses ‘lugares’, passo a tratá-los como **ordens de grandeza**, que possibilitam sair da singularidade para a coletividade das ações (princípios de aproximação, de comunidade, de engajamentos)⁸⁸. A ‘produção do conhecimento’ científico orientado para as temáticas e a ‘produção da entidade’ orientada para a constituição de uma área de intervenção, são, então, entendidos como ordens de grandeza, estas mobilizadas para coordenar, ordenar, definir estados e posições (de quem é ‘grande’ e ‘pequeno’), contemplando, cada uma delas, suas gramáticas e competências, seus repertórios e seus dispositivos, colocados em prática mediante de imperativos de justificação, tal como explorarei na próxima seção. Não se trata de atividades técnicas, mas de construções históricas, culturais, sociais e políticas gestadas ao longo da existência do CBCE.

Definido isso, enveredo minha argumentação para como essas ordens de grandeza são praticadas ou performadas nas ações coletivas, tendo como referência as duas experiências: uma no GTT Lazer e Sociedade (2009-2019) e outra no GTT Políticas Públicas (2019-2022). Essa escolha foi inspirada na pesquisa que resultou na tese de doutorado da Professora Raquel da Silveira, defendida em 2016 na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (SILVEIRA, 2016).

GTT Lazer e Sociedade

Num capítulo de livro publicado em 2015, resultado de um momento em que o CBCE estava envolvido nas discussões sobre os Programas de Pós-Graduação (PPGs) e a Educação Física brasileira, os grupos foram provocados a analisar e a refletir sobre suas relações com os PPGs. Nesse contexto, analisei três edições dos Anais do Conbrace/Conice (2009, 2011, 2013) com o objetivo de tecer análises sobre como o GTT Lazer e Sociedade tem se constituído enquanto espaço de estudos e de produção de conhecimentos (MYSKIW, 2015).

Naquele momento, com os dados empíricos e as análises desenvolvidas, cheguei a uma primeira conclusão de que existia um ‘grande grupo’ com ‘participação eventual’ (numa edição) e de um ‘pequeno grupo’ com ‘participação engajada’ (recorrente nas diferentes edições). No ‘grande grupo eventual’ aqueles que estavam na formação inicial ou que recentemente haviam ‘passado por

⁸⁸ A reflexão tecida neste texto está articulada pela relação com as obras de Luc Boltanski e colaboradores (BOLTANSKI, 2000; BOLTANSKI, CHIAPELLO, 2009; BOLTANSKI, THÉVENOT, 2020).

ela'; no 'pequeno grupo engajado' se notava a relação com a Pós-Graduação *stricto sensu*. No desenrolar das três edições, eu percebia, ainda, um aumento de pessoas com mestrado e doutorado (em andamento e concluído).

O trabalho desenvolvido pelo colega Júnior Vagner Pereira da Silva, publicado em 2020 (SILVA, 2020) na forma de capítulo da coletânea de comemoração dos 40 anos do Colégio, a meu ver, reforça esse movimento. Júnior analisou o quadro de associados vinculados, no banco de dados da Entidade, ao GTT Lazer e Sociedade (233 pessoas; 4,95% do total). Mestres, mestrandos, doutores e doutorandos eram titulações predominantes e, segundo a interpretação que faço, diziam sobre o grupo mais engajado que não apenas se inscreve nos eventos por ocasião da apresentação do trabalho no GTT, mas que se associa à entidade, isto é, aqueles que 'não são eventuais'.

A configuração do GTT como esse lugar alimentado pelo 'pequeno grupo engajado', aliás, tinha outra característica também capturada pelo estudo realizado pelo colega Júnior (2020). Assim como o Júnior, em 2015, quando eu olhava para a origem dos trabalhos, percebia o protagonismo de cinco Instituições de Ensino Superior (IES), de um total de 28 identificadas. Quase 55% dos trabalhos mostravam vínculos com essas cinco IES. Diante dessas informações, investiguei a relação dos(as) autores(as) com os grupos de pesquisa, quando notei que quase 60% dos trabalhos estavam relacionados a 11 grupos, dos 28 identificados. Isso reforçava a representação de que o GTT Lazer e Sociedade era um 'lugar de encontro' entre IES/Grupos, que, por sua vez, tem em seu núcleo um coletivo com vínculos mais engajado com os PPGs. Devido a isso, não foi difícil identificar que grande parte dos(as) coordenadores(as) dos grupos eram docentes de PPGs e que havia uma predominância regional (Sul e Sudeste).

Pela participação engajada, não foi surpresa identificar que as discussões empreendidas nas três edições acessadas foram marcadas por dois eixos específicos, estes caros aos grupos envolvidos identificados (um efeito de 'lugar ocupado' pelos 'grupos engajados'). Mais da metade dos trabalhos (53,7%) das três edições dos eventos estavam voltados para discussões sobre o lazer como um lugar de formação de sujeitos e de produção cultural. Outro tanto (23,9%) vinculados a debates sobre o lazer nos espaços urbanos e 'na natureza'. Porém, em que pese essa 'ocupação e apropriação temática', eu observava uma heterogeneidade de estratégias de produção empírica (observações, entrevistas, documentos, questionários, diários de campo, relatórios) e de abordagens empreendidas, condizentes com 'a razão de existir' dos GTTs.

Não significava a ausência de outras temáticas e questões ou formas de produção, mas que determinadas 'agendas acadêmicas' se sobressaíam, colocando uma necessidade de, pelo menos, estranhar e de problematizar noção de 'interesses comuns', para colocar em evidência os esforços para agregar os 'interesses incomuns'. A tese de doutorado da colega Aline Tschoke, defendida em

2016 na Universidade Federal do Paraná, aprofunda bastante a respeito da construção dos interesses a partir das trajetórias de pesquisadores(as) de grupos bastante presentes no GTT Lazer e Sociedade. Com uma riqueza empírica, Aline descreve dados de entrevistas com líderes e membros de sete grupos de pesquisas e de universidades engajados no GTT Lazer e Sociedade, mostrando tanto a construção dos interesses de cada um, como a dinâmica de ‘apadrinhamento acadêmico’ que se desdobra na própria composição do GTT.

Então, parecia-me possível afirmar que, nas suas práticas, o GTT performava um ‘lugar de encontro’, mas que esse lugar configurava uma determinada apropriação (mais homogênea em termos de questões e mais heterogênea em termos de modos de produção empírica e de abordagens), a qual não estava isenta de tensões e reclamações, especialmente vivenciadas após as publicações das listas de trabalhos aprovados para apresentações como Comunicações Orais. Ocupando o lugar de coordenador pude escutar uma série de recomendações e de reclamações que diziam sobre ‘monopólios’, ‘panelinhas’, ‘espaços de poder’, demandas de ‘maior oxigenação’ dos debates, de ‘mais capilaridade’, de ampliação da ‘representatividade’ dos grupos e das/os pesquisadoras/es, entre outros.

Instigado a justificar, eu argumentava que havia sido feito um esforço de divulgação, com listas de e-mails de outros eventos, listas de e-mails de periódicos, listas do próprio Sistema Online de Apoio a Congressos (SOAC); que nas formas de avaliação de trabalhos, preocupações foram apontadas e cuidados tomados (formulários, fases, processos). De outra parte, trabalhos vinculados a ‘grupos engajados’ que não eram aprovados também não raramente suscitavam imperativos de justificação, a arregimentação de princípios de equivalência.

Olhando para os imperativos e para a própria experiência, diria que vivenciei e pude coordenar – no sentido de colocar em ação um trabalho de comprovação – isto é, de colocar em ação uma grandeza – marcada pelo lugar de produção acadêmica. Ainda que estivéssemos sendo provocados para pensar sobre as relações com os Programas de Pós-Graduação, com a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), quando retomo o relatório da gestão do GTT e as centenas de arquivos, vejo um menor esforço de comprovação do grupo para a produção da entidade. Quando passo a olhar para a relação do Grupo de Pesquisa do qual faço parte isso faz sentido (é verossimilhante).

Atualmente coordeno, juntamente com as professoras Ariane Corrêa Pacheco, Marília Martins Bandeira e Raquel da Silveira, o Grupo de Estudos Socioculturais em Educação Física (GESEF) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Esse grupo foi criado em 2001 pelo Professor Marco Paulo Stigger num estreito vínculo de estudos etnográficos nas práticas esportivas nos lazers e se desenvolveu na relação com o Programa de Pós-Graduação em Ciências

do Movimento Humano (PPGCMH/UFRGS). Para a comemoração dos 40 anos do CBCE (coletânea), a Professora Raquel, o Professor Stigger e eu produzimos um texto com o propósito de analisar a relação do GESEF com o GTT Lazer e Sociedade, tendo em vista as implicações para ambos e para a produção de conhecimentos, também pelo fato de, ao longo da sua trajetória, ‘o Grupo’ colocar os eventos do CBCE entre as prioridades de participação, o que envolve dinâmicas de ‘apadrinhamento acadêmico’ na linha do que a professora Aline analisa em sua tese.

Entre 2003 e 2018 os membros do GESEF tinham publicado 22 trabalhos nos Anais do Conbrace/Conice e dos Sulbrasileiros (este último tomado como ‘porta de entrada’ dos/nos GTTs e no CBCE). A análise dessa ‘participação engajada’ nos possibilitou chegar à conclusão de uma noção de coprodução: 1) nas reuniões e debates nos encontros dos grupos; 2) nas trajetórias formativas no Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano; nos encontros do GTT Lazer e Sociedade, nas relações com outros(as) pesquisadores(as) e Grupos de Pesquisa. Concluímos que a consolidação das linhas de investigação do GESEF e de sua produção de conhecimentos aconteceu na interface com o GTT Lazer e Sociedade e, ao mesmo tempo, do PPGCMH/UFRGS.

Mas, além disso, o GTT Lazer e Sociedade foi um ‘possibilitador para outros’ vínculos. Tendo em vista isso, é possível acreditar, no caso do GTT Lazer e Sociedade – aqui recorro a uma percepção carente de uma sistematização empírica mais robusta – que pesquisadores(as) e grupos foram constituindo e se engajando em outros ‘lugares de encontro’, cada um deles atravessados por suas dinâmicas. Eu, por meio das relações constituídas no GTT do CBCE, passei a fazer parte de outras entidades ou circuitos acadêmicos, entre elas, vale mencionar a Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Estudos do Lazer (ANPEL). Assim, se é possível dizer que as inconformidades a respeito dos núcleos que, ao constituírem o GTT, apropriam-se dele, distanciam ou refratam pessoas e grupos, também é possível dizer que esse ‘lugar de encontro’ também possibilita outras participações, engajamentos e pertencimentos.

GTT Políticas Públicas

A experiência no GTT Políticas Públicas é diferente daquela que vivenciei, coordenei e produzi no GTT Lazer e Sociedade. Vou trazer descrições para demarcar essa diferença, principalmente para argumentar que no GTT Políticas Públicas, deparei-me com um trabalho marcado pela ‘produção da entidade’ como ‘lugar’ no CBCE. Na linha do que estou argumentando, trata-se de outra performance como um arranjo relativamente estável de pessoas, Grupos de Pesquisa, Programas de Pós-Graduação, IES, Governo (Rede Cedes).

Para tratar do GTT Políticas Públicas, cabe-me retomar alguns trabalhos que já se debruçaram a compreendê-lo. Em 2009, os professores Fernando Starepravo, Ricardo Sonoda Nunes e Wanderley Marchi Júnior apresentam um trabalho com o objetivo de olhar para a agenda de pesquisa em Políticas Públicas de Esporte e Lazer, pois identificaram que, no contexto desse GTT, estavam diante de um aumento quantitativo da produção, este relacionado à criação do Ministério do Esporte e da Rede Cedes, mas que havia uma necessidade de análise qualitativa sobre as temáticas abordadas e as perspectivas teóricas mobilizadas (STAREPRAVO, NUNES, MARCHI JÚNIOR, 2009). Assim, optam por analisar os trabalhos apresentados e publicados nos Anais do GTT Políticas Públicas do Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (Conbrace) de 2007, realizado em Recife. Observaram uma predominância de análises de programas federais e das políticas municipais de esporte e lazer (havia uma agenda). Além disso, os autores destacam maior investimento na produção da empiria, contudo sem ainda um diálogo consistente com a literatura e, quando isso está presente se valoriza, numa perspectiva crítica, o peso de uma estrutura econômica social, colocando a empiria em segundo plano (havia uma perspectiva proeminente).

Ainda nesse ano de 2009, no formato de um capítulo de livro, o professor Marcelo Húngaro e colegas publicaram uma pesquisa sobre os trabalhos publicados no GTT Políticas Públicas em cinco edições do Conbrace, de 1997 a 2005 (HÚNGARO *et al.*, 2009). Por meio de suas análises, concluíram que havia um reduzido número de autores(as) doutores(as), algo preocupante para um Congresso Científico que deveria reunir pesquisadores(as) experientes. Além disso, não observaram, nos cinco congressos, um movimento de aumento de doutores(as). Notaram, também, predominâncias regionais (Sudeste, depois Nordeste e Sul).

Olhando para os trabalhos, Marcelo Húngaro e colegas identificaram um predomínio de pesquisa documental, às vezes associadas com outras estratégias, outras não. Destacaram um significativo número de relatos de experiência (20% nos cinco eventos) e, mesmo nos textos que se empenhavam em análises, identificam pobreza categorial, ecletismo, descrição e reducionismos. Em que pese essa situação dos textos, os autores chamam a atenção para um amadurecimento da produção de conhecimentos, o que ocorria na relação com a constituição da Rede Cedes (ação programática do Ministério do Esporte). O GTT vinha colaborando para o desenvolvimento de competências acadêmicas capazes de qualificar o saber produzido, porém, uma produção que se articulava com as questões de governo, havendo uma subordinação e uma natureza militante, caracterizada pela necessidade de denúncia como estratégia de afirmar a relevância da democratização (compromisso social). No final do texto, os autores salientam que o fortalecimento da Rede Cedes é percebido como caminho para a articulação para além dos Conbrace's (permanente, 'não eventual', nos termos que estou utilizando aqui).

Na pesquisa desenvolvida pelo Professor André Malina e colegas (publicada na coletânea de 2015 sobre os Desafios da Pós-Graduação em Educação Física), os autores investigaram as publicações presentes nos Anais de três edições (2009, 2011, 2013) do Conbrace/Conice, também no GTT Políticas Públicas. Eles propõem um olhar sobre as produções desse GTT, tendo como objetivo analisar elementos da perspectiva teórica da produção de conhecimentos. Nessa investigação, os autores perceberam que a maior parte deles, próximo de 70%, não possui referencial teórico que concatenasse a produção. Daqueles que possuíam, dois terços orientavam suas produções na relação com referenciais marxistas, na linha do que já foi mencionado pelo trabalho de Starepravo, Nunes e Marchi Júnior (2009), porém com diminuição no decorrer das três edições, com outras obras emergentes, entre elas as de Pierre Bourdieu e Norbert Elias.

Além desse olhar para os trabalhos, sublinho outros ‘achados’ importantes para a compreensão do grupo. Dentre eles, destaco a significativa presença de graduandos, mas um crescente número de mestres e uma estagnação do número de doutores entre as três edições. Da mesma forma que o trabalho de Húngaro *et al.* (2009), Malina e colegas expressam preocupações com a ausência dos(as) doutores(as), especialmente os(as) pesquisadores(as) orientadores(as), relacionando esse ‘afastamento’ com as estratégias de avaliação dos Programas de Pós-Graduação instituídos pela Capes (especialmente a área 21). A maior parte dos autores se encontrava vinculado a Grupos de Pesquisa (68,4%), com 70% deles relacionados a Universidades Federais e Estaduais, a maioria nos Estados da região Sul, Sudeste e Nordeste. Os autores sublinham também a relevância da Rede Cedes no fortalecimento dessa articulação dos grupos de pesquisa.

O que esses três trabalhos me ensinam, na linha do que o professor Fernando Starepravo aponta na sua tese de doutorado (defendida em 2011, na Universidade Federal do Paraná, que também analisa dados empíricos da primeira década do século XXI), o GTT constituiu-se como um dos principais fóruns de discussão sobre Políticas Públicas de Esporte e Lazer (uma ‘posição de valor simbólico’), com aumento quantitativo de trabalhos e com a presença de novos agentes emergentes no seu Comitê Científico e, portanto, no próprio subcampo científico. Nesse universo, tal como argumenta o Fernando, a criação do Ministério do Esporte e a Rede Cedes deram fôlego extra, fazendo com que mais pesquisadores(as) estivessem engajados.

É possível entender que eu passo a fazer ‘desse subcampo’ e a incorporar ‘o jogo’, inclusive de uma atividade militante, pela minha participação como membro pesquisador (2016-2018) e, depois, coordenador (2018-2019), do Centro de Desenvolvimento de Pesquisa em Políticas Públicas de Esporte e Lazer da Rede Cedes do Rio Grande do Sul, justamente pelo envolvimento do Grupo de Estudos Socioculturais em Educação Física (GESEF/UFRGS), junto com outros Grupos/IES do Rio Grande do Sul (UNISINOS, UERGS, UFPEL, UFSM). É ‘por aí’ que me

desloco do GTT Lazer e Sociedade para o GTT Políticas Públicas, participando deste como membro do Comitê Científico desde 2019, mobilizando – no sentido do ‘apadrinhamento acadêmico’ – meus/minhas orientandos(as).

Mas o importante a ser enfatizado aqui é que, olhando para os estudos que analisaram o GTT Políticas Públicas e aproximando eles da experiência vivida no Comitê Científico, percebo um trabalho e, portanto, um lugar do GTT, que coloca a ‘produção da Entidade’ como um princípio de grandeza diria, robusto. Não há dúvidas de que o lugar do GTT como performance da ‘produção de conhecimentos’ é relevante. Contudo, tal como tenho vivenciado, ele entra mais significativamente na agenda, como ordem de grandeza e imperativos de constrangimentos, nos momentos de realização dos eventos (Conbrace/Conice, SBPC, Sulbrasileiro) ou na articulação de dossiês em parcerias dos periódicos da área (como ocorreu em relação a revista *Motrivivência e CorpoConsciência*). A produção de conhecimentos como princípio de equivalência para avaliar, distribuir e posicionar as pessoas, os Grupos, os trabalhos, se adensa pelos imperativos dos eventos (incluindo aí as discussões a respeito dos formatos e diretrizes) e nos imperativos de publicações em periódicos, o que envolve a articulação pesquisadores (as) e Grupos de Pesquisa.

A respeito dos eventos, olhando para o princípio de grandeza, nas avaliações de encerramentos dos trabalhos nos dois últimos Conbrace/Conices que vivenciei, continuamos destacando que, embora se observe um coletivo e determinadas agendas e apesar de se notar amadurecimento, é perceptível a carência de densidade, de base teórica sólida, de compromissos metodológicos concatenados, a recorrência de trabalhos descritivos, sem avanços em termos abstrações mais potentes (reducionismos, pobreza categorial, ecletismos). Muito embora se identifique a articulação das pessoas presentes e dos trabalhos apresentados com grupos de pesquisas (um conjunto relativamente estável deles), continuamos sublinhando a ausência ou afastamento dos(as) pesquisadores(as) mais experientes, orientadores(as) e os impactos disso nos eventos científicos.

Mas o que quero enfatizar é que além dos imperativos dos eventos, um conjunto de outros mobiliza as pessoas do comitê durante o ano todo. Em reuniões mensais e, não raramente, quinzenais ‘o Grupo’ é frequentemente interpelado a se posicionar sobre determinado assunto, a colaborar, com base em seu acúmulo e suas redes, com demandas apresentadas pela Direção Nacional e por outros GTTs, sobretudo em assuntos que envolvem as Políticas Públicas e direitos sociais. Esses imperativos ‘brotam’ no Grupo de *WhatsApp* ‘Wagner Matias’. Embora eles ocupem pouco espaço nos Planos de Gestão (2019-2021 e 2021-2023), quando observo as atas das reuniões e me recordo delas, percebo o grande esforço do coletivo em colaborar para que o Colégio tenha protagonismo em vários debates relevantes para a Educação Física brasileira (exemplos: a nova lei

de regulamentação da profissão; a aprovação do Plano Nacional do Esporte; a temática do Conbrace/Conice em tempos de ataques aos direitos; os ataques ao PIBID; a implementação do 'novo Ensino Médio'; a participação na transição de governo).

Nesse contexto, percebo como, ao me colocar em diversas reuniões, aciono uma gramática específica e menciono as atuações do Grupo de Estudos Socioculturais em Educação Física e o Centro da Rede Cedex do Rio Grande do Sul nas ações e intervenções Políticas na Câmara Municipal de Vereadores de Porto Alegre, na Assembleia Legislativa Estadual, nas Frentes Parlamentares Municipal e Estadual em Defesa do Esporte e do Lazer e, mais recentemente, nas Conferências Municipais de Esporte e Lazer de Porto Alegre. Ao fazer isso, destaco essas ações como parte do próprio GTT Políticas Públicas, o que faz sentido.

Compósitos: deslizamentos e sobreposições

O que procurei trazer até aqui é que, nas descrições e análises ainda ensaísticas sobre 'os lugares' dos GTTs na constituição do CBCE, duas ordens de grandezas são relevantes: 1) a produção de conhecimento e 2) a produção da entidade. Essas ordens funcionam como princípios de equivalência para que as questões apresentadas nas situações cotidianas se desloquem de algo singular/particular para a qualificação de uma questão coletiva (que aproxima uma comunidade, que produz engajamentos).

Para caracterizar a performance (como os princípios de equivalência são colocados em prática) dessas ordens, descrevi situações de dois grupos temáticos (Lazer e Sociedade e Políticas Públicas), com o intuito de mostrar que a maneira como cada um deles (num determinado momento e com determinadas pessoas, objetos e dispositivos) produzem composições distintas, deslizando e, por vezes, sobrepondo as duas ordens de grandeza, cujos compósitos se relacionam com imperativos de atuação e justificação (realização de eventos, perdas de direitos, publicações em periódicos ou coletâneas etc.).

Sobre 'os avanços' do CBCE

Para caminhar na reflexão sobre os lugares dos GTTs, agora na perspectiva de tratar de 'avanços', vou acionar uma noção de comprovação das duas ordens de grandezas já descritas, delimitadas e, em certa medida, descritas por meio de suas práticas em dois GTTs. Para isso, vou partir da seguinte interrogação: quais os imperativos de justificação que têm demandado esforços e repertórios de comprovação a respeito dos dois princípios de grandeza como equivalentes de

engajamento de comunidades (GTTs), em que pese os ‘avanços’ do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte como Entidade Científica?

Estou entendendo como comprovação⁸⁹ as situações nas quais os princípios de grandeza aqui fundamentados (“produção de conhecimentos” e “produção da entidade”) são colocados em prática, fazendo entrar em ação pessoas, objetos, histórias e dispositivos. Essa prática é colocada em ação diante de imperativos de justificação, isto é, nas situações de indeterminação (problemas, crises, as falhas, controvérsias, inflexões, questionamentos, alertas), quando se é levado a investir algo – no sentido de uma economia de esforços, bens, competências – para extrair da cena aquilo que não é próprio das grandezas em questão (algo como eliminar os ruídos). Na lógica argumentativa que estou desenvolvendo, quando a validade da comprovação é questionada, pode-se perceber a necessidade dos investimentos para garantir que os princípios de equivalência sejam a “produção do conhecimento” e a “produção da entidade”.

Dito isso, para tratar da noção de ‘avanço’ praticada no cotidiano dos GTTs, desenvolvo uma breve reflexão sobre os imperativos de justificação (aquelas situações de questionamentos) que demandam comprovação para que essas grandezas dos GTTs sejam postas em ação e legitimadas. Dessa vez, a reflexão tem como base empírica importante as experiências, as anotações, os relatórios relacionados ao período em que fui coordenador de GTTs (2015-2017) e vice-presidente (2017-2019).

A noção ‘de avanços’ do CBCE na relação com os GTTs é compreendida não como uma ‘percepção iluminada’ de ‘um professor-pesquisador-associado’ que escreve, mas como a descrição de imperativos de justificação que capturam as pessoas no sentido de engajamento e, além, disso, dos repertórios de comprovação postos em prática/ação para aproximar os(as) envolvidos(as) a respeito dos princípios de grandeza ou de equivalência considerados. No quadro abaixo, sistematizo um conjunto de imperativos de justificação (aqueles que, segundo minhas aprendizagens ‘na gestão’ no/do Colégio, colocam ‘em cena’ uma indeterminação, um questionamento, um problema, uma falha, uma controvérsia, um alerta etc.) e, atrelado a eles, conjuntos de repertórios de comprovação (uma economia de esforços e de investimentos capazes de fazer as pessoas – coletivamente, no espaço público – estarem engajadas nos/pelos princípios de grandeza considerados, repelindo ou afastando os ruídos ou aquilo que ‘atrapalha’).

No quadro abaixo, inseri os repertórios de comprovação na forma de questionamento para destacar que não há ‘receitas prontas’, mas, tal como aprendi na coordenação dos GTTs e na Vice-Presidência do CBCE, possibilidades de ação (desdobramentos de imperativos que fazem fazer). Antes, contudo, de avançar na descrição do quadro, vale salientar que, em decorrência das

⁸⁹ Essa noção de comprovação emerge das obras de Boltanski, Thévenot (2020) e Boltanski e Chiapello (2009).

conversas proporcionadas pela mesa, durante o evento, foram acrescentadas colaborações de companheiras e companheiros, entre eles, Augusto Cesar Leiro, Beleni Salete Grandó, Cláudio Mandarinó, Edson Marcelo Húngaro, Lino Castellani Filho, Marcelo Russo Ferreira.

Quadro 2 – Sistematização de reflexões acerca da noção de ‘avanço’ do CBCE na relação com os GTTs.

Princípio de grandeza (os ‘lugares’ dos GTTs no CBCE)	Imperativos de justificação (aqueles que colocam ‘em cena’ elementos de incerteza e que, portanto, fazem fazer)	Repertórios de comprovação (economia de esforços e de investimentos capazes de fazer as pessoas – coletivamente, no espaço público – agirem)
<p>Produção de conhecimentos: ‘O lugar’ do GTT se dá no duro trabalho de organização dos eventos (Conbrace, Conice, Eventos Regionais, Programação na SBPC, Fórum de Pós-Graduação, Simpósios e diversos outros) e outras mobilizações (como organização de coletâneas e dossiês) orientadas por temáticas caras à Educação Física, tendo como referência o diálogo, a inter, a multi e a transdisciplinaridade, como um esforço constante de enfrentamento à fragmentação disciplinar, com os pés na intervenção pedagógica. Diz sobre o agrupamento de pessoas com ‘interesses comuns’, porém abertos para múltiplos questionamentos, abordagens e potencialidades de contribuições em termos de produção científica.</p>	<p>O tamanho e recursos dos GTTs: Equivaler discrepâncias de grupos em termos de tamanho, e relação com o número de grupos de pesquisas, com as redes de pesquisas, com as linhas de pesquisas nos PPGs, que constituem o Colégio/eventos.</p>	<p>A relação entre ‘autores recorrentes’ e ‘autores eventuais’ nos grupos ‘grandes’, ‘médios’ e ‘pequenos’ (GTT Movimentos Sociais)? Distribuir ‘recursos’ de maneira equivalente (custeio, espaços, tempos)? Critérios e indicadores de desdobramentos temáticos ou de encerramento temático? Comitês Científicos Ampliados? Coordenadores(as) adjuntos(as)?</p>
	<p>A heterogeneidade GTTs: Construir composições que aproximem Grupos Temáticos, por vezes muito distintos em termos de trajetórias, de problemáticas e modos de produção, de avaliação e de comunicação de conhecimentos científicos, considerando que tudo isso está em movimento.</p>	<p>Números de trabalhos aprovados e rejeitados? Tipos de trabalhos (em andamento, projetos, relatos, imagens, vídeos)? Formas de apresentação e de debates (comunicação oral, rodas de conversa, pôster)? Formas e critérios de avaliação? Números de avaliadores(as)?</p>
	<p>A densidade dos debates nos GTTs: Ampliar a densidade dos debates no sentido de criar condições para fazer avançar a produção de conhecimentos existentes a respeito das temáticas, prezando por abordagens inter, trans e multidisciplinares.</p>	<p>Mudar normas para trabalhos completos ao invés dos resumos expandidos? Mais tempo-espacos nos eventos? Trazer os(as) doutores(as)? Prêmios na forma de publicações de capítulos, artigos etc.? Mesas compartilhadas entre os GTTs? Números moderadores (as) das sessões e mesas?</p>
<p>Produção da Entidade: ‘O lugar’ do GTT como produção da entidade se dá no sentido de que esse ‘modo de pensar’ a produção de conhecimentos ‘se instala’ na organização administrativo-política para além dos eventos, como instâncias do próprio Colégio,</p>	<p>Os GTTs permanentes representativos: Gerenciar os GTTs como instâncias ‘não eventuais’, mas como instâncias acadêmicas, administrativas e políticas permanentes, atuantes ao longo da gestão, atento a critérios de capilaridade regional e de representatividades de coletivos.</p>	<p>Atenção à composição dos Comitês Científicos e Ampliados, com a definição de critérios relevantes para as temáticas? Administrar as ‘trocas de demandas’ entre GTTs, DN, Secretarias? Investir em tecnologias de bancos de dados, repositórios, tecnologias de comunicação e desenvolvimento de redes sociais digitais?</p>

<p>com seu regimento interno. Nessa relação, de um lado,</p>		
<p>os GTTs, com seus acúmulos e redes, têm a possibilidade de induzir 'a Entidade' a posicionar-se ou 'caminhar' em determinada direção; de outro a Direção Nacional tem a possibilidade de chamar, engajar os GTTs a produzirem elementos relevantes para a existência do Colégio, tendo em vista sua responsabilidade acadêmica e política na constituição da Educação Física e na garantia de direitos sociais num país tão diverso e tão implicado por discriminações</p>	<p>A autonomia e dos GTTs em relação à DN: Equilibrar a relação de interdependência entre DN e GTTs para que os grupos temáticos não figurem como instâncias autônomas (em alguns casos 'aparelhados') em termos de interesses e ações, mas simultaneamente que os imperativos de estrangulamentos não sejam impeditivos de ações orientadas pelos interesses singulares dos Grupos que constituem e se apropriam do GTT.</p>	<p>Construir e administrar uma agenda de trabalho comum entre os GTTs? Construir e administrar uma agenda de atuação marcada pelas demandas da DN? Constituir e administrar conjuntos de ações singulares, condizentes com os interesses 'do GTT'?</p>
	<p>A inter-relação entre GTTs e Secretarias Estaduais e Distrital: Fortalecer as interfaces com as Secretarias Estaduais e Distrital do CBCE no permanente trabalho de ampliação e representação regional da base de associados(as), não numa relação de prestação de serviços, mas da constituição de uma ação coletiva.</p>	<p>Trabalhar em conjunto com as Secretarias para desenvolver as bases regionais de associados (as)? Atuar na proposição, organização e avaliação de eventos regionais e outros temáticos, sabendo da importância destes como 'portas de entrada' na entidade? Manter em dia o pagamento das anuidades?</p>

	<p>A popularização do conhecimento científico: A produção científico-acadêmica atrelada ao enfrentamento das desigualdades e das discriminações, comprometida com a garantia do acesso, permanência, engajamento e titularidade dos/nos direitos sociais, em especial aqueles caros à Educação Física e Ciências do Esporte, ressaltando pressupostos da pedagogia decolonial, entendendo, estranhando e problematizando 'a ciência' como dispositivos de poder.</p>	<p>Estranhar as elites e, sobretudo, o elitismo científico? Trabalhar, no âmbito da DN, das Secretarias e dos GTTs, numa perspectiva mais assimétrica, reconhecendo e valorizando a capacidade crítica das pessoas? Reconhecer que as pessoas, no cotidiano de suas vidas, não são menos afortunadas ou que seus conhecimentos são menos válidos? Ampliar a presença do CBCE nas Universidades e nos espaços de intervenção? Engajar-se numa produção de conhecimentos que crie possibilidades concretas de enfrentamento de desigualdades e discriminações?</p>
	<p>Internacionalização do CBCE: Ampliar e fortalecer as colaborações permanentes de atores (pessoas, coletivos, redes, instituições) internacionais, com enfoque na América Latina e Caribe, para que o Conice seja representativo desse esforço, e para que o CBCE seja uma associação brasileira integrante de comunidades internacionais atinentes ao desenvolvimento da Educação Física.</p>	<p>Como escapar da situação em que o CONICE seja resultado apenas de convites para mesas e palestras? Como os GTTs podem receber e mobilizar 'atores internacionais' (pesquisadores(as), grupos, redes)? Como criar condições para que esses 'atores internacionais' acessem as atividades dos GTTs e os eventos?</p>

Fonte: elaboração própria

Uma vez apresentada a contribuição que pude apresentar – e também construir com as(os) companheiras(os) durante a mesa, no evento, a quem agradeço – tendo a entender a noção de avanço do CBCE e, nisso a relevante participação dos GTTs, como a maneira como os princípios de grandeza são colocados em prática, isso diante dos imperativos de justificação, mobilizando seus repertórios de comprovação. Os imperativos pontuados, tal como aprendi coletivamente ao longo de minha trajetória no CBCE, aqui organizadas por uma perspectiva específica da sociologia pragmática, são aquilo que capturam as pessoas, que produzem um senso de comunidade científica. Ter eles 'em mente' me parece relevante para pensar a entidade.

Por fim, reconhecendo que extrapolei o tempo programado para minha 'fala' – agradeço ao companheiro Augusto Cesar Leiro pela compreensão – encerro agradecendo a atenção de todos e todas. Fico à disposição para continuarmos as conversas aqui e noutros espaços. VIDA LONGA AO CBCE!

Referências

BOLTANSKI, Luc; THÉVENOT, Laurent. *A justificação*: Sobre as economias da grandeza. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2020.

- BOLTANSKI, Luc; CHIAPELLO, Ève. *O novo espírito do capitalismo*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- BOLTANSKI, Luc. *El amor y la justicia como competencias: tres ensayos de sociología de la acción*. Buenos Aires: Amorrortu, 2000.
- CBCE. Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte. *Regimento dos Grupos de Trabalhos Temáticos*. Recife, 20 de setembro de 2007. Disponível em: <https://www.cbce.org.br/regimento/gtts>. Acesso em: 21 ago. 2023
- HÚNGARO, E.M. *et al.* Balanço inicial da produção do GTT Políticas Públicas do CBCE (1997-2005): avanços, ausências e perspectivas. In: HÚNGARO, E.M.; SOUSA, W.L.L. (Orgs.). *Cultura, educação, lazer e esporte: fundamentos, balanços e anotações críticas*. Santo André: Alpharrabio, 2009. p. 93-123
- MALINA, A. *et al.* O estado da arte no referencial teórico dos trabalhos do GTT Políticas Públicas em Esporte e Lazer do CBCE. In: RECHIA, S. *et al.* (Orgs.). *Dilemas e desafios da Pós-Graduação em Educação Física*. Ijuí: Unijuí, 2015.
- MYSKIW, Mauro; STIGGER, Marco Paulo; SILVEIRA, Raquel. Esporte, lazer e educação física em etnografias: análise das produções do GESEF no GTT Lazer e Sociedade nos eventos do CBCE. In: VIVAN, Aline Tschoke; LARA, Larissa;
- ATHAYDE, Pedro (Orgs.). *Ciências do Esporte, Educação Física e produção do conhecimento em 40 anos de CBCE*. Lazer e Sociedade, v. 10. Natal: EDUFRN, 2020. p. 47-66
- MYSKIW, Mauro. GTT Lazer e Sociedade: análises sobre a constituição de um espaço de estudos e de produção de conhecimentos. In: RECHIA, Simone *et al.* *Dilemas e desafios da Pós-Graduação em Educação Física*. Unijuí: Editora UNIJUÍ, 2015. p. 369-391.
- SILVA, Júnior Vagner Pereira da. Perfil acadêmico, profissional e científico dos associados ao CBCE – GTT Lazer e Sociedade. In: VIVAN, Aline Tschoke; LARA, Larissa; ATHAYDE, Pedro (Orgs.). *Ciências do Esporte, Educação Física e produção do conhecimento em 40 anos de CBCE*. Lazer e Sociedade, v. 10. Natal: EDUFRN, 2020. p. 95-115
- SILVEIRA, Raquel da. *Vivendo ciências: as (co)existências de diferentes ontologias científicas da educação física*. 431 f. 2016. Tese (Doutorado em Ciências do Movimento Humano) – Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.
- STAREPRAVO, Fernando Augusto; NUNES, Ricardo Sonoda; MARCHI JÚNIOR, Wanderley. Agenda de pesquisas em políticas públicas de esporte e lazer: uma leitura a partir do GTT Políticas Públicas no XV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte. In: 16. CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE; 3. CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 2009. *Anais...* Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, Salvador, 2009.

STAREPRAVO, Fernando Augusto. *Políticas Públicas de Esporte e Lazer no Brasil: aproximações, intersecções, rupturas e distanciamentos entre os subcampos político/burocrático e científico/acadêmico*. 422f. 2011. Tese (Doutorado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011.

TSCHOKE, Aline. *Da Recreação e Lazer ao Lazer e Sociedade: as maneiras de fazer acadêmico no campo do lazer ligadas a área da Educação Física*. 199f. 2016. Tese (doutorado em Educação Física) - Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016.

25 ANOS DE GTT'S: DIÁLOGOS NECESSÁRIOS

Gislene Alves do Amaral
Universidade Federal de Uberlândia

Marina Ferreira de Souza Antunes
Universidade Federal de Uberlândia

Introdução

O Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE) é a mais antiga, abrangente e representativa entidade científica da Educação Física/Ciências do Esporte no Brasil. Sua história reflete e, ao mesmo tempo, foi/tem sido determinante para o desenvolvimento da Educação Física como área acadêmica. Como resultado desse desenvolvimento e diante da existência de demandas no âmbito da produção científica brasileira, os Grupos de Trabalho Temático (GTT's) foram constituídos como instância organizativa no congresso realizado em 1997, em Goiânia/GO. O regimento dos GTT's, em seu artigo 8º estabelece como atribuições:

- a. Aglutinar pesquisadores com interesses comuns de estudos e pesquisas;
- b. Fomentar e organizar a reflexão, a produção e a difusão de conhecimento;
- c. Trabalhar em consonância com os princípios e pressupostos que orientam a política científica do CBCE;
- d. Subsidiar o CBCE/DN em assuntos e ações relativas à sua especificidade, sempre que solicitado;
- e. Estabelecer intercâmbio científico com outros GTT's;
- f. Estabelecer intercâmbio científico com outras entidades científicas que se ocupam de temas congêneres. (CBCE, 2007).

Nesta celebração dos 25 anos dos GTT's é fundamental que possamos refletir acerca dessa trajetória, visando reavaliar se essa instância tem cumprido suas finalidades/atribuições e, mais ainda, se tais finalidades permanecem válidas no contexto atual e que rumos podemos seguir. Avaliar o desenvolvimento desse modo de organização e funcionamento dos GTT's implica analisar também o papel do CBCE como entidade científica voltada ao estudo, à pesquisa, à promoção, ao incremento, à veiculação do conhecimento na área acadêmica denominada Educação Física, especialmente frente às lutas travadas hoje nos âmbitos político e científico, em um contexto de crescimento do obscurantismo e enfraquecimento da democracia.

Pensar sobre os desafios, as perspectivas e as possibilidades para qualificar o trabalho dos GTT's é um objetivo que demandará esforço do conjunto de associados(as), como tem sido, de fato, a prática da entidade em relação a questões que dizem respeito à sua dinâmica. As reflexões e

os diálogos devem levar em conta as problematizações e análises que já foram publicadas pela comunidade, tendo como foco os GTTs. Para este texto, elencamos as produções que se encontram disponíveis de maneira online no site⁹⁰ do CBCE, contemplando os Anais do Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (Conbrace) e Anais do Congresso Internacional de Ciências do Esporte (Conice) e a coleção de livros intitulada: Coleção Ciências do Esporte, Educação Física e Produção do Conhecimento em 40 anos de CBCE.

Nesse sentido, nossa contribuição nesse momento tem como objetivo responder a uma simples, porém necessária, pergunta: o que temos de acúmulo teórico acerca das trajetórias, dinâmicas internas e produção acadêmica dos os GTTs? Vamos então às fontes.

O que dizem as “vozes” dos GTT’s: dialogando com os anais e a coleção 40 anos

Metodologicamente, estabelecemos um recorte temporal entre os anos de 2005 e 2021 para procedermos nossa investigação em relação aos GTT’s nos Conbrace e Conice. Considerando que, a partir de 2005, essa instância já se encontrava consolidada e, portanto, seria possível encontrar trabalhos que trariam análises sobre as produções dos GTT’s. Outro aspecto considerado para esse recorte foi a disponibilização no site do CBCE, uma vez que, durante a investigação, os anais de 2001 e 2003, momento em que já havia sido criados os GTT’s, não estavam disponíveis para consulta.

Outra fonte de dados foi a “Coleção Ciências do Esporte, Educação Física e Produção do Conhecimento em 40 anos de CBCE”. Composta por 13 volumes e 207 autores, essa obra propõe-se a apresentar e debater os diversos temas que contemplam os 13 GTT’s do CBCE, abarcando os 40 anos de produção científica e, naquele momento, instituição.

Em relação ao GTT’s, para atingirmos nosso objetivo, procedemos ao levantamento dos artigos que tinham os GTT’s como escopo, disponibilizados de maneira online no site do CBCE, no ícone “anais”. Utilizamos como descritor o termo “GTT”, para seleção dos textos. Numa primeira busca, encontramos 20 artigos e, numa revisão geral, identificamos mais um que não apresentava o descritor, porém estava dentro do objetivo que almejamos com este trabalho. Organizamos esses 21 artigos em uma tabela do *word*, dividida em cinco colunas em que foram inseridos os seguintes elementos: ano de publicação, GTT, autoria, título e resumo.

⁹⁰ www.cbce.org.br

Considerando essa primeira organização dos textos realizamos a leitura dos títulos dos trabalhos e seus respectivos resumos. Dessa forma, foram excluídos três textos por se encontrarem fora do escopo da análise pretendida e outros três artigos foram desconsiderados porque não apresentavam resumo, restaram 15 textos. Destes, identificamos que dez tratam de aspectos gerais da produção, desafios, mapeamentos e tendências dos diversos GTT's e cinco analisavam a produção quanto a temas específicos, relacionados com o âmbito restrito de algum GTT. Numa segunda leitura excluímos esses cinco artigos, porque se limitavam a alguma especificidade restrita a determinado GTT. Dessa forma, procedemos a análise de dez textos.

Em relação ao recorte temporal, destacamos que não identificamos nenhum trabalho que fizesse a discussão de maneira geral sobre algum GTT nos congressos realizados nos anos de 2005, 2011, 2013 e 2017. Em 2013 e 2017 identificamos trabalhos sobre determinado tema em específico, dentro do GTT, mas, para o escopo deste trabalho, foram desconsiderados. Os dez textos aqui analisados se encontram concentrados em cinco edições do Conbrace e do Conice, sendo o ano de 2007 o que mais publicou trabalhos, num total de quatro artigos, em 2015 e 2019 encontramos dois artigos em cada e nos anos de 2009 e 2021 identificamos apenas um trabalho que aborda o tema aqui analisado.

Considerando os GTT's que apresentam os estudos contidos nesses dez textos, identificamos sete que fazem análise da produção científica do referido GTT, sendo que no GTT 01 – Atividade Física e Saúde identificamos dois artigos, nos GTT's 02 – Comunicação e Mídia, 04 - Epistemologia, GTT 10 – Memórias da Educação Física e dos Esportes, GTT 11 – Movimentos Sociais e GTT 12 - Políticas Públicas, encontramos um artigo em cada e no GTT 05 – Escola⁹¹ identificamos três artigos.

Fizemos uma escolha metodológica por apresentar os resultados por GTT e seguirmos a ordem da nomenclatura que o CBCE atribuiu a cada GTT. Dessa forma, iniciaremos pelo GTT1 e seguiremos a ordem até aquele GTT em que identificamos artigos, uma vez que nem todos tem trabalhos publicados no escopo analisado. Seguindo também o critério cronológico do mais antigo para o mais recente.

No GTT 01 - Atividade Física e Saúde, foram encontrados dois artigos. O primeiro artigo, publicado em 2007, traz um estudo sobre a produção de conhecimento publicizada entre os anos de 1997 e 2003, em relação à abordagem adotada nas pesquisas. Evidencia a predominância da abordagem empírico-analítica com 67,10% da produção, seguida pela fenomenológico-hermenêutica e a crítico-dialética com 9,21% cada e outras 14,47%. O texto aponta a fragilidade de

⁹¹ Entre os anos 2005 e 2021 alguns GTT's modificaram seus nomes e os números que os acompanham, optamos por utilizar a nomenclatura que está em vigor no momento desta publicação.

produção do GTT considerando as análises numa abordagem histórica. Indicando a necessidade de ampliar os espaços para o estudo aprofundado da produção, veiculação e sistematização dos conhecimentos produzidos no âmbito da abordagem histórica. (CBCE, 2007). No ano de 2015 foi apresentado um texto que fazia a discussão sobre o conceito de saúde que havia sido veiculado no GTT até aquele momento. De acordo com o artigo apresentado as abordagens de saúde que embasam as produções científicas apresentadas contemplam um maior número de trabalhos com o conceito de saúde biomédica, seguido dos conceitos de saúde renovada/vida ativa e em menor número os trabalhos relacionados com o conceito de saúde ampliada. O texto indica ainda que há uma oscilação e crescimento nas publicações ligadas ao paradigma positivista, em detrimento dos trabalhos que abordam temáticas sociais. (CBCE, 2015).

Diante disso, podemos inferir que o GTT Atividade Física e Saúde do CBCE ao analisar sua produção sobre o conhecimento no âmbito da educação física e dos esportes reconhece que seu grande desafio é se aproximar da abordagem histórica e social em termos de análise epistemológicas. Possibilidade indicada em 2007 e que até 2015 ainda não havia se tornado uma realidade no espaço do GTT. O desafio continua.

O artigo publicado pelo GTT's 02 – Comunicação e Mídia, no ano de 2007, faz análise de uma centena de textos, literalmente, editadas pelo GTT entre os anos de 1997 e 2005. O artigo aponta para um crescimento contínuo no número de trabalhos abordando diversas bases conceituais e metodológicas, porém de maneira consistente. De acordo com o texto, ao longo desses anos, no interior do GTT houve um predomínio dos estudos sobre esporte, relacionados à televisão e às tecnologias informacionais de comunicação (TIC's), e um aumento dos estudos sobre análises da produção midiática considerando a área específica de formação profissional. Aponta para a consolidação da produção científica do GTT. A lacuna apontada diz respeito à falta de estudos que investiguem o modo como esses produtos midiáticos são receptados (CBCE, 2007). Considerando os artigos analisados, não identificamos a retomada dessa análise no âmbito do GTT.

O GTT 04 – Epistemologia, no ano de 2007, fez um estudo bibliográfico dos usos de matrizes teóricas utilizadas pelo GTT Escola. Foi identificado um esvaziamento teórico em função da utilização de bibliografias secundárias e o uso do *apud*. Esse estudo apresenta como possibilidade de superação dessa problemática evidenciada que seja oferecida um repertório de conhecimento sobre a natureza científica do que foi produzido, buscando indicar possibilidades de saltos qualitativos na produção acadêmica do GTT. (CBCE, 2007). Esse GTT também não retoma o problema identificado, isso pode ser espaço para investigações no campo da epistemologia na área da Educação Física.

No GTT 05 – Escola, foram encontrados o maior número de trabalhos publicados nesse recorte temporal que fizemos. O artigo publicado em 2007 faz uma análise do tema avaliação em Educação Física Escolar, que havia sido veiculado pelo GTT entre os anos de 1997 e 2005. O estudo identifica que as práticas avaliativas em Educação Física Escolar têm superado a exclusividade do paradigma biologicista/esportivista, hegemônico na área. Porém, aponta como perspectiva a necessidade de estudos que avancem para práticas avaliativas que estabeleçam relações entre a escola e seu Projeto Político Pedagógico. (CBCE, 2007). No ano de 2019 foi apresentado um trabalho que trazia o mapeamento das 20 edições do congresso, buscando identificar as tendências em relação à educação física escolar nos diferentes GTT's que compõem o CBCE. Constatou-se que temática Educação Física Escolar esteve presente em todos os GTT's no período estudado, não se restringindo, portanto, à especificidade do GTT Escola. O apontamento é que a Educação Física Escolar é um tema transversal dos GTT's com tendência à ampliação. Identificou-se também que ao longo desses anos houve um afastamento de determinados objetos hegemônicos na área escolar num determinado tempo histórico, como a saúde, a atividade física e o treinamento, e a ampliação para outras perspectivas da Educação Física Escolar. Atribuiu-se a essa modificação de perspectiva a mudança de concepção sobre a Educação Física Escolar que vem se consolidando na área, em função de mudanças internas na área como, também, de modificações sociais de maneira geral. (CBCE, 2019). O artigo de 2021 faz uma análise dos textos publicados no formato comunicação oral nas cinco últimas edições do GTT Escola no Conbrace/Conice, problematizando dois aspectos: a relação estabelecida entre o GTT e a pós-graduação em Educação Física e a centralidade que a instituição escolar ocupa nos textos analisados. Foi identificada a ausência da pós-graduação e o tratamento lacunar dado ao tema escola. O texto indica duas tarefas para o GTT como possíveis soluções para os problemas identificados: 1) promover uma política científica atenta às demandas das subáreas pedagógica e sociocultural e 2) revisar as compreensões sobre o que é, para que, e para quem serve a escola pública brasileira. (CBCE, 2021). O grande número de trabalhos que tematizam a escola pode ser resultante da própria gênese da área, mas a quantidade não necessariamente resulta em qualidade, tendo em vista na pós-graduação esse tema não tem sido tratado. Ou, se tem sido pesquisado, o Conbrace/Conice não tem sido o *locus* privilegiado para a comunicação dessas pesquisas.

O GTT 10 – Memórias da Educação Física e dos Esportes, considerando o período compreendido entre os anos de 2005 e 2017, publicou um artigo no Conbrace/Conice de 2019 em que evidenciou os objetos de estudo do GTT, as fontes utilizadas e as periodizações. O artigo aponta para a necessidade de evidenciar como os objetos são abordados e problematizados, bem como definir as periodizações para compreender a temporalidade do próprio objeto de estudo.

Consta-se que o conhecimento produzido por esse GTT tem contribuído para o avanço da história e da historiografia da Educação Física brasileira. (CBCE, 2019). Considerando o escopo do GTT, este deveria apresentar mais trabalhos que retratam a trajetória do GTT, contribuindo, dessa maneira, com a memória tanto do GTT, como da instituição.

O texto apresentado em 2015 pelo GTT 11 – Movimentos Sociais, apresenta uma análise dos textos veiculados no interior desse GTT considerando uma categoria gramsciana específica: intelectual orgânico. O estudo identificou que há um distanciamento dos trabalhos com a função de intelectual orgânico e a vinculação de classe, dessa forma, demonstrando discrepância de perspectivas nos trabalhos apresentado no GTT. O texto faz uma indagação sobre o papel estratégico do GTT no desenvolvimento do CBCE como entidade que deveria cumprir o papel de intelectual coletivo no sentido gramsciano. (CBCE, 2015). Esse desafio é tanto do GTT, como da entidade como um todo. O CBCE deveria atuar como “intelectual orgânico” na Educação Física E Ciências Do Esporte.

Por fim, o GTT 12 – Políticas Públicas analisou a produção do GTT no XV Conbrace e III Conice, acontecido em 2007. Identificou-se que os trabalhos apresentados naquela edição do congresso se concentram nas análises de programas federais e das políticas municipais de esporte e lazer, sem, no entanto, enfatizar os dados empíricos. O estudo aponta que falta, nas produções analisadas, referenciais consistentes de análises sobre política pública, o que é uma enorme lacuna, considerando o escopo do GTT. (CBCE, 2009).

A Coleção 40 Anos, Memória e História do CBCE (Lara, *et al.*, 2019), segundo seus organizadores,

[...] comemora a trajetória percorrida pela entidade científica, desde 1978 aos dias atuais, ao mesmo tempo que apresenta e revisa seu *modus operandi* em conjunturas histórico-sociais diversas, o que inclui sua contribuição social, política, formativa e científico-acadêmica. (LARA, et.al. 2019, p. 9).

Contudo, excetuando o Volume 1 que revisita a atuação do CBCE com base na perspectiva de ex-presidentes, voltando-se para aspectos políticos mais amplos e análises conjunturais, nos demais volumes escritos por pesquisadores(as) ligados(as) aos GTTs, nem todas as contribuições respondem direta e explicitamente à proposta dos organizadores. Cada volume teve sua trajetória particular na composição dos capítulos, dependendo da orientação dada pelo coordenador de GTT responsável pela condução dos convites. Nesse sentido, foram convidadas tanto pessoas da instituição e que acompanharam/participaram de seu desenvolvimento e/ou consolidação, bem como outras que contribuíram, direta ou indiretamente, com os GTTs ao longo desse período.

Os 12 volumes dedicados aos GTTs⁹² somam 109 capítulos, com média de 8 textos por volume, sendo que nestes encontramos 17 capítulos que se dedicaram a reflexões sobre o respectivo GTT, seja tratando da análise da sua produção interna ou de sua trajetória e dinâmica interna, apontando questões, dilemas e desafios de ordem organizativa, epistemológica e/ou teórico-metodológica. Portanto, estes capítulos representam o esforço de síntese acerca da contribuição social, política, formativa e científico-acadêmica dos GTTs tal como proposto pelos organizadores. Os outros 92 capítulos apresentam pesquisas, ensaios ou revisões sobre temáticas restritas ao escopo do GTT em tela, não se tratando, portanto, de textos de análise sobre essa instância do CBCE.

Fizemos, então, uma catalogação dos 17 textos, identificados no quadro abaixo:

Quadro 1 - Coleção 40 anos CBCE⁹³

Volume	Capítulos
Volume 2 Memórias da educação física e esporte	Capítulo 1 Conversa com a professora Eustáquia Salvadora de Sousa: formação, atuação e experiências no CBCE Capítulo 2 A produção do conhecimento em circulação no GTT Memórias da Educação Física e Esporte: análises a partir dos CONBRACEs/CONICEs (2009-2017) Capítulo 3 História e historiografia da educação física: práticas científicas em circulação nos CONBRACEs (2005-2017)
Volume 4 Formação profissional e mundo do trabalho	Capítulo 5 O GTT Formação Profissional e Mundo do Trabalho do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte: de sua criação à Carta de Vitória.
Volume 5 Educação física escolar	Capítulo 1 Experiências no GTT Escola: da criação à consolidação Capítulo 3 A escola como tema de estudo e o GTT Escola Capítulo 9 A produção em educação física escolar publicada nos anais do Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (1979 a 2017)
Volume 9 Comunicação e mídia: história, tensões e perspectivas	Capítulo 1 Aspectos históricos, consolidação e perspectivas do GTT Comunicação e Mídia Capítulo 5 A produção sobre esportes do GTT Comunicação e Mídia do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE) de 2005 a 2017

⁹² Os GTTs Políticas Públicas e Movimentos Sociais produziram um único volume.

⁹³ <https://www.cbce.org.br/repositorio/colecao-40-anos>

Volume 10 Lazer e sociedade	Capítulo 1 Tensões e relações no GTT Lazer e Sociedade do CBCE e o lugar da recreação Capítulo 5 Gestão da informação: análise sobre as produções do GTT Lazer e Sociedade Capítulo 6 Perfil acadêmico, profissional e científico dos associados ao CBCE - GTT Lazer e Sociedade
Volume 11 Atividade física e saúde	Capítulo 4 Memórias do GTT Atividade Física e Saúde: um capítulo à parte na minha história junto ao CBCE Capítulo 5 Panorama da produção científica do GTT Atividade Física e Saúde do CBCE: aproximações com a saúde pública Capítulo 6 Mudanças de horizonte no GTT Atividade Física e Saúde: reflexões sobre o Sistema Único de Saúde
Volume 13 Inclusão e diferença	Capítulo 4 Inclusão e diferença: deslocamentos discursivos nos 40 anos do CBCE Capítulo 5 Grupo de Trabalho Temático Inclusão e Diferença em portfólio: trilhando os traçados de um coletivo

Fonte: Lara, *et al.*, 2019.

Um primeiro aspecto que destacamos para o diálogo com essa produção é o debate sobre a compreensão de que, originalmente, orientou a criação dos GTTs, em 1996, por áreas de estudo, ancoradas tanto nas humanidades quanto nas biológicas e da saúde e não por disciplinas científicas (ex. GTT memórias e no lugar de história). Naquele momento buscou-se um modelo similar ao de outras entidades científicas, levando-se em conta também as especificidades de uma área de conhecimento que vinha enfrentando a chamada crise de identidade ou do estatuto epistemológico, com disputas importantes na própria definição do objeto de estudo e das diferentes subáreas da Educação Física.

Se concordarmos que não se pode dar esse debate por encerrado, renova-se aqui o convite para o revisitarmos à luz dessa obra coletiva, buscando a identificação de novos embates constituídos por meio de formulações recentes. Como o CBCE se posiciona hoje em termos de objetos de estudo e perspectivas paradigmáticas? Os GTTs funcionam como pólos aglutinadores de pesquisadores com interesses afins e afinados com a área de conhecimento denominada Educação Física/Ciências do Esporte? Ou a trajetória dos GTTs reforçou a fragmentação em torno do objeto de estudo, representando, ao contrário, produção de conhecimento especializado de acordo com a uma matriz da grande área, ou ciência mãe?

Um segundo aspecto que trazemos ao diálogo diz respeito às várias menções que são feitas ao balanço produzido em 2015 com olhar voltado para os anais, no livro organizado pelo CBCE- *Dilemas e desafios da pós-graduação em Educação Física*, pela Editora Unijuí. Nota-se a preocupação dos

colegas que elaboraram análises acerca dos GTTs em dialogarem com o conteúdo desse livro, seja para constatar os avanços que a entidade alcançou em relação a dificuldades em um passado recente, seja reconhecendo que as questões que permanecem na pauta e que, portanto, permanecem ou deveriam permanecer na agenda para o debate interno. Dentre estas, aquelas que remetem aos movimentos de criação ou de renomeação dos GTTs, naquilo que trazem de potencialidades para a construção de consensos ou aproximações de natureza epistemológica, posto que recolocam em que medida as disputas entre subáreas impactam a dinâmica de trabalho e produção dos GTTs em diálogo com a pós-graduação.

Destaca-se, também, a atenção chamada para as dificuldades na produção de categorizações dos trabalhos publicados nos anais em sub temáticas internamente aos GTTs, em função da complexidade e variedade de possibilidades de investigação e a interdisciplinaridade dos estudos. Os mapeamentos são, de fato, necessários e devem ser pontos de partida para o aperfeiçoamento não apenas de um GTT em particular, mas da própria lógica de organização dos grupos temáticos diante de novos desafios frente à realidade política e científica brasileira. Por um lado, debruçar-nos sobre revisões acerca dos movimentos que produziram desmembramentos de GTTs, mudanças de nome e criação de novos GTTs e uma tarefa fundamental para que possamos avaliar se as especificidades temáticas atuais traduzem o objetivo de aglutinar pesquisadores em torno de objetos de estudo comuns.

Por outro lado, esse esforço nos permite também reconhecer a presença objetos com caráter de transversalidade que, ora são estudados a partir das especificidades características de um GTT, ora encontram ressonância em outros grupos. Esse caráter transversal de alguns temas presentes nos estudos de revisão dos anais evidencia a oportunidade de se constituir novas formas de encontros, para que não haja “muros” entre os GTTs e, mais ainda, para que sejam o *locus* do mais amplo e profundo diálogo, em que não haja “donos” deste ou daquele tem/assunto.

Por fim, é louvável o esforço dos comitês científicos que escreveram juntos, assinando como instância do CBCE, um capítulo de análise sobre a trajetória do GTT, especificamente os casos do GTT Memória- Volume 2; e GTT Comunicação e Mídia – Volume 9. Também em outros volumes encontramos produções coletivas com a participação de antigos coordenadores e colaboradores do GTT rememorando a história e os desafios enfrentados na busca de espaços altamente qualificados para o debate acadêmico e científico nos eventos do CBCE.

Ao apontarem perspectivas para o desenvolvimento e aperfeiçoamento do trabalho em grupos temáticos no CBCE, os autores trazem à tona preocupações com a relação dialética entre quantidade e qualidade; questões que limitam a noção de pertencimento ao grupo e que promovem

dispersão dos participantes, seja durante o Conbrace, ou mesmo de um evento para outro; consistência epistemológica e diálogo entre visões antagônicas.

Considerações Finais

Diante do exposto acima, consideramos que o objetivo anunciado neste trabalho representa, de fato, um desafio para os próximos 25 anos. É necessário “ouvir a nossa própria voz” à luz das determinações históricas e político-culturais, reconhecendo a diversidade, as potencialidades mas, também, as fragilidades, para fazermos avançar as contribuições da Educação Física para a prática social, a favor daquilo que nos move como sujeitos da história: a transformação da realidade social em prol da emancipação humana. Em busca dessa síntese, propomos que esse simpósio aponte caminhos efetivos nessa direção, no sentido que aponta o título do texto de Rezer (2010), um "solo comum" para diálogos necessários. Vida longa ao CBCE!

Referências

COLÉGIO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE. XV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e II Congresso Internacional de Ciências do Esporte. *Anais [...]*. Recife: CBCE, 2007. Disponível em: <https://www.cbce.org.br/anais/>. Acesso em: 3 out. 2022.

COLÉGIO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE. XV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e II Congresso Internacional de Ciências do Esporte. *Anais [...]*. Salvador: CBCE, 2009. Disponível em: <https://www.cbce.org.br/anais/>. Acesso em: 3 out. 2022.

COLÉGIO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE. XV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e II Congresso Internacional de Ciências do Esporte. *Anais [...]*. Vitória: CBCE, 2015. Disponível em: <https://www.cbce.org.br/anais/>. Acesso em: 3 out. 2022.

COLÉGIO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE. XV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e II Congresso Internacional de Ciências do Esporte. *Anais [...]*. Natal: CBCE, 2019. Disponível em: <https://www.cbce.org.br/anais/>. Acesso em: 3 out. 2022.

COLÉGIO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE. XV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e II Congresso Internacional de Ciências do Esporte. *Anais [...]*. Belo Horizonte: CBCE, 2021. Disponível em: <https://www.cbce.org.br/anais/>. Acesso em: 3 out. 2022.

COLÉGIO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE. *Regimento dos Grupos de Trabalhos Temáticos*. Disponível em: <https://www.cbce.org.br/regimento/gtts>. Acesso em: 3 out. 2022.

LARA, L. *et.al. Ciências do esporte, educação física e produção do conhecimento em 40 anos de CBCE*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2019.— 112 p. (Coleção Educação Física).

REZER, Ricardo. O CBCE como "solo comum" para diálogos necessários ao campo da educação física: quatro apontamentos introdutórios.... *Revista Brasileira de Ciências do Esporte* [online]. 2010, v. 32, n. 1, p. 75-92. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-32892010000400006>. Acesso em: 22 out. 2022.

SOBRE AUTORES E AUTORAS

Abia Lima de França

Universidade Federal do Mato Grosso
<http://lattes.cnpq.br/179042285951686>

Doutora em em Educação e Contemporaneidade (UNEB), mestra em Educação (UFBA). Especialista em Prescrição de exercício físico aplicado a reabilitação cardíaca e grupos especiais pela Universidade Estácio de Sá. Licenciada em Educação Física (UFBA). É professora da Rede Municipal de Salvador. É integrante do Comitê científico do GTT de Gênero do CBCE; e da comissão editorial da Revista Íbamo.

Alan Camargo Silva

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Educação Física e Desportos
<http://lattes.cnpq.br/0220960603229593>

Licenciado e mestre em Educação Física (UFRJ); doutor em Saúde Coletiva (UFRJ). Pós-Doutorado em Educação Física (UFRJ). Professor das redes Municipal e Estadual de Educação do Rio de Janeiro; professor do curso de pós-graduação lato sensu em Desportos de Campo e de Quadra da EEFD/UFRJ. Coordenador do Comitê Científico do Grupo de Trabalho Temático Corpo e Cultura do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (GTTCC/CBCE).

Alan Queiroz da Costa

Universidade de Pernambuco
<http://lattes.cnpq.br/0309510016707230>

Professor da Escola Superior de Educação Física da Universidade de Pernambuco (ESEF/UPE). Doutor em Comunicação e Mestre em Motricidade Humana. Pesquisador do Laboratório de Estudos em Educação Física, Esporte e Mídia (LEFEM) do DEF/UFRN, do Grupo de Pesquisa em Esporte e Gestão (GEquip) da ESEF/UPE e do Grupo de Pesquisa e Estudos em Comunicação e Marketing no Esporte (GEPECOM) da EEFU/USP.

Aline Silva Andrade

Instituto Federal de Educação, Ciência e tecnologia do Maranhão
<http://lattes.cnpq.br/3945572418651068>

Professora de Educação Física do Instituto Federal do Maranhão (IFMA), mestra em Educação pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA) e doutoranda em Educação Física pela Universidade de Brasília (UnB). Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas Pedagógicas em Educação Física (GEPPEF/DEF/UFMA). Secretária Adjunta do GTT Políticas Públicas – CBCE.

Arliene Stephanie Menezes Pereira

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará
<http://lattes.cnpq.br/6058632073001777>

Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE). Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Educação pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Mestra em Educação Física pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Graduada em Educação Física/Licenciatura plena pela UECE, e Tecnóloga em Gestão Desportiva e de Lazer pelo IFCE. Líder do grupo de pesquisa Corponexões: corpo, cultura e sociedade.

Augusto César Vilela Gama

Universidade de Brasília

<http://lattes.cnpq.br/5978267199434260>

Doutorando em Educação Física pela Universidade de Brasília (UnB); Mestre (2019) em Educação pela Universidade Federal de Goiás (UFG); Especialista (2018) em Docência no Ensino Superior pela Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO); Especialista (2017) em Movimento Humano pela Universidade Estadual de Goiás (UEG); Bacharel (2016) e Licenciado (2015) em Educação Física pela Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO).

Brenda Lucia da Silva Marchiore

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

<http://lattes.cnpq.br/5986967734188199>

Licenciada em Educação Física pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), Bacharelado em Educação Física pela Universidade Leonardo Da Vinci. Tem experiência na área de Educação Física, atuando principalmente nos seguintes temas: cineantropometria, Treinamento de força e aeróbio, Ginásticas coletivas, Grupos de Risco, atividades aquáticas e melhora e manutenção da saúde.

Bruno Duarte Rei

Colégio Pero II

<http://lattes.cnpq.br/8096286034649375>

Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Doutor em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Mestre em Educação Física pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Licenciado em Educação Física e em História também pela UFRJ. Professor do Colégio Pedro II (CPII) – Campus São Cristóvão I. Membro do Comitê Científico do Grupo de Trabalho Temático Memórias da Educação Física e Esportes do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE) desde 2015.

Carlos Alex Martins Soares

Rede Estadual de Educação do RS e Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Pelotas

<https://lattes.cnpq.br/0479793708463388>

Doutor em Saúde da Criança e do Adolescente (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), Mestre em Educação Física e cursa Doutorado em Educação Física (Universidade Federal de Pelotas). Membro do Grupo de Estudo e Pesquisa em Acelerometria, da Sociedade Brasileira de Atividade Física e Saúde e do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte — Comitês Científicos dos GTTs Atividade Física e Saúde e Educação Física e Relações Étnico-Raciais. É voluntário do Centro Esportivo Virtual.

Cássia Hack

Universidade Federal do Amapá

<http://lattes.cnpq.br/6657601900162788>

Doutora em Educação (UFBA) com estágio na Università degli Studi di Cassino e del Lazio Meridionale (Itália). Mestre (UFSC), Especialista e Licenciada em Educação Física (UFMT). Professora na Universidade Federal do Amapá no Curso de Educação Física e no Programa de Pós-Graduação em Educação. Coordenadora do Laboratório de Estudo e Pesquisa em Educação Física, Esporte e Lazer no meio do mundo (LEPEL Amapá). Coordenadora de Área do PIBID em Educação Física desde 2010.

Cátia Pereira Duarte

Universidade federal de juiz de fora

<http://lattes.cnpq.br/1376540203975592>

Doutora em Educação Física (2010) pela Universidade Gama Filho, estágio pós-doutoral (2014) pela Universidade Federal Fluminense, qualificação profissional em Danças Tradicionais (2019) pela parceria entre o Grupo de Pesquisa Práticas Escolares e Educação Física da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora com grupos de Portugal. Atua no ensino, extensão, pesquisa, formação e gestão, líder do grupo de pesquisa Prática Pedagógica em Educação Física.

Christiane Garcia Macedo

Universidade Federal do Vale do São Francisco

<http://lattes.cnpq.br/0872217208171466>

Formada em Educação Física pela UFG, mestrado e doutorado pelo PPGCMH/UFRGS. É Diretora Nacional dos GTTs do CBCE (2019/2021 e 2021/2023). Coordena, juntamente com Silvana Goellner, o Projeto Garimpando Memórias. É líder do GEEPRACOR - Grupo de Estudos sobre Educação e Práticas Corporais, junto a Álvaro Millen Neto. Coordena o Centro de Memória do CEFIS. Atualmente é professora adjunta da UNIVASF (CEFIS e PPGEF), Vice-coordenadora do PPGEF/UNIVASF, Coordenadora do PIBID/UNIVASF/Educação Física.

Cláudio Marques Mandarin

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

<http://lattes.cnpq.br/1313464114593663>

Possui graduação em Educação Física pela UFRGS (1988) e Mestrado em Ciências do Movimento Humano pela UFRGS (2000). Doutor em Educação pela UNISINOS (2020). Professor da UNISINOS, nos cursos da Educação Física e da Pedagogia. Professor da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre. Membro da Direção Nacional do CBCE na função de Diretor das Secretarias Estaduais (2021-2023) e membro do GTT 8 - Inclusão e Diferença. Pesquisa sobre a inclusão, identidade e diferença, práticas pedagógicas e docência.

Claudio Melibeu Bentes

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

<http://lattes.cnpq.br/9415301611534467>

Doutor em Pesquisa Clínica (FIOCRUZ/ RJ), Mestre (M.Sc.) em Educação Física pela EEFD/UFRJ e graduação em Educação Física (Licenciatura Plena) pela Universidade Unesa. Atualmente, é Professor Adjunto no DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UFRRJ e responsável pelas disciplinas: Cineantropometria, Treinamento de Força e Ginástica de Academia, coordenador do laboratório de Fisiologia e Desempenho Humano e Professor Permanente do Programa de Mestrado em Ciências da atividade física (UNIVERSO/RJ).

Cristiano Mezzaroba

Universidade Federal de Sergipe (UFS)

<http://lattes.cnpq.br/1835801891069733>

Licenciado em Educação Física (2004) e Ciências Sociais (2012) pela Universidade Federal de Santa Catarina, com mestrado em Educação Física (UFSC, 2008) e doutorado em Educação (UFSC, 2018). Professor do Departamento de Educação Física da Universidade Federal de Sergipe e

também professor do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED/UFS). Coordenador do GEPESCEF - Grupo de Estudos e Pesquisas Sociedade, Cultura e Educação Física (DEF/CCBS/UFS).

Cristiano Neves da Rosa

Rede Municipal de Ensino de Alvorada-RS, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
<http://lattes.cnpq.br/3683963283231609>

Graduado em Educação Física. Mestre em Ciências Sociais. Doutor em Ciências do Movimento Humano pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Doutorando em Políticas Públicas na UFRGS. Professor das Redes Municipais de Ensino (RME) de Alvorada/RS e Gravataí/RS. Membro pesquisador do Grupo de Pesquisa Associativismo, Contestação e Engajamento (GPACE/UFRGS). Membro do Comitê Científico do GTT Políticas Públicas e do Comitê Científico Ampliado do GTT Relações Étnico Raciais do CBCE.

Dayse Alisson Camara Cauper

Colégio Militar de Juiz de Fora e Universidade Federal do Espírito Santo
<https://lattes.cnpq.br/8564550055399301>

Doutoranda em Educação Física, Mestra em Ensino na Educação Básica, Especialista em Educação Física Escolar e Graduada em Educação Física (Licenciatura Plena). Associada ao Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte - CBCE, tendo integrado o GTT - Escola na gestão 2017/19. Professora do quadro efetivo do Colégio Militar de Juiz de Fora - CMJF.

Dulce Filgueira de Almeida

Universidade de Brasília / UnB
<http://lattes.cnpq.br/6855246979033159>

Membro do Comitê Científico do GTT Corpo e Cultura do CBCE. Doutora em Sociologia, com pós-doutorado na Universidade de Salamanca/Espanha, na Universidade de Marylanda/Estados Unidos e na Universidade de Estrasburgo/França. Professora Titular da Universidade de Brasília. Atua na Graduação e Pós-Graduação em Educação Física. Pesquisadora do tema corpo, políticas e direitos humanos.

Eliana de Toledo

Curso de Ciências do Esporte - Faculdade de Ciências Aplicadas da UNICAMP; Programa de Pós Graduação em Educação Física da Faculdade de Educação Física - UNICAMP
<http://lattes.cnpq.br/0987782639429253>

Licenciada em Educação Física, Bacharela em Treinamento em Esportes e mestra em Educação Física pela FEF/UNICAMP, doutora em História pela PUCSP, pós doutora em Sociologia pela FFLCH-USP e livre docente pela UNICAMP. Atualmente é líder do LAPEGI - Laboratório de Pesquisas e Experiências em Ginástica, docente e coordenadora do Curso de Ciências do Esporte (FCA-UNICAMP); membro do Grupo de Pesquisa em Ginástica e docente do Programa de Pós Graduação da FEF-UNICAMP.

Fabiano Pries Deivid

Universidade Federal Fluminense
<https://lattes.cnpq.br/7221628863009963>

Professor Associado do Instituto de Educação Física da Universidade Federal Fluminense (IEF-UFF). Líder do Grupo de Pesquisa em Relações de Gênero na Educação Física (GREGEF-CNPq). Coordenador do Grupo de Trabalho Temático Gênero do Colégio Brasileiro de Ciências do

Esporte (CBCE). Mestre e Doutor em Educação Física e Cultura (PPGEF- UGF) e Pós-Doutor em História Comparada (PPGHC-UFRJ). Organizador do livro "Estudos das Masculinidades na Educação Física e no Esporte" (NVersos)

Gabriela Nobre Bins

Rede Municipal de Porto Alegre

<http://lattes.cnpq.br/6149095859986711>

Pós Doutoranda em Ciência do Movimento Humano - PPGCMH/ESEFID/UFRGS - Doutora e Mestre em Ciência do Movimento Humano pelo PPGCMH ESEFID UFRGS, Licenciada Em Ciências Sociais (2003) e em Educação Física pela UFRGS (1997). Especialista em Dança (2007) pela PUC RS e em Educação Psicomotora (1998) pela FAPA. Professora da PMPA. Pesquisadora do grupo F3PEFICE. Secretária adjunta CBCE RS. Pesquisa nos seguintes temas: escola, relações étnico raciais, branquitude, gênero e maternidade.

Gilmar de Carvalho Cruz

Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO)

<https://lattes.cnpq.br/2305518769010186>

Professor da UNICENTRO, do Programa de Pós-Graduação em Educação da UEPG e do Mestrado Profissional em Educação Inclusiva em Rede Nacional, na UNESPAR. Editor Associado da Revista Brasileira de Educação Especial e da Revista Educação Especial. Membro do Comitê Científico do GT Educação Especial da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação. Líder do grupo de pesquisa FOCUS. Membro da American Educational Research Association (AERA). Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq.

Gislene Alves do Amaral

Universidade Federal de Uberlândia

<http://lattes.cnpq.br/7901901852545413>

Licenciatura em Educação Física pela Universidade Federal de Uberlândia-UFU (1985), Mestrado em Educação (Currículo) pela PUC de São Paulo (2003) e Doutorado em Educação pela UFU (2018). Professora Associada na UFU. Associada ao Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (Secretária Estadual 2005-2007; Coordenadora do GTT Escola 2019-2021; Presidenta 2021-2023). Experiência nas áreas de Educação e Educação Física, com estudos sobre currículo, formação de professores e políticas educacionais.

Graciele Massoli Rodrigues

Escola Superior de Educação Física de Jundiá, Universidade São Judas Tadeu

<https://lattes.cnpq.br/2769145171001675>

Doutorado e Mestrado em Educação Física pela Universidade Estadual de Campinas. Professora da Escola Superior de Educação Física de Jundiá. Professora, orientadora e vice-coordenadora do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação Física - Mestrado e Doutorado - na Universidade São Judas Tadeu. Líder do Grupo de Estudos em Educação Física e Pessoas com Deficiência. Editora Chefe da Revista Colloquium: health and education. Membro do CBCE desde de 1996 e da SOBAMA desde 1995.

Gustavo da Silva Freitas

Universidade Federal do Rio Grande (FURG)

<http://lattes.cnpq.br/8558870632235150>

Graduado e Mestre em Educação Física (UFPEL), Doutor em Educação em Ciências (FURG). Professor associado do Instituto de Educação (IE/FURG). Docente do PPG em Educação da FURG. Líder do Grupo de Pesquisa ESC: Estudos Socioculturais em Educação Física, Esporte e Lazer. Pesquisador do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia (INCT) - Estudos do Futebol Brasileiro. Membro do CBCE atuando como coordenador adjunto do GT Memórias da Educação Física e do Esporte (2020-2023).

Ileana Wenez

Universidade Federal do Espírito Santo

<http://lattes.cnpq.br/2590401305796612>

Doutora pela UFRGS e Pós-doutora no Programa Interdisciplinar de Ciências Humanas da UFSC. Professora Adjunta do Departamento Ginástica do Centro de Educação Física e Deportes da Universidade Federal de Espírito Santo (UFES). Professora da Pós-graduação em Psicologia Institucional (PPGPSI) e do Programa de Pós-graduação em Educação Física (PPGEF). Participante do Laboratório de Estudos em Educação Física (LESEF) da UFES e participante do Grupo de Estudos e Pesquisas em Sexualidade (GEPSS).

Jaqueline Cordeiro de Brito

Universidade Federal de Goiás

<http://lattes.cnpq.br/3290380079763221>

Atualmente é professora da rede estadual de educação. Atuando na Associação Pestalozzi de Goiânia - Unidade Pró-Labor. Atua também como pesquisadora. Faz parte do grupo de estudos e pesquisas sobre corpo, estética, exercício e saúde - COEESA. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação Inclusiva. Cursando o Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF) - UNESP, polo UFG.

Joe Gomes

Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro (SME/PCRJ)

<https://lattes.cnpq.br//7377785824290216>

Mestre em Educação pela UFRJ, com especialização em Educação Física Escolar pela UFF, Ciência do Esporte UCB/RJ e MBA em Gestão Escolar pela DDG Consultoria. Professor de Educação Física licenciado pela UFRRJ. Foi professor da rede pública e privada entre 1984 e 2022. Atuei como professor, coordenador pedagógico e colaborador na elaboração das propostas curriculares da SME/PCRJ (2009-2019), organizador de eventos esportivos e projetos interdisciplinares.

Jonatas Maia da Costa

Universidade de Brasília - UnB

<http://lattes.cnpq.br/8760145625809070>

Professor da Faculdade de Educação Física da UnB. Doutor em Educação e Mestre em Educação Física pela UnB; Professor credenciado ao Programa de Pós-graduação em Educação Física (PPGEF-UnB) e do Mestrado Profissional em Educação Física Escolar em Rede Nacional (PROEF). É um dos líderes do Sínteses - Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Física Escolar e pesquisador do AVANTE - Grupo de Pesquisa e Formação Socio-crítica em Educação física, Esporte e Lazer, ambos os grupos sediados na FEF-UnB.

Karen Cristina Rezende

Universidade Federal de Uberlândia

<http://lattes.cnpq.br/9240282806039340>

Graduanda em Educação Física pela Universidade Federal de Uberlândia, grau Licenciatura.

Lênin Tomazett Garcia

Universidade Federal de Goiás

<http://lattes.cnpq.br/7997689235632345>

Doutor em Educação pela Universidade Federal de Goiás. Professor na Faculdade de Educação Física e Dança - UFG. Trabalha com pesquisas em Ciências Sociais e Humanas nos seguintes temas: sociologia do trabalho, sociologia da educação, educação de jovens e adultos, ensino de Educação Física e estágio escolar.

Lino Castellani Filho

Universidade Estadual de Campinas

<http://lattes.cnpq.br/9594368005634895>

Professor Livre Docente (aposentado) - Unicamp; Professor Visitante - UnB (2012/13; 2016/17); Secretário Nacional - Ministério do Esporte (2003/06); Presidente do CBCE (1999/2002); membro do GTT/CBCE de Políticas Públicas de Esporte e Lazer; Pesquisador da Rede latino-americana e Caribenha de Esporte para Inclusão Social; Pesquisador do Instituto Piracicabano de Defesa da Democracia.

Luiza Helena da Silva e Silva

Universidade Federal de Uberlândia - UFU

<http://lattes.cnpq.br/5804368858660238>

Mulher preta, casada, mãe e graduanda em Educação Física na Universidade Federal de Uberlândia. Sendo sua vida marcada pelos rastros da desigualdade e preconceito raciais, Silva e Silva busca produções voltadas a lutas por direitos igualitários e leis que visam reparar os marcadores da desigualdade brasileira oportunizando a educação de povos marginalizados e propositalmente esquecidos em nosso país.

Márcia Morschbacher

Universidade Federal de Santa Maria

<http://lattes.cnpq.br/564293373262914>

Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia, com período de Doutorado-Sanduíche na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Mestre em Educação Física pela Universidade Federal de Pelotas. Pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Física, Esporte e Lazer - LEPEL/FACED/UFBA. É Coordenadora do Comitê Científico do GTT Formação Profissional e Mundo do Trabalho do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE) nas gestões 2019-2021 e 2021-2023.

Maria da Conceição dos Santos Costa

Universidade Federal do Pará

<http://lattes.cnpq.br/6147701581227207>

Mãe da Cecília dos Santos Silva. Formação em Licenciatura em Educação Física pela Universidade do Estado do Pará e Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará. Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade Federal do Pará, com doutorado sanduíche na Universidade de Buenos Aires (UBA/Argentina) via Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior (CAPES). Professora adjunta do Instituto de Ciências da Educação atuando na Faculdade de Educação Física na UFPA - campus Belém e no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED-UFPA). Atua na coordenação colegiada do Grupo de Estudos e Pesquisa em

Educação, Educação Física, Esporte e Lazer (GEPEF/UFPA). Vice-Presidenta na gestão da Direção Nacional (2021-2023) do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte. Coordenadora de área do PIBID Integrado Educação Física e Pedagogia (UFPA/Belém).

Mariana Zuaneti Martins

Universidade Federal do Espírito Santo
<http://lattes.cnpq.br/7281518704205888>

É professora Adjunto da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), dos cursos de Educação Física e do Programa de Pós Graduação (Mestrado e Doutorado) em Educação Física. É doutora (2016) e mestra (2012) em Educação Física na Universidade Estadual de Campinas, instituição pela qual é formada em Educação Física e Ciências Sociais. Possui experiência nas áreas de Sociologia do Esporte, Pedagogia do Esporte e Gênero. Coordena a Grupa (Grupo de Estudos em Gênero e Esporte).

Marina Ferreira de Souza Antunes

Universidade Federal de Uberlândia
<http://lattes.cnpq.br/4450708231672629>

Doutora em Educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Professora da Faculdade de Educação Física e Fisioterapia da Universidade Federal de Uberlândia. Experiência na área de Educação Física Escolar, formação de professores (as) (inicial e continuada) e políticas públicas educacionais. Coordenadora do Grupo de Estudos sobre Escola, Currículo e Educação Física e do Subprojeto Educação Física PIBID. Diretora Administrativa do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (2021/2023).

Marisa Mello de Lima

Secretaria Municipal de Educação de Goiânia
<http://lattes.cnpq.br/7916028052103723>

Mestre em Educação Física pela UNB. Membro do COEESA -Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Corpo, Estética, Exercício e Saúde. Atualmente é Professora de Educação Física Escolar da Rede Municipal de Ensino de Goiânia na modalidade EJA e Ensino Fundamental, anos iniciais e anos finais. Deu aulas no Ensino Superior nas Instituições: PUC-GO (2003-2004), Universidade Paulista/UNIP-GO e UEG. Foi professora substituta do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Goiás no Campus Goiânia (2016-2018).

Mauro Myskiw

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
<http://lattes.cnpq.br/3089650179595241>

Licenciatura em Educação Física pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Mestre em Ciência do Movimento Humano e em Administração pela Universidade Federal de Santa Maria, Doutor em Ciências do Movimento Humano pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professor Adjunto da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, docente do Curso de Educação Física e do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança.

Michele Pereira de Souza da Fonseca

Universidade Federal do Rio de Janeiro
<http://lattes.cnpq.br/3628782671116228>

Doutora e Mestre em Educação (UFRJ), Licenciada em Educação Física (UFRJ). Professora associada 1 da EEFD/UFRJ. Coordenadora de Extensão da EEFD/UFRJ. Coordenadora do LEPIDEFE - Laboratório de Estudos e Pesquisas sobre Inclusão e Diferenças na Educação Física

Escolar. Coordenadora da Pós-Graduação gratuita em Educação Física Escolar na Perspectiva Inclusiva. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação Física (PPGEF/UFRJ). Coordenadora adjunta GTT Inclusão e Diferenças do CBCE (2021-2023)

Pablo Rodrigo de Oliveira Silva

Universidade Castelo Branco

<http://lattes.cnpq.br/5331178666276656>

Professor de Educação Física formado pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. cursou Doutorado e Mestrado em Ciências da Reabilitação pelo Centro Universitário Augusto Motta. Fez Pós Doutorado no Centro Universitário Augusto Motta. Atua como Preparador Físico e Cientista do Esporte, além de ser Professor Universitário da Universidade Castelo Branco e do Centro Universitário São José.

Rodrigo Lema Del Rio Martins

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

<http://lattes.cnpq.br/9215131825606115>

Professor da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), lecionando nos cursos de graduação em Educação Física, no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEduc) e no Programa de Pós-Graduação em Educação Física em Rede Nacional (ProEF). Líder do Grupo de Pesquisa em Docência na Educação Física (GPDEF)

Roseli Belmonte Machado

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

<http://lattes.cnpq.br/1786367328744536>

Professora Adjunta na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (ESEFID/UFRGS) e professora do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEDU/UFRGS), atuando nos Estudos Culturais. Trabalha com Políticas de Inclusão, Currículo, Docência e Formação de Professores dentro da perspectiva dos Estudos Foucaultianos. É atual coordenadora do GTT Inclusão e Diferença do CBCE e coordenadora da comissão de graduação dos cursos de Educação Física da UFRGS.

Sergio Roberto Chaves Junior

Universidade Federal do Paraná

<http://lattes.cnpq.br/4450086635319518>

Professor Adjunto do Departamento de Teoria e Prática de Ensino (DTPEN) e do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da UFPR. Licenciado em Educação Física pela UFPR (2000). Mestre em Educação pela UFPR (2004). Doutor em Educação pela UFMG (2017). Vinculado aos seguintes grupos: História da Educação: instituições, intelectuais e culturas escolares no Paraná (séculos XIX e XX) da UFPR, e Núcleo de Estudos sobre a Educação dos Sentidos e das Sensibilidades (NUPES) da UFMG.

Silvana Martins de Araujo

Universidade Federal do Maranhão

<http://lattes.cnpq.br/1151031301755221>

Professora do Departamento de Educação Física da UFMA e doutora em Política Social pela UnB. Líder do GEPPEF/DEF/UFMA. Integrante do GTT Políticas Públicas – CBCE.

Tadeu João Ribeiro Baptista

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

<http://lattes.cnpq.br/9002864045147738>

Licenciado em Educação Física pela ESEFFEGO. É Mestre em Educação Brasileira pela Universidade Federal de Goiás (UFG). É Doutor em Educação pela UFG. Realizou Pós-Doutorado em Educação na Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, na linha de pesquisa de Filosofia e História da Educação. Atualmente, é Professor Associado da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, onde atua como Docente no Departamento de Educação Física. Tem vínculo com o PPGED/UFRN e o PROEF - UFRN. É Diretor Científico do CBCE na gestão 2021-2023. É Líder do COEESA - Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Corpo, Estética, Exercício e Saúde.

Tatiana Passos Zylberberg

Universidade Federal do Ceará

<http://lattes.cnpq.br/0984604132813403>

Licenciada, Bacharel, Mestre e Doutora em Educação Física pela UNICAMP. Docente da Universidade Federal do Ceará (UFC). Fundou o projeto de extensão "Mulheres e Novelos" para promover acolhimento, educação em saúde e políticas públicas para pessoas com endometriose. Sua tese de doutorado foi publicada em 2019 pela APDMCE/UNICEF, como literatura infantojuvenil "O Menino que Desenhava o Invisível". É Membro da Academia Itajubense de Letras (AIL) e associada do CBCE desde 1995.

Tiago Onofre

Universidade de Brasília

<http://lattes.cnpq.br/3550479284878659>

Mestre em Educação Física pela Universidade de Brasília (2012). Licenciado em Educação Física pela Universidade Federal de Goiás (2007). Pesquisador do Grupo de Pesquisa e Formação Sociocrítica em Educação Física, Esporte e Lazer (AVANTE/UnB). Professor da Rede Municipal de Educação de Goiânia. Atua nos seguintes temas: educação, educação física escolar, formação de professores, didática e prática de ensino, estágio supervisionado, políticas educacionais, políticas de esporte e lazer.

Thiago Camargo Iwamoto

Pontifícia Universidade Católica de Goiás; Universidade Estadual de Goiás; Secretaria Municipal de Educação de Goiânia

<http://lattes.cnpq.br/5384867084797134>

Doutor em Educação Física pela Universidade de Brasília UnB. Mestre em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás - PUC Goiás. Especialização em Fisiologia e Cinesiologia do Exercícios pela Universidade Veiga de Almeida - UVA. Graduado em Educação Física e Pedagogia. Docente do curso de Educação Física da Pontifícia Universidade Católica de Goiás e da Universidade Estadual de Goiás - UEG. Professor de Educação Física na Secretaria Municipal de Educação de Goiânia - SME Goiânia.

Victoria Oliveira Modesto

Universidade Federal de Uberlândia

<https://lattes.cnpq.br/8817817360689541>

Meu nome é Victoria Oliveira Modesto, tenho graduação em Educação Física - Licenciatura pela Universidade Federal de Uberlândia.

Vilma Aparecida de Pinho

Universidade Federal do Pará

<http://lattes.cnpq.br/2018069654110698>

Doutora em Educação (2010-PPGE/UFF), Professora da Universidade Federal do Pará, atua na Faculdade de Educação do Campus de Altamira e no PPGEDUC- Programa de Pós-Graduação em Educação e Cultura. É coordenadora do GEABI-Grupo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas UFPA/Altamira. Com muita honra, atuo como coordenadora do GTT – 13 Relações Étnico-Raciais do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte – CBCE. E-mail: vilmaaparecidadepinho@gmail.com

Vitor Hugo Marani

Universidade Federal de Mato Grosso

<http://lattes.cnpq.br/2961782683090337>

Doutor e Mestre em Educação Física pelo Programa de Pós-Graduação Associado em Educação Física UEM-UEL (2021), com período sanduíche na University of Maryland (UMD/EUA), com foco nos Estudos Culturais Físicos. Docente da Universidade Federal de Mato Grosso e do Programa de Pós-Graduação em Educação Física (PPGEF/UFMT). Líder do Grupo de Pesquisa Corpo, Diferença e Educação Física (CODEF/UFMT), Secretário Estadual do CBCE-MT e Integrante do GTT-Gênero/CBCE.

Esta produção registra na história do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE) a trajetória dos 25 anos dos Grupos de Trabalhos Temáticos (GTT) como uma das instâncias fundamentais para a constituição e socialização do conhecimento produzido em educação física e ciências do esporte no Brasil e na América Latina. Os textos materializados neste livro, resultantes do “Simpósio Nacional do CBCE: 25 anos dos GTT”, realizado no ano de 2022 em Belo Horizonte (MG), evidenciam as potencialidades, os limites e proposições críticas para o avanço do trabalho nos GTTs em articulação permanente com as Secretarias estaduais do CBCE. Também fortalece nossa entidade científica e contribui com a transformação da sociedade, considerando a ciência, a vida, a democracia, dentre outros, como pilares fundamentais para a existência humana de brasileiros e brasileiras. A atividade coletiva é evidenciada nesta produção por meio do trabalho de cada integrante dos GTTs, dos comitês científicos, que materializam a relevância da nossa entidade científica para a consolidação e defesa de um projeto de formação-trabalho e de ciência que tenha compromisso constante com a transformação da sociedade, com o respeito ao ser humano, com a vida e com a diversidade que integra todas as regiões do Brasil.

Vida longa aos GTTs! Vida longa ao CBCE!